

JULIANA TIBURCIO SILVEIRA FOSSALUZZA

**A MEMÓRIA-TRABALHO E POLÍTICA DE  
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA E A  
CONSCIÊNCIA DE CLASSE PROLETÁRIA  
POTENCIAL**



ARARAQUARA – S.P.

2017

JULIANA TIBURCIO SILVEIRA FOSSALUZZA

**A MEMÓRIA-TRABALHO E POLÍTICA DE  
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA E A  
CONSCIÊNCIA DE CLASSE PROLETÁRIA  
POTENCIAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

**Linha de pesquisa: Teorias Pedagógicas,  
Trabalho Educativo e Sociedade**

**Orientador: Prof. Dr. José Luís Vieira de  
Almeida**

**Bolsa: CAPES (Coordenação de  
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)**

ARARAQUARA – S.P.

2017

Silveira-Fossaluzza, Juliana Tiburcio

A memória-trabalho e política de professores da  
Educação Básica e a consciência de classe proletária  
potencial / Juliana Tiburcio Silveira-Fossaluzza -  
2017

243 f.

Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade  
Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho",  
Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)  
Orientador: Prof. Dr. José Luís Vieira de Almeida

1. Memória-trabalho e política. 2. Professores da  
Educação Básica. 3. Proletariado. 4. Consciência de  
classe proletária potencial. 5. Consciência de  
classe em si e para si. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JULIANA TIBURCIO SILVEIRA FOSSALUZZA

# **A MEMÓRIA-TRABALHO E POLÍTICA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA E A CONSCIÊNCIA DE CLASSE PROLETÁRIA POTENCIAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

**Linha de pesquisa: Teorias Pedagógicas, Trabalho Educativo e Sociedade**

**Orientador: Prof. Dr. José Luís Vieira de Almeida**

**Bolsa: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)**

Data da defesa: 11/08/2017

## **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Prof. Dr. José Luís Vieira de Almeida**

Departamento de Educação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – IBILCE-UNESP e da Faculdade de Ciências e Letras – FCLAr - UNESP

**Membro Titular: Profa. Dra. Maria Eliza Brefere Arnoni**

Departamento de Educação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – IBILCE-UNESP

**Membro Titular: Profa. Dra. Teresa Maria Grubisich**

Docente da Academia da Força Aérea - AFA

**Membro Titular: Prof. Dr. José Eduardo de Oliveira Santos**

Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Nove de Julho – UNINOVE

**Membro Titular: Prof. Dr. Humberto Perinelli Neto**

Departamento de Educação - Universidade Estadual Paulista – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas- IBILCE - UNESP

**Local:** Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho de pesquisa ao meu Pai. Somente Ele sabe os desafios que tenho enfrentado em minha vida, minhas angústias, dores, erros e acertos. Agradeço a Ele pela vida, e porque nada tem me faltado. Pelo Seu sustento, força, e sacrifício feito pela humanidade na cruz. Agradeço a Cristo por esta oportunidade, e este esforço é para Ele, Jesus Cristo. Este ofício, este ser “professora-pesquisadora” entrego-o em Suas mãos de perdão e de amor.

Gratidão a Deus, sempre.

Agradeço a meus pais, Rubens e Vera, pelo apoio para que eu pudesse concluir este doutorado. Se não fosse a ajuda de meus pais queridos, eu não estaria aqui. Seu apoio e sacrifício foram fundamentais para que esta etapa fosse concluída. Agradeço a Deus por tê-los em minha vida, e por inundá-la de amor.

Agradeço a meu esposo Fábio, por seu bom humor, mesmo em momentos difíceis.

Agradeço ao Prof. Dr. José Luís Vieira de Almeida, pela acolhida como sua orientanda desde o curso de graduação. O professor me ensinou os elementos básicos, imprescindíveis, à realização de uma pesquisa. Agradeço sua atenção e generosidade, e até mesmo sua inconformidade diante das injustiças que existem neste mundo sofrido. E isso é um aprendizado de que jamais deveremos nos acomodar, ser indiferentes a este modelo de sociedade. Professor, nós o reconhecemos como nosso professor-pesquisador. Espero que continuemos a dialogar pela vida.

Agradeço, em especial, aos professores que me concederam um pedaço de suas memórias-trabalho e política, pois foram fundamentais no desenvolvimento da tese que defenderemos neste estudo. Unam-se e sigam firmes nas lutas. Que as universidades “dobrem seus joelhos” de vaidade e conversem mais com os professores! É no diálogo que apreenderemos suas lutas e dores, problemas do dia a dia escolar, é por meio do ouvir e dialogar que poderemos, em alguma medida, traçar juntos algumas soluções para nossa educação formal tão sem valor em nosso país.

Agradeço a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo financiamento desta pesquisa.

A todos que de uma maneira ou de outra me ajudaram até aqui e neste processo de pesquisa, minha gratidão.

“Proletários de todos os países, uni-vos!”  
(MARX & ENGELS, 2010, p.69)

## RESUMO

A consciência de classe proletária potencial nos professores da Educação Básica é a tese que será defendida nesta pesquisa. Há, portanto, uma inquietude, uma revolta, uma certeza de que algo está errado na realidade, uma indignação vivida, oprimida, um conhecimento apropriado pelo indivíduo, que, em alguma medida, se expressa na sua “consciência individual” e na nossa sociedade. A consciência proletária pode já existir potencialmente em qualquer pessoa, mesmo que ainda não expresse uma consciência de classe em si e para si. Ela é na verdade uma “faísca”, uma “fagulha” de lucidez que nos “avisa” que há proletários e proletárias, sabidos de suas condições de exploração, denunciadores da precariedade do trabalho. Este estudo é, ao mesmo tempo, uma denúncia sobre a situação em que trabalham muitos docentes da Educação Básica do nosso país, em especial aqueles que desenvolvem sua atividade educativa no Estado de São Paulo, Brasil. São professores que atuam no Ensino Médio, no Ensino Fundamental, na Educação Infantil e até mesmo no Ensino Superior. Cinco docentes que foram ouvidos, por meio de entrevistas semiestruturadas, e que expuseram suas memórias-trabalho e política, e expressaram em diferentes graus e nuances seus processos de consciência de classes, de consciência de classe proletária potencial. Professores-proletários que, de certo modo, latente, têm a militância “correndo em suas veias”, que lutam ou lutaram, ainda que alguns restritos à sala de aula, por uma sociedade que um dia poderá renascer da subjugação, do sofrimento e da exploração humana. Partimos e retornamos, portanto, do trabalho, exercido, antes, por um ser humano e suas relações sociais. Essa observação diz respeito ao método de pesquisa, ao materialismo histórico-dialético. Que este estudo, que é também bibliográfico, possa, então, ter contemplado o materialismo, a historicidade-dialética de parte das relações sociais, dos processos de consciência “individuais”, assim como a necessidade de aproximação entre escola e universidade.

**Palavras-chave:** Memória-trabalho e política. Professores da Educação Básica. Proletariado. Consciência de classe proletária potencial. Consciência de classe em si e para si.



## ABSTRACT

The potential proletarian class consciousness is the thesis that will be defended in this research. There is, therefore, a restlessness, a revolt, a certainty that something is not well in reality, a indignation experienced, oppressed, a knowledge acquired by the individual, which is expressed in some measure in his "individual conscience", and in our society. Proletarian consciousness may already exist potentially in any person, even if it does not yet represent a class consciousness in and for itself. It is indeed a "spark" of lucidity that "warns" that there are proletarians, aware of their conditions of exploitation, denouncing the precariousness of work. This study is at the same time a complaint about the situation in which many teachers of Basic Education work in our country, especially those who carry out their educational activity in the State of São Paulo, Brazil. They are teachers who work in High School, Elementary School, Infant Education and even Higher Education. Five teachers who were heard through semi-structured interviews and who did not remain silent in their work and political-memories and expressed in different degrees and nuances their processes of class consciousness, of potential proletarian class consciousness. Proletarian- teachers who, in a certain way, are latent, have militancy "running in their veins", who fight or have fought, although some restricted to the classroom, by a society that one day may be reborn from subjugation, suffering and exploitation human. Therefore, we start and return from the work previously carried out by a human being and his social relations. This observation concerns the method of research, historical-dialectical materialism. That this study, which is also bibliographical, may then have contemplated materialism, dialectical historicity on the part of social relations, "individual" processes of consciousness, as well as the need for approximation between school and university.

Key words: Memory-work and politics. Teachers of Basic Education. Proletariat. Potential proletarian class consciousness. Class consciousness in and of itself.

## RESUMEN

La conciencia de clase proletaria potencial es la tesis que será defendida en esta investigación. Hay, por lo tanto, una inquietud, una revuelta, una certeza de que algo no está bien en la realidad, una indignación vivida, oprimida, un conocimiento adquirido por el individuo, que en alguna medida se expresa, en su "conciencia individual", y en nuestra sociedad. La conciencia proletaria puede ya existir potencialmente en cualquier persona, aunque todavía no represente una conciencia de clase en sí y para sí. En realidades una "chispa" de lucidez que nos "advierde" que hay proletarios y proletarias, sabidos de sus condiciones de explotación, denunciadores de la precariedad del trabajo. Este estudio es, al mismo tiempo, una denuncia sobre la situación en que trabajan muchos docentes de la Educación Básica de nuestro país, en especial, aquellos que desarrollan su actividad educativa en el Estado de São Paulo, Brasil. Son profesores que actúan en la Enseñanza Media, en la Enseñanza Fundamental, en la Educación Infantil e incluso en la Enseñanza Superior. Se les escuchó a cinco docentes, a través de entrevistas semi estructuradas, y que no se callaron en sus memorias-trabajo y política, y expresaron en diferentes grados y matices sus procesos de conciencia de clases, de conciencia de clase proletaria potencial. Profesores-proletarios que, en cierto modo, latente, tienen la militancia "corriendo en sus venas", que luchan o han luchado, aunque algunos restringidos al aula, por una sociedad que un día podrá renacer de la subyugación, del sufrimiento y explotación humana. Partimos y regresamos, por tanto, del trabajo, ejercido, antes, por un ser humano y sus relaciones sociales. Esta observación se refiere al método de investigación, al materialismo histórico-dialéctico. Que este estudio, que es también bibliográfico, pueda, entonces, haber contemplado el materialismo, a historicidad-dialéctica de parte de las relaciones sociales, de los procesos de conciencia "individuales", así como la necesidad de aproximación entre escuela y universidad.

Palabras clave: Memoria-trabajo y política. Profesores de la Educación Básica. Proletariado. Conciencia de clase proletaria potencial. Conciencia de clase en sí y para sí.

## RÉSUMÉ

La conscience de classe prolétarienne potentielle est une thèse qui sera défendue dans cette recherche. Il y a donc une préoccupation, une émeute, une certitude que quelque chose ne va pas en réalité, une indignation expérimentée, opprimée, les connaissances acquises par l'individu, qui dans une certaine mesure sont exprimées dans sa "conscience individuelle", et dans notre société. La conscience prolétarienne peut déjà exister potentiellement en toute personne, même si représentent pas encore une classe de conscience lui-même et pour lui-même. Elle est en fait une "étincelle" de lucidité que "dit" qu'il y a des prolétariens et du prolétaire, de ses conditions connues d'exploitation, des emplois précaires avant-coureurs. Cette étude est, en même temps, un rapport sur la situation dans laquelle il y a de nombreux enseignants de l'éducation de base dans notre pays, en particulier ceux qui développent leur activité éducative dans l'État de São Paulo, Brésil. Ce sont des enseignants qui travaillent à l'école secondaire, à l'école primaire, à l'école maternelle et même dans l'enseignement supérieur. Cinq enseignants qui ont été entendus, au moyen d'entretiens semi-structurés, et qui ne sont pas silencieux dans leur mémoire-travail et de la politique, et exprimé à des degrés divers et les nuances de leurs processus de conscience de classe, la conscience de classe prolétarienne potentielle. Les enseignants-prolétaires qui, d'une certaine façon latente, ont militance "dans ses veines", qui se battent ou se sont battus, bien que certains limités à la salle de classe, par une société qui pourrait un jour renaître de la subjugation, la souffrance, et l'exploitation humaine. Nous partons et retournons, de sorte que le travail, exercé avant, par un être humain et leurs relations sociales. Cette observation concerne la méthode de recherche, le matérialisme historique et dialectique. Que cette étude, qui est aussi la littérature, peut alors avoir envisagé le matérialisme, historicité-dialectique des rapports sociaux des processus de la conscience "individuelle", ainsi que la nécessité de rapprocher entre l'école et l'université.

Mots-clés: Mémoire de travail et la politique. Les enseignants de l'éducation de base. Prolétariat. La conscience de classe prolétarienne potentielle. La conscience de classe lui-même et pour lui-même.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	13
<b>1 PROLETARIADO SEGUNDO A TRADIÇÃO MARXISTA: UMA INVESTIGAÇÃO DE SEUS TRAÇOS ESSENCIAIS</b>	17
1.1 Centralidade do trabalho e proletariado na produção e reprodução do ser social	17
1.2 Filosofia da Práxis como o ponto de vista científico do proletariado: prioridade da prática na unidade dialética teoria-prática na produção do conhecimento	32
1.3 Centralidade do proletariado: o operariado na tradição marxista	40
1.4 Sobre os traços essenciais do proletariado: classe não detentora dos meios de produção	50
1.5 Sobre os traços essenciais do proletariado: a classe-que-vive-do-trabalho	63
<b>2 PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA DO PONTO DE VISTA DA TRADIÇÃO MARXISTA: UMA NECESSIDADE SOCIAL E HISTÓRICA</b>	73
2.1 Algumas observações sobre o proletariado contemporâneo	74
2.2 Sobre a práxis revolucionária: uma compreensão necessária	78
<b>3 CONSCIÊNCIA DE CLASSE PROLETÁRIA UMA DIMENSÃO DA PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA E TRAÇO DO PROLETARIADO</b>	90
3.1 Um ensaio à compreensão da consciência de classe	90
3.2 Teoria do proletariado no desenvolvimento da consciência de classe proletária: existe relação entre a consciência revolucionária e as formas de consciência social?	103
<b>4 CONSCIÊNCIA DE CLASSE PROLETÁRIA POTENCIAL NA MEMÓRIA-TRABALHO E POLÍTICA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA</b>	113
4.1 Sobre o processo das entrevistas: algumas considerações	113
4.2 Algumas considerações sobre a história e a memória	119
4.3 Profa. Laura: consciência de classe proletária potencial em suas memórias-trabalho e política	124
4.4 Prof. Artur: consciência de classe proletária potencial em suas memórias-	147

<b>trabalho e política</b>	
<b>4.5 Prof. Luís: consciência de classe proletária potencial em suas memórias-trabalho e política</b>	164
<b>4.6 Profa. Luíza: consciência de classe proletária potencial em suas memórias-trabalho e política</b>	185
<b>4.7 Profa. Sara: consciência de classe proletária potencial em suas memórias-trabalho e política</b>	208
<b>5. Dos professores entrevistados: uma “conclusão”</b>	220
<b>6. Observações sobre a consciência de classe proletária potencial</b>	224
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	228
<b>REFERÊNCIAS</b>	231
<b>ANEXOS</b>	241

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é defender a “presença” de uma consciência de classe proletária potencial continuamente descontínua, contingencial e histórica, em alguns professores da Educação Básica. Docentes, mulheres e homens, que estão há algum tempo no magistério. E diante de tempos distintos de experiência adquirida, os processos de consciência “individuais” se revelam em graus<sup>1</sup> e de modo peculiares.

São processos de consciência “individuais”, pois cada pessoa, cada ser humano é marcado por um misto de formas de consciência de classe, burguesa e proletária. Ou seja, somos também indivíduos-classes. Essas consciências em luta se refletem na subjetividade, na vida de cada um. E mesmo que essas formas coexistam potencialmente, o fato é que já existem, porém o instante em que, verdadeiramente, se expressarão ou se apresentaram são nos embates históricos, nos momentos das lutas de classes. Ou seja, se as classes sociais e as formas de consciência são potenciais, não significa que negamos a sua existência. Pelo contrário, existem períodos históricos em que as classes, suas consciências e ações latentes eclodem e se revelam à realidade com mais nitidez.

Nesse sentido, a sociedade do capital se caracteriza pelo antagonismo existente entre o proletariado e a burguesia. E em nosso ser e consciência constatamos esta mesma contradição. Ora almejamos ocupar posições privilegiadas na divisão social do trabalho, ora nos revoltamos contra as condições de exploração, às quais estamos submetidos.

Sobre a justificativa deste estudo, ressaltamos que a pesquisadora, desde o curso de Licenciatura em Pedagogia, realizado no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE-UNESP), em São José do Rio Preto - SP, interessou-se pelo referencial teórico da tradição marxista, e desde então desenvolve pesquisa embasando-se nesta perspectiva teórica que questiona de modo radical a natureza desta forma de sociabilidade, o capitalismo. Desde o curso de graduação, sendo que o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) fora realizado sob a orientação do Prof. Dr. José Luís Vieira de Almeida, passando pelo Mestrado em Educação Escolar, realizado na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara-SP (FCLAr-UNESP), sob a supervisão da Profa. Dra. Maria Eliza Brefere Arnoni, desenvolve estudos, tendo como principal categoria de análise a cidadania.

A cidadania, do ponto de vista marxiano, representa uma forma de liberdade limitada, no entanto, a consciência de classe em si, a cidadania, trata-se igualmente de um importante

---

<sup>1</sup> Este termo encontra-se em Lenin (2011) e será retomado no quarto capítulo deste estudo.

espaço de luta, de reivindicação de direitos, um espaço para o desenvolvimento da ação do grupo, de uma determinada categoria profissional, contra as condições precárias postas pelo trabalho assalariado sob o capital. Nesse caso, quem luta ainda reivindica ao *outro* (ao capital) alguma coisa, ou seja, os trabalhadores não travam uma luta radical pela superação do capital, mas sim reivindicam condições menos hostis de trabalho. Enfim, ao final do mestrado, um novo ponto de partida se esboçava, a questão que se colocava era a seguinte: o que existe neste meio do caminho, como se daria a passagem da consciência de classe em si à consciência de classe para si? É sobre esta questão que nos debruçaremos.

No entanto, consideramos que o estudo do processo de consciência, que não pode ser apreendido de modo absoluto, isso não é possível, mas sim, de forma mais ou menos aproximada do real, tem seu ponto de partida no *proletário*. É a partir da expressão de uma “consciência individual” que é, ao mesmo tempo, social, que poderemos aproximadamente apreender, de alguma forma, o modo como indivíduos pertencentes a uma mesma classe social compreendem e agem sobre a realidade em que vivem. Mas a apreensão desse processo não é algo simples, senão complexo. Nesse caso, o estudo da consciência de classe, ou ainda da consciência de classe proletária potencial, poderá ser compreendido, de alguma maneira, por meio da expressão de parte da memória-trabalho e política de professores da Educação Básica.

A memória-trabalho e política não será abordada aqui como uma categoria central de análise, no entanto, constatamos que, ao expressarem parte dessas memórias, os professores, ao mesmo tempo, revelam parcialmente suas visões contraditórias e alienadas acerca da realidade em que vivem. Isso também significa que, ao tratarmos da consciência de classe proletária potencial, de modo algum, afirmamos que tais docentes expressam apenas esse tipo de consciência. Pelo contrário, seus processos de consciência de classe mostram-se limitados, pois se apresentam entremeados a sentimentos, a representações, enfim, um processo em que predomina uma consciência de classe burguesa. Portanto, o desenvolvimento de nossa consciência de classe é uno, múltiplo, diverso, heterogêneo, particular, mas nem por isso, em alguns momentos, deixamos de explicitar nuances de uma consciência de classe proletária que existe apenas potencialmente.

Acerca do método científico utilizado neste trabalho para a análise das narrativas dos professores entrevistados, optamos, para a compreensão do real, pelo materialismo histórico-dialético, que tem como seu ponto de partida e de chegada o homem mesmo e suas relações sociais desenvolvidas a partir da atividade produtiva, e reproduzidas no âmbito da superestrutura de nossa sociedade. Utilizamos também a abordagem - pesquisa bibliográfica -

como uma forma de nortear e organizar o processo de leitura e análise do material teórico selecionado.

A respeito da organização deste estudo, existem dois momentos que se interconectam: o primeiro deles é teórico, que consta a partir do primeiro capítulo, em que discorreremos sobre aspectos importantes que caracterizam o pensamento de Karl Marx (1818-1883), em especial, a busca por uma compreensão teórica do proletariado no capitalismo contemporâneo; no segundo capítulo que se segue, abordaremos a práxis revolucionária, os desafios que esse tipo de práxis impõe ao proletariado, que possui uma potencialidade, uma dimensão revolucionária; e no terceiro, apresentaremos uma discussão acerca da consciência de classe em si e para si, que está relacionada ao nosso objeto de estudo. Ou seja, os três primeiros capítulos são teóricos e se referem aos traços essenciais que reúne o proletariado: a) a não propriedade dos meios de produção e as consequências que daí derivam; b) a necessidade de venda da força de trabalho para garantir sua sobrevivência; c) a práxis revolucionária, ou seja, uma dimensão política radical que caracteriza essa ação e consciência de classe.

Nesse sentido, a parte teórica fundamenta, medeia o quarto capítulo, “iluminando” as análises das narrativas dos professores entrevistados.

No quarto e último capítulo, apresentaremos os resultados da pesquisa que, provisoriamente, alcançamos e a defesa de nossa tese: a consciência de classe proletária potencial. Exibiremos cinco entrevistas semiestruturadas<sup>2</sup> que foram realizadas com professores que desenvolvem sua atividade educativa, em especial, na Educação Básica<sup>3</sup>, no Estado de São Paulo, Brasil, tanto em instituições públicas, como particulares de ensino. Das poucas vozes, depoimentos interessantes surgiram. Lembramos que a reincidência e a reafirmação de alguns temas pelos professores em suas narrativas revelam, ao mesmo tempo, os “encontros” dos processos de consciência dos docentes.

Essa consciência política potencial que se revela no decorrer das falas não implica necessariamente uma regra rígida. Se o sujeito apresenta matizes de uma consciência de classe proletária potencial não implica obrigatoriamente que, no futuro, dependendo do quadro histórico, desenvolverá uma consciência de classe em si e para si. Não necessariamente. O processo de consciência é fluído, ora avança, ora “recua”, pois o

---

<sup>2</sup> No quarto capítulo, fundamentaremos o método de pesquisa adotado neste trabalho, o procedimento técnico: a pesquisa bibliográfica, a técnica de entrevista semiestruturada, enfim, retomaremos com mais detalhes o processo de pesquisa realizado.

<sup>3</sup> Este foi o critério para a seleção dos entrevistados: que fossem docentes atuantes na Educação Básica.



indivíduo a cada experiência de luta, de conhecimentos, de saberes apreendidos, ainda que não sendo mais o mesmo sujeito de antes, após uma ação em grupo, junto à categoria profissional, por exemplo, poderá buscar novos pontos de adequação à ordem social; o que significa, ao mesmo tempo, que a ação do grupo não avança para o desenvolvimento de uma consciência de classe para si, mas “recua”, no sentido de que se desfaz, a força coletiva existente por algum momento se enfraquece e cada trabalhador, cada trabalhadora retorna ao seu cotidiano de vida, de trabalho, à sua predominante luta individual pela sobrevivência. É nesse sentido que compreendemos o “recuo” de uma forma de consciência de classe que poderá ocorrer em determinada circunstância histórica, pois compreendemos que a realidade está em constante mudança, em movimento.

Enfim, apesar das agruras constantes na categoria dos professores, do individualismo tão presente, que esta parte do proletariado se unifique na luta por uma educação pública de qualidade, por uma sociedade efetivamente livre das amarras do capital. Vários foram os desafios, os assuntos, os problemas do cotidiano escolar, que surgiram em meio às falas dos professores, porém não serão aprofundados aqui e representam, ao mesmo tempo, novos pontos de partida. Será a partir desta troca, deste diálogo, da cooperação de forças, da solidariedade de classe entre professores da Educação Básica e do Ensino Superior que surgirão as possibilidades de alguma mudança na educação e nesta forma de sociabilidade desigual; e uma classe unida, fortalecida, será certamente mais difícil fragmentá-la, vencê-la.

## CAPÍTULO I

### PROLETARIADO SEGUNDO A TRADIÇÃO MARXISTA: UMA INVESTIGAÇÃO DE SEUS TRAÇOS ESSENCIAIS

Por burguesia entende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social que empregam o trabalho assalariado. Por proletariado, a classe dos assalariados modernos que, não tendo meios próprios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver.

(MARX; ENGELS, [1848] 2007, p. 45)

Nota de F. Engels à edição inglesa de 1888 do *Manifesto do Partido Comunista*

Os elementos dessa teoria constituem, claramente, um todo orgânico e não podem ser separados um a um, pois cada um se refere a todos os demais e só adquirem seu significado pleno graças a suas interconexões recíprocas. (MÉSZÁROS, 2015, p.122)

#### 1.1 Centralidade do trabalho e o proletariado na produção e reprodução do ser social

A teoria marxiana compreende o ser social como um complexo recíproco e dialético de relações sociais. Nesse sentido, o homem, enquanto ser histórico-social, se constitui, produz e reproduz o meio em que vive por meio da dialeticidade e da materialidade das relações histórico-sociais.

Em *Cadernos sobre a Lógica de Hegel*, de Lenin (2011, p.184-5, grifos do autor), encontramos uma passagem acerca dos elementos da dialética, para que possamos apreender o modo de se realizar das relações sociais: “1º. a *objetividade* da análise (nada de exemplos, de digressões, mas a coisa em si mesma); 2º. todo o conjunto das múltiplas *relações* desta coisa com as outras;”, assim sendo, o proletariado, a coisa em si mesma, o fenômeno, será entendido a partir das relações sociais às quais está submetido seu ser na sociedade do capital, a partir da relação que essa categoria realiza com as demais categorias econômicas. Segue a passagem: “3º. O *desenvolvimento* desta coisa (ou fenômeno), seu movimento próprio, sua própria vida; 4º. as tendências<sup>4</sup> (e aspectos) internas contraditórias nesta coisa; 5º. A coisa (o fenômeno etc.) como soma e *unidade dos contrários*;” sabemos que o seu contrário, do proletariado, é a classe burguesa, que somente se afirma negando a existência do proletariado, como veremos mais adiante. Que a classe explorada possui uma tendência à sua própria anulação.

---

<sup>4</sup> Elemento a ser considerado para a tese que defenderemos neste estudo.

Outros elementos também compõem a dialética: “6º. a *luta* ou o desenvolvimento destes contrários, a contradição das tendências etc.; 7º. a unidade da análise e da síntese – a análise dos elementos particulares e o conjunto, [...]” o proletariado é, o que veremos ao estudarmos seus traços essenciais, e o é numa sociedade que se edifica a partir do trabalho assalariado. Observaremos parte das consequências que daí derivam para o ser do proletariado.

Ainda há outros elementos: “8º. as relações de cada coisa (fenômeno etc.) não são apenas múltiplas, mas universais. Toda coisa [...] está ligada a todas as outras;” por isso, no decorrer do texto, esclareceremos que é impossível tratar do ser do proletariado sem relacioná-lo a outras categorias, pois abordá-lo de forma isolada não seria possível, já que na teoria marxiana as categorias econômicas somente se definem enquanto tais, porque estão em relação com as demais.

Há ainda, “9º. não somente a unidade dos contrários, mas também as *transições* de cada determinação, qualidade, traço, aspecto, propriedade a cada outra (a seu contrário); 10º. processo infinito de descoberta de *novos* aspectos”; veremos o quanto é importante o proletariado deixar de ser, ao mesmo tempo, o proletariado, libertando-se por meio do processo revolucionário, possibilitando o desenvolvimento de uma ordem social qualitativamente distinta da que existe hoje.

Outros elementos são elencados: “11º. processo infinito de aprofundamento do conhecimento humano das coisas, fenômenos, processos etc., que vai do fenômeno à essência e da essência menos profunda à essência mais profunda;”, a “essência” não é fixa, é mutável, isto significa que não é natural. Neste caso, o fenômeno está em constante mudança, transformação, mas há tendências, traços predominantes, que nos permitem compreender o que o fenômeno é, e não confundi-lo com outra coisa, ou vê-lo de modo fluído, de maneira que a realidade social jamais poderia ser apreendida de modo mais profundo. Há traços que são possíveis de serem conhecidos no processo de análise, e isso depende da teoria que subsidia o estudo, do método científico a ser utilizado.

Seguem ainda os elementos: “12º. da coexistência à causalidade e de uma forma de conexão e de interdependência a outra, mais profunda, mais universal; 13º. reiteração, na fase superior, de alguns traços, propriedades etc. da inferior;” uma pergunta que pode ser feita é esta: o que permanece, é reiterado, ao longo da história, no proletariado, a fim de que ele seja o que é?

E os elementos finais: “14º. aparente retorno do velho (negação da negação); 15º. luta do conteúdo com a forma e vice-versa. A rejeição da forma, remanejamento do conteúdo; 16º.

passagem da quantidade à qualidade e vice-versa [...]”. Veremos a importância do processo revolucionário, da práxis revolucionária para o proletariado, a possibilidade da negação da negação do proletariado para si mesmo.

São todos os elementos anteriores que compõem a doutrina da dialética e que são expressos por Marx por meio de seu método científico o materialismo histórico-dialético, método de análise e compreensão da realidade social, e que de modo sintético elucida o movimento (a contradição) posto por meio da interconexão existente entre as categorias do modo de produção capitalista, que explicita as formas de o ser social se expressar na realidade num determinado período histórico. Considerando os elementos da dialética é o mesmo que dizer que o uno, que o todo é a síntese de múltiplas determinações, e que são esses elementos que indicam o movimento e a própria objetividade. Elementos que, portanto, estão presentes nesta pesquisa.

Isso significa que toda a análise produzida por Marx ao longo de sua vida, e que resultou em sua obra máxima *O capital*, guiou-se pelo princípio-fim da lógica da produção e da reprodução social, de modo mediato, da existência humana. De acordo com Iasi (2012, p.101-103), quando o autor faz referência à obra *A Ideologia Alemã* (1845, ano em que começa a ser escrita), afirma que Marx e Engels consideraram, a respeito da produção social da existência humana, cinco momentos complexos, não mecânicos, e sim dialeticamente articulados: o primeiro momento se refere ao trabalho, primeiro ato histórico-social, que corresponde ao salto ontológico do homem em relação ao seu ser biológico, natural; o segundo momento, diz respeito ao desdobramento da realidade social, pois à medida que o homem transforma a natureza, realiza, ao mesmo tempo, novas necessidades sociais; o terceiro momento implica que “os seres humanos renovam sua própria existência enquanto seres físicos e histórico-sociais mediante as *relações de família* (reprodução física, relações de parentesco, educação, [...], padrões psíquicos etc.” (IASI, 2012, p.101, grifos nossos).

Portanto, a reprodução biológico-social do homem, que se dá, fundamentalmente, a partir da produção material da vida, não está reduzida a esta mesma base material.

O quarto momento incorre da articulação dinâmica dos três primeiros, do qual resulta uma determinada ação coletiva dos indivíduos, que, organizados a partir das relações de produção, criam as chamadas forças produtivas, que, num determinado estágio histórico, se autonomizam frente ao ser social, tratando-se de uma ação quantitativa e qualitativamente distinta da ação individual. E o quinto momento, pressupõe igualmente a articulação dos demais, pois estes “seres sociais desenvolvem uma *consciência social*” (IASI, 2012, p.103, grifos nossos).

Nessa perspectiva, o homem é considerado na sua dimensão histórico-social a partir do momento em que, por meio da práxis produtiva<sup>5</sup>, mesmo que de modo mais ou menos consciente, dependendo do grau de desenvolvimento da sociedade, da generidade-não-mais-muda (LUKÁCS, 2010, p.115), intercambia com a natureza e produz instrumentos, bens culturais, ou seja, produtos sociais resultantes da ação humana objetivada. Esclarecemos que o conceito de grau se encontra em *Cadernos sobre a Lógica de Hegel*, de Lenin (2011). Compreendemos que o conceito supracitado implica a complexidade, o que depende das determinações, das relações realizadas ao longo da história pelo homem. Dito de outro modo, o grau de desenvolvimento de certa categoria, do trabalho, por exemplo, depende de seu modo de se realizar numa dada ordem social. O conceito de qualidade aqui não significa que algo seja “bom” ou “ruim” e sim na coisa mais ou menos complexa, e a qualidade implica também a quantidade e o grau de realização de tais determinações sociais. A qualidade se transforma em quantidade e vice-versa, assim como a continuidade se expressa na descontinuidade e vice-versa, a relação entre finito e infinito.

É mediante esse quadro histórico-social, que não se efetiva sem “perturbações”, de forma linear, que, simultaneamente, relações sociais são igualmente desenvolvidas, sendo então a “pré-história da humanidade” inaugurada por meio da práxis, que tem como seu momento predominante e fundamento material, certo modo de produzir a vida, o trabalho.

Segundo Lukács (2010, p.86),

Em cada ato de trabalho já está contida, objetivamente, a transição realizada do mero conhecido para o reconhecido, ainda que não contenha, necessariamente, um espelhamento ideal realmente consciente. Também para o trabalho, e para ele com maior razão, vale a frase de Marx sobre a práxis humana, fundamental para a metodologia histórica: eles não sabem, mas fazem.

“Eles não sabem, mas fazem”. Marx compreendeu que uma parte significativa da humanidade, explorada, por meio do trabalho assalariado, é responsável pela produção e reprodução da riqueza social que é desigualmente distribuída na sociedade. Se os homens tomassem ciência de que a produção é obra de suas próprias mãos... De que a história humana é igualmente produto de seu intelecto e mãos... É provável que o quadro histórico em que vivemos sofreria mudanças, transformações radicais, profundas. Assim, esse modo de produzir determina, por um lado, o conteúdo e a forma das relações sociais que se dão entre os homens, assim como em sua organização social, por outro, essa mesma organização social

---

<sup>5</sup> Ver Vásquez (2011, p.228).

passa a ser, não só determinada, mas também determinante das relações que se dão no âmbito da produção e reprodução da vida humana. A relação é de reciprocidade dialética.

A complexificação do ser social, o desenvolvimento de um conjunto de novas relações e necessidades sociais, se dão historicamente por meio da automediação do homem com o próprio homem. Marx ([1843] 2010, p.44, grifos nossos), afirma que “Ser radical significa agarrar a questão pela raiz. *Mas a raiz é, para o ser humano, o próprio ser humano*”.

A raiz da teoria marxiana é o próprio homem e sua atividade vital, o trabalho. Toda análise, nessa perspectiva, tem como ponto de partida o trabalho, e retornamos, por meio da síntese, a compreender essa mediação essencial de modo mais complexo, enriquecido. Nesse sentido, também o indivíduo à medida que trabalha é meio e fim de sua própria atividade, e, de modo simultâneo, ao produzir para si, mesmo que não tenha plena consciência, cria sua individualidade, sua personalidade, uma série de comportamentos, práticas, valores, costumes, que também engendram o meio social em que vive.

Portanto, acerca da produção e reprodução do ser social, da relação complexa entre singular e universal, mediada pelo particular, revela-se a centralidade da obra de Marx, que se desdobra pelo e por meio do próprio homem. Sobre a relação entre o singular e o universal, Lukács (2010, p.80) afirma que a singularidade e a universalidade são categorias fundamentais de todo ser e que “não há ente que não possa existir ao mesmo tempo como exemplar do gênero (universal) e como objetividade singular (singularidade)”. Ou seja, no caso dos docentes, estes são, ao mesmo tempo, indivíduos, com suas vidas particulares, e trabalhadores, com suas existências coletivas.

Norbert Elias (2011, p.56) afirma também que “[...] o indivíduo só pode ser entendido em termos de sua vida em comum com os outros”. Portanto, se entendermos que a universalidade é a síntese dos múltiplos atos singulares, que os indivíduos são as partes que compõem o todo, não partes que somadas formam um todo, mas que em relação dialética, de tensão, contradição, compõem o todo, e que em cada parte, em cada indivíduo, a universalidade, mesmo que realizada de modo abstrato, também se expressa, vemos, então, que não há como entender o indivíduo fora desse emaranhado de relações sociais que é constituído e que, ao mesmo tempo, se autonomiza frente a seu criador, o homem. Sendo assim,

A sociedade, com sua regularidade, não é nada externo aos indivíduos; tampouco é simplesmente um “objeto” “oposto” ao indivíduo; ela é aquilo que todo indivíduo quer dizer quando diz “nós”. Mas esse “nós” não passa a existir porque um grande número de pessoas isoladas que dizem “eu” a si mesmas posteriormente se une e resolve formar uma associação. As funções e relações interpessoais que expressamos como partículas gramaticais como “eu”, “você”, “ele”, “ela”, “nós”,

“eles”, são *interdependentes*. Nenhuma delas existe sem as outras. E a função do “nós” inclui todas as demais. Comparado àquilo a que ela se refere, tudo o que podemos chamar “eu”, ou até “você”, é apenas parte. (ELIAS, 2011, p.57, grifo nosso)

Em suma, o ser social é, simultaneamente, ser singular-universal-universal-singular, somos todos, ao mesmo tempo, a síntese de um “eu-nós-nós-eu” que põe em movimento uma sociedade inteira, num determinado período histórico, a partir de certo modo de trabalho. Nesse sentido, o indivíduo só pode existir, não como uma mônada isolada, mas exatamente porque se coloca em relação com o outro, com “você”, “ele”, “ela”, com o “nós”, e é por meio dessa relação que também são desenvolvidas relações sociais que nos singularizam e que nos torna parte do universal, que, como mencionamos, ainda se realiza de modo abstrato, dado o estranhamento que se sobrepõe às relações e necessidades sociais, e que é inerente à sociedade do capital. Citaremos outra passagem do referido autor, pois ele destaca que,

[...] no curso da história, uma alteração do comportamento humano no sentido da civilização veio gradualmente a emergir do fluxo e refluxo dos acontecimentos. Cada pequeno passo nessa trajetória foi determinado pelos desejos e planos de pessoas e grupos isolados; mas o que cresceu nesse trajeto até o momento, nosso padrão de comportamento e nossa configuração psicológica, certamente não foi pretendido por nenhuma pessoa em particular. *E é dessa maneira que a sociedade humana avança como um todo; é dessa maneira que toda a história da humanidade perfaz seu trajeto: De planos emergindo, mas não planejada. Movida por propósitos, mas sem finalidade.* (ELIAS, 2011, p.58-9, grifos nossos)

Certas relações sociais, configuração psicológica, valores, padrões comportamentais, que o ser humano incorpora porque também as herda de períodos históricos precedentes, indicam-nos o que é a realidade em que o ato humano se realiza e que permite a transformação de si (do homem) e dessa mesma realidade. Uma cadeia de causas e efeitos (a causalidade) (LESSA; TONET, 2011, p.31) que não é totalmente controlável pela ação e nem prevista pela subjetividade humana, também influencia o curso dos objetos criados idealmente e objetivados pelo homem, mesmo que este esteja consciente ou não de tal causalidade. E ainda há o modo como o indivíduo social se organiza no trabalho, criando igualmente relações sociais estranhadas que obstaculizam a compreensão radical do homem sobre sua condição humano-social.

Tendo em vista este quadro histórico, de uma sociedade que desumaniza o ser social por meio inclusive de sua atividade vital, o trabalho, é que Marx propõe o controle consciente e coletivo dos meios de produção, e diante de tal quadro, é possível cogitar a complexidade das relações sociais que o ser humano desenvolverá, se optar por outra forma de sociedade, a sociedade comunista na visão do autor, ou seja, pelo controle consciente e coletivo de suas

condições de vida. Somente aqui é que poderíamos vislumbrar o ser social humanamente emancipado.

No atual período histórico em que nos encontramos, em que (sobre)vivemos, a automeiação<sup>6</sup> do proletariado (MARX [1843] 2013; MÉSZÁROS, 2008) por meio da práxis revolucionária<sup>7</sup> põe-se como a única via capaz de efetivar de modo o mais pleno possível a unidade singular-universal por meio de relações sociais particulares qualitativamente distintas das quais hoje nos deparamos sob o capital, sendo essa a única possibilidade, para Marx, de realização da “história da humanidade”, que ainda não começou a ser escrita, vivida, embora já engendrada nesta forma alienada de vida social.

Engels (1890) destaca a necessidade de não reduzirmos a teoria marxiana a uma empobrecida compreensão do homem e da sociedade ao fator econômico. Quem “entende” a teoria de Marx de modo economicamente determinista, descarta o fator dialético, o movimento, a contradição que rege a realidade social, “esquece”, porque, provavelmente, não compreendeu que a realidade se modifica e se transforma por meio das relações sociais, das mediações produzidas pelo homem nos diversos âmbitos da sua vida a partir de determinado modo de trabalho, e que essas mesmas relações retornam ao ser social sempre de maneira mais enriquecida, mais complexa.

Do mesmo modo, no plano do pensamento, segundo os pressupostos marxianos, o ponto de partida da elaboração teórico-prática a respeito da existência humana não se dá de maneira estática, mas sim dinâmica, pois um novo ponto de partida é ao mesmo tempo um novo ponto de chegada do pensamento e vice-versa. Por meio desse movimento, o pensamento humano inicialmente abstrato, teoricamente apreende o real e reflete mediatamente seu tempo histórico, o concreto-pensado. Retomemos Engels<sup>8</sup> a respeito de sua advertência sobre o perigo do “determinismo econômico” acerca da teoria marxiana.

De acordo com a concepção materialista da história, o elemento determinante *final* na história é a *produção e reprodução da vida real*. Mais do que isso, nem eu e nem Marx jamais afirmamos. Assim, se alguém distorce isto afirmando que o fator econômico é o *único* determinante, ele transforma esta proposição em algo abstrato, sem sentido e em uma frase vazia. As condições econômicas são a infraestrutura, a base, mas vários outros vetores da superestrutura (formas políticas da luta de classes e seus resultados, a saber, constituições estabelecidas pela classe vitoriosa após a batalha, etc., formas jurídicas e mesmo os reflexos destas lutas nas cabeças dos

---

<sup>6</sup> Discutiremos a automeiação do proletariado no terceiro capítulo deste trabalho.

<sup>7</sup> Ver em Vásquez (2011), a discussão será retomada no segundo capítulo desta tese.

<sup>8</sup> Friedrich Engels (1890, grifos nossos), em *Carta a Joseph Bloch*. Nesta carta, Engels contesta as acusações de “hiper-determinismo econômico” enfrentadas por ele e Marx. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1890/09/22.htm>>. Acesso em: jun. 2015.



participantes, como teorias políticas, jurídicas ou filosóficas, concepções religiosas e seus posteriores desenvolvimentos em sistemas de dogmas) também exercitam sua influência no curso das lutas históricas e, em muitos casos, preponderam na determinação de sua forma. *Há uma interação entre todos estes vetores entre os quais há um sem número de acidentes (isto é, coisas e eventos de conexão tão remota, ou mesmo impossível, de provar que podemos tomá-los como não-existentes ou negligenciá-los em nossa análise), mas que o movimento econômico se assenta finalmente como necessário.* Do contrário, a aplicação da teoria a qualquer período da história que seja selecionado seria mais fácil do que uma simples equação de primeiro grau.

Essa relação recíproca, dialética entre infraestrutura e superestrutura, ou seja, entre trabalho, propriedade privada, divisão social do trabalho, Estado, Direito, Política, Escola, Igreja, Sindicato, entre outros, também colabora para a compreensão do ser do proletariado. Enquanto classe social, o proletariado não surge no quadro histórico da humanidade, como veremos mais adiante, de modo espontâneo, natural, mas sim por meio de determinadas relações sociais alienadas e historicamente dadas, pois estabelecidas anteriormente e chanceladas a partir do trabalho assalariado, e, além de ser a classe social expropriada dos instrumentos e do processo de trabalho, embora realizadora dessa atividade social mesmo que de forma abstrata, estranha, e explorada pela classe dos burgueses, o proletariado na visão de Marx põe-se como a única classe-meio capaz da emancipação humana do ser social. Veremos o que menciona Lukács (2010),

Naturalmente, isso na realidade não é possível sempre e de qualquer modo. *Mas tem de ser precisamente observado e entendido cientificamente, para que, no momento dado, se possibilite, se facilite essa liberação das tendências latentes no ser social. [...] o fim da pré-história, o começo da história do gênero, jamais poderia se tornar realidade se já não pudesse liberar “apenas” tendências já existentes [...].* (LUKÁCS, 2010, p.125, grifos nossos)<sup>9</sup>

Além de destacar a importância do elemento científico, teórico à ação do proletariado, Lukács (2010) afirma que se trata na realidade de liberar tendências já existentes. Essa liberação de tendências também é referente ao processo revolucionário caso o proletariado escolha se contrapor e lutar pela superação do modelo de sociedade ao qual hoje estamos subjugados. Não se trata, na tentativa e diante da possibilidade de desenvolver a sociedade comunista, que jamais existiu, de descartar todos os inventos humanos que foram criados até aqui, não se trata de a humanidade ter de começar do “zero”, mas sim da apropriação da riqueza social produzida historicamente pelo proletariado e de essa riqueza ser distribuída de modo justo, de maneira que possibilite à humanidade viver dignamente, criando a partir de outra forma de trabalho relações sociais de fato solidárias, justas, humanas, necessidades autenticamente sociais, e não artificiais impostas ao homem pelo modo de produzir

---

<sup>9</sup>Passagem importante para pensar a tese apresentada nesta pesquisa.

desenfreado do capital, que cria necessidades a fim de viabilizar e intensificar a lógica esgotável do consumo, porque essa lógica não é infinita, e sim esgotável, pois ou superamos essa lógica desumana, ou esta destruirá o ser humano e os recursos naturais.

Sobre o trabalho associado em *Anti-Dühring*,

Ao apoderar-se socialmente dos meios de produção, cessa a produção de mercadorias e, com ela, o domínio do produto sobre o produtor. [...]. A própria *associação* dos homens, que até agora lhes era estranha, [...], converte-se em *acto livre e próprio*. [...]. A partir deste momento, os homens *farão a sua história plenamente conscientes*; a partir desse momento, as causas sociais postas por eles em acção produzirão, sobretudo e em medida cada vez maior, os efeitos desejados. A humanidade saltará do reino da necessidade para o reino da liberdade. (ENGELS, [1878, ano de publicação da obra] 1974, p.347-8, grifos nossos)

Sugerimos ainda a obra de Tonet (2005) sobre a questão da emancipação humana e do trabalho associado. Entendemos que o trabalho associado não é um traço essencial do proletariado, porque aquele só se concretizará diante da superação real do sistema sociometabólico do capital, da superação da sociedade de classes, inclusive, do próprio proletariado. No entanto, esta é a classe em que, em suas condições materiais e espirituais de existência, está reunida a possibilidade de emancipação humana de toda a sociedade, condição histórica fundamental à realização do trabalho associado. Portanto, este é um traço essencial do indivíduo socialmente emancipado.

No livro I do *Capital* (1865, ano de conclusão da primeira redação), Marx inicia o primeiro capítulo de sua obra da maturidade pela mercadoria<sup>10</sup>, e não poderia ser diferente, a “fórmula” material, humano-social e histórica, “10 braças de linho e um casaco” (MARX, [1865] 2013, p.119), produzida pelo ser social, oculta por meio das mediações do capital, o homem total<sup>11</sup>, verdadeiro, universal, do próprio homem, oculta o sentido positivo do trabalho que está subsumido ao valor de troca.

Nos *Grundrisse* (1857, ano em que começa a redigi-lo), Marx (2011, p.151) afirma que um produto posto como valor de troca significa que este se põe em relação, mais precisamente, como relação universal, à qual todo produto produzido está submetido no capital, e que o valor de troca subentende o trabalho social como substância de todos os produtos. Sendo assim, o produto posto como valor de troca esconde a materialidade, a qualidade natural da matéria-prima que dá origem ao produto, que assume a forma de mercadoria, assim como oculta o trabalho social objetivado no trabalho humano concreto-

<sup>10</sup> Ver definição em Engels ([1878] 1974, p.375).

<sup>11</sup> Ver sobre esta categoria em Schaff (1967) em *O Marxismo e o Indivíduo*.

abstrato, em que as relações sociais são reduzidas a relações de troca entre mercadorias. Então, as relações entre coisas surgem historicamente como nexos entre pessoas, mediadas, inclusive, pelo dinheiro. “Se o dinheiro é a riqueza universal, é-se tanto mais rico quanto mais dele se possui, o único processo importante é o *acumular* dinheiro, tanto para o indivíduo singular como para as nações” (MARX, [1857] 2011, p.173, grifo do autor). Para Marx o “dinheiro é a medida universal do indivíduo” sob o capital (Ibidem, p.174).

Vimos, então, que o valor de troca reduz a vida humana à relação entre coisas. Em O capital Marx demonstra a radicalidade dessa relação entre “mercadorias”, evidencia o que é o capital na sua cruza e avidez por produzir mais-valia e que restringe o homem ao *homo economicus* (KOSIK, 2011), em que o “problema originário não consiste em indagar o que é o homem. Consiste em indagar quais devem ser as faculdades do homem a fim de que o sistema das relações econômicas possa pôr-se em marcha e funcionar como um mecanismo.” (Ibidem, 2011, p.95-96, grifos do autor).

O que são “10 braças de linho e um casaco”, senão relação social, senão relação social humana coisificada e mistificada pelo capital, força e tempo de trabalho humano objetivado, porém, de modo abstrato. Assim, entendemos que o capitalista e o proletário são igualmente determinados determinantes em sociedade, o que significa que são dados a partir de um sistema de mediações do capital. E não são somente constituídos por meio de tais mediações, mas igualmente reproduzem essas mesmas relações no seu cotidiano, assim como sua condição de vida, de classe. E tal movimento, ao longo da história, se dá de maneira cada vez mais complexa.

Tal como já explicitamos, a lógica marxiana de compreensão do ser social se dá a partir da centralidade do trabalho, atividade rica, nuclear, força motriz que desenvolve a história humana.

O *trabalho* é, antes de tudo, um processo entre homem e natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se defronta com a matéria natural como uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para a sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. *Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio.* Não se trata aqui das primeiras formas instintivas, animais, [*tierartig*], do trabalho. Um incomensurável intervalo de tempo separa o estágio em que o trabalhador se apresenta no mercado como vendedor de sua própria força de trabalho daquele em que o trabalho humano ainda não se desvinculou de sua forma instintiva. Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de

construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia *idealmente*. Isso não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo, seu *objetivo*, que ele sabe que *determina*, como lei, o tipo e o *modo de sua atividade* e ao qual ele tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato isolado. Além do esforço dos órgãos que trabalham, a atividade laboral exige a *vontade orientada a um fim*, que se manifesta como *atenção* do trabalhador durante a realização de sua tarefa, e isso tanto mais quanto menos esse trabalho, pelo seu próprio *conteúdo* e pelo *modo* de sua execução, *atrai* o trabalhador, portanto, quanto menos este último usufrui dele como jogo de suas próprias forças físicas e mentais. (MARX, [1865] 2013, p.255, grifos nossos)

Para Marx ([1857] 2011, p.288) “O trabalho é fogo vivo, conformador; a transitoriedade das coisas, sua temporalidade, como sua conformação pelo tempo vivo”. Na perspectiva marxiana o homem é um ser essencialmente prático, que produz o meio e a si mesmo por meio da práxis<sup>12</sup>. É no trabalho que o ser social se apropria da matéria natural ou da *matéria-prima*, que é definida pelo autor supracitado como “[...] produto semifabricado, e seria melhor denominá-la *produto intermediário*, tal como o algodão, o fio, o estame etc.” (MARX, [1865] 2013, p.260, grifos nossos), e a molda de acordo com seus conhecimentos previamente apropriados pelo indivíduo e os objetivos por ele planejados, daí poderão surgir também novos conhecimentos. Neste processo, a transitoriedade da qualidade natural da matéria não é anulada, mas superada e incorporada ao novo produto, que sintetizou uma quantidade de técnicas, conhecimentos, objetivos, e tornou-se um produto humano-social. Em Marx “O engendrar prático de um mundo objetivo, [...] é a prova do homem enquanto um ser genérico consciente, isto é, um ser que se relaciona com o gênero enquanto sua própria essência ou [se relaciona] consigo enquanto ser genérico.” (MARX, [1844] 2004, p.84). Quando o homem dá o salto ontológico<sup>13</sup> por meio do trabalho em relação à sua natureza orgânica, e começa, por meio dessa atividade vital, a transformar o meio natural, dá-se início, ao mesmo tempo, a produção de um mundo complexo da cultura, e esse mundo objetivo é o que pode ser compreendido como a natureza social, do homem.

Nesta primeira parte da pesquisa, portanto, temos como objetivo a partir da obra marxiana e de expoentes representantes da tradição marxista<sup>14</sup> (Friedrich Engels – 1820 a

<sup>12</sup> Ver Vásquez (2011, p. 221).

<sup>13</sup> Sobre as categorias “salto ontológico”, “natureza inorgânica” “orgânica” e “social”, verificar em Lessa (2011-12). Artigo disponível em: <[http://sergiolessa.com.br/uploads/7/1/3/3/71338853/momtpredo\\_2012.pdf](http://sergiolessa.com.br/uploads/7/1/3/3/71338853/momtpredo_2012.pdf)>. Acesso em: jul. 2017.

<sup>14</sup>Paulo Netto (2006), em sua análise acerca da história do pensamento marxista, utiliza essa expressão “tradição marxista” a fim de se referir aos “marxismos”.

1895 -, György Lukács – 1885 a 1971 -, Vladimir Ilitch Lenin – 1870 a 1924 -, István Mészáros – 1930), apresentar um estudo que pretende apontar os primeiros passos na busca de uma compreensão inicial a respeito do que é o proletariado, como categoria – em a *Miséria da Filosofia*, Marx ressalta que os homens é que são os produtores das relações sociais de acordo com sua produtividade material, e que também as categorias, as ideias, são expressões abstratas ideais dessas mesmas relações (Marx, [1847] 2008, p. 55) - essencial na e da obra de Marx, que para o referido filósofo, transcende o ser da classe social explorada. A transcendência não deve ser entendida de modo metafísico ou idealista, mas sim no sentido histórico, prático-político e dialético, que implica a automediação da classe proletária em favor da superação do capital.

Para Marx, o proletariado é a classe que poderá colocar em prática uma tarefa especial, histórica e necessária: superar a sociedade de classes e seu modo de produção correspondente subjugado ao capital, e todas as suas mediações de segunda ordem por meio da práxis revolucionária<sup>15</sup>. Essa necessidade histórica da revolução proletária parece ser teórica e facilmente afirmada, porém representa o mais importante e difícil desafio prático-teórico posto e urgente nos dias atuais a todos os trabalhadores, pois o que está em jogo, na realidade, é a questão da sobrevivência de toda a natureza e da humanidade.

De acordo com Mészáros (2006, p. 78-9, grifos do autor), em relação ao sistema de mediações de segunda ordem, o que Marx combate como alienação não se refere à mediação de modo geral, mas sim uma série de mediações de segunda ordem, ou seja, propriedade privada, intercâmbio, divisão social do trabalho, que seria uma “mediação da mediação”, ou ainda, uma “mediação *historicamente específica* da automediação *ontologicamente fundamental* do homem com a natureza”, ou seja, mediação que aparece como uma mediação de primeira ordem, como fator ontológico absoluto. Nesse caso, a relação particular torna-se absoluta, o universal é o particular absolutizado. Em Mészáros (2011, p.180, grifos do autor), em sua obra *Para Além do Capital* encontramos a seguinte passagem sobre as mediações de segunda ordem,

A segunda ordem de mediações do sistema do capital pode ser assim resumida: - a *família nuclear*, articulada com o “microcosmo” da sociedade que, além do papel de reproduzir a espécie, participa de todas as relações reprodutivas do “macrocosmo” social, inclusive da necessária mediação das leis do Estado para todos os indivíduos e, dessa forma, vital também para a reprodução do próprio Estado; - os meios alienados de produção e suas “personificações”, pelos quais o capital adquire rigorosa “vontade férrea” e consciência inflexível para impor rigidamente a todos submissão às desumanizadoras exigências objetivas da ordem sociometabólica existente; - o dinheiro, com suas inúmeras formas enganadoras e cada vez mais dominantes ao longo do desenvolvimento histórico [...]; - os objetivos fetichistas da

<sup>15</sup> Categoria que será retomada e aprofundada no segundo capítulo.

produção, submetendo de alguma forma a satisfação das necessidades humanas (e a atribuição conveniente dos valores de uso) aos cegos imperativos da expansão e acumulação do capital; - o trabalho, estruturalmente separado da possibilidade de controle, tanto nas sociedades capitalistas, onde tem de funcionar como trabalho assalariado coagido e explorado pela compulsão econômica, como sob o capital pós-capitalista, onde assume a forma de força de trabalho politicamente dominada; - as variedades de formação do Estado do capital no cenário global, onde se enfrentam (às vezes com os meios mais violentos, levando a humanidade à beira da autodestruição) como Estados nacionais autônomos... e - ... o incontrolável *mercado mundial*, em cuja estrutura, protegidos por seus respectivos Estados nacionais no grau permitido pelas relações de poder prevaletentes, os participantes devem se adaptar às precárias condições de coexistência econômica e ao mesmo tempo esforçar-se por obter para si as maiores vantagens possíveis, eliminando os rivais e propagando assim as sementes de conflitos cada vez mais destruidores.

Vimos que as mediações de segunda ordem que reproduzem o capital se realizam por meio da família nuclear, dos meios alienados de produção e suas personificações, pelo dinheiro, pelos objetivos fetichistas da produção, pelo trabalho assalariado, pelas variadas formações de Estado<sup>16</sup> (Estado Protetor, Estado de Bem-Estar Social ou Estado Providência, Estado Neoliberal), por meio do mercado mundial, protegido pelos Estados nacionais, que salvaguardam os direitos de expansão destrutiva do capital, o indivíduo-cidadão está reduzido e “condenado” a consumir os produtos que circulam no mercado mundial. Este é o seu único e proeminente dever-destino. Os acordos comerciais, o mercado aventureiro das finanças, são os que rompem as fronteiras dos países de forma irrestrita, que pressionam os Estados a investir cada vez menos no âmbito público, e incentivam as práticas de privatização dos serviços públicos, transformando, simultaneamente, os serviços públicos em produtos comercializáveis, como exemplo, o sistema público de saúde que está à venda por meio dos planos de saúde.

Os impostos pagos pelo conjunto de cidadãos não são suficientes para manter um sistema de saúde pública de qualidade, boa parte desses recursos é desviada pelos governantes. Com a educação escolar pública não deixa de acontecer algo similar, para aqueles que buscam uma educação escolar de qualidade, muitas vezes é necessário recorrer aos sistemas particulares de ensino que vendem seus “pacotes educacionais” a preços altíssimos. Ou seja, vivemos num tempo histórico de desmantelamento do espaço público pelas personificações do capital.

Com o espaço urbano também não acontece de modo diferente, as pessoas de classes distintas convivem cada vez menos, estão segregadas pelos condomínios, pelos *shoppings centers* que frequentam, pelos produtos que consomem, muitos proletários não tendo

---

<sup>16</sup> Sobre as diferentes variações do Estado moderno, verificar em Vieira (1992), em *Democracia e Política Social*.

capacidade financeira de arcar com os altos aluguéis impostos pelo mercado imobiliário são “jogados” para áreas longínquas dos centros urbanos, e essa também é uma estratégia de reprodução do próprio capital, que, ao reproduzir sua lógica, ao mesmo tempo, aprofunda o fosso da desigualdade social e econômica entre as classes sociais, por meio do modo como as pessoas vêm usufruindo ou não do espaço urbano, dos serviços públicos. E isso não é natural, o sistema de mediações de segunda ordem não existe desde sempre, portanto, certamente “Há alguma coisa podre no reino da Dinamarca”, para utilizar a expressão de Shakespeare (20--?) expressa em *Hamlet*. É ainda sob este sistema de mediações de segunda ordem que se forjam e se reproduzem as classes burguesa e proletária, no entanto, essas mediações são históricas, e se históricas, passíveis de transformação.

Sobre o proletariado, de acordo com Marx,

Onde se encontra a possibilidade *positiva* de emancipação alemã [emancipação humana]? Eis a nossa resposta: na formação de uma classe com *grilhões radicais*, de uma classe da sociedade civil que não seja uma classe da sociedade civil, [...], de uma esfera que possua um caráter universal mediante seus sofrimentos universais e que não reivindique nenhum *direito particular* porque contra ela não se comete uma *injustiça particular*, mas a *injustiça por excelência*, que já não possa exigir um título *histórico*, mas apenas o título *humano*, que não se encontre numa oposição unilateral às consequências, mas numa oposição abrangente aos pressupostos do sistema político alemão [do capital]; uma esfera, por fim, que não pode se emancipar sem se emancipar de todas as outras esferas da sociedade e, com isso, sem emancipar todas as esferas – uma esfera que é, numa palavra, a *perda total* da humanidade e que, portanto, só pode ganhar a si mesma por um *reganho total* do homem. Tal *dissolução* [grifo nosso] da sociedade, [...], é o *proletariado*. (MARX, [1843] 2013, p.162, grifos do autor)

Portanto, o proletariado reúne em sua particularidade as consequências desumanas da não apropriação plena das riquezas da generidade-não-mais-muda (LUKÁCS, 2010), mediadamente, produzidas a partir da objetivação alienada do trabalho social abstrato. E isso representa consequências práticas para a reprodução do ser do proletariado, uma classe subjugada à exploração de sua força de trabalho, de seu tempo de vida, que está também subjugado ao capital, ao acesso precário às condições de vida, de saúde, de moradia, de educação, diríamos, com veremos mais adiante em Marx, que o proletariado é o lugar da falta, é o presente que se realiza por meio da ausência, o proletariado se faz pela falta, falta-lhe os meios de produção, os instrumentos de trabalho, enfim, as condições para manter uma vida digna, justa. No entanto, simultaneamente, apesar de a classe proletária não usufruir de modo pleno desse patrimônio social, é imprescindível que enquanto sujeito histórico e revolucionário adquira por meio da teoria e da prática da luta de classes a consciência de

classe do proletariado<sup>17</sup> (LUKÁCS, 2012). Ou seja, compreenda radicalmente sua condição histórica de classe, especialmente, o seu potencial de classe revolucionária, pois o proletário é, e afirmamos mais uma vez, o sujeito produtor de toda a riqueza social que compõe o cabedal do gênero humano, e única classe que pode ser capaz de uma ação que, enfim, liberte as forças produtivas, os meios de produção, do mercado mundial, das relações alienadas do capital.

Essa compreensão consciente<sup>18</sup> em termos subjetivos da objetividade posta é necessária ao proletariado, mas condição insuficiente para que a luta de classes tenha algum êxito contra o capital. Porém, é imprescindível que essa mesma consciência, que esta visão de mundo específica se articule e enriqueça a práxis revolucionária que será exigida ao proletariado, porque lhe será exigida uma ação, uma tomada de decisão, num determinado período histórico, crucial, instável, bárbaro, e, ao mesmo tempo, decisivo a toda a humanidade, pois tal como afirma Marx “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, [1852] 2008, p.19). Se a história é como uma “locomotiva sem freios”, mas feita pelos homens, é provável que em decorrência da “alta velocidade”, da intensidade do processo atual de autodestruição da humanidade, o ser social, como classe, o proletariado, terá com ciência (em ambos os sentidos) que escolher para onde poderá tentar desviar esse “trem desgovernado” da história humana. Ou será isso, ou poderá ser o nosso fim. O momento revolucionário colocará a possibilidade de escrevermos com a carne e a consciência o primeiro capítulo da história da humanidade.

Desse modo, em Marx a realidade e o ser social – a respeito de sua produção e reprodução, tanto em termos de estrutura, como de superestrutura – são dados historicamente diante da complexificação dos atos e das necessidades humano-sociais e são, ao mesmo tempo, resultado de determinado modo de trabalho, hoje, posto como trabalho assalariado realizado pela classe proletária.

Assim, são engendradas relações sociais determinadas pelo valor de troca que geram a sociedade de classes do capital contemporâneo. Foi também nosso objetivo explicitar que o capital, a classe burguesa e, especialmente, o proletariado, só podem ser compreendidos a

---

<sup>17</sup> Aprofundaremos a análise sobre a consciência de classe do proletariado no terceiro capítulo desta pesquisa.

<sup>18</sup> A questão de a consciência de classe do proletariado ser “adquirida” na luta de classes, assim como de forma externa, por meio de outras instituições que possam contribuir para o seu desenvolvimento, será abordada no terceiro capítulo deste estudo.



partir da centralidade do trabalho contemporâneo (assalariado), porém a compreensão de tais categorias não se reduz a este (ao trabalho).

## **1.2 A Filosofia da práxis como o ponto de vista científico do proletariado: a prioridade da prática na unidade dialética teoria-prática na produção do conhecimento**

A existência de uma sociedade de classes, do proletariado, significa que vivemos ainda sob uma escravidão “formalizada”, continuamos aparentemente livres, cidadãos, presos aos limites, aos grilhões impostos pelo capital, pelo trabalho assalariado, pelo Estado, pela emancipação política, pela propriedade privada, pela divisão social do trabalho.

Marx em *Para a questão judaica* ([1843] 2009), a análise que difere qualitativamente a emancipação política da emancipação humana, graus de liberdade distintos, cidadania<sup>19</sup> e democracia (que são parte da emancipação política) são formas de expressão da alienação política do capital, mediações de segunda ordem que guardam em seu cerne a dependência com o sistema do capital, com a reprodução da sociedade de classes, pois, conforme sua natureza histórico-social, a cidadania não pode ir além de um conjunto de supostos “direitos” e deveres que possibilite tão somente a amenização das consequências destrutivas do capital sobre a vida humana. A cidadania é também uma mediação da mediação, que obstaculiza a luta pela emancipação humana, pois se trata de uma liberdade formal, que expressa igualmente o fosso profundo existente entre o âmbito político e particular da vida do homem, entre o que está previsto na Lei e o que acontece de fato no dia a dia de cada trabalhador. A cidadania é, portanto, uma ilusão a respeito da possibilidade de humanização do capital desumano. Para este, toda forma de desigualdade (social, cultural, econômica, política), posta historicamente na relação entre capitalista e proletário é fundamental à sua reprodução.

Nesse sentido, compreendemos que a teoria marxiana é a única capaz de representar o ponto de vista científico da classe social explorada (VÁSQUEZ, 2011), o ponto de vista do proletariado, porque se trata de uma filosofia que tem por finalidade ser a “expressão teórica do movimento proletário” (MARX e ENGELS, *Obras escogidas*, tomo II, ano?, p.144 apud VÁSQUEZ, 2011). Noutras palavras, a teoria de Marx pretendeu tão somente refletir teoricamente o real, as condições histórico-sociais em que a classe proletária se encontrava,

---

<sup>19</sup> Ver também sobre a análise da categoria cidadania em Tonet (2005; 2009), em Silveira-Fossaluzza (2017), em seu e-book intitulado *A gênese da relação entre educação escolar e cidadania no Brasil: uma investigação histórico-filosófica*.

assim como as condições de acirramento do antagonismo de classes, especialmente, as situações ditas revolucionárias que se deram entre burguesia e proletariado no século XIX, que, simultaneamente, implicaram ações e aprendizado à classe proletária em sua luta contra o capital. Exemplo desse quadro histórico encontramos em *O 18 Brumário* de Marx ([1852] 2008) que abordaremos mais adiante. Essas circunstâncias práticas refletidas teoricamente ao longo da obra de Marx foram essenciais não só à elaboração de seus pressupostos teóricos, mas indicam igualmente a superação da passividade até então em que se encontrava a Filosofia que se limitava a produzir pelo e no pensamento uma visão limitada, senão deturpada da realidade social.

Para Marx (VÁSQUEZ, 2011), a práxis é o fundamento do conhecimento, porque o homem só conhece, produz a realidade e a si mesmo à medida que se objetiva praticamente na natureza, portanto, essa práxis é também transformadora da realidade social. “É na prática que se prova e se demonstra a verdade [...] do pensamento” (Ibidem, p.148). Nesse sentido, a verdade não existe por si só, apenas no e pelo pensamento, mas somente na prática. Segundo o autor supracitado, não podemos julgar a verdade e a falsidade de uma teoria isolando-a da prática, pelo contrário, se a prática é o critério de verdade, a teoria é tão mais verdadeira, quanto mais se aproxima dessa mesma prática, dessa mesma realidade.

A concepção de práxis marxiana coloca-se, portanto, como atividade real, material e que deve atender a um determinado fim. Isto significa que essa mesma atividade é teleológica e teoricamente orientada, que o fim que condiciona a prática, tornando-a prática consciente, “tem por base o conhecimento da realidade que se quer transformar. Se ao atuar se atingem os fins que se perseguiram, isso significa que o conhecimento é verdadeiro”. E ainda, “É na *ação prática* sobre as coisas que se demonstra se nossas conclusões teóricas a seu respeito são verdadeiras ou não” (VÁSQUEZ, 2011, p.149, grifos nossos).

É esse o critério de verdade perseguido e realizado pela produção teórico-prática da obra de Marx e Engels. “O êxito [de uma teoria] não constitui a verdade; simplesmente a torna transparente, ou seja, torna visível que o pensamento reproduz adequadamente uma realidade” (VÁSQUEZ, 2011, p.149). Podemos pensar se nesse sentido a teoria marxiana, o pensamento de Marx, reproduziu adequadamente a realidade de seu tempo histórico, se o que Marx e Engels escreveram, a materialização de suas ideias corresponde a uma explicação verdadeira da realidade social. A tese sobre a mais-valia, por exemplo, não é ou não continua sendo uma realidade? O proletário não persiste sendo explorado pelo capitalista, por meio do salário que recebe, e as personificações do capital não acumulam cada vez mais lucro? Se tal

tese é posta em prática na realidade social, compreendemos, neste caso, que a referida tese é uma verdade.

A respeito da práxis revolucionária, da qual trataremos mais adiante, é importante mencionar que “A passagem da crítica radical do plano teórico ao prático é justamente a revolução”, e que a ação revolucionária, “ou crítica radical, que *correspondendo às necessidades radicais*, humanas, passa do plano teórico ao prático” (Ibidem, p.119, grifos nossos). Essa passagem da teoria à prática deu-se de modo relativo na época de Marx, pois podemos dizer que ainda a radicalidade de seu pensamento não se cumpriu de modo pleno, pois as ações revolucionárias da classe proletária contra o capitalismo ascendente do século XIX, devido às condições materiais de existência, de desenvolvimento ou do não amadurecimento suficiente do modo de produção e, especialmente, das forças produtivas, não puderam e ainda não alcançaram com êxito seu determinado fim.

No entanto, tendo a prática como critério de verdade, compreendemos que a perspectiva revolucionária presente na obra marxiana não se reduz a uma façanha do imaginário de nosso autor barbudo. Se o proletariado, por um lado, ainda não pôs em prática de modo radical suas forças sociais no sentido de superar o capital, se tais necessidades materiais e espirituais ainda não amadureceram o bastante, por outro lado, não podemos negar a importância e a atualidade do legado de Marx à compreensão das leis fundamentais do capital. Assim, é pertinente destacarmos a seguinte observação, quando Vásquez (2011, p.123-4, grifos do autor) analisa o lugar da práxis nos *Manuscritos de 1844*, e ressalta a necessidade que Marx teve em fundamentá-la cientificamente,

O proletário [nos *Manuscritos de 1844*] nos é apresentado, até agora, como ser que sofre, destinado a libertar-se e, portanto, como sujeito de uma práxis revolucionária. Trata-se do conceito um tanto especulativo e antropológico do proletário como ser que encarna o sofrimento humano e não do conceito científico a que chegará Marx posteriormente, sobretudo em *O Capital*, como *membro de uma classe social que carece de todo meio de produção e que, forçado a vender como mercadoria sua força de trabalho, produz mais-valia* [grifos nossos]. Marx vê até agora o proletário como um revolucionário que luta em virtude do caráter universal humano de seu sofrimento. Mas o proletário, objetiva e originalmente, é, como Marx verá nos *Manuscritos de 1844*, um ser ativo que produz objetos e que, como tal, contrai certas relações com outros homens, no âmbito das quais seu trabalho não deixa de ter consequências vitais para sua existência. Até agora o proletário se apresentara para Marx como a negação da essência humana, e não como agente da produção. Marx via nessa negação a necessidade e a possibilidade de sua emancipação. Mas é justamente a necessidade de fundamentar mais firmemente essa emancipação, assim como as condições da práxis revolucionária correspondente, que o leva a analisar as condições do proletário enquanto operário, pois a existência do proletariado se define, acima de tudo, como existência no trabalho [...]. São as condições específicas em que se dá a opressão do trabalhador em uma Alemanha atrasada, com um baixo desenvolvimento da produção, as que determinam que Marx veja o operário antes como revolucionário do que como produtor. No entanto, é justamente a necessidade de esclarecer e fundamentar a práxis revolucionária que leva a Marx a examinar a

atividade prática, material, do operário no processo de produção como trabalho alienado.

Observamos, portanto, que é a necessidade prático-teórica que levou Marx a analisar o capital, especificamente, o seu modo de produção. Se, por um lado, nas obras do jovem filósofo (*Manuscritos de 1844, A Crítica do Direito de Hegel* – Introdução, por exemplo) a classe proletária é a que se revolta contra a desumanidade, a opressão, produzida por meio da e na práxis produtiva alienada subsumida ao capital, por outro, é a partir dessas mesmas condições que Marx apreende que é no e por meio do proletariado, especialmente, do operariado industrial, que estão reunidas as possibilidades de emancipação real de toda a humanidade. Verificamos que o processo de amadurecimento intelectual de Marx que apreende primeiro o proletariado como sujeito capaz da práxis revolucionária, que reúne em sua particularidade histórica a negação da essência humana, o que ressalta um sentido antropológico no pensamento marxiano, porém, ao mesmo tempo, é esse sujeito prático e social que lhe coloca de modo imprescindível a exigência da compreensão teórica e radical das circunstâncias em que se dá sua atividade no âmbito da produção material, aqui “pulsa o coração” e está localizada a raiz da teoria marxiana.

Além disso, não deixemos de reconhecer que no campo da filosofia, Marx é um teórico que reconhece a prioridade da prática em relação à teoria, pois, como já mencionamos, Marx legitima a prática como critério de verdade, tal como observamos no texto das *Teses ad Feuerbach*<sup>20</sup> (escritas possivelmente em 1845), em que na *XI tese*, o autor supracitado afirma que “Os filósofos se limitaram a *interpretar* o mundo de diferentes maneiras, mas o que importa é *transformá-lo*”. Isso significa que as interpretações de diferentes pensadores enfatizaram no plano teórico, a atividade da consciência, pois legitimaram, ou justificaram o mundo a que pertenciam, assim como suas relações sociais. De qualquer modo, “Marx nunca negou que uma filosofia, mesmo sendo idealista, faça parte da realidade; faz parte dela pelas consequências práticas que tem enquanto teoria” (VÁSQUEZ, 2011, p.154).

Hegel e Feuerbach influenciaram de modo determinante o pensamento marxiano. De Hegel, o referido filósofo apropriou-se de um complexo de categorias que procuram explicar a realidade pela atividade do pensamento, pela lógica dialética. De Feuerbach, um materialista da natureza (da generidade muda<sup>21</sup>), Marx apreendeu a compreensão do fenômeno da alienação [*Entässerung*], que ultrapassa a relação entre o homem e a religião, pois o

---

<sup>20</sup> Conferir em Marx (2011, p.120, grifos do autor).

<sup>21</sup> Ver em Lukács (2010, p.77-8).

fenômeno da alienação, na visão marxiana, é o poder “mágico”, ilusório, que é produzido a partir do trabalho e suas relações sociais abstratas, pois o trabalhador não se reconhece, muitas vezes, no processo de produção e no produto que realiza. Esta forma de produzir, por meio das relações sociais, adquire para o trabalhador um aspecto “natural”, e ele, sem alternativas, a reproduz, se adapta a tal lógica de produção, a ela se rende.

Além disso, Marx combateu por meio de seus pressupostos teóricos a conciliação da razão com a realidade social. Hegel, em especial, procurou realizar teoricamente essa conciliação por meio da Ideia Absoluta e do Estado Moderno. Na perspectiva marxiana, interpretar o mundo não é condição o bastante para transformá-lo, ou seja, o homem, de acordo com a concepção ontológica, materialista e histórica de Marx, somente pode transformar e conhecer sua existência à medida que se realiza praticamente ao colocar-se em relação com a natureza e a sociedade.

É nesse sentido, que Marx pode ser compreendido também como o fundador da *Filosofia da práxis*. Esta não deve ser tida como atividade teórica que por si só é capaz de transformar a realidade (VÁSQUEZ, 2011), mas sim, como atividade real, teórico-prática, transformadora do mundo. Pensadores como Aristóteles (384 a.C. a 322 a.C.), Immanuel Kant (1724-1804), Georg Wilhelm Friedrich Hegel<sup>22</sup> (1770-1831), Ludwig Feuerbach (1804-1872), que antecederam Marx no campo da filosofia, reconheceram a prioridade da teoria sobre a prática, da subjetividade em detrimento da objetividade, do sujeito em relação ao objeto.

Na introdução elaborada por Lefebvre e Guterman (2011) aos *Cadernos sobre a Dialética de Hegel* escrito por Lenin, os autores expõem os limites do idealismo hegeliano e a superação desses mesmos limites pelo materialismo histórico. Notamos, mais uma vez, como

---

<sup>22</sup> “Hegel se distingue dos seus predecessores e, mais ainda, dos defensores contemporâneos de um sistema logicista universal precisamente porque nele a lógica – apesar do predomínio que obtém na determinação do sistema – não constitui o ponto de partida primário; e isso porque Hegel não tem a mínima intenção de chegar ao seu sistema universalista apenas desenvolvendo e aperfeiçoando a lógica, a matemática, etc., existentes; ao contrário, pretende criar – partindo de considerações e de pontos de vista ontológicos – uma lógica radicalmente nova, a lógica dialética, para desse modo alcançar um sistema lógico do ser e do devir no terreno global do ser em-si. O sujeito-objeto idêntico, a transformação da substância em sujeito, são os veículos dessa passagem da totalidade do ontológico em um sistema lógico. [...]. Se o meio homogêneo que serve de fundamento à conexão cognoscitiva possui caráter lógico, então o contraste entre o meio cognoscitivo homogêneo e a realidade heterogênea adquire um aspecto particular pelo qual um complexo (infinito) de fenômenos heterogêneos entre si – e, portanto, não imediatamente sistematizáveis e hierarquizáveis enquanto tais – é reproduzido no pensamento como sistema hierárquico homogeneamente acabado. [...]. Já que uma ordem hierárquico-sistemática só é possível num meio homogêneo, - e, com efeito, só a homogeneização pode formar a base para classificar os objetivos como inferiores ou superiores segundo certos pontos de vista, para conectá-los em unidade pondo um acima ou abaixo do outro, - é introduzida na realidade heterogênea um ponto de vista conectivo que lhe é totalmente estranho. Como vimos, essa discrepância pode ser corrigida pela ciência na maioria dos casos singulares, qualquer que seja sua abstratividade e universalidade; mas, para a realidade em seu conjunto, uma tal correção é por princípio impossível.” (LUKÁCS, 1979, p.52-3)

Marx colocou-se à frente de sua época na medida em que apreendeu no proletariado a possibilidade de concretizar histórica e praticamente a transformação da atual ordem social. Hegel, ao contrário de Marx, entende o capitalismo como um progresso espontâneo e natural, e vê no Estado moderno burguês a realização da Ideia absoluta (*Crítica da filosofia do direito de Hegel* [1843] 2013). A respeito dessa discussão sobre a conciliação do Estado moderno e da filosofia a partir da visão hegeliana<sup>23</sup>,

Ele [Hegel] concebeu o Estado prussiano de 1821 como uma efetividade no sentido preciso da *Lógica*, isto é, como a unidade imediata da essência interior e da existência exterior que veio a ser, como uma efetividade no sentido mais “enfático” da palavra. Nessa “maturidade da efetividade” doravante alcançada – madura inclusive para seu declínio – o pensamento não se opõe mais criticamente à efetividade, mas antes como o ideal reconciliado ao real “posto em frente a ele”. (LÖWITZ, 2014, p.55, grifo do autor)

O “ideal reconciliado ao real” encerra a lógica hegeliana num sistema enrijecido, se há reconciliação entre o Estado e a razão, no plano teórico, a relação de movimento, de reciprocidade dos contrários da Lógica, põe-se de modo problemática. O desenvolvimento infinito da História fica, teoricamente, reduzido aos limites da Lógica.

Para o idealismo, e especialmente para Hegel, o homem é um reflexo. O drama cósmico se desenvolve *fora* dele. O combate pelo homem e pela ideia está ganho pela eternidade. Esta filosofia exprime, em Hegel, a passividade do indivíduo burguês que constata o automatismo do capital, acredita na espontaneidade do progresso e aceita a ordem social burguesa como uma propriedade natural das coisas e da “sociedade”. Os materialistas restituem ao homem a sua realidade de ser carnal e vivo. Progressos são conquistas. O homem permanece um ser da natureza, mesmo quando se apodera dela. [...]. Pela primeira vez na história, o *proletariado* não necessita, para universalizar seus fins, mistificá-los projetando-os no absoluto, fora da natureza e do homem vivo, como se eles lhes fossem soprados no ouvido por um deus. Apresenta-os em sua verdade; e, assim, eles se expressam como fins do homem e da história humana - como universais, sendo humanos e *práticos*. (LEFEBVRE; GUTERMAN, 2011, p.65, *Introdução*, grifos nossos)

Os autores supracitados (re)afirmam a primazia da prática em relação à teoria, porém, apesar da primazia, e não da absolutização da prática, ambas se encontram em unidade dialética, em relação recíproca. Além disso, os autores destacam que a transformação do homem, da sociedade, não está fora do ser social, mas a possibilidade de transformação radical se encontra no homem mesmo, em sua ação, em sua ação-consciente contra o *modus operandi* do capital. Dito de outro modo, tendo em vista a sociedade em que hoje vivemos, as possibilidades de mudança se encontram reunidas no próprio ser do proletariado que, ao mesmo tempo, representa os fins do homem e da história humana, a classe social capaz de

<sup>23</sup>“Mas se, ao contrário, como em Hegel, a lógica é entendida como fundamento teórico da ontologia, é inevitável que as deduções lógicas sejam vistas como as próprias formas da gênese ontológica.” (LUKÁCS, 1979, p.54)

aut mediação. É nesta classe social, na perspectiva de Marx, que está contida a possibilidade histórica de realização do universal e do particular de modo não abstrato.

Ainda sobre a prática no que se refere à produção do conhecimento,

A prática está na origem do conhecimento (atividade na sensação e na percepção) e também no fim (verificação, controle, aplicação, realização). Ela envolve, portanto, toda a espiral ascendente. Há primazia da prática na unidade prática-teoria, como há primazia do objeto na unidade sujeito-objeto. É assim que há uma verdadeira unidade - uma vez que toda primazia da teoria apresenta a prática como uma aplicação extrínseca e rompe a unidade. A prática é sempre concreta. A teoria reencontra e desdobra a universalidade envolvida no conjunto das particularidades da prática. É assim que se desenvolve o movimento dialético do concreto ao abstrato e do retorno ao concreto enriquecido (do particular ao geral e reciprocamente), que conduz ao universal concreto, à ideia. Prática e teoria não se confundem - superam-se reciprocamente. A prática coloca os problemas e reclama a solução. A teoria elabora, antecipa, formula, unifica e completa. (LEFEBVRE; GUTERMAN, 2011, p.67, *Introdução*)

É por meio do movimento da unidade teoria e prática que Marx constrói seu sistema científico de análise do capital, produz um conhecimento filosófico que de algum modo coloca determinadas leis à compreensão da realidade social. Marx toma a realidade a partir da perspectiva da totalidade concreta, o que significa que procura apreender o capital, por meio da análise da sociedade civil burguesa, objeto de estudo de toda a sua vida, partindo da prática que “é sempre concreta” e que nos coloca os problemas humano-sociais a serem apreendidos pelo pensamento, e nos reclama alguma solução. De alguma maneira, os problemas podem até mesmo ser antecipados pela teoria, esclarecidos ou ainda metamorfoseados por ela. É na apreensão das contradições que movem a realidade, que Marx capta a particularidade, as leis fundamentais que reproduzem o capital, o que lhe permite explicá-lo cientificamente.

Sobre o capital, categoria que já mencionamos, Antunes (2009, p.25, grifos do autor) afirma que,

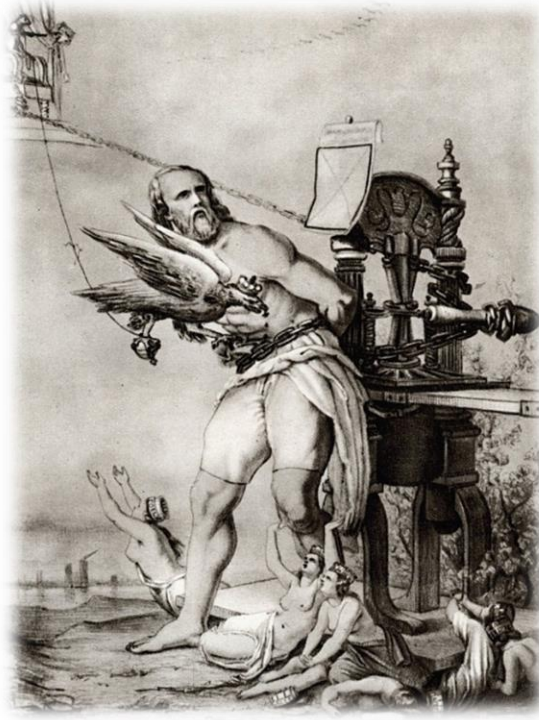
Para Mészáros, *capital* e *capitalismo* são fenômenos *distintos*, e a identificação conceitual entre ambos fez com que todas as experiências revolucionárias vivenciadas neste século [XX], desde a Revolução Russa até as tentativas mais recentes de constituição societal socialista, se mostrassem incapacitadas para superar o *sistema de metabolismo social do capital*, isto é, o complexo caracterizado pela divisão hierárquica do trabalho, que subordina suas funções vitais ao *capital*. Este, segundo o autor, antecede o *capitalismo* e é a ele também posterior. O capitalismo é *uma* das formas possíveis da realização do capital, [...], presente na fase caracterizada pela generalização da *subsunção real* do trabalho ao capital. Assim como existia *capital* antes da generalização do *sistema produtor de mercadorias* (de que é exemplo o capital mercantil), do mesmo modo pode-se presenciar a continuidade do capital *após* o capitalismo, por meio da constituição daquilo que Mészáros denomina “sistema de capital pós-capitalista”, que teve vigência na URSS e demais países do Leste europeu, durante várias décadas deste século XX. Esses países, embora tivessem uma configuração *pós-capitalista*, foram incapazes de romper com o sistema de metabolismo social do capital.

Romper com o metabolismo social do capital, que como observamos antecede e é posterior à formação histórica do capitalismo, uma das formas de realização do capital, que para Mészáros continua a se reproduzir tendo em vista a experiência histórica e revolucionária da ex-URSS e de outros países do Leste europeu, significa a superação do sistema de mediações de segunda ordem, que já mencionamos anteriormente neste trabalho. Abordar o processo revolucionário, mais ainda vivenciá-lo como o fizeram Lenin, Trotsky, Stalin, por exemplo, mostra-nos a complexidade de tal processo e como é imprescindível considerar num momento revolucionário a transformação radical da estrutura e da superestrutura pela ação revolucionária. Portanto, capitalismo e capital para Mészáros são categorias distintas, e a incompreensão de que se tratam de fenômenos diferentes permite, ao mesmo tempo, a elaboração de ações, assim como de ideias falseadas a respeito da realidade social, ou seja, ações e ideias, que, dependendo das circunstâncias, em vez de colaborar para a luta contra o capital, acabam por justificá-lo mesmo quando supõem combatê-lo.

De acordo com Vásquez, “Com Marx, [...] práxis como atividade humana transformadora da natureza e da sociedade passa para o primeiro plano. A filosofia se torna consciência, fundamento teórico e seu *instrumento*” (VÁSQUEZ, 2011, p.111, grifo nosso). Ainda segundo o referido autor (Ibidem, p.117), somente a partir do *Manifesto do Partido Comunista* (1848), “[...] obra em que se fundamenta o encontro do pensamento e da ação”, é que podemos realmente compreender o marxismo como Filosofia da práxis, e que deve ser uma teoria concebida como um processo que não pode ter fim. Além disso, a primazia da objetividade em detrimento da subjetividade ajudará a compreender a coerência existente no pensamento marxiano, a importância da práxis revolucionária do e para o proletariado, assunto que discorreremos mais adiante.

Desse modo, Marx cria uma teoria que se produz na relação com e por meio da prática. De acordo com Lenin (2010, p.81) “Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário”. Sem teoria revolucionária que representa certa visão de mundo (LÖWY, 2013) radicalmente transformadora não pode existir uma verdadeira práxis revolucionária. Portanto, a apropriação da teoria marxiana pelo proletariado põe-se de modo determinante e urgente, mas que por si só é incapaz de transformar o real. A radicalidade de Marx somente se efetivará quando seus pressupostos teóricos penetrarem nas lutas de classes, pois tais fundamentos enriquecem a ação do proletariado, ou seja, se se colocarem, de fato, em unidade dialética com a força material da classe revolucionária.





**Fonte:** Konder (2010) “Karl Marx como Prometeu<sup>24</sup> acorrentado. Na mitologia grega, Zeus castigou o titã por ter roubado o fogo dos deuses a fim de entregá-lo aos homens: acorrentado a uma coluna, tinha seu fígado devorado todos os dias por uma águia; durante a noite, o órgão se regenerava para, no dia seguinte, a tortura se repetir. Na alegoria, Marx acorrentado a uma prensa, e seu fígado é devorado pela águia símbolo da Prússia, representando a repetida censura sofrida, em especial na *Gazeta Renana*, fechada pelo governo prussiano em 1843”.

Marx teria deixado à humanidade um “lampejo” de lucidez à compreensão do real?

### 1.3 A centralidade do proletariado: a importância do operariado na tradição marxista

Nos escritos de Marx, deparamo-nos com a centralidade do operariado.

Já nas obras *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo* de Lessa (2011) e em *Proletariado e Sujeito Revolucionário* de Lessa e Tonet (2012), os autores definem o proletariado como sendo a classe social, distinta dos assalariados, constituída apenas pelos trabalhadores que transformam a natureza e que produzem diretamente a riqueza social.

No entanto, defenderemos que o proletariado contemporâneo é a classe social mais ampla e complexa, que inclui, ao mesmo tempo, aquela fração de classe observada por Marx e Engels no século XIX, o operariado industrial.

Portanto, refirmarmos neste estudo a definição de proletariado proposta por Engels em 1888 à edição inglesa do *Manifesto*, em que o operariado é a fração da classe proletária que se

<sup>24</sup>*Prometeu acorrentado*, de Ésquilo. “Prometeu: Eu te direi claramente o que desejas saber; eu te direi sem enigmas, com toda a simplicidade, como se deve falar a um amigo. Vês aqui aquele que deu fogo aos mortais: Prometeu!” (ÉSQUILO, 2011, p.41)

desenvolve e alavanca as revoluções do século XIX, porque reúne em seu ser e consciência as consequências brutais do desenrolar das condições do trabalho assalariado, que se dão a partir, especialmente, da *Revolução Industrial* inglesa (1760). É esta realidade social, que de modo aproximado, será refletida e sintetizada pelo pensamento de Marx e Engels.

Hobsbawm (2014, p.58, grifos nossos) em *A era das revoluções*, analisa o período histórico europeu que abrange de 1789 a 1848, e segundo o autor somente “[...] a partir da década de 1840 é que o proletariado, *reberto da revolução industrial*, e o comunismo, que se achava agora ligado aos movimentos sociais [...] abriram caminho pelo continente”. Aqui, notamos que a parte da população, que perde a posse sobre o processo e os instrumentos de trabalho durante o período de transição do feudalismo ao capitalismo, é absorvida e explorada pelo capital industrial que está em franco avanço desde o século XVIII. Como a indústria encontra-se no início de seu desenvolvimento, a práxis produtiva, material que transforma a natureza é incorporada pelo capital ao novo modo de produção, como principal força produtora direta de mais-valia, e, é nesse sentido que compreendemos o porquê de o proletariado na ótica de Marx ter seu núcleo e seu ponto de partida na ação da classe operária, do proletariado industrial.

Sobre a questão da centralidade do proletariado industrial, não só nos tempos de Marx, mas tendo em vista o atual quadro histórico, vemos ainda em Antunes (2009, p.102, grifos do autor) que,

*A classe-que-vive-do-trabalho*, a classe trabalhadora, hoje inclui a totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho, tendo como núcleo central os *trabalhadores produtivos* (no sentido dado por Marx especialmente no *Capítulo VI, Inédito*). Ela não se restringe, portanto, ao *trabalho manual direto*, mas incorpora a *totalidade do trabalho social*, a totalidade do *trabalho coletivo assalariado*. Sendo o *trabalhador produtivo* aquele que produz diretamente mais-valia e participa *diretamente do processo de valorização do capital*, *ele detém, por isso, um papel de centralidade no interior da classe trabalhadora*, encontrando no *proletariado industrial* o seu núcleo principal. Portanto, o *trabalho produtivo*, onde se encontra o proletariado, no entendimento que fazemos de Marx, *não se restringe ao trabalho manual direto* (ainda que nele encontre seu núcleo central), *incorporando também formas de trabalho que são produtivas, que produzem mais-valia, mas que não são diretamente manuais [...]*.

A noção ampliada, a expressão, a classe-que-vive-do-trabalho, que Antunes (2009) utiliza a fim de compreender o proletariado contemporâneo, vai além dos trabalhadores produtivos que produzem diretamente mais-valia e engloba também os trabalhadores improdutivos, os trabalhadores em serviços, e inclui ainda a totalidade daqueles que estão submetidos a condições precárias de trabalho, os chamados trabalhadores terceirizados, denominados ainda pelo referido autor, como o proletariado precarizado, o subproletariado

moderno. Chamamos a atenção para o fato de que Antunes (2009), por meio de sua análise da obra marxiana, também atribui ao operariado industrial, o papel de centralidade do proletariado moderno, e que essa posição nuclear do operariado adotada pela obra de Marx persiste até os dias atuais.

Além do mais, o operário é o proletário que incorpora diretamente em seu ser da classe as mediações de segunda ordem, assim como os modelos de reestruturações produtivas<sup>25</sup> do capital de modo radical se o compararmos a outras frações de classe do proletariado como, no caso, dos professores da Educação Básica, que são também considerados proletários, os trabalhadores explorados pelas modalidades de trabalho terceirizado, dentre outros. Poderíamos dizer que o operariado industrial é o proletariado em seu estado “puro”, no entanto, o proletariado contemporâneo não pode ser reduzido a uma única fração de classe, até mesmo porque o operariado industrial, e isso não quer dizer o seu fim, vem diminuindo, como veremos na terceira parte deste estudo, e o que se constata dessa situação histórico-social é o decréscimo do proletariado industrial em relação ao aumento do subproletariado, ou seja, do proletariado precarizado (ANTUNES, 2009).

Outra questão, e não única como veremos mais adiante, que nos permite compreender também o professor como um proletário, como um “trabalhador”, é a chave analítica que Antunes (2009, p.103, em nota) utiliza para a definição da classe trabalhadora atual que o autor *supra* adota como sinônimo de proletariado, que se refere ao assalariamento e a venda da força de trabalho.

É inegável hoje que o trabalho assalariado como um traço do proletariado e ao qual está subsumida não só a práxis produtiva, igualmente abrange e submete a si outros tipos de práxis, de atividades e de serviços. Compreendemos, por exemplo, que o professor é um “trabalhador”, um proletário, não pelo tipo de atividade, de práxis que realiza, apesar de a práxis educativa ter sua origem no trabalho, mas sim à medida que para exercer sua atividade o docente necessita também vender sua força de trabalho no mercado, o que significa, ao mesmo tempo, tornar-se um assalariado, receber em troca um salário<sup>26</sup> para que possa sobreviver.

---

<sup>25</sup> Conferir discussão em Antunes (2009).

<sup>26</sup> Marx em *Miséria da Filosofia* ([1847] 2011, p.81, grifos nossos) sobre o *salário*, afirma que “Se o valor relativo de uma mercadoria determina-se pela *quantidade de trabalho* gasta para produzi-lo[a], conclui-se naturalmente que o valor relativo do trabalho, ou o *salário*, é da mesma forma *determinado pela quantidade de trabalho necessária para produzir o salário*. O salário, isto é, o valor relativo ou o *preço* do trabalho, portanto, é fixado pelo *tempo de trabalho* preciso para produzir *tudo* o que é necessário à *manutenção* do operário”.

Entendemos, assim, que o proletariado contemporâneo do século XXI, apesar de o processo de expansão, de reestruturação do capital, incorporar de modo irrefreável outras classes, frações de classe ao proletariado, este conserva ainda como seu núcleo central a classe operária. É imprescindível que tenhamos claro que a teoria marxiana edifica seu sistema de compreensão da realidade concreta a partir do trabalho, que, num primeiro momento, deve ser considerado como atividade material, prática, mediação entre homem e natureza, cujo ponto de partida e de chegada da teoria marxiana é a práxis produtiva (VÁSQUEZ, 2011), que atualmente se realiza como trabalho produtivo estranhado em unidade dialética com o proletariado industrial, no entanto, devido à complexidade das relações sociais, não podemos, ao mesmo tempo, reduzir o proletariado ao operariado industrial, e nem as diferentes práxis ao âmbito do trabalho produtivo.

No que se refere especialmente à atividade produtiva e aos elementos constituintes dessa práxis (teleologia, apropriação, objetivação, exteriorização<sup>27</sup>), compreendemos, ao verificar outras modalidades de práxis (educativa, artística, política) de acordo com Vásquez (2011) - e não qualquer atividade, pois nem toda atividade é práxis -, é que essas diferentes práxis (artística, educativa, política), apesar de não serem em si consideradas trabalho, de não se identificarem ou de não serem diluídas no trabalho, elas têm sua origem, sua gênese na atividade produtiva e conservam traços essenciais que são inerentes ao trabalho (teleologia, apropriação, objetivação, exteriorização). E mais, as diferentes práxis também detêm uma autonomia relativa<sup>28</sup> em relação à sua base, o que lhes permite conter características que lhes são próprias, possibilitando-nos distinguir as práxis umas das outras.

Assim, entendemos que a práxis educativa é “trabalho” no sentido de que se trata de uma práxis que está igualmente subsumida ao capital, cuja venda da força de trabalho e o assalariamento colocam-se como *conditio sine quibus non* a todos os trabalhadores, inclusive, aos professores.

Porém, ao mesmo tempo, a práxis educativa não é trabalho, pois como atividade em si detém características que lhe são singulares e, além disso, não é transformadora direta da natureza. Condição esta para Marx que é tomada em seu sentido literal. Essa questão certamente merece um estudo mais detalhado, o que não faremos neste momento. O que é

---

<sup>27</sup> “A *exteriorização* é esse momento do trabalho pelo qual a subjetividade, com seus conhecimentos e habilidades, é *confrontada* com a objetividade a ela externa, à *causalidade* e, por meio deste confronto, pode não apenas verificar a validade do que conhece e de suas habilidades, como também pode desenvolver novos conhecimentos e habilidades que não possuía anteriormente.” (LESSA, 2007, p.39, grifos nossos)

<sup>28</sup> Ver Tonet (2005).

importante destacar é que a práxis educativa, portanto, é e não é, ao mesmo tempo, considerada trabalho. O é porque a atividade educativa está submetida às condições impostas pelo trabalho assalariado, no entanto, quando considerada em si mesma, a práxis educativa não é trabalho. E independente da discussão de a atividade educativa ser ou não considerada trabalho, ou de ser e, ao mesmo tempo, não ser considerada trabalho, o professor pertence ao proletariado, enquanto classe social, porque vende sua força de trabalho, mas ele somente é obrigado a vendê-la, porque não é detentor dos meios de produção. Neste caso, não é o tipo de práxis ou de atividade que o define como pertencente ao proletariado, mas o que determina o fato de o indivíduo pertencer a uma classe e não a outra é a posse ou não posse dos meios de produção, a venda da força de trabalho, no caso do proletariado, que é uma consequência daquela condição.

Retomando a discussão acerca do operariado, essa dimensão central do proletariado, “[...] por volta da década de 1830 e início da de 1840”, em que o progresso do capital industrial, principalmente da indústria algodoeira, estava longe de ser tranquilo e gerava problemas de crescimento, ocorria, ao mesmo tempo, uma “agitação revolucionária sem paralelo em qualquer outro período da história britânica recente” (HOBSBAWM, 2014, p.74).

Suas mais sérias consequências [da primeira crise geral do capitalismo] foram sociais: a *transição* da nova economia criou a *miséria* e o *descontentamento*, os *ingredientes da revolução social*. E, de fato, a revolução social eclodiu na forma de levantes espontâneos dos *trabalhadores da indústria* e das populações pobres das cidades, produzindo as revoluções de 1848 no continente e os amplos movimentos cartistas na Grã-Bretanha. O descontentamento não estava ligado apenas aos trabalhadores pobres. Os pequenos comerciantes, [...], a pequena burguesia, setores especiais da economia eram também vítimas da revolução industrial e de suas ramificações. Os trabalhadores de espírito simples reagiram ao novo sistema destruindo as máquinas que julgavam ser responsáveis pelos problemas; mas um grande número de homens de negócios e fazendeiros ingleses simpatizava profundamente com essas atividades dos seus trabalhadores luditas [grupo de trabalhadores ingleses que, entre 1811 e 1816, se rebelaram e destruíram máquinas têxteis, pois acreditavam que elas eram responsáveis pelo desemprego] porque também eles se viam como vítimas da minoria [...] de inovadores egoístas. A exploração da mão de obra, que mantinha sua renda em nível de subsistência, possibilitando aos ricos acumular os lucros que financiavam a industrialização [...], criava um conflito com o *proletariado*. [...]. Os trabalhadores e a queixosa pequena burguesia, prestes a desabar no abismo dos *destituídos de propriedade*, partilhavam portanto dos mesmos descontentamentos. Estes descontentamentos por sua vez uniam-nos nos movimentos de massa do “radicalismo”, da “democracia” ou da “república”, cujos exemplares mais formidáveis, entre 1815 e 1848, foram os radicais britânicos, os republicanos franceses e os democratas jacksonianos americanos. (HOBSBAWM, 2014, p.75-6, grifos nossos)

É o operariado industrial descrito na citação anterior, faminto, destituído de suas posses, de seu trabalho, conforme o capital avança na Inglaterra, que substitui a mão de obra artesanal pela manufatura, depois pela indústria, pela frieza e intensidade das máquinas, que é

o elemento central nas obras de Marx e de Engels, tal como encontramos em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* (1852), *a Luta de classes na França – de 1848 a 1850* (1850), *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845, ano de lançamento da obra), *A guerra civil na França* (1871). Essas publicações reúnem e explicitam a preocupação que Marx e Engels tiveram em acompanhar “a quente” os acontecimentos históricos e revolucionários associados ao *proletariado* (ao operariado) e ao desenvolvimento do capital na Europa do século XIX, e confirmam mais uma vez a unidade dialética da *teoria-prática* presente em seus escritos. Aliás, as observações de Hobsbawm (2014) explicitam as contradições, o movimento realizado pelos trabalhadores pobres, destituídos de propriedade, o operariado industrial nascente, contra as máquinas, símbolo e materialização do desenvolvimento industrial, por meio dos levantes espontâneos, assim como a insatisfação da pequena burguesia, que quando tem seus interesses em jogo, é capaz de se posicionar momentaneamente a favor do proletariado.

Em *O 18 de Brumário*, vemos como a *luta de classes* eclodiu nos anos de 1848<sup>29</sup>, 1849, 1850 e 1851, anos fervorosos, especialmente, na França, em que Marx vivenciou e realizou uma síntese dos fatos históricos da época e captou a dialética do movimento político entre as frações da classe burguesa, dos partidos elitistas daquele período (os legitimistas - os Bourbons - e os orleanistas, que representavam respectivamente os interesses da aristocracia financeira, da grande propriedade territorial, com seus padres e lacaios; assim como os interesses da burguesia financeira, da grande indústria, do alto comércio), e entre estes e o proletariado, que fora massacrado na revolução de junho de 1848, quando realmente se dá o início do período da república burguesa.

Marx ([1852] 2008, p.47) afirma ainda que os legitimistas e os orleanistas formavam, por sua vez, as duas grandes facções do partido da ordem, e “O que separava as duas facções,

---

<sup>29</sup> Segundo Engels (2008, p.39) a crise do comércio mundial de 1847 fora a verdadeira, a “força motriz”, que teria eclodido a *revolução de fevereiro de 1848*, em que a burguesia com o apoio do proletariado depôs o duque de Orléans, o reinado de Luís Felipe (1830-1848), que se iniciou com a vitória da classe burguesa industrial na *revolução de julho*, na revolução burguesa de 1830, que derrubou a dinastia dos Bourbons. Ainda sobre os motivos que levaram à revolução de fevereiro de 1848, Marx (2008, p.70-1) menciona que “A praga da batata e as más colheitas de 1845 e 1846 aumentaram a eferescência geral do povo. A carestia de 1847 fez estalar os conflitos sangrentos não só da França, mas também no resto do continente. Frente às escandalosas orgias da aristocracia financeira: a luta do povo pelos bens de primeira necessidade! [...]. O segundo grande acontecimento econômico que acelerou o rebentar da revolução foi a crise geral do comércio e da indústria na Inglaterra. Anunciada já no outono de 1845 pela derrota maciça dos especuladores em ações das ferrovias, retardada durante o ano de 1846 por uma série de casos pontuais, como a iminente abolição das taxas aduaneiras sobre os cereais, acabou por eclodir no outono de 1847 com a bancarrota dos grandes mercadores coloniais londrinos, seguida de perto pela falência dos bancos provinciais e pelo encerramento das fábricas nos distritos industriais ingleses. Ainda os efeitos dessa crise não tinham se esgotado no continente e já rebentava a revolução de fevereiro”.

eram suas condições materiais de existência, [...], era o velho contraste entre cidade e campo, a rivalidade entre o capital e o latifúndio”. E contra a burguesia, de acordo com Marx ([1852] 2008), fora formada a coalizão entre pequeno-burgueses e operários, que formaram o chamado partido social democrata. Segundo o autor, a pequena burguesia viu seus interesses materiais e suas garantias democráticas ameaçadas após as jornadas de junho de 1848, e aliou-se aos operários (formando a nova Montanha – partido político). No entanto, Marx (Ibidem, p.50), sobre o caráter da social-democracia, ressalta que essa se resume ao “fato de exigir instituições democrático-republicanas como meio não de acabar com os dois extremos, capital e trabalho assalariado, mas de [...] transformá-lo[s] em harmonia”. Essa marcha histórica francesa captada por Marx é exposta de modo detalhado no decorrer de seu texto e culmina com o golpe de Estado de Luís Bonaparte, que se dá em 2 de dezembro de 1851. Engels ([1885] 2008, p.18) no prefácio à terceira edição de *O 18 Brumário*, afirma que

Fora precisamente Marx quem primeiro descobrira a grande lei de marcha da história, a lei segundo a qual todas as lutas históricas, quer se processem no domínio político, religioso, filosófico, quer em qualquer outro campo ideológico, são na realidade apenas a expressão mais ou menos clara de lutas entre classes sociais, e que a existência e, portanto, também os conflitos entre essas classes são, por seu turno, condicionados pelo grau de desenvolvimento de sua situação econômica, pelo seu modo de produção e pelo seu modo de troca, este determinado pelo precedente. Essa lei – que tem para a história a mesma importância que a lei da transformação da energia tem para as ciências naturais – forneceu-lhes, aqui também, a chave para a compreensão da história da II República Francesa. Marx aplicou sua lei a essa história, e mesmo depois de decorridos trinta e três anos temos ainda de admitir que ela resistiu brilhantemente à prova.

Em a *Guerra Civil na França* (1871), Marx analisa um dos acontecimentos históricos e revolucionários, senão o mais importante que envolveu a classe proletária, que se refere *A Comuna de Paris* (1871), uma experiência histórica importante ao desenvolvimento do proletariado revolucionário do século XIX, em que o “Comitê Central da Guarda Nacional [criado em fevereiro de 1871] encabeçou a insurreição proletária de 18 de março de 1871 e, [...], exerceu (até 28 de março) as funções do primeiro governo proletário da história”<sup>30</sup>. Retomaremos a experiência histórica da Comuna de Paris ao tratarmos da *práxis revolucionária*.

Engels ([1895] 2008, p.43) faz um balanço a respeito das experiências revolucionárias empreendidas durante o século XIX que se sucederam até então e afirma que “Todas as revoluções até hoje resultaram no desalojamento de uma determinada dominação de classe por outra; todavia” as classes que até o momento histórico haviam prevalecido eram classes

---

<sup>30</sup> Comentário de Engels à edição de 1895 de *As lutas de classes na França de 1848 a 1850*, ver em Marx (2008).

representantes dos interesses, especialmente, econômicos das minorias em detrimento à “massa popular dominada”. E ainda menciona que “[...] a forma comum de todas as revoluções era elas serem revoluções de minorias”, no decorrer do processo de transformação, mesmo quando a maioria cooperava e apoiava as ações de minorias, que aparentemente defendiam os interesses daquela, estes acabavam sendo traídos, pois a própria minoria após a vitória dividia-se, o que trazia consequências para a luta das massas e daqueles que pelo menos pareciam defender os interesses do proletariado.

*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845) é vivida e observada pessoalmente pelo jovem Engels, quando este resolve se estabelecer na “oficina do mundo”, na Inglaterra do século XIX, especificamente, em Manchester, ali onde a ordem burguesa, impulsionada pelo capital, de acordo com Paulo Netto (2010, p.23), deflagra a revolução industrial, “constrói o seu perfil urbano-industrial, trazendo consigo o seu inevitável acólito, o proletariado”. Engels se instala em Manchester no início de dezembro de 1842 e depara-se com a situação de penúria, opressão, humilhação, doenças, má alimentação, habitação, de trabalho precário, ou seja, com as condições desumanas de existência, que afligiram o proletariado desse período. Logo no prefácio de sua obra, Engels ([1845] 2010, p.41, grifos nossos) afirma que “A situação da classe operária é a base real e *ponto de partida* de todos os movimentos sociais de nosso tempo porque ela é, simultaneamente, a expressão máxima [...] de nossa miséria social”. E que “Os primeiros proletários [operários industriais] surgiram com a indústria, foram seu produto imediato” (ENGELS [1845] 2010, p.63).

*O proletariado é desprovido de tudo* [grifos nossos] – entregue a si mesmo, não sobreviveria um único dia, porque a burguesia se arrogou o monopólio de todos os meios de subsistência, [...]. Aquilo de que o proletariado necessita, só pode obtê-lo dessa burguesia, cujo monopólio é protegido pela força do Estado. Eis por que o proletariado, de direito e de fato, é *escravo da burguesia* [grifos nossos], que dispõe sobre ele de um poder de vida e de morte. Ela lhe oferece os meios de subsistência, mas em troca de um “equivalente” – seu trabalho; e chega ao ponto de lhe dar a *aparência de agir segundo sua própria vontade* [grifos nossos], de estabelecer livremente com ela um contrato, sem constrangimentos, como se o proletariado fosse o autor de seu próprio destino. Bela liberdade, que deixa ao proletariado, como alternativa à aceitação das condições impostas pela burguesia, a chance de morrer de fome, de frio, de deitar-se nu e dormir como animal selvagem! Belo “equivalente”, cujo montante é inteiramente deixado ao arbítrio da burguesia! E se o operário for suficientemente louco para preferir morrer de fome a se submeter às “justas” propostas dos burgueses, seus “*superiores naturais*”? Ora, é fácil encontrar um outro que as aceite, pois há muitos proletários no mundo e nem todos são insensatos o bastante para preferir a morte à vida. [...]. Se *todos* os proletários afirmassem sua decisão de morrer de fome a trabalhar para a burguesia, esta seria obrigada a renunciar ao seu monopólio. (Ibidem, p.118, grifos do autor)

Vimos que a afirmação de Engels ([1845] 2010) é contundente, o proletariado é apenas proprietário de sua força de trabalho, pois foi privado dos meios de produção de



existência, do trabalho, dos conhecimentos científicos e da cultura mais elaborada, conforme o avanço da revolução industrial, e por isso ainda continua obrigado por meio de um “contrato” a dispor-se como um escravo à classe burguesa, “A classe dominante [que] não descarta e despreza os trabalhadores apenas física e intelectualmente, mas também moralmente” (Ibidem, 154). A classe, que devido às suas condições de existência, está compelida a reproduzir o capital, às custas de sua própria inexistência enquanto classe social autêntica, revolucionária, emancipadora e emancipada das mazelas do capital, e produtora, ao mesmo tempo, de toda a riqueza social. O proletariado representa ainda a insegurança, “[...] a necessidade de viver cada dia com um salário sem saber o que lhe acontecerá na manhã seguinte – em suma, aquilo que faz deles *proletários*”. (Ibidem, p.155, grifo do autor). E ainda segundo Engels ([1845] 2010, p.155, grifos nossos),

*O proletário, por seu turno, que só possui de seu os próprios braços, que consome à noite o que ganhou durante o dia, que está inteiramente sujeito ao acaso, que não tem nenhuma garantia futura de assegurar-se os meios mais elementares de subsistência – em função de uma crise ou de um capricho do patrão pode ficar desempregado -, está reduzido à condição mais revoltante, mais desumana que se pode imaginar. O escravo, pelo menos, tinha assegurada sua existência graças ao interesse de seu senhor; o servo da gleba, pelo menos, dispunha de um pequeno pedaço de terra, do qual vivia; ambos tinham a garantia, pelo menos, da sobrevivência pura e simples; mas o proletariado está abandonado a si mesmo e, ao mesmo tempo, está impossibilitado de empregar sua força de modo a valer-se dela para viver.*

Verificamos alguns traços essenciais, relações sociais que fazem do proletariado, o proletariado: a não posse dos meios de produção, detentor apenas da sua força de trabalho, a necessidade da venda de sua capacidade de trabalho, para receber em troca um salário que possibilite a sua sobrevivência, o proletário que, abandonado a si mesmo, vive diante da necessidade e da insegurança do emprego, podendo ficar desempregado do dia para a noite, ficando à mercê dos interesses de produção e reprodução do capital, especialmente, quando este se encontra em tempos de crise econômica. O proletariado, enfim, reúne a miséria social em sua particularidade, em seu ser da classe, miséria e insegurança que ainda persistem nos dias de hoje. Quantos trabalhadores, especialmente, trabalhadores brasileiros, não dependem unicamente do salário para garantir meios mínimos de vida, quantos ainda não residem numa moradia digna, não usufruem dos bens culturais de modo pleno, estão propensos e são obrigados a uma alimentação precária, consumindo apenas o necessário, o “básico”, quantos trabalhadores, inclusive, professores, necessitam dispor de sua força de trabalho realizando dupla, tripla jornada de “trabalho” a fim de garantirem para si um salário mais “justo”. Quantos ainda não vivem a ilusão de liberdade de escolha de seus próprios destinos?

O que observamos nas leituras das obras supracitadas de Marx e Engels é a captura do movimento histórico impulsionado pelas lutas de classes, pelas contradições, sobretudo, e esse motor da história é o momento predominante que detém em sua base causas materiais, ou seja, condições materiais de existência, que põem em movimento classes inteiras. Como afirmou Marx no *Manifesto* (1848), “A história de todas as sociedades que existiram até hoje é a história da luta de classes” (MARX, 2007, p.45). E foi por meio desse movimento histórico que Marx também apreendeu, especialmente, no proletariado industrial o potencial revolucionário, este posto praticamente por meio do ser da classe proletária.

Ainda a respeito da centralidade do operariado na obra marxiana, Fernandes (2012) - em *Marx, Engels, Lenin: a história em processo* resgata uma coletânea de textos da obra de Marx, Engels e Lenin, apresentando uma análise desses textos, o que colabora à compreensão da trajetória intelectual e política de Marx<sup>31</sup> como o fundador da História, numa perspectiva dialética, elevada ao *status* de ciência e essencial à apreensão da realidade social. Fernandes (2012) também ressalta a importância que a referida fração de classe tem na teoria marxiana e afirma: “A classe operária é a classe revolucionária; ao emancipar-se, ela emancipará, universalmente, todos os seres humanos, oprimidos ou opressores” (FERNANDES, 2012, p.40), e relaciona essa citação ao fato de que Marx alcançaria sozinho ou em colaboração com Engels formulações mais precisas das descobertas teóricas que vinha fazendo até então, essas descobertas vão sendo aprofundadas em obras como *A Ideologia Alemã* (1845), *Miséria da Filosofia* (1847) e *o Manifesto do Partido Comunista* (1848), obra essa em que observamos a seguinte passagem,

Com o desenvolvimento da burguesia, [...], desenvolve-se também o proletariado, a classe dos *operários modernos*, os quais *só vivem enquanto têm trabalho e só têm trabalho enquanto seu trabalho aumenta o capital*. Esses *operários*, constrangidos a vender-se a retalho, são mercadoria, artigo de comércio como qualquer outro; em consequência, estão sujeitos a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as flutuações do mercado (MARX, [1848] 2010, p.46, grifos nossos).

Não há dúvida que o operariado do período de Marx representa a fração da classe proletária mais avançada e capaz de alavancar um processo revolucionário, como já afirmamos, por esse motivo destacamos mais uma vez que essa mesma centralidade persiste nos dias atuais, no entanto, o proletariado contemporâneo não é o mesmo do período em que viveram Marx e Engels, e, portanto, uma expressão ampliada do proletariado, que possa abranger a totalidade dos trabalhadores assalariados, que valorizam direta e indiretamente o

---

<sup>31</sup> Lukács em nota nos *Prolegômenos*, afirma que Marx, e essa contribuição para Lukács seria a mais significativa da teoria marxiana à Filosofia, elaborou a tese de que o ser social é fundamentalmente histórico (LUKÁCS, 2010, p.81).

capital por meio da extração de mais-valia, vem ao encontro dos objetivos de nosso estudo, inclusive, corrobora para a necessidade histórica da convergência das forças sociais dos diferentes campos do trabalho, do setor de serviços, dos trabalhadores precarizados, que direcionados pelo proletariado industrial, poderão conduzir as lutas de classes, conscientes da necessidade prática de transformação da ordem do capital.

#### **1.4 Sobre os traços essenciais do proletariado: a classe não detentora dos meios de produção**

O proletariado é definido objetivamente pela condição histórica: a não detenção dos meios de produção que coexiste com formas abstratas de trabalho. Esta condição histórica é essencial à definição prática do proletariado, porque ele é o indivíduo que nada possui, a não ser sua força de trabalho; e caso, hoje, ele não consiga disponibilizá-la e negociá-la a um preço injusto no mercado, não conseguirá sobreviver.

Sabemos que este não é o único traço, mas certamente é a condição presente em toda a vida do proletário. Este pode até se dar conta a certa altura de sua vida de que de fato pertence ao proletariado quando perde seu único meio de sobrevivência, o salário, dá-se conta, então, de que nada possui, portanto, não é “nada” na sociedade do capital.

Em artigo denominado *Proletariado* de Joaquim Sempere (s.d., p.1-3, grifos do autor)<sup>32</sup>, o autor afirma que

Na Roma antiga chamava-se *proletarii* aos cidadãos da classe mais desvalida, desprovidos de propriedade territorial, e que por isso mesmo se viam excluídos das cinco classes do ordenamento centurial instituído em 509 a. C. por Sêrvio Túlio. Os proletários da república romana estavam inscritos no censo apenas porque tinham ou podiam ter filhos ou *prole*. Daí provém a sua denominação.

Sempere (s.d., p.1) ainda menciona que no século XIX a denominação foi recuperada na Europa para se referir aos trabalhadores, sobretudo, mas não só para designar os industriais, e que “os proletários passaram a ser a parte mais depauperada e marginalizada da sociedade industrial moderna”. E que na Europa, a gênese do proletariado moderno deu início com a expropriação de camponeses (que estavam em estado de miséria), que se viram expulsos e obrigados a vender suas terras, viram-se diante da necessidade de trabalhar para os novos capitalistas, burgueses, ou emigrar. Ainda no artigo, o autor afirma que segundo Marx e Engels, a concorrência econômica do mercado implicaria a “ruína da pequena produção e uma dupla concentração: de capitais por um lado e de proletários desaposados por outro” (Ibidem,

<sup>32</sup> Artigo disponível em: <http://ifilnova.pt/file/uploads/f8c56ab90830cf565d9deca6fa6c4b97.pdf>. Acesso em: dez. 2015.

p.3). Mas a mesma situação observada por Marx e Engels na efervescência do século XIX mostrou também que aquela situação miserável em que se encontram ainda hoje os proletários poderia ser revertida por meio de um processo revolucionário.

A respeito da compreensão do proletariado do ponto de vista histórico, destacamos que o modo de produzir e se organizar das comunidades primitivas, das sociedades clássicas antigas, tal como a grega e a romana, época histórica em que a cidade se ruraliza, passando pelo período feudal, em que, agora, o campo se urbaniza, processos estes que não se dão de forma linear, nem de modo homogêneo em todas as regiões do planeta, e que contribuem para a apreensão do ser da classe social explorada, o proletariado. No entanto, não aprofundaremos aqui a discussão histórica realizada por Marx e Engels<sup>33</sup>, no que se refere às comunidades primitivas, nem às sociedades clássicas, pois nos deteremos, singularmente, ao período feudal que antecede a sociedade capitalista.

No texto marxiano *Formações econômicas pré-capitalistas* (1985), observamos que Marx e Engels se debruçaram sobre essas questões históricas e alguns lugares são referenciados por Marx, como a Índia, o Japão, o Peru e suas organizações sociais correspondentes, assim como o modo de produção asiático, e a comunidade germânica, que é especialmente estudada pelos autores. Marx busca entender de que modo a relação com a propriedade da terra que, num primeiro momento, se dá em unidade com as antigas comunidades primitivas, forma de propriedade que até mesmo representa pré-condição para o trabalho, separa-se paulatinamente do homem.

Notamos ainda, de acordo com Marx (1985), que, no modo de produção atual, o capitalista, completa-se a separação da propriedade, dos instrumentos e do processo de trabalho em relação ao indivíduo. Podemos até mesmo afirmar que na sociedade burguesa, o proletário é sem propriedade, diferente da antiguidade clássica em que o escravo era considerado importante condição de produção para seu senhor, alcançamos um período da existência humana, em que o homem, como trabalhador assalariado, não representa, nenhum valor pessoal, pois ao sistema metabólico do capital interessa apenas o seu trabalho, se este puder ser executado por uma máquina ou pelo ar, pela água, pouco importa. Portanto, o homem proletário encontra-se completamente abandonado a si mesmo.

Retomamos a nota de Engels à edição inglesa de 1888 do *Manifesto do Partido Comunista* (1848) escrita após a morte de Marx (1883), em que o referido autor afirma que o

---

<sup>33</sup> Sobre o estudo das comunidades primitivas, destacamos a obra de Engels *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* ([1884] 2010).

proletariado é a “classe dos assalariados modernos”, porque não são detentores dos meios de produção<sup>34</sup>. Aqui, portanto, encontramos a raiz do proletariado, o ponto de partida que não deve ser desconsiderado para a análise do ser da classe proletária e consideramos também o fato de que a não posse dos instrumentos e do processo de trabalho têm consequências que afetam o homem, física assim como espiritualmente, condição de vida produzida e reproduzida mediata e cotidianamente na vida de milhões de trabalhadores subsumidos ao capital, que é “[...] a potência econômica da sociedade burguesa que tudo domina” (MARX, [1857] 2011, p.60). Marx elucidou parte dessas consequências do trabalho abstrato à vida humana em seus primeiros textos que apontavam para o objeto de estudo de toda a sua vida, a sociedade civil burguesa, como constatamos nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1844).

O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. [...]. O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um *meio* para satisfazer necessidades fora dele. Sua estranheza (*Fremdheit*) evidencia-se aqui [de forma] tão pura que, tão logo inexistir coação física ou outra qualquer, foge-se do trabalho como de uma peste. O trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de auto-sacrifício, de mortificação. [...]. Chega-se, por conseguinte, ao resultado de que o homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos, etc., e em suas funções humanas só [se sente] como animal. O animal se torna humano, e o humano, animal. (MARX, 2004, p.83, grifo do autor)

O aspecto negativo do trabalho sob o capital, a exploração, a desumanização, o trabalho que não é tido como um fim em si mesmo, é absolutizado a fim de que este sistema de mediações de segunda ordem possa se reproduzir com base na produção e reprodução da miséria humana, pois, ao mesmo tempo, que o capital acumula, para poucos, riqueza, por outro lado, reproduz em grande escala condições miseráveis de vida. Desse modo, é imprescindível que o capital aliene o trabalhador dos meios de produção, reproduzindo o estranhamento, deixando-o absolutamente sem nada e, simultaneamente, tornando-o “impotente” perante a realidade social, econômica, política, cultural, com que se defronta.

O sentimento de impotência que muitas vezes acomete o indivíduo, ou seja, o proletário, não é uma consequência da fluída Pós-Modernidade, do consumismo desenfreado, do individualismo burguês, mas esta realidade estranhada se realiza exatamente porque o trabalho está subjugado ao capital. É uma das consequências, o sofrimento, a angústia, diante de uma realidade que nos parece incontrolável, que nos escapa pelos dedos, que nos parece incompreensível.

---

<sup>34</sup> Nota de F. Engels à edição inglesa de 1888 do *Manifesto do Partido Comunista* (1848).

O futuro sempre foi incerto, mas o seu caráter inconstante e volátil nunca pareceu tão inextricável como no líquido mundo moderno da força de trabalho ‘flexível’, dos frágeis vínculos entre os seres humanos, dos humores fluidos, das ameaças flutuantes e o incontrolável cortejo de perigos camaleônicos. Nunca se sentiu com tanta intensidade que o futuro é, [...], inescrutável, impermeável, incognoscível e, por fim, além do controle humano. (BAUMAN, 2005, p.74)

O ser humano está coisificado, transformado em mercadoria, foi reduzido ao consumo. Hoje as mercadorias produzidas devem ser consumidas velozmente, os sentimentos humanos se degradam e se realizam de modo cada vez mais descartável, ainda que os indivíduos estejam cada vez mais conectados uns aos outros. As relações sociais virtuais têm substituído o contato humano, os gestos, o abraço, e até mesmo a voz, as pessoas nos dias de hoje, nem mesmo se ocupam de realizar uma simples ligação telefônica. O desenvolvimento da tecnologia, dos aplicativos, tem facilitado uma forma de comunicação que ao, mesmo tempo, tem esfriado as relações entre os homens. Nossa sociedade está inundada por informações que vêm e vão numa velocidade tremenda, mas na contramão de todas essas mudanças que parecem ter facilitado nossas vidas, as relações sociais coisificadas assumem o centro do humano, aqui, o homem se torna virtual, e o virtual assume o lugar do humano.

A flexibilidade do trabalho, que corresponde às reestruturações produtivas, significa que o capital inventou novas formas de explorar de maneira ainda mais intensa a força humana de trabalho. Termos novos, camaleônicos, são criados pela ideologia dominante a fim de encobrir, camuflar, a velha e necessária, exploração do homem pelo homem, apontando apenas para um futuro que foge ao controle humano, incognoscível. Mas de fato, o que está em jogo é a real possibilidade histórica de destruição de um futuro que poderá ser vivido de modo consciente pelo homem.

O poema de Carlos Drummond de Andrade *Elegia 1938*<sup>35</sup> vem ao encontro desse sentimento de “impotência” do trabalhador frente à sociedade contemporânea, em que o trabalho social abstrato domina de modo “mágico” o proletariado.

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco, onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo. Praticas laboriosamente os gestos universais, sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual. [...]. Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota e adiar para outro século a felicidade coletiva. Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.

---

<sup>35</sup> Disponível em: <<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/elegia-1938-drummond-com-video-com-caetano-veloso/#.VZ01XfIViko>>. Acesso em: jul. 2015.

Mas o que significa não ter nada à vida do homem? Marx diz que “O tempo é tudo, o homem não é mais nada; ele é no máximo a carcaça do tempo” (MARX [1847] 2011, p.85) e na *Sagrada Família* (1845) afirma “[...] que o homem que não tem nada não é nada hoje em dia, já se acha à margem da existência [...] [humana]” (MARX, [1845] 2011, p.54), e acrescenta “O não ter é o *espiritualismo* mais desesperado, [...], uma realidade total do desumano, [...], um ter fome, ter frio, ter doenças, crimes, humilhações, hebetismo”, e conclui “um ter todas as coisas desumanas e antinaturais” (MARX [1845] 2011, p.54, grifo do autor).

Se vivemos numa sociedade do ter materialmente posto pelas relações sociais reificadas, passamos a ser aquilo que materialmente possuímos, o proletariado, de fato, não é nada, embora possua uma mercadoria especial, peculiar, produtora de valor, como já mencionamos, pois de acordo com Marx “[...] o trabalho constitui a fonte do valor. A medida do trabalho é o tempo. [...]. O valor *constituído* de um produto, enfim, é simplesmente o valor que se constitui pelo tempo de trabalho nele gasto” (MARX [1847] 2011, p.76, grifo do autor), a força de trabalho, o “sangue” que faz “pulsar” o “coração” do capital, é sua força vital, mas, ao mesmo tempo, é o sangue do trabalhador explorado, sua saúde física e mental, e grande parte do tempo de sua vida, que circulam e se degradam nas “veias” do capital, e sob determinadas condições objetivas, o trabalho, atividade fundante do ser social, passa até mesmo a representar repulsa, angústia, humilhação, sofrimento ao homem, que foge então do trabalho “como se foge de uma peste”. Em resumo, o trabalho, para o proletário, se reduz unicamente a meio de sobrevivência, a valor de troca, não tendo um fim em si mesmo.

Retomemos a raiz histórica que origina o proletariado.

A divisão da sociedade em diferentes classes tem como base e é, simultaneamente, produto da divisão social do trabalho. A partir dessa divisão do trabalho impulsionada pela propriedade privada compreendemos o porquê do surgimento das classes sociais, das lutas que se travam entre elas, e, especialmente, do aparecimento não espontâneo, mas histórico, do próprio proletariado. A respeito desse processo Mézáros (2008, p.83, grifos nossos) afirma que “[...], toda a problemática culmina na questão vital da *divisão do trabalho*, uma vez que a divisão da sociedade em classes tem suas raízes na *atividade produtiva alienada*, que assume a forma de *divisão social do trabalho*”. A divisão do trabalho e a propriedade privada são, portanto, nosso fio condutor para traçar um entendimento a respeito do aparecimento das classes sociais e, especialmente, do proletariado.

De acordo com Marx ([1845] 2007, p.75), em *A Ideologia Alemã*,

A maior divisão do trabalho físico e intelectual é a separação entre cidade e campo. O antagonismo entre campo e cidade começa com a passagem da barbárie à

civilização, do regime tribal ao Estado, da localidade à nação, e se mantém ao longo de toda a história da civilização até chegar aos dias de hoje.

Ainda segundo Marx ([1845] 2007), esse antagonismo entre cidade e campo só pode se dar a partir da propriedade privada, que é a mais profunda expressão da “submissão do indivíduo à divisão do trabalho” (MARX [1845] 2007, p.76). Hobsbawm (1985) na introdução do texto marxiano já citado *Formações econômicas pré-capitalistas*, ao ressaltar os estudos de Marx e Engels sobre a periodização e evolução histórica, destaca três fases, às quais já fizemos alusão, relativas a essa processualidade: a primeira fase se refere à propriedade comunal, estágio não desenvolvido da produção, em que o homem para garantir sua sobrevivência necessita caçar, pescar, criar animais, e, quando muito, plantar. A segunda fase histórica das relações de propriedade se relaciona à propriedade comunal e estatal da antiguidade decorrente da união de grupos tribais. É aqui que se localiza a cisão entre cidade e campo já mencionada anteriormente. O surgimento da cidade implica também a necessidade de toda uma organização política, de um modo de vida mais complexo que inexistia no campo, o que cria a necessidade da administração, do aparelho estatal, da polícia, da arrecadação de impostos. Assim, o ser social cria historicamente uma antítese entre cidade e campo. Uma forma de sociedade dividida em diferentes classes, já com certo grau de complexidade. Marx também atribui a essa mesma divisão entre cidade e campo a existência e a separação entre capital e propriedade da terra, ou seja, o surgimento e o desenvolvimento do capital de modo independente da propriedade da terra, baseado no trabalho e na troca. É como exemplo da sociedade de classes,

Nas mais remotas épocas da história, verificamos, quase por toda a parte, uma completa estruturação da sociedade em classes distintas, uma múltipla gradação de posições sociais. Na Roma antiga encontramos patrícios, cavaleiros, plebeus, aprendizes, companheiros, servos; e, em cada uma destas classes, outras gradações particulares. (MARX, [1845] 2010, p.40)

A passagem supracitada de Marx se refere à segunda fase de desenvolvimento histórico do modo de produção baseado na escravidão. Marx enriquece a filosofia, pois recorre à história, sem perder de vista a centralidade do trabalho, a fim de compreender determinadas sociedades. Vemos também que é recorrente, em parte de suas obras, a ênfase que o referido autor atribui em relação ao processo moroso de transição histórica do feudalismo ao capitalismo, a terceira fase de desenvolvimento da propriedade privada, baseada agora no regime de servidão. Podemos compreender esse processo histórico, por exemplo, em obras como os *Grundrisse (1857)*, *Miséria da Filosofia (1847)*, *A Ideologia Alemã (1845)*. Em *Miséria da Filosofia*, Marx faz uma ressalva importante sobre a divisão do



trabalho, afirmando que esta não foi estabelecida por uma lei dada a priori, mas sim, produzida historicamente.

Sob o regime patriarcal, sob o regime de castas, sob o regime feudal e corporativo, havia divisão do trabalho na sociedade inteira, segundo regras fixas. Essas regras foram estabelecidas por um legislador? Não. Nascidas primitivamente das *condições da produção material*, elas só foram erigidas em leis bem mais tarde. *Foi assim que essas diferentes formas de divisão do trabalho se tornaram tantas bases de organização social*. Quanto à divisão do trabalho na oficina, ela era muito pouco desenvolvida em todas essas formas de sociedade. (MARX, [1847] 2011, p.157, grifos nossos)

De acordo com a citação mencionada, verificamos que a divisão do trabalho surge em decorrência das “condições da produção material”, da objetividade e será formalizada, ou seja, assumirá contornos de naturalidade por meio da lei apenas num momento histórico posterior. O movimento constatado por Marx não é da lei como momento predominante na produção e organização da realidade social, mas pelo contrário, é o âmbito do Direito que é determinado em última instância pelas condições de produção.

Na Idade Média, compreendemos que na propriedade feudal ou estamental, baseada especialmente na posse da terra e no campo, de modo oposto à antiguidade, a divisão do trabalho na florescência do feudalismo praticamente não ocorreu, pois o que se constata em Marx ([1845] 2007) é que cada país conservava em si a divisão entre cidade e campo. Ainda em relação à divisão do trabalho, o servo da gleba (*Leibeignen*) - e daqui se originam os primeiros elementos da burguesia (MARX, [1848] 2010, p. 41) - é transformado em *homem livre* e cujo trabalho e ferramentas eram as únicas propriedades com as quais contava. O servo estava circunscrito num momento histórico marcado pela concorrência dos servos fugitivos que acorriam às cidades, em decorrência da antítese entre cidade e campo. Com isso foi-se organizando, ao mesmo tempo, um aparato militar, e aparece também a propriedade em comum sobre determinado tipo de trabalho. Como consequência, surgem as lojas, a criação de um comércio para a venda de mercadorias, num período, em que de acordo com Marx ([1845] 2007), o artesão era ao mesmo tempo o comerciante. Acirra-se o conflito de interesses entre diferentes ofícios, e a necessidade de proteger um trabalho aprendido com muita dedicação e a ordem feudal, foram as causas de os trabalhadores de cada manufatura se reunirem em corporações. Marx afirma que a fuga de servos da gleba aconteceu durante todo o período da Idade Média, e este, quando chegava à cidade, deparava-se com uma comunidade organizada e não houve alternativa a não ser se submeter às condições de trabalho impostas pelos mestres das corporações. Desse modo, os servos não conseguiram organizar-se, permanecendo na condição que Marx (2007) denomina como “plebe desorganizada”.

Nas cidades, fechadas em si, portanto, verificamos de modo mais próximo essa outra expressão da divisão social do trabalho, que se dá entre servo e mestre, entre artesão e mestre. O ofício aprendido correspondia aos interesses de cada mestre. Assim, Marx ([1845] 2007) caracteriza essa relação como sendo patriarcal e de duplo poder: de um lado, os mestres tinham influência direta sobre a vida dos artesãos, por outro, os artesãos trabalhavam com o mesmo mestre, o que os mantinha em conexão real até mesmo diante dos artesãos de outros mestres. No entanto, os artesãos também cultivavam seus interesses: um dia, tornarem-se mestres.

O passo seguinte desse processo de divisão do trabalho foi a separação entre produção e intercâmbio, que fez com que surgisse uma nova classe especial, dos comerciantes. As relações comerciais foram se expandindo para além dos arredores imediatos, ou seja, as cidades começam a estabelecer alianças umas com as outras, trocam ferramentas. A separação entre produção e intercâmbio requer nova divisão em cada cidade tomada individualmente. As cidades aos poucos passam a explorar ramos específicos de indústrias. Portanto, entendemos que esse processo histórico se refere tanto ao surgimento da classe burguesa, como da classe proletária.

No *Manifesto do Partido Comunista* ([1848] 2010, p. 41-2, grifos nossos) vemos que,

Cada etapa da evolução percorrida pela *burguesia* foi acompanhada de um progresso político correspondente. Classe oprimida pelo despotismo feudal, associação armada e autônoma na comuna, aqui república urbana independente, ali terceiro estado tributário da monarquia; depois, durante o período manufatureiro, contrapeso da nobreza na monarquia feudal ou absoluta, base das grandes monarquias, a burguesia, com o estabelecimento da grande indústria e do mercado mundial, conquistou, finalmente, a soberania política exclusiva no Estado representativo moderno. *O executivo no Estado moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa.* A burguesia desempenhou na História um papel iminentemente revolucionário. [...] A burguesia despojou de sua auréola todas as atividades até então reputadas como dignas e encaradas com piedoso respeito. Fez do médico, do jurista, do sacerdote, do poeta, do sábio seus servidores assalariados. [...] rasgou o véu do sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a meras relações monetárias.

Neste processo de formação da burguesia, ainda na Idade Média, as cidades por meio do desenvolvimento do comércio, da troca, do intercâmbio, das comunicações, se aproximam mais e mais, as fronteiras entre as localidades, antes isoladas nos feudos, tornam-se mais tênues, e, segundo Marx ([1845] 2007), das cidadanias locais das cidades individuais foi surgindo, aos poucos, a classe dos burgueses, uma classe que à medida que se consolida também se opõe aos interesses da nobreza rural. A partir de condições idênticas, oposições idênticas e interesses idênticos são necessariamente criados costumes iguais de uma classe. O conflito de interesses entre classes divergentes acirra-se. De acordo com Marx, conforme se

dão essas condições, a burguesia divide-se em frações de classe a partir da divisão do trabalho, e, por último,

absorve todas as *classes proprietárias* que vigoravam quando ela nasceu [a burguesia] (ao passo que faz com que a maioria da classe *sem posses* vigente e uma parte das classes proprietárias anteriores se desenvolvam para formar uma nova classe, o *proletariado*), na medida em que toda a propriedade anterior se transforma em capital industrial ou comercial. Os indivíduos considerados isoladamente apenas formam uma *classe* na medida em que se vêem obrigados a sustentar uma *luta comum* contra outra classe, pois de outro modo eles se enfrentam uns aos outros, hostilmente, no terreno da concorrência. E, de outra parte, *a classe* por sua vez se *autonomiza*, frente aos indivíduos que a forma, de tal maneira que *estes já se encontram com suas condições de vida predestinadas, recebem sua posição na vida determinada pela classe* e, com isso, a trajetória para seu desenvolvimento pessoal, sendo subsumidos a ela. *Este é o mesmo fenômeno que a submissão dos indivíduos à divisão do trabalho*; e para eliminá-lo não há outro caminho a não ser a suprasunção da propriedade privada e do próprio trabalho. (MARX, [1845] 2007, p.79-80, grifos nossos)

Assim, verificamos um determinante determinado base essencial para o entendimento do processo de formação das classes sociais, inclusive, modernas, e que tal determinante se refere, em especial, à questão da propriedade privada. A classe burguesa absorve classes sociais anteriores ao seu aparecimento com posses, enquanto que o proletariado é composto pela maioria da classe vigente sem posses e de uma parte das classes proprietárias anteriores. Nos dizeres de Marx “As camadas inferiores da classe média de outrora, os pequenos industriais, pequenos comerciantes, os que vivem de renda [*rentiers*], artesãos e camponeses, caem nas fileiras do proletariado” (MARX, [1845] 2010, p.47, grifo do autor), que sucumbem diante da expansão descontrolada do capital, frente à concorrência com os grandes capitalistas.

Ainda de acordo com Marx (1985, p.99, grifos do autor),

O *processo* [grifo nosso] que, de um modo ou outro, separou a massa de indivíduos de suas anteriores relações afirmativas com as *condições objetivas de trabalho*, que negou tais relações e, portanto, transformou tais indivíduos em *trabalhadores livres* é, também, o mesmo processo que liberou estas *condições objetivas de trabalho, potencialmente*[grifo nosso], de *suas ligações prévias* com os indivíduos agora delas separados.

Ao abordarmos parte da discussão desenvolvida por Marx em *A Ideologia Alemã* (1845), no que tange ao processo de transição do feudalismo ao capitalismo, verificamos, conforme a citação anterior do próprio autor, que esse processo de transição histórica assume um duplo caráter, pois, ao mesmo tempo, que as relações sociais referentes à posse sobre o processo de trabalho vão sendo negadas ao trabalhador, ao servo, conforme a realidade social torna-se mais complexa, essas mesmas condições objetivas criam condições para o surgimento e consolidação da classe burguesa, assim como contribuem para o aparecimento

do proletariado, a classe que agora não detém nem mesmo a posse sobre os instrumentos e sobre o processo de trabalho, desenvolvimento histórico que os transforma em trabalhadores livres, condição fundamental de produção e reprodução do capital. Dito de outro modo, em última instância, o proletariado é a classe formada por homens sem propriedade cujo ser e trabalho, encontram-se reduzidos à força de trabalho, cooptada e submetida ao capital.

De outro modo, as classes sociais também materializam e são expressão da divisão social do trabalho, circunstâncias históricas que originam novas relações sociais, que surgem conforme os homens se organizam entre si no âmbito da atividade produtiva. Atividade orientada a um fim, “práxis fundamental porque nela o homem não só produz um mundo [...] humanizado, no sentido de um mundo de objetos que satisfazem necessidades humanas [...], como também no sentido de que o homem se produz [...] a si mesmo”. (VÁSQUEZ, 2011, p.230).

Essas relações sociais simultaneamente indicam uma complexificação social da vida humana, engendram novas necessidades no ser social, novos complexos sociais surgem (escola, direito, estado, igreja, sindicato, etc.) com a intenção, mediatamente, de reproduzir as relações de produção. E à medida que as classes sociais, por meio de condições, costumes, interesses idênticos, isto é, por meio de certas relações sociais, determinam a posição social dos indivíduos na vida, isso significa, ao mesmo tempo, que a classe se autonomiza e se torna um poder estranho frente ao ser social, sendo, em última instância, igualmente determinante determinada pela práxis alienada, o trabalho assalariado. E acrescentamos, pelo âmbito da superestrutura.

Portanto, o proletário realizado historicamente é relação social. Além de não proprietário dos meios de produção, é explorado, porque o produto de sua atividade também lhe é separado por meio das relações de produção que garantem ao capitalista a extração da mais-valia, motor do capital. Todas essas relações sociais representam simultaneamente a alienação da vida social. O produto histórico, o capital, composto por todas as mediações de segunda ordem, se absolutiza de tal maneira que controla quase que por inteiro a vida humana, quase que por completo e não a inteireza da vida humana. Em síntese, classe social, proletariado, burguesia, trabalho assalariado, divisão do trabalho, propriedade privada, alienação, capital são, portanto, categorias econômicas, expressões do ser social, finitas, porque podem ser superadas, não por meio de um “passe de mágica”, mas historicamente, por meio do fim da sociedade de classes. E, assim, compreendemos porque a teoria marxiana é um complexo dinâmico, dialético de relações sociais.

Destacamos, por meio da alienação do trabalho e do produto de sua atividade, que o ser social perde-se também cada vez mais de si mesmo. A separação não se restringe somente à sua atividade, mas também atinge a sua individualidade, que precisam ser entendidas no sentido histórico-ontológico, e não de acordo com a percepção restrita e superficial do capital. Em *A teoria da alienação em Marx*, de Mészáros (2006), encontramos a seguinte afirmação,

[...] Marx estabelece a distinção entre uma mediação adequada do homem com o homem, de um lado, e a “mediação *alienada*” da atividade humana por intermédio das coisas, de outro. No segundo tipo de mediação – ‘na alienação na *própria atividade de mediação*’ (*indem der Mensch diese vermittelnde Tätigkeit selbst entäussert*) – o homem é ativo como um “homem desumanizado” (*entmenschter Mensch*). Assim, a atividade produtiva humana está sob o domínio de “um *mediador estranho*” (*fremder Mittler*) – “em vez de ser o *próprio homem o mediador do homem*” (*statt dass der Mensch selbst derMittler für den Menschen sein solte*) e, conseqüentemente, o trabalho assume a forma de uma “*mediação alienada*” (*entäusserte Vermittlung*) da atividade produtiva humana. (MÉSZÁROS, 2006, p.88, grifos do autor)

As mediações do capital que proporcionam a alienação do homem de si e de sua atividade, de sua humanidade, da apropriação plena das riquezas do gênero humano, são “mediações alienadas”, atividade do “homem desumanizado”, em que o indivíduo estranha suas próprias criações, não as reconhece, mas as percebe apenas no sentido de terem se tornado “poderes” estranhos que dominam sua vida, são como forças exteriores criadas a partir da natureza, como se tivessem “natural e espontaneamente” surgido do nada. Por isso, o homem não se reconhece como mediador do próprio homem, as mediações do capital assumem o lugar das mediações de primeira ordem, mas não as destroem, tais mediações continuam vivas.

A alienação, as relações sociais coisificadas, perpassam todo tipo de atividade social (política, Estado, direito, arte, educação, moral, dentre outras) a fim de mistificar a realidade. Essa mesma realidade social coisificada é refletida mediatamente na consciência humana por meio de uma superestrutura, de modo que cria obstáculos ao entendimento humano acerca da radicalidade da ordem social do capital. Assim, o homem caminha apenas pela superfície da totalidade, pois se realiza como ser social cindido, dividido no interior de si mesmo, não tendo clareza da unidade dialética entre o singular e o universal, é explorado, mas ainda não compreende as causas de sua exploração.

Mészáros (2006), de modo didático-filosófico, destaca que

Os termos de referência fundamentais na teoria da alienação de Marx são o “homem” (H), a “natureza” (N) e a “indústria” ou “atividade produtiva” (I). Para a compreensão da “essência **humana** da natureza, ou essência **natural** do homem”, o conceito de “atividade produtiva” [...] é de importância crucial. A “indústria” é ao mesmo tempo a *causa* da crescente complexidade da sociedade humana [...] e o *meio* de afirmar a supremacia do homem – como “ser universal” que é ao mesmo

tempo um “ser específico” único – sobre a natureza. [...] Quando ele [Marx] emprega o termo “real” (*wirklich*) ao homem, ele o está equiparando a “histórico” ou simplesmente deixando implícita a historicidade como condição necessária do destino humano. Ele quer explicar todos os aspectos dos fenômenos analisados em termos inerentemente históricos, o que significa que nada pode ser aceito sem a análise e simplesmente suposto como um dado final. Pelo contrário, toda a teoria gira em torno da prova da *gênese* histórica de todos os seus constituintes básicos. Desse modo, Marx retrata a relação entre o “homem” (H), a “natureza” (N) e a “indústria” (I) na forma de uma interação tríplice entre suas partes constituintes. (MÉSZÁROS, 2006, p.99-100, grifos do autor)

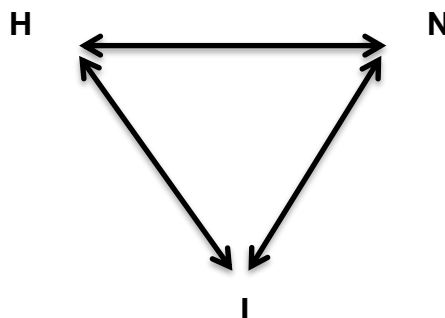
Entre o “homem” (H), a “natureza” (N) e a “indústria” ou “atividade produtiva” (I) existe a reciprocidade dialética desses três termos, na qual o trabalho é mediação entre o homem e a natureza. Estes são os fundamentos-chave à compreensão da teoria marxiana acerca da gênese da totalidade social no sentido histórico-ontológico, pois o homem não é apenas criador da indústria, mas, ao mesmo tempo, é modificado por sua própria criação, pela práxis objetivada, teleologicamente posta, num processo infinito e não-linear do vir-a-ser histórico.

Em relação ao proletariado, destacamos que ele é o sujeito da práxis, pois a burguesia não trabalha, pelo contrário, “administra”, ou seja, explora a capacidade de trabalho do proletário, para garantir a reprodução do capital e a sua posição dominante.

Portanto, é urgente que o proletariado tenha consciência de sua importância histórica e revolucionária, pois nele estão contidas as possibilidades de transformação da realidade. E, por acreditar em tal transformação, a história para Marx põe-se como uma processualidade aberta, e não fechada, não cíclica e não determinista, mas sim, como a continuidade na descontinuidade. A relação de reciprocidade dialética entre H, N e I não é unidirecional, muito menos é posta de modo a priori e imposta ao ser social como algo externo, tal como ocorre com as relações estabelecidas por meio do trabalho assalariado.

Mészáros (2006, p.100), apresenta um esquema didático, no qual podemos visualizar claramente a dialética recíproca entre os três termos mencionados:

**Figura 1 – Dialética recíproca entre “homem” (H), “natureza” (N), e “indústria” ou “atividade produtiva” (I).**

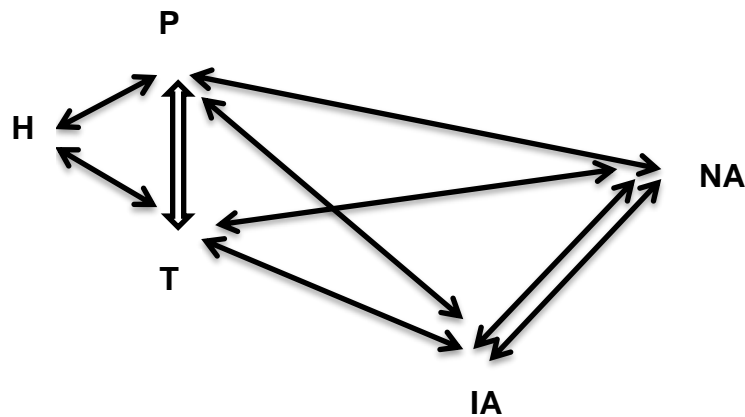


Fonte: Mészáros (2006, p.100).

O referido autor ainda afirma que algumas correntes teóricas tradicionais básicas idealizam a reciprocidade não-mediada entre o “homem” e a “natureza”, e tal modo de conceber o homem tem implicações para a compreensão da realidade social, “[...] elas [teorias tradicionais] se colocam no impasse dessa relação animal a partir da qual nenhuma característica do dinamismo da história humana pode ser inferida” e para que possam “resolver”, “livrar-se” dessa contradição entre natureza e homem, tais perspectivas filosóficas “[...] são forçadas a assumir uma ‘natureza humana pré-fabricada’, como todo *apriorismo* e *teleologismo teológico* que [...] acompanham tal concepção filosófica” (MÉSZÁROS, 2006, p.101, grifos do autor).

Mészáros (2006, p.103) apresenta ainda outro diagrama a fim de “ilustrar” didática e filosoficamente a objetivação da atividade produtiva como “trabalho alienado”, tal como ocorre na sociedade capitalista, em que as relações sociais são mediadas, inclusive, pela propriedade privada. Na figura abaixo, P significa “propriedade privada e seu proprietário”; T “trabalho assalariado e o trabalhador”; NA “natureza alienada”; IA “indústria alienada”; H continua como “homem”.

**Figura 2 – Relações alienadas a partir do capitalismo, mediações de segunda ordem que se concretizam por meio da propriedade privada e do trabalho assalariado.**



**Fonte:** Mészáros (2006, p.103).

De acordo com Mészáros (2006), P “propriedade privada e proprietário” e T “trabalho assalariado e trabalhador” suprimiram praticamente o “homem” (H), reduzindo-o a um mero conceito filosófico abstrato, deixando de considerar o caráter histórico-ontológico do ser social e de sua atividade, e as mediações de primeira ordem. O autor supracitado elucida também o problema do reflexo das relações reificadas nos diversos campos teóricos, pois se trata de uma mediação da mediação. Mészáros (2006) cita, por exemplo, a economia política que procura explicar a realidade social de modo fetichista, explicitando as relações sociais de um ponto de vista da propriedade privada (P) idealizada, que reduz o trabalho (T) a um

“simples fato material da produção”, ou seja, a uma mercadoria, produzindo uma visão estranhada da realidade social. “Se a base das generalizações teóricas não é a relação ontológica fundamental entre  $H \leftrightarrow I \leftrightarrow N$  e sim sua forma alienada: [...] (isto é:  $H \leftrightarrow P \leftrightarrow T \leftrightarrow IA \leftrightarrow NA$ ), então a economia política” está determinada a “se identificar *diretamente* com o ponto de vista da propriedade privada” (P) (MÉSZÁROS, 2006, p.104, grifos do autor). Este não é o caso da teoria marxiana, que assume para si o *ponto de vista do proletariado*.

O proletariado não se reduz à ausência dos meios de produção. No entanto, não podemos negar a processualidade histórica, singular, do período de transição do feudalismo para o capitalismo, que permitiu que uma massa de pessoas se tornasse “livre” dos meios de produção e disponível ao capital. Este é o ponto de partida histórico que nos permite compreender o proletariado.

### 1.5 Sobre os traços essenciais do proletariado: a classe-que-vive-do-trabalho

Quem tem dinheiro consome  
 Decide, manda e manobra  
 Mas quem não tem come a sobra  
 Que é pra não morrer de fome  
 Quem tem dinheiro tem nome  
 Quem não tem não é ninguém  
 Quem tudo tem passa bem  
 Quem nada tem dá um jeito  
 Quem tudo tem  
 Tem direito  
 Quem nada tem nada tem

(Trecho da música “Quem é ninguém” de Siba<sup>36</sup>, grifos nossos)

Quem é ninguém? O trecho da música de Siba, uma banda do nordeste brasileiro, lança uma luz sobre Quem é “ninguém”, sobre o homem-proletário, que na visão marxiana, sob o capital, não tem nada, a não ser fome, doença, miséria e prole. Mas, simultaneamente, ninguém, o proletário, o produtor da riqueza social expropriada pelo capital, é alguém muito importante e perigoso à classe dominante, o alguém, hoje, capaz de lutar contra esse sistema que sobrevive da barbárie humana. “Ninguém” tem nome, classe social, vive do salário, é explorado diariamente, vive uma vida indigna, e, também, deve ser capaz de libertar-se dessa forma de sociedade que sacrifica seu ser físico e espiritual. Para Marx, “ninguém” é alguém, humano.

<sup>36</sup> Música disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=KX3P1sxWpyc](http://www.youtube.com/watch?v=KX3P1sxWpyc)>. Acesso em: ago 2015.



Portanto, valemo-nos aqui também da práxis artística<sup>37</sup> e por meio dela compreendermos de maneira sensível, não menos crítica, a realidade social. O artista, seja por meio da escultura, arquitetura, pintura, literatura, teatro, música, tem o seu modo específico de (re)criar a realidade, apesar de estar igualmente subjugada aos interesses do capital.

Acerca da etimologia da palavra proletário, deparamo-nos com a explanação,

Cuando Karl Marx presentó al mundo en 1848 su Manifiesto comunista, con el conocido llamamiento “proletarios del mundo, uníos”, la palabra proletario ya contaba con más de dos mil años de vida. En la Roma imperial, los proletarii eran los ciudadanos de la clase más baja, que no tenían propiedades y cuya única utilidad para el Estado era generar proles “hijos” para engrosar los ejércitos del Imperio. Los marxistas retomaron el término para designar a los obreros de la sociedad capitalista del siglo XIX, quienes no tenían, tal como los proletarios romanos, nada que ofrecer a la sociedad, excepto su fuerza de trabajo y su prole para reproducir las relaciones capitalistas de producción<sup>38</sup>.

De acordo com a citação, a palavra proletário trata-se de um termo proveniente do latim *proletarii* e é empregado desde a Roma Imperial, cujo período histórico já contava então com o proletário romano, que era aquele que não possuía bens materiais, nem meios de produção e que sobrevivia de seu trabalho (escravo), pertencia à classe mais baixa da sociedade, e, ainda, tratava-se de uma classe, cuja reprodução física, sua prole, seus filhos, eram não só considerados força de trabalho pelo Império, mas também ajudavam a engrossar as fileiras dos exércitos romanos. Logo, eram homens subjugados e explorados duplamente. Alguma semelhança aqui não é mera coincidência. De lá para cá, houve avanços tecnológicos, científicos, artísticos, as relações sociais e o trabalho se modificaram. O proletário, de acordo com a análise marxiana, foi transformado em categoria econômica e designa a grande parte de homens, mulheres e crianças, que na sociedade contemporânea sob o capital, estão submetidos às relações de exploração do trabalho assalariado e pertencem à classe social do proletariado. E ainda, Marx foi além, pois constatou praticamente na fração operária, o ponto de partida do proletariado moderno, seu núcleo, a possibilidade real e histórica de emancipação humana de toda a sociedade. E mesmo tendo passado alguns milhares de anos, a “escravidão moderna” apenas revestiu-se de modo diverso em relação a Roma, e a sociedade

<sup>37</sup> Ver Vásquez (2011). Sobre a arte e sua relação com o capitalismo e o comunismo, conferir artigo de Lukács (1920), *Velha e Nova Cultura*. Disponível em: <[www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/mes/cultura.htm](http://www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/mes/cultura.htm)>. Acesso em: ago. 2015.

<sup>38</sup> Definição disponível em:<<http://www.elcastellano.org/palabra/proletario>>. Acesso em: ago. 2015. No dicionário espanhol *SEÑAS* (2001, p.1039-40), a palavra *proletário* significa “Persona que no dispone de medios propios de producción y vende su fuerza de trabajo a cambio de un sueldo; individuo de la clase más pobre de la sociedad. *Prole* significa “conjunto de hijos”.

de classes persiste duramente, assim como o fosso de desigualdade socioeconômica entre senhor e escravo, hoje, entre patrão e trabalhador, só aumenta ao invés de ser superado. A luta de classes viva, ainda continua sendo o motor da história nos dias atuais.

Na perspectiva da tradição marxista, “ninguém” além de ser alguém eminente, tem se tornado bastante numeroso, há milhões<sup>39</sup> de ninguéns/ trabalhadores espalhados por toda a superfície terrestre. Isso porque, conforme o capital se amplia e produz em certos períodos históricos suas crises econômicas, a cada crise, o movimento desse sistema monstruoso joga nas fileiras do proletariado uma parte da classe média, de pequenos empresários, que não sobrevivem às reestruturações produtivas do capital, e, ao mesmo tempo, precariza as condições de trabalho dos setores da indústria, em que se encontra o operariado, assim como dos demais setores de serviços, aumentando a insegurança, a incerteza em relação à permanência no trabalho, a perda dos direitos trabalhistas, que foram conquistados duramente pelo proletariado, assim como expande a massa de desempregados, seu exército de reserva, que realiza também funções econômico-sociais que favorecem o capital e seu processo de acumulação de mais-valor, como por exemplo, acirra a concorrência entre os trabalhadores, o que significa que as empresas rebaixam os salários, pois a demanda se sobrepõe à oferta de vagas ofertadas no mercado de trabalho. A desigualdade social e econômica aumenta, e o capital também lucra com as crises. Além disso, algumas grandes empresas multinacionais, sobreviventes, se fundem, cortam, simultaneamente, seus custos de produção, e temos novamente as consequências que mencionamos anteriormente (precarização das condições de trabalho, perda de direitos sociais, baixa dos salários, desemprego, etc.).

O capital também submete ao seu jugo a área da Educação, os profissionais dessa área, especialmente os professores da Educação Básica, têm sofrido com as intervenções do capital e sido transformados em verdadeiros “operários” ou reduzidos a meros técnicos da educação, e sobre sua práxis educativa se sobrepõe uma práxis burocratizada, que obstaculiza e esvazia a

---

<sup>39</sup> O relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) publicado no início do ano de 2015, intitulado *World Employment Social Outlook*, num de seus quadros estatísticos aponta que, no período de 1990 a 2030, período considerado de quatro em quatro anos, o percentual da população empregada (a partir de 15 anos de idade) está em decréscimo, se em 1990 a participação global da força de trabalho se aproximava de 67%, em 2030 chegaremos próximo do índice de 62%, numa população que, atualmente, ultrapassa os 7 bilhões de habitantes. Além disso, devido à crise de 2008, o número de desempregados vem aumentando pelo mundo afora, mais de 201 milhões de pessoas estavam desempregadas em 2014, a expectativa é de mais um aumento de 3 milhões de desempregados em 2015, e mais um adicional de 8 milhões nos próximos quatro anos. No Brasil, no período de 2007 a 2017 o percentual de desemprego varia entre 8,1% (2007), 7,1% (2015) e 7,3% (2017). Em relação à desigualdade socioeconômica os 10% mais ricos detém de 30 a 40% de toda a riqueza socialmente produzida, e os 10% mais pobres detém apenas 2% de toda a riqueza social. Documento disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/World%20Employment%20and%20Social%20Outlook.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2015.

docência de sua função essencial que é o ensino, em que o professor necessita, inclusive, de tempo para planejar sua aula para que tenha a possibilidade de desenvolvê-la na sala de aula.

Sobre a práxis burocratizada, de acordo com Vásquez (2011, p.279, grifos do autor),

[...] ao burocratizar-se uma atividade prática, a lei que a rege se converte em uma lei *a priori* estranha ao seu conteúdo, a atividade burocratizada pode repetir-se até o infinito, com a condição de preencher a forma que preexiste ao conteúdo e à margem do próprio processo prático. Na prática burocrática [...], burocratizada, os atos práticos nada mais são do que a roupagem ou a capa com a qual se reveste uma forma que já existe, como um produto ideal acabado. Ao falar de prática burocratizada, não estamos caracterizando uma forma específica de práxis, com um objeto próprio; não nos referimos, por certo, à atividade de um corpo de funcionários, prática específica e legítima, mas a um tipo de práxis social-estatal, política, cultural, educativa, etc., exercida de um modo burocrático. Nesse sentido, são formas de uma práxis degradada, inautêntica, que se encontra no polo oposto à práxis criadora e que, portanto, é incompatível com ela. [...]. O burocrático é o formal, o irreal.

A práxis burocratizada poderia ser entendida como uma forma dada, (im)posta, inclusive, verticalmente pelas políticas educacionais de governos ao sistema escolar, que poderia ser traduzida em ações, tarefas, atividades, que no dia a dia da escola podem mesmo sobrecarregar os docentes, que, atualmente, precisam dedicar boa parte de seu tempo-atividade ao preenchimento de formulários, relatórios, cadernetas, por exemplo. Dessa forma, o tempo de planejamento das atividades escolares fica comprometido, senão reduzido, e, em muitas situações, são os livros didáticos, no caso do Estado de São Paulo, são os “cadernos do Estado”, que podem ocupar a função do professor e ditar a este o que deve ser ensinado na sala de aula. O docente, sob o capital, perde gradativamente o domínio sobre o processo de sua práxis, o que, simultaneamente, esvazia a práxis educativa de seu real conteúdo e forma.

Mas em que o docente se difere do operário? Ambos se diferem em suas atividades, em suas práxis. Porém, as atividades educativa e produtiva estão subjugadas ao trabalho assalariado, ao capital. O professor e o operário são proletários, pois o que lhes acontece se eles não venderem a sua força de trabalho? Ambos certamente não sobreviverão nesta forma de sociabilidade. Desse modo, os ambientes de trabalho se diferem, as práxis são distintas, embora a práxis educativa tenha sua origem, como já afirmamos, no trabalho.

Segundo Lukács (1980) mencionado por Antunes (2009, p.141, grifos nossos)

[...] é necessário enfatizar continuamente que as características específicas do trabalho não podem ser transpostas de modo direto para as mais complexas formas de práxis social. (...) O trabalho realiza *materialmente* o relacionamento radicalmente novo do metabolismo com a natureza, enquanto as formas mais complexificadas da práxis social, em seu metabolismo com a natureza, têm na *reprodução* humana em sociedade a sua insuperável pré-condição.

E Antunes (2009, p.141) continua,

As formas mais avançadas da práxis social encontram no ato laborativo sua *base originária*. Por mais complexas, *diferenciadas* e distanciadas, elas se constituem em *prolongamento* e *avanço* [grifos do autor], e não em uma esfera *inteiramente autônoma* [grifos do autor] e desvinculada das posições teleológicas primárias [trabalho].

A simples derivação de formas mais complexas a partir do trabalho, para Lukács, de acordo com o autor citado, é um pressuposto falso, pois o que se dá é uma nova forma de inter-relação entre teleologia e causalidade, entre objetividade e subjetividade, com a finalidade de responder ao processo de complexificação do ser social, às suas necessidades humano-sociais. Vimos, então, que a práxis educativa não é, ao mesmo tempo, considerada trabalho, trata-se de uma atividade que se realiza no âmbito da reprodução da vida humana, que detém sua peculiaridade, sua autonomia relativa. Mas não são essas as diferenças que correspondem a cada uma das práxis que o capital considera ao submeter o professor e o operário às relações de assalariamento. Para esse sistema pouco importa o que cada proletário realiza, pois sua atividade está reduzida à mercadoria, importa que cada um crie direta ou indiretamente mais-valor, mas importa também que a educação escolar voltada aos filhos do proletariado se reduza a tarefas técnicas cujo tempo do professor esteja igualmente preenchido pela inoportuna burocracia, que lhe dita como deve exercer sua atividade, o que, simultaneamente, também colabora para o rebaixamento da qualidade da práxis educativa, da aula<sup>40</sup>.

Tendo em vista o que foi exposto anteriormente, colocamos a seguinte questão: a precarização das condições de trabalho levaria também à proletarização? Como esses dois fenômenos históricos podem ser entendidos? Compreendemos que ambos são processos inter-relacionados determinantes e determinados um pelo outro, ou seja, estão em relação de reciprocidade dialética. Neste caso, a proletarização é entendida como um processo histórico-social que tem seu momento fundante na não propriedade dos meios de produção, condição que coloca as possibilidades de realização do trabalho assalariado.

A proletarização trata-se de um processo mais amplo e complexo do que a precarização das condições de trabalho em si, que se refere, especificamente, à flexibilização de tais condições. Por isso, não adotamos neste estudo a precarização como sinônimo de proletarização, mas que a proletarização também incorpora a si a precarização. Também negamos a possibilidade de utilização do termo precarização como forma de ocultar a classe, o proletariado.

---

<sup>40</sup> Conferir sobre a aula na perspectiva dialética em Almeida; Arnoni; Oliveira (2007), *Metodologia dialética na educação escolar: teoria e prática*.

Antunes (2013), em *Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil II*, reúne uma coletânea de artigos de autores variados que tratam do mundo do trabalho e de suas especificidades sob o capital. No que diz respeito à *precarização* do trabalho, encontramos o seguinte,

Trata-se, portanto, de uma metamorfose da precarização, que, mesmo presente desde as origens do capitalismo, assume novos contornos em consequência dos processos históricos marcados por diferentes padrões de desenvolvimento e pelas lutas e avanços dos trabalhadores. No contexto dos últimos vinte anos, a mundialização do capital sob a hegemonia do capital financeiro e as políticas neoliberais retroalimentaram-se, tornando a precarização um fenômeno central que se origina “por toda parte”, como uma estratégia de domínio econômico, político e cultural, produto de uma vontade política e não de uma “fatalidade econômica” [Bourdieu, 1998] determinada pelo mercado. O conteúdo dessa (nova) precarização é dado pela condição de instabilidade, insegurança, fragmentação dos coletivos de trabalhadores e brutal concorrência entre eles. Uma precarização que atinge a todos indiscriminadamente e cujas formas de manifestação diferem em grau e intensidade, mas têm como unidade o sentido de ser ou estar precário numa condição não mais provisória, mas permanente. Configura-se uma realidade em que as formas mais tradicionais de resistência e luta degradam-se e enfraquecem, reforçando a ideia de uma inexorabilidade da “fatalidade econômica”, ao mesmo tempo que surgem novos atores e proposições de enfrentamento dessa precarização social. (DRUCK In: ANTUNES, 2013, p.56, grifo da autora)

Na referida citação, constatamos que a precarização das condições de trabalho é também resultante do movimento de expansão do sistema do capital financeiro, que subjuga o mercado de trabalho, assim como de serviços a si, de modo que impõe uma forma estranha ao conteúdo das mais variadas atividades, submetidas ao despotismo, aos desmandos do trabalho assalariado.

As condições de instabilidade (crescimento do desemprego, perda de direitos sociais, rebaixamento dos salários, aumento da informalidade, incentivo ao empreendedorismo, crescimento dos processos de subcontratação, do trabalho terceirizado – destacamos os professores contratados, os professores da denominada “categoria O”, criada pelo governo do Estado de São Paulo -, das cooperativas, da polivalência, da intensificação do ritmo de trabalho, o incremento da “autonomia” controlada, da rotatividade, da extensão da jornada de trabalho, da multiexposição dos trabalhadores aos agentes físicos, químicos, organizacionais, o aumento da pressão no trabalho, da estipulação de metas inalcançáveis, da fragilização política/ sindical dos trabalhadores, dentre outros aspectos) se intensificam, tornam-se uma constante, e, ao mesmo tempo, acirra a alienação/ estranhamento do trabalhador em relação à sua atividade (DRUCK In: ANTUNES, 2013). Todas essas condições inconstantes se tornam em pleno século XXI as condições permanentes e transformam o mundo do trabalho no submundo da produção direta e indireta de valorização de mais-valia. A indignidade humana cresce junto e na mesma proporção que o processo histórico de autodestruição de toda a humanidade e da natureza.

Souza (In: ANTUNES, 2013) apresenta um estudo das condições de precarização da atividade docente do ensino básico (incluindo o ensino técnico) no setor público do Estado de São Paulo, em duas regiões metropolitanas, Campinas e São Paulo, no que se refere, especialmente, à contratação de professores temporários.

Souza (In: ANTUNES, 2013), em relação ao campo educacional, aborda a precarização das condições do “trabalho” docente, ou melhor, do trabalho assalariado que se sobrepõe à práxis educativa, pelo viés da subcontratação de professores temporários e eventuais, que, de acordo, com a autora, os docentes nessas circunstâncias objetivas sofrem porque vivenciam em seu dia a dia, não só a instabilidade imposta pelas relações do trabalho assalariado, precário, assim como o não direito de ministrar aulas, o cerne da atividade do professor, sendo o seu “trabalho” expropriado pelo capital. Além disso, o processo de precarização da atividade docente tem como uma de suas consequências: o sofrimento físico, psicológico, espiritual, moral do professor, como também esse mesmo quadro afeta a qualidade da aula, o que implica o rebaixamento e a degradação do processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, não só o professor é prejudicado, mas também o aluno, que enfrentará obstáculos no que se refere à apropriação o mais plena possível dos conteúdos científicos/escolares.

As pesquisas na sociologia do trabalho evidenciam uma desregulamentação de direitos vinculados ao trabalho, o que permite o uso do trabalho precário. *Situações de trabalho precárias são legalizadas*, por exemplo, o trabalho eventual e temporário, assim como a subcontratação de funcionários de apoio pedagógico e administrativo. *Situações de empregos consideradas atípicas passam a ser típicas*. Esse processo tem por consequência o questionamento dos direitos trabalhistas e das formas de representação político-sindical. [...]. A Resolução n. 97/2008, da Secretaria de Educação, permite a ‘atribuição de vagas para admissões em caráter eventual, sem vínculo empregatício, aos candidatos inscritos no processo [distribuição de aulas anuais]’. [...]. Esses professores são classificados de acordo com sua experiência no magistério e com seus diplomas. Os de maior pontuação recebem aulas ou classes e são contratados em caráter temporário; aos demais resta o trabalho intermitente ou eventual. Os professores eventuais não têm aulas ou classes, mas sim uma vaga em uma escola para substituir professores. Eles são formados em diferentes campos disciplinares e alguns ainda são estudantes universitários, não sabem em que horários trabalharão nem quantas aulas ministrarão por semana ou por mês, muito menos em que disciplinas trabalharão. (SOUZA In: ANTUNES, 2013, p.219, 221, grifos nossos)

A autora também destaca que a precarização inerente ao capital afeta igualmente os professores estáveis do setor público (diretores, professores, supervisores), que são confrontados diariamente com exigências, cobranças cada vez mais intensas a respeito de seu “trabalho”, de sua atividade, e isso também faz com que tais profissionais desenvolvam um sentimento de impotência, “de que nem sempre estão à altura das exigências” que lhe são

impostas. Isso significa que professores, diretores, supervisores estariam expostos a uma “precariedade subjetiva”, pois vivenciam a instabilidade, mesmo que subjetivamente.

Sendo assim, o que mencionamos até aqui, sobre a precarização parece-nos suficiente afirmar que precárias são as condições de trabalho.

A educação escolar, como está sob os desmandos do capital, não está imune ao trabalho assalariado. Este penetra na atividade educativa, no ensino, e passa até mesmo a identificá-lo com o trabalho em seu aspecto negativo, mas o que predomina na realidade é o assalariamento sobre a prática docente. É nesse sentido que o professor tem sua atividade precarizada, é assim também que ele exerce um “trabalho”, e que é considerado um proletário, pois os professores também não detêm os meios de produção. Tal como nos dizeres de Marx (2008) “esses proletários da classe culta”, expressão contida em *As lutas de classes na França de 1848 a 1850*.

Desse modo, os professores também compõem a classe-que-vive-do-trabalho, denominada por Antunes (2009, 2005), porque precisam vender sua força de trabalho a fim de garantirem para si um salário.

[...], para se compreender a nova forma de ser do trabalho, a classe trabalhadora de hoje, é preciso partir de uma concepção ampliada de trabalho [assalariado]. Ela compreende a totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho, não se restringindo aos trabalhadores manuais diretos, incorporando também a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo que vende sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário. Ela incorpora tanto o núcleo central do proletariado industrial, os trabalhadores produtivos que participam diretamente do processo de criação de mais-valia e da valorização do capital ([...] transcende em muito as atividades industriais dada a ampliação dos setores produtivos nos serviços), quanto os trabalhadores improdutivos, [...], uma vez que são utilizados como serviço, seja para uso público, como serviços públicos, seja para uso capitalista. A classe trabalhadora, hoje, também incorpora o proletariado rural – [...] – de que são exemplos os assalariados das regiões agroindustriais, e incorpora também o proletariado precarizado, o proletariado moderno, fabril e de serviços, *part-time*, que se caracteriza pelo vínculo de trabalho temporário, pelo trabalho precarizado, em expansão na totalidade do mundo produtivo. Inclui, ainda, em nosso entendimento, a totalidade dos trabalhadores desempregados. (ANTUNES, 2005, p.81-2, grifos do autor)

De acordo com o autor supra, o capital contemporâneo proporciona a ampliação da lei do valor e extrai sobretrabalho “de todas as esferas das quais se pode extraí-los: nas fábricas, nos bancos, nas escolas, nos serviços mercadorizados, nas casas, etc., etc.” (Ibidem, p.97). A este fenômeno social e histórico, Antunes (2005) denomina como a “nova polissemia do trabalho”, pois há trabalho produtivo atualmente, onde não existia antes. A fim de corroborar sua concepção de classe trabalhadora ampliada ou do proletariado contemporâneo do século XXI, o autor afirma que “[...] todo trabalhador produtivo é assalariado, mas nem todo trabalhador assalariado é produtivo” (Ibidem, p.82).

Antunes (2005) igualmente menciona quem não faz parte da classe-que-vive-do-trabalho, tais como: os gestores do capital, os pequenos empresários, a pequena burguesia urbana e rural, que em menor escala é detentora dos meios de produção, e que “o trabalho que estrutura o capital desestrutura o ser social. [...] [que] gera uma subjetividade inautêntica no próprio ato do trabalho” (ANTUNES, 2005, p.92). É nesse sentido também que mais uma vez mencionamos que o professor é parte do proletariado, ou seja, pode ser considerado um professor-proletário.

Em *O Capital* livro I, no capítulo 8, Marx se debruça sobre a questão pertinente - o *tempo de trabalho* - e menciona que “O trabalhador, aqui, não é mais do que tempo de trabalho personificado. *Todas as diferenças individuais se dissolvem na distinção entre trabalhadores de ‘jornada integral’ e ‘meia jornada’*” (MARX, [1865] 2013, p.317, grifos nossos). Além disso, Marx afirma que

Como capitalista, ele é apenas capital personificado. Sua alma é a alma do capital. Mas o capital tem um único impulso vital, o impulso de se autovalorizar, de criar mais-valor, de absorver, com sua parte constante, que são os meios de produção, a maior quantidade possível de mais-trabalho. O capital é trabalho morto, que, como um vampiro, vive apenas da sucção de trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais trabalho suga. O tempo durante o qual o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho que comprou do trabalhador. Se este consome seu tempo disponível para si mesmo, ele furta o capitalista. (MARX, [1865] 2013, p.307)

Além da questão da precarização das condições de trabalho, que vimos anteriormente, da necessidade imposta pelo capital ao trabalhador, ao professor, ao operário, da venda da força de trabalho, toda e qualquer especificidade do trabalho ou de outras práxis e atividades é reduzida à questão do tempo de trabalho, pois o que importa ao capital, em primeira e última instância, é a capacidade de o trabalho produzir ou valorizar, mesmo que indiretamente, a mais-valia, extraída por meio do trabalho excedente que é incorporado ao produto do trabalho, que assume a forma de mercadoria. Este trabalho não pago é embolsado literalmente pelo capitalista que enriquece às custas do empobrecimento do trabalhador.

Em resumo, compartilhamos da concepção de Ricardo Antunes sobre o novo proletariado, a classe-que-vive-do-trabalho. Este autor tem apresentado estudos, em especial, sobre o operariado industrial, que realiza o trabalho produtivo, assim como tem analisado o movimento histórico de expansão do capital e seus processos de reestruturação produtiva que também tem subsumido às relações sociais do trabalho assalariado outros trabalhadores, prestadores de serviço, que têm engrossado as fileiras do proletariado contemporâneo.



No entanto, não que o autor mencionado não compreenda o proletariado como a classe capaz de realizar a práxis revolucionária, mas sua concepção, a classe-que-vive-do-trabalho, não contempla a atividade prático-revolucionária, essa dimensão valorativa e positiva do proletariado (IASI, 2012, p.321), que Marx no século XIX verificou e enfatizou como potencialidade no operariado industrial de seu tempo histórico.

Sendo assim, a fim de contemplar os traços do proletariado nesta pesquisa, adotamos também a concepção de Iasi (2012) em que o proletariado é considerado a classe em si e para si.

## CAPÍTULO II

### A PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA DO PONTO DE VISTA DA TRADIÇÃO MARXISTA: UMA NECESSIDADE SOCIAL E HISTÓRICA

“A doutrina materialista que supõe que os homens são produtos das circunstâncias e da educação e, em razão disso, os homens transformados são produtos de outras circunstâncias e de uma educação modificada, esquece-se de que são justamente os homens que transformam as circunstâncias e que o próprio educador tem de ser educado. Por isso, essa doutrina chega, necessariamente, a dividir a sociedade em duas partes, uma das quais é posta acima da sociedade (por exemplo, Robert Owen).

A coincidência da mudança das circunstâncias com a atividade humana ou mudança de si próprio só pode ser vista e considerada racionalmente como *práxis revolucionária*.” (III TESE AD FEUERBACH)

#### O poeta-operário

Grita-se ao poeta:  
 “Querias te ver numa fábrica!  
 O quê? versos? Pura bobagem!  
 Para trabalhar não tens coragem!”.

Talvez  
 ninguém como nós  
 ponha tanto coração  
 no trabalho.  
 Eu sou uma fábrica.  
 E se chaminés  
 me faltam  
 Talvez  
 sem chaminés  
 seja preciso  
 ainda mais coragem.  
 Sei.

Frases vazias não agradam.  
 Quando serrais madeira  
 é para fazer lenha.  
 E nós que somos  
 senão entalhadores a esculpir  
 a tora da cabeça humana?  
 Certamente que a pesca é coisa respeitável.  
 Atira-se a rede e quem sabe?  
 Pega-se um esturjão!  
 Mas o trabalho do poeta  
 é muito mais difícil.  
 Pescamos gente viva e não peixes.  
 Penoso é trabalhar nos altos-fornos  
 onde se tempera o ferro em brasa.  
 Mas pode alguém  
 acusar-nos de ociosos?  
 Nós polimos as almas  
 com a lixa do verso  
 Quem vale mais:  
 o poeta ou o técnico  
 que produz comodidades?  
 Ambos!

Os corações também são motores.

A alma é poderosa força motriz.  
 Somos iguais.  
 Camaradas dentro da massa operária.  
*Proletários do corpo e do espírito.*  
 Somos unidos,  
 somente juntos remoçaremos o mundo,  
 Fá-lo-emos marchar num ritmo célebre.  
 Diante da vaga de palavras  
 levantemos um dique!  
 Mãos à obra!  
 O trabalho é vivo e novo!  
 Com os oradores vazios, fora!  
 Moinho com eles!  
 Com a água de seus discursos  
 Que façam mover-se a mó!  
 (MAIAKÓVSKI, [1918] 2011, p.97, grifos nossos)

## 2.1 Algumas observações sobre o proletariado contemporâneo

Como propôs Maiakóvski ([1918] 2011, p.97), somos “proletários do corpo e do espírito”.

Vimos na primeira parte deste estudo que as condições históricas traspassam o operariado, que continua a se realizar até os dias de hoje. O operariado industrial chancela e é o núcleo do proletariado contemporâneo enquanto fração de classe que se organiza e se opõe ao capital porque toma alguma consciência de sua condição de exploração frente à dominação da classe burguesa, mas, ao mesmo tempo, o proletariado não pode ser reduzido àquela fração de classe (o operariado).

Segundo Engels ([1878] 1974, p.132-3, grifos nossos), ainda sobre o processo de transição histórica do feudalismo para o capitalismo, das condições necessárias a esse processo de transição,

O comércio em grande escala, o comércio internacional mais ainda, o comércio mundial, *exige* possuidores de mercadorias que sejam livres, independentes nos seus movimentos e que, dotados assim de direitos iguais, troquem os seus produtos, baseando-se num direito autêntico para eles, pelo menos num lugar determinado. *A mudança do artesanato para a manufatura supõe a existência de uma quantidade de trabalhadores livres – livres, por um lado, dos entraves corporativos e, por outro, dos meios que lhes permitissem explorar, eles próprios, a sua força de trabalho -, trabalhadores capazes de legar aos fabricantes a sua força de trabalho, por contrato, e que, como contratantes, estejam todos dotados de direitos iguais aos fabricantes. Por último a igualdade e o valor igual de todos os trabalhos dos homens, na medida em que são trabalho humano em geral, encontraram a sua expressão mais enérgica, ainda que consciente, na lei do valor da economia burguesa moderna, segundo a qual o valor de um objeto se mede pelo trabalho socialmente necessário para o produzir e que esse objeto contém.*

Afirmar que o proletariado não se restringe ao operariado, não significa de modo algum, dar “adeus ao proletariado”, enquanto sujeito histórico e revolucionário. Trata-se

apenas de considerar a complexidade da sociedade em que vivemos, dado o processo de expansão do capital, que submete o trabalho aos seus interesses de autovalorização, mas que, simultaneamente, necessita e abrange uma massa cada vez maior e disponível de força de trabalho livre dos meios de produção.

João Bernardo (1985, p.83), em seu texto “O proletariado enquanto produtor e como produto”, entende que no modo de produção capitalista se articulam, desde seu início, três classes sociais: as classes capitalistas são compostas pelos burgueses e gestores, e segundo afirma o autor: “A classe explorada é o proletariado”. Neste texto, João Bernardo ainda apresenta seu modelo de análise que procura explicar a produção e reprodução do proletariado “mediante a completa integração de toda a vida social dos trabalhadores nos mecanismos de produção de mais-valia” (p.84), se, num primeiro momento, o proletário precisa vender sua capacidade de trabalho para o capitalista, num segundo momento,

[o] processo transfere-se do capitalista para o proletário as subsistências fabricadas no primeiro processo, constituíra o preço do uso da força de trabalho. Esses bens de subsistência iriam então ser consumidos no âmbito de cada unidade familiar, o que seria relativamente ao capitalismo, uma esfera inteiramente privada. Aí, exteriormente ao capital, o proletário organizaria ele próprio a reprodução de sua força de trabalho e a procriação dos futuros trabalhadores. Consumidas as subsistências e reconstituída a força de trabalho, o proletário pode de novo vendê-la no primeiro processo, inaugurando um novo ciclo. (BERNARDO, 1985, p.85)

A compreensão de João Bernardo (1985) é singular no que se refere à reprodução do proletariado, pois esse processo histórico de reprodução da classe dominada não estaria somente a cargo da classe burguesa que se afirma enquanto nega o proletariado e sua dimensão revolucionária. Na perspectiva do autor, o proletário também reproduz sua condição de classe explorada, e isso aconteceria não só enquanto trabalha, mas igualmente quando utiliza o salário que recebe para garantir suas condições mínimas de sobrevivência, o que ocorre no âmbito de sua vida privada. Trata-se de um posicionamento teórico que nos leva a compreender como pode ser complexa a reprodução deste “ciclo” de exploração, inerente ao proletariado.

Também não podemos reduzir o proletariado ao processo histórico ascendente de desenvolvimento do capital, de formação do operariado, de crescimento da indústria, e que corresponde também ao período histórico por meio do qual o Estado moderno passa a exercer um papel coesivo até então ausente sob a forma de um comando político geral e dinâmico, fator que, segundo Mészáros (2011b), ajudou a melhorar objetivamente as potencialidades expansivas positivas do sistema do capital em sua totalidade. A respeito dos momentos ascendente e descendente do capital em Mészáros (2011b), a partir de sua análise da relação

de reciprocidade dialética entre estrutura e superestrutura do movimento histórico, o autor afirma,

Mesmo que algumas pessoas não gostem das “imagens obstétricas” de Marx, permanece o fato de que a própria natureza dos complexos sociais particulares constantemente cambiantes é praticamente definida dentro da totalidade social dada – correspondendo às inter-relações multiformes do “estágio histórico efetivo da produção” – no sentido de que, em qualquer momento particular da história, alguns deles estão no processo de crescimento e desenvolvimento, enquanto outros, ao contrário, estão no caminho do “fenecimento”, desintegração e declínio. Uma proposição que, obviamente, não poderia ser feita sobre a “sociedade enquanto tal” (uma “abstração da mente” das mais genéricas) em sua indeterminabilidade vazia. Ao mesmo tempo, a especificidade histórica do complexo social como um todo é, em si, praticamente definida e constantemente redefinida pela *configuração geral em mutação* e inter-relação dos complexos particulares e totalidades parciais entre si dentro da dinâmica objetiva das transformações em desdobramento. Ademais, embora a escala em si seja diferente, o complexo social como um todo também está sujeito às determinações que ocasionam, sob circunstâncias favoráveis, uma fase histórica de “ascensão”, ao passo que, sob condições em que predominam distúrbios e antagonismos na configuração geral, elas põem em movimento a fase de “declínio” e subsequentemente desintegração. Isso não poderia ser diferente, pois a “*macroestrutura*” de qualquer formação social particular é, em si, feita de “*microestruturas*” inerentemente históricas que não podem escapar às necessárias limitações – e respectivos tempos de duração – de sua especificidade social (MÉSZÁROS, 2011b, p.73, grifos do autor).

Mészáros (2011b, p.111) menciona que Kant, Adam Smith e Hegel foram intelectuais notáveis da burguesia que conceitualizaram o mundo do ponto de vista do capital em sua fase ascendente. Por um lado, o Estado também almejava se apropriar de quantidades cada vez maiores de recursos, a fim de garantir sua própria ampliação, e uma parte desse processo dinâmico de reprodução favoreceu a expansão material interna, e à extensão global da ordem do capital. Por outro, não podemos desconsiderar o processo de expansão e, simultaneamente, de descendência, de crises econômicas, em que o capital se encontra nos dias atuais, em que tal fase igualmente corresponde às consequências negativas provocadas por tal papel exercido pelo Estado e sua participação cada vez mais interferente no processo de reprodução do capital. Como exemplo, podemos citar o Estado norte-americano, os Estados europeus, que interferem de modo significativo na economia de seus países, tendo em vista, especialmente, a crise econômica de 2008, impondo o crescente desperdício e destrutividade, que são insustentáveis em longo prazo, atitudes irresponsáveis e até mesmo autoritárias do Estado capitalista, um papel intervencionista cada vez mais crescente e que se refere também ao aventureirismo militar progressivo, justificado por falsos pretextos e que, simultaneamente, são necessários às manifestações das contradições subjacentes do capital. Ou seja, o que vemos hoje é, ao mesmo tempo, a influência significativa da superestrutura jurídica e política na economia.

Outra questão a ser destacada, nessa fase do capitalismo descendente, que se refere à compreensão do proletariado nos dias atuais, é o fato de que a classe operária está decrescendo (ANTUNES; ALVES, 2004). Segundo Antunes e Alves (2004, p.336-7, grifos nossos), referente à transformação do proletariado: “Nossa tese central é a de que, se a classe trabalhadora não é idêntica àquela existente em meados do século passado, ela também não está em vias de desaparecimento, nem ontologicamente perdeu seu sentido estruturante” e acrescentam,

Mas ela vem presenciando um processo multiforme, cujas principais tendências indicaremos a seguir. Vamos enumerá-las: 1) Com a retração do binômio taylorismo/fordismo, vem ocorrendo uma redução do proletariado industrial, fabril, tradicional, manual, estável e especializado, herdeiro da era da indústria verticalizada de tipo taylorista e fordista. Esse proletariado vem *diminuindo com a reestruturação produtiva do capital*, dando lugar a formas mais desregulamentadas de trabalho, reduzindo fortemente o conjunto de trabalhadores estáveis que se estruturavam por meio de empregos formais. Com o desenvolvimento da *lean production* e das formas de horizontalização do capital produtivo, bem como das modalidades de flexibilização e desconcentração do espaço físico produtivo, da introdução da máquina informatizada, como a “telemática” (que permite relações diretas entre empresas muito distantes), tem sido possível constatar uma *redução do proletariado estável*, herdeiro da fase taylorista/ fordista. 2) Há, entretanto, contrariamente à tendência anteriormente apontada, outra muito significativa e que se caracteriza *pelo aumento do novo proletariado fabril e de serviços, em escala mundial*, presente nas diversas modalidades de trabalho precarizado. *São os terceirizados, subcontratados, part-time, entre tantas outras formas assemelhadas, que se expandem em escala global.*

Antunes e Alves (2004) afirmam que, apesar de o proletariado industrial, estável, da fase correspondente ao taylorismo/ fordismo, estar em decréscimo, trata-se, ao mesmo tempo, de uma classe que tem sofrido modificações, o que significa que estes mesmos operários estão atuando em condições cada vez mais instáveis e precárias de trabalho, ou ainda, muitos podem se encontrar desempregados, fator que favorece o acirramento da concorrência entre os trabalhadores, quadro este que aponta para uma classe que se expande, ao invés de se retrair.

Em síntese, o movimento do capital vem apontando para dois caminhos não desconhecidos da tradição marxista: a) para a autodestruição da humanidade (entendemos que percorremos por este caminho hoje); ou b) para o possível processo revolucionário que poderá se efetivar por meio da práxis revolucionária do proletariado que poderá resultar na superação do modo de produção capitalista e do capital. Sabemos que esta é uma tarefa árdua e o maior desafio sem dúvida a ser enfrentado pelo proletariado atual, e até mesmo posto à Filosofia da práxis de Marx, pois se tal teoria adotou a prática como critério de verdade, como apontamos anteriormente, a práxis revolucionária no sentido de superar o capital ainda não se efetivou.

## 2.2 Sobre a práxis revolucionária: uma compreensão necessária

Será sobre a práxis revolucionária e sua peculiaridade que discutiremos nesta parte da pesquisa, porque é importante que o proletariado entenda o que é a práxis revolucionária, sua singularidade, ou seja, um tipo de práxis em que é necessário, imprescindível, existir uma unidade entre prática e teoria, entre subjetividade e objetividade, entre ação e consciência de classe.

Dito de outro modo, se o proletariado contemporâneo fragmentado, heterogêneo, com o qual nos deparamos não desenvolver em unidade com as lutas de classes, a consciência teórico-prática acerca do funcionamento do capital e de sua situação de exploração e posição social frente ao modo de produção e reprodução capitalista, nosso esforço teórico não passará de vã filosofia.

Portanto, sabemos que a consciência de classe se desenvolve, prioritariamente, na prática, mas sua dimensão teórica, o conhecimento teórico do ponto de vista do proletariado é ao, mesmo tempo, *conditio sine qua non* para o avanço da luta de classes e de uma possível luta revolucionária do proletariado contra o capital, se isso não ocorrer e dependendo do modo como for abordada a teoria de Marx, é possível perdermos de vista exatamente seu caráter revolucionário, de transformação radical da realidade social, e poderemos fazer da Filosofia da práxis mais uma filosofia da especulação.

Vásquez (2011, p.252-3) ao discorrer sobre a práxis revolucionária, aponta que a teoria da revolução de Marx e Engels é produzida em estreita relação com a atividade prática e se enriquece à medida que, ao mesmo tempo, se complexifica a luta revolucionária do proletariado no século XIX contra a burguesia.

Em o *Manifesto Comunista* de 1848, frente àquele cenário histórico e revolucionário, Marx (2010, p.58) apontou que a primeira fase da revolução consistia na elevação do proletariado à classe dominante, à conquista do poder político. Noutras palavras, por meio da sua supremacia política, o proletariado deveria (e deverá) tirar aos poucos todo o capital da burguesia, a fim de centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado. Marx admite que isso naturalmente, a princípio, só poderia ser realizado, por meio de intervenções despóticas no direito de propriedade e nas relações de produção burguesas, e que tais medidas no desenrolar do movimento ultrapassariam a si mesmas e seriam indispensáveis à transformação radical de todo o modo de produção. As teses revolucionárias apontadas por Marx a respeito do cenário revolucionário que se desenhava na Europa em 1848 continuam ainda atuais. De modo prático, Marx também orientou medidas em países adiantados a serem

postas em prática no possível curso revolucionário daquele período. Tais medidas correspondem:

1. Expropriação da propriedade fundiária e emprego da renda da terra para despesas do Estado.
2. Imposto fortemente progressivo.
3. Abolição do direito de herança.
4. Confisco da propriedade de todos os emigrados e rebeldes.
5. Centralização do crédito nas mãos do Estado e com o monopólio exclusivo.
6. Centralização de todos os meios de comunicação e transporte nas mãos do Estado.
7. Multiplicação das fábricas nacionais e dos instrumentos de produção, arroteamento das terras incultas e melhoramento das terras cultivadas, segundo plano geral.
8. Unificação do trabalho obrigatório para todos, organização dos exércitos industriais, particularmente para a agricultura.
9. Unificação dos trabalhos agrícola e industrial; abolição gradual da distinção entre cidade e o campo por meio de uma distribuição mais igualitária da população pelo país.
10. Educação pública e gratuita a todas as crianças; abolição do trabalho das crianças nas fábricas, tal como é praticado hoje. Combinação com a produção material etc. (MARX [1848] 2010, p.58)

Marx também afirmou que, no desenvolvimento da revolução, ao desaparecerem os antagonismos de classe e toda a produção uma vez concentrada nas mãos dos indivíduos associados, o poder político deveria (e deverá) se definir, ou seja, perderia seu caráter político, o que justificaria a tese de extinção do Estado.

E ainda mencionou “se por meio de uma revolução se converte em classe dominante [o proletariado] e como classe dominante destrói violentamente as antigas relações de produção” (MARX [1848] 2010, p. 59), os antagonismos entre as classes, assim como o proletariado deveria (e deverá) destruir sua própria dominação de classe.

Nesse sentido, o proletariado é também automeiação, e que uma vez no poder, prepara as condições para o desenvolvimento do modo de produção comunista. O proletariado é a classe social, de acordo com Marx, capaz de mediar-se consigo mesma, no sentido de pôr fim à sociedade de classes. Capaz de uma ação de classe para-si, no sentido que nega a sociedade do capital e a si mesma e que, simultaneamente, precisa libertar-se do jugo da classe social não detentora dos meios de produção e de toda a humilhação sofrida até então em prol da realização dos interesses do capital postos em prática por meio de suas personificações, os gestores da classe burguesa. Por meio de tais medidas, verificamos ainda que o processo revolucionário é desafiador ao proletariado nos momentos que lhe são anteriores, que ocorrem durante a ebulição revolucionária, e posteriores à sua ação.

Ainda de acordo com Vásquez (2011, p.253) nas obras *Revolução e contrarrevolução na Alemanha* (1851), *A luta de classes na França* (1850) e em *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte* (1852), nesta Marx realiza um balanço da prática revolucionária que agitou os anos de 1848-1851, o autor supracitado confirma a prática como critério de verdade em relação à teoria, corrigindo-a e enriquecendo-a. Segundo Vásquez (2011) com base nas experiências



revolucionárias desses anos, Marx e Engels também comprovaram de algum modo as teses teóricas contidas no *Manifesto*, como por exemplo, a luta de classes como força motriz da história, a necessidade do processo revolucionário para a transformação radical da sociedade. Da análise da experiência revolucionária dos anos de 1848-1851 também surge a tese da revolução permanente, “ou da possibilidade da passagem ininterrupta da revolução burguesa à revolução proletária quando a primeira é levada conseqüentemente até o fim” (VÁSQUEZ, 2011, p.253).

É interessante observar como Marx aborda o problema de como determinar com o que se substituiria a máquina do Estado uma vez destruída, mas para isso, Marx teria que esperar a experiência histórica de 1871, a experiência histórico-revolucionária da *Comuna de Paris*. Sobre este evento, o primeiro governo do proletariado na história, a *Comuna de Paris*, em *A Guerra Civil na França* (MARX ([1871] 2008), especificamente, na “Mensagem do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores”, Marx afirma que

A classe operária não esperou milagres da Comuna. Ela não tem utopias prontas a introduzir *par décret du peuple* [por decreto do povo – francês]. Sabe que para realizar a sua própria emancipação – e com ela essa forma superior para a qual tende irresistivelmente a sociedade presente pela sua própria atividade econômica – terá de passar por longas lutas, por uma série de processos históricos que transformam circunstâncias e homens. Não tem de realizar ideias, mas *libertar os elementos da sociedade nova de que está grávida a própria velha sociedade burguesa em colapso* [grifos nossos]. Na plena consciência da sua missão histórica e com a resolução heróica de agir à altura dela, a classe operária pode permitir sorrir à invectiva grosseira dos lacaios de pluma e tinteiro e ao patrocínio didático dos doutrinadores burgueses de boas intenções, que derramam as suas trivialidades ignorantes e suas manias sectárias no tom oracular da infalibilidade científica. (MARX, [1871] 2008, p.408, grifos do autor)

Na citação acima, Marx não deixa dúvidas de que a tarefa revolucionária é obra do próprio proletariado, que não tem utopias, mas é ação, que na unidade teoria-prática, esta é que coloca os problemas sociais e que exigirá uma ação consciente da classe. Não é a ciência, a teoria que por si só soluciona os problemas de um determinado período histórico, sendo que o que os “doutrinadores burgueses” fizeram até aqui não foi outra coisa senão justificar a existência do capital, eternizando uma lógica finita.

Nesse ínterim, nesse processo de amadurecimento intelectual, Marx então se debruça sobre o estudo da economia política, pois precisava conhecer como o capital funcionava, suas leis, e que contradições conduziriam à necessidade de um processo revolucionário. Segundo Vásquez (2011, p. 255, grifos nossos),

A mesma preocupação que o leva a analisar as experiências revolucionárias dos anos de 1848-1851 leva-o, anos depois, a investigar as leis e os conceitos fundamentais da produção capitalista. Por isso, não é por acaso que *O capital* começa com a análise profunda da mercadoria e termina com as classes sociais, ainda que Marx

tenha apenas podido dedicar a essa análise vinte linhas de um capítulo que não pôde escrever. [...]. Ao descobrir as leis fundamentais da produção capitalista e seus conceitos básicos, e desvelar suas contradições antagônicas, Marx não faz outra coisa além de *fundamentar cientificamente a necessidade de passagem do capitalismo para o socialismo*. Desse modo, a teoria nos trabalhos posteriores às revoluções de 1848-1851 se nutria da prática refletida em tais trabalhos, em *O capital* – como teoria científica – é condição indispensável de uma nova práxis. Toda a leitura de *O capital* que não veja, em última instância, uma teoria fundada não só na prática produtiva peculiar do capitalismo, mas determinada, por sua vez, pela necessidade da práxis revolucionária do proletariado, estabelece o divórcio entre a teoria e a prática, posto que deixa de ver o que era essencial para Marx: *a teoria como fundamento científico da substituição revolucionária do capitalismo pelo socialismo e da missão histórica do agente dessa transformação: o proletariado*.

Conforme a citação anterior, Marx necessita desenvolver os fundamentos científicos que deveriam, e ainda deverão, subsidiar a práxis revolucionária. Assim, compreendemos a complexidade que reúne esse tipo de práxis, que somente se efetivará tendo como fim de sua ação a superação do capital, porém sem perder de vista que todo o processo revolucionário deve ser permeado pela consciência proletária. *O capital* compreende a teoria científica, até onde pôde ser desenvolvida por Marx, que fundamenta a práxis revolucionária. Isso não significa que essa teoria deva ser seguida como um receituário pronto e acabado, pois veremos que um dos traços da práxis é exatamente a imprevisibilidade, a ação pode ser modificada em decorrência das circunstâncias históricas, leis novas podem resultar desse processo, mas num primeiro momento, a teoria esclarece e procura prever de algum modo, mesmo que limitado, a ação do proletariado.

Segundo Marx ([1843] 2013, p.152, p.157),

A crítica arrancou as flores imaginárias dos grilhões, não para que o homem suporte grilhões desprovidos de fantasias e consolo, mas para que se desvencilhe deles e a flor viva desabroche. [...]. A arma da crítica não pode, é claro, substituir a crítica da arma, o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria também se torna força material quando se apodera das massas.

Marx não desvalorizou o componente teórico, mas de modo diferente dos filósofos de seu tempo, colocou a necessidade de a teoria se transformar em força material, de ultrapassar o terreno da especulação, de se apoderar e de ser apropriada pelas massas. A realização da crítica do capital na prática, da teoria da revolução, é, simultaneamente, a realização da Filosofia da práxis, fator que esclarece a complexidade da ação revolucionária. Se assim não acontecer, colaboramos para a cisão entre teoria e prática.

De acordo com Mészáros (2011b, p.37, grifos do autor),

Marx insiste na necessidade de produzir “em massa” o que ele chama de “consciência comunista”, ligando-a à revolução como a condição de sua produção [...]. Encarar a *revolução*, portanto, meramente como um mecanismo material seria uma supersimplificação grosseira.

Portanto, a ação revolucionária trata-se, simultaneamente, de uma ação consciente do proletariado que lhe exigirá uma ação (prático-teórica), consciente da complexidade do capital, de seu sistema de mediações de segunda-ordem, do entendimento de sua condição de classe social explorada e expropriada dos meios de produção, e que também é produtora de toda a riqueza socialmente produzida, embora o proletariado não usufrua de modo justo essa mesma riqueza. Como Marx ([1848] 2010, p.50) ressaltou no *Manifesto*: “[...] o desenvolvimento da grande indústria retira dos pés da burguesia a própria base sobre a qual ela [se] assentou [...]. A burguesia produz, sobretudo, seus próprios coveiros”. O quadro histórico que poderá colocar o proletariado diante de um processo revolucionário será o antagonismo insuperável e insuportável das forças produtivas e das relações de produção.

Ressaltamos que a práxis, especialmente, a práxis revolucionária guarda em si alguns traços: a unidade teoria-prática, no processo prático; a imprevisibilidade do processo e de seu resultado e a unicidade e irrepetibilidade do produto (VÁSQUEZ, 2011, p.292).

Em relação ao primeiro traço, compreendemos que a prática tem prioridade sobre a teoria, no entanto, essa prioridade não pode dissolver a teoria na prática, e vice-versa. O que existe na relação teoria-prática é uma relação de unidade, e não de identidade. Portanto, a teoria também detém certa autonomia relativa, cujo papel determinante da prática corresponde ao de fundamento, critério de verdade e finalidade da teoria. Essa autonomia relativa da teoria lhe permite em maior ou menor grau que ela se antecipe de certo modo à prática. “O conhecimento de certa legalidade do objeto permite, com efeito, prever determinadas tendências de seu desenvolvimento” (VÁSQUEZ, 2011, p.262) e, ainda, o desenvolvimento ideal da prática pode, ao mesmo tempo, propiciar uma prática inexistente. Sem essa autonomia relativa da teoria, esta seria mera expressão de uma prática existente, e “não poderia cumprir, ela mesma, como instrumento teórico, uma função prática” (Ibidem, p.263).

O segundo traço que está igualmente relacionado à práxis revolucionária, refere-se à margem de imprevisibilidade da práxis, em que o objetivo, o resultado da prática tem seu ponto de partida num resultado ideal, e ainda que exista algum fim regendo o processo de ação/ transformação do objeto há, segundo Vásquez (2011, p.265), sempre certa inadequação entre o modelo ideal e sua realização. Essa inadequação pode se apresentar tanto mais profunda quanto mais resistência a matéria opuser à forma exigida pelo fim (consciência) que se tem a pretensão de atingir. A consciência que permeia todo o processo prático tem de estar em alerta às exigências imprevistas que poderão surgir no decorrer do processo de transformação de dado objeto. “O dinamismo e a imprevisibilidade do processo exigem

também um dinamismo da consciência” (Ibidem, p.266). O papel da consciência na práxis não se limita apenas a delimitar o fim, a consciência precisa estar presente durante todo o curso de desenvolvimento da prática. “O resultado real só é alcançado ao cabo de um processo prático, objetivo, que ultrapassa a cada momento o resultado ideal.” (Ibidem, p.266). E a consciência precisa permanecer no decorrer de todo o processo, não só na tentativa de impor o fim inicialmente planejado, assim como modificar o objetivo a favor da realização da prática.

A irrepetibilidade da práxis é o terceiro traço que está relacionado a uma práxis criadora, deve-se à possibilidade de subordinação da totalidade, em algum momento do processo criador, a uma lei que só pode ser descoberta a posteriori. Essa descoberta se dá devido à modificação do fim que pode ocorrer em algum momento determinado do processo prático, para se atingir certo resultado. Essa modificação possível e às vezes necessária do fim é que poderá resultar numa nova lei a subordinar a totalidade, o que faz com que o produto (o resultado alcançado) contenha um caráter que lhe é único, imprevisível e irrepetível. Nesse sentido, afirmamos que a práxis revolucionária é simultaneamente práxis criadora e reúne em si os traços demarcados acima, ou seja, ao mesmo tempo, contém a unidade sujeito-objeto no processo prático, a imprevisibilidade e é única e irrepetível na história da humanidade.

Diante de tais traços, reafirmamos mais uma vez a complexidade da práxis revolucionária que tem como sujeito histórico, o proletariado. Tal investigação sobre a práxis revolucionária se justifica pelo fato de que não é suficiente afirmar em nossas análises a necessidade social e histórica<sup>41</sup> da revolução proletária, da transformação radical da totalidade do capital pelo proletariado, mas, antes, é necessário expor o que é a práxis revolucionária para que possamos compreender sua especificidade e o quão desafiante é o cenário social e histórico que num determinado momento exigirá tal práxis do proletariado contemporâneo.

A ação revolucionária, apesar de ser uma necessidade social que será colocada pelo movimento histórico-dialético como alternativa a não destruição da humanidade, não é uma imposição ao proletariado, é uma escolha a respeito de um posicionamento de classe.

*A História não faz nada, ‘não possui nenhuma riqueza imensa’, ‘não luta nenhum tipo de luta’! Quem faz tudo isso, quem possui e luta é, muito antes, o homem, o homem real, que vive; não é, por certo, a ‘História’, que utiliza o homem como meio para alcançar seus fins – como se se tratasse de uma pessoa à parte -, pois a História não é senão a atividade do homem que persegue seus objetivos. (MARX [1845] 2011, p.111, grifos do autor). Die Geschichte tut nichts, sie , ‘besitzt keinen*

<sup>41</sup> A práxis revolucionária também não deixa de representar outro traço essencial do proletariado, e segundo Mészáros (2015, p.131, grifos nossos): “[...], *necessidade social* no conceito marxiano não é um determinismo mecânico qualquer. Muito pelo contrário: trata-se de uma compreensão dialética do que necessita e pode ser realizado com base nas *tendências* da realidade objetivamente em movimento. Em si, ela é inseparável da *consciência* que se ajusta às condições cambiantes e às sóbrias lições do mundo que tenta transformar”.

*ungeheuren Reichtum', sie , 'kämpft keine Kämpfe'! Es ist vielmehr der Mensch, der wirkliche, lebendige Mensch, der das alles tut, besitzt und kämpft; es ist nicht etwa die , 'Geschichte', die den Menschen zum Mittel braucht, um ihre – als ab sie eine aparte Person wäre – Zwecke durchzuarbeiten, sondern sie is nichts als die Tätigkeit des seine Zwecke verfolgenden Menschen (Friedrich Engels – Karl Marx, Die heilige Familie, oder Kritik der kritischen Kritik. Gegen Bruno Bauer & Consorten [A Sagrada Família, ou Crítica da Crítica Crítica. Contra Bruno Bauer&Consortes], VI, 2, a; MARX-ENGELS Werke [Obras de Marx e de Engels], ed. IML (doravante: MEW), Berlin, DietzVerlag, 1976, vol.2, p.98. apud BARATA-MOURA, 2010, p.10)*

A “História” não é um poder estranho que se sobrepõe ao homem e tudo domina. A História não é uma personagem que por si só fará a revolução, e ficaremos todos de braços cruzados, observando as transformações da realidade social. A história da humanidade existe porque é exatamente fruto da atividade humana, e esse foi o salto dado por Marx em sua concepção histórico-materialista acerca do real. No entanto, o grande desafio enfrentado hoje é que o proletariado atual ainda não tem consciência de que é o produtor de toda a riqueza social, e que o processo revolucionário põe a ele a necessidade de desvencilhar do modo de produção as relações sociais alienadas reproduzidas na sociedade do capital.

Mais adiante, veremos também que o ser da classe pode não corresponder à sua consciência de classe, esta relação entre ser e consciência não é automática. Há proletários que defendem, por exemplo, os interesses do capital, anseiam a posição de classe dos burgueses, ou da classe média, e há burgueses que podem defender os interesses e lutar ao lado de proletários. Por outro lado, só o proletariado, que reúne em seu ser da classe o sofrimento universal, poderá realizar tal empreendimento histórico, exatamente pela sua condição de classe explorada. De outro modo, a classe dominante, a burguesia, jamais realizará uma práxis revolucionária no sentido que apontou Marx, pois tal ação implica a sua própria destruição, a destruição de sua dominação.

Mészáros (2011a, p.217), em *Para Além do Capital*, no capítulo em que aborda “A ativação dos limites absolutos do capital”, afirma que este sistema de controle sociometabólico está estruturado de maneira mutuamente antagônica, em todos os seus níveis, seja na estrutura ou na superestrutura que formam o “edifício” do capital, e que quanto mais modificam “as próprias circunstâncias históricas, apontando na direção de uma mudança necessária [...] das premissas estruturais irracionais do sistema do capital, mais categoricamente os imperativos” que correspondem ao funcionamento do sistema do capital devem ser reforçados “e mais estreitas devem ser as margens dos ajustes aceitáveis”.

Além do mais, na perspectiva marxiana, somente se a humanidade optar pela via da revolução, é que poderemos de fato vislumbrar a possibilidade de realização do trabalho

associado, sua forma de organização e distribuição qualitativamente distintas em relação ao modo de produção capitalista,

A distribuição dos meios de consumo é, em cada época, apenas a consequência da distribuição das próprias condições de produção; contudo, esta última é uma característica do próprio modo de produção. O modo de produção capitalista, por exemplo, baseia-se no fato de que as condições materiais de produção estão dadas aos não trabalhadores sob a forma de propriedade do capital e de propriedade fundiária, enquanto a massa é proprietária somente da condição pessoal de produção, sua força de trabalho. Estando assim distribuídos os elementos da produção, daí decorre por si mesma a atual distribuição dos meios de consumo. Se as condições materiais de produção fossem propriedade coletiva dos próprios trabalhadores, então o resultado seria uma distribuição dos meios de consumo diferente da atual. O socialismo vulgar (a partir dele, por sua vez, uma parte da democracia) herdou da economia burguesa o procedimento de considerar e tratar a distribuição como algo independente do modo de produção e, por conseguinte, de expor o socialismo como uma doutrina que gira principalmente em torno da distribuição. Depois de a relação real estar há muito esclarecida, por que retroceder? (MARX, [1875] 2012, p.33)

Insistir nesta forma de sociabilidade em que nos encontramos hoje, baseada numa organização e distribuição de toda a produção material e espiritual de forma injusta, é, em uma palavra definida por Marx (2012), retroceder. Por que retroceder? Este se trata de um retroceder autodestrutivo do homem para com o próprio homem. A possibilidade de organizarmos de modo distinto a sociedade em que vivemos, e essa nova forma de organização poderá ser uma das consequências de um processo revolucionário se bem sucedido, trata-se de o homem libertar as condições de produção, as forças produtivas do capital, condições que já estão postas na sociedade capitalista. Ou, trata-se de superar todas as relações sociais alienadas que se reproduzem por meio da base e superestrutura do capital, para que possamos nos organizar de modo diferente a partir de outra forma de atividade produtiva, o trabalho associado. Somente a partir daí, na visão de Marx, é que poderemos vivenciar o processo de desenvolvimento, de realização das relações de produção qualitativamente diversas das relações de produção postas a partir da organização e distribuição desigual do modo de produção capitalista, que tem em sua base o trabalho assalariado.

Retomemos a questão da revolução.

Marx ([1844] 2010) também abordou diferentes formas de revolução. Pois não é qualquer revolução que poderá conduzir a humanidade, abrir-lhe caminho para uma possível sociedade comunista. Em *Lutas de classes na Alemanha*, especificamente, no texto *Glosas Críticas ao Artigo “O rei da Prússia e a reforma social” De um prussiano* [1844] escrito para o *Vorwärts*, Marx (2010) apresenta, em decorrência do contexto histórico de sua época, a

respeito da revolta dos trabalhadores silesianos, dois tipos de revolução, qualitativamente distintas, a revolução política com alma social e a revolução social com alma política.

[...] uma revolução *social* encontra-se na perspectiva do *todo* – mesmo que ocorra em *um único* distrito fabril – por ser um protesto do ser humano contra a vida desumanizada, por partir da *perspectiva* de *cada* indivíduo real, porque a *comunidade* contra cujo isolamento em relação a si o indivíduo se insurge é a *verdadeira* comunidade dos humanos, a saber, a condição *humana*. Em contrapartida, a *alma política* de uma revolução consiste na *tendência* das classes sem influência política de eliminar seu *isolamento* em relação ao *sistema estatal* e ao *governo*. Sua perspectiva é a do Estado, a de um *tudo abstrato*, que somente ganha existência pelo isolamento em relação à vida real, que é *impensável* sem a contraposição organizada entre ideia universal e existência individual do ser humano. Consequentemente uma revolução de alma política também organiza, em conformidade com a natureza *restrita* e contraditória dessa alma, um círculo dominante na sociedade, à custa da sociedade. [...]. Toda e qualquer revolução dissolve a *antiga* sociedade; nesse sentido, ela é *social*. Toda e qualquer revolução derruba o *antigo poder*; nesse sentido, ela é *política*. (MARX [1844] 2010, p.50-1, grifos do autor)

A revolução proletária é a revolução política com alma social. É uma revolução transformadora das bases da sociedade de classes do capital e representa, do ponto de vista marxiano, a única possibilidade de reestruturação radical da sociedade a partir de outro modo de trabalho, o trabalho associado, o qual mencionamos. Como Marx (2010) afirma, mesmo que ocorra uma revolta, uma paralisação, como tantas vezes observamos no cenário nacional brasileiro<sup>42</sup> atualmente, quando a luta de classes eclode num determinado segmento fabril, ou num outro ambiente de trabalho, àquela paralisação o trabalhador, mesmo que inconscientemente, manifesta naquele ato de revolta, de reivindicação contra o patrão, o seu isolamento da verdadeira comunidade humana da qual está separado.

Portanto, numa revolução proletária, não se trata de substituir um poder dominante de uma classe por outro poder dominante no âmbito político, como o que ocorreu com a classe burguesa no século XIX, que realizou uma revolução social com alma política, implementando, ao mesmo tempo, a emancipação política do Estado, criando uma

---

<sup>42</sup> O cenário brasileiro de 2015 foi movimentado pelas greves realizadas em vários Estados do país, destacaremos algumas delas: em 6 de janeiro de 2015, 13 mil funcionários da Volkswagen de São Bernardo do Campo-SP aderiram a uma greve; professores da rede pública do Paraná, contra os desmandos do governo de Beto Richa (PSDB-PR), paralisaram suas atividades em 9 de fevereiro de 2015; em São Paulo os professores da rede pública realizaram a maior greve de sua história contra o governo tucano de Geraldo Alckmin (PSDB-SP), tendo seu início em 11 de março de 2015. Houve greve também neste ano dos professores da rede pública do Estado de Alagoas contra, inclusive, as condições precárias de trabalho, impostas pelo governo de Renan Filho (PMDB-AL), os referidos professores afirmaram que eles são os profissionais responsáveis pela formação de todas as demais categorias, no entanto, são os profissionais mais desvalorizados. Ocorreu greve dos professores também no Estado do Acre, iniciada em 17 de junho de 2015. Aconteceu ainda neste ano, a greve dos servidores do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) que começou em 10 de julho de 2015; greve dos trabalhadores na Ford do ABC contra 200 demissões, iniciada em 10 de setembro de 2015; greve dos bancários, iniciada em 6 de outubro de 2015; dos petroleiros em defesa da Petrobras iniciada em 24 de julho de 2015, etc. Informações sobre as paralisações estão disponíveis em: <<http://www.cut.org.br/busca/?t=Greve&pag=1>>. Acesso em: dez. 2015.

comunidade política abstrata, que mantém, simultaneamente, a cisão entre sociedade civil e Estado, entre indivíduo burguês e cidadão, reproduzindo, em última instância, o trabalhador explorado.

A dissolução da sociedade do capital, sua superação, conseqüentemente, o fenecimento do Estado contemporâneo, deverão ser conseqüências da revolução proletária, na perspectiva de Marx, e que ainda não se realizou na história da humanidade. A radicalidade da revolução, no sentido em que Marx expôs em seus escritos, como uma necessidade social e histórica, não se restringe a uma mudança de sistema político que mantém a sociedade de classes, não se reduz a uma via reformista do capital. Marx está consciente do antagonismo e da irracionalidade desse sistema econômico. A revolução proletária é uma tarefa árdua e exige, portanto, a práxis revolucionária, e seu sujeito histórico, o proletariado.

A teoria em si [...] não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem de sair de si mesma e, em primeiro lugar, tem de ser assimilada pelos que hão de suscitar, com seus atos reais, efetivos, essa transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação; tudo isso como passo indispensável para desenvolver ações reais efetivas. Nesse sentido, uma teoria é prática quando materializa, por meio de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação. (VÁSQUEZ, 2011, p. 238)

Portanto, a Filosofia da práxis de Marx só poderá se realizar de modo total uma vez que a sociedade do capital for superada, e, para isso, vimos que é necessário que a classe explorada se organize, desenvolva um plano concreto de ações, de estratégias e táticas, se aproprie do ponto de vista teórico do proletariado, desenvolva sua consciência de classe, sobretudo, nas lutas de classes, mas também teoricamente, pois entendemos que só assim o proletariado compreenderá as contradições que são inerentes ao sistema sociometabólico do capital.

Desse modo, as ações referenciadas são necessidades que se impõem ao processo revolucionário. É claro, que este processo de preparação para uma possível revolução não se trata de um receituário, porém, a ausência de tais elementos nas lutas de classes poderá contribuir para que a revolução proletária na sociedade em que vivemos não ultrapasse os limites dos textos de Marx, sendo reduzida à utopia de um teórico do século XIX, cujos pressupostos “estacionaram” no tempo, e que a revolução não passará de mero romantismo, da nostalgia de uma humanidade que não se viu florescer.

E para finalizar,

Ao almejarmos um avanço qualitativo para a “nova forma histórica” defendida por Marx, estamos preocupados com *toda a complexidade da reprodução societal*, repousando sobre uma base material segura que deve ser capaz de manter uma



relação harmoniosa com a natureza. Isso significa, em outras palavras, que sem a *profunda reestruturação da totalidade das relações reprodutivas da sociedade* – desde os pré-requisitos materiais elementares do processo de trabalho aos mais mediados intercâmbios reguladores no domínio da consciência social e a produção emancipatória de ideias, incluindo a mudança qualitativa da hoje dominante modalidade de normatividade externamente imposta para a avaliação internamente adotada e positivamente buscada dos objetivos conscientemente escolhidos pelos indivíduos – é *impossível* esperar, nos termos da base duradoura requerida, a solução dos problemas que temos que encarar. (MÉSZÁROS, 2011b, p.136, grifos nossos)

Problemas, questões, desafios que precisamos encarar, que o proletariado precisa enfrentar. A revolução como vimos não será feita pelo movimento histórico dialético, mas a história existe porque é consequência das ações humanas. Sendo assim, um processo revolucionário, de longa duração, necessita incorporar a superação de “toda a complexidade da reprodução societal”, a fim de estabelecer uma relação harmônica entre forças produtivas, relações de produção e natureza, por meio da reestruturação da ordem social, de toda a sua base e superestrutura. A revolução se ocorrer não se realizará somente na base do processo produtivo, não se restringirá à forma de trabalho posta pelo capital, mas incluirá a reestruturação da superestrutura, que corresponde ao definhamento do Estado, a superação da política partidária, da democracia burguesa, das classes sociais, das ideias dominantes que justificam também uma consciência social alienada, ou seja, todos esses fatores precisarão ser superados por meio da ação prático-teórica do proletariado.

Sabemos também que o processo revolucionário não é “pacífico”, nele está contida certa dosagem de violência. Segundo Vásquez (2011, p.382), no capítulo que trata sobre “Práxis e a violência”,

Ao afirmarem a importância da violência, Marx e Engels reagiam contra a tendência da historiografia burguesa de negar ou mascarar seu papel no desenvolvimento histórico e na transformação revolucionária da sociedade; Lenin, por sua vez, o fazia justamente para opor-se à concepção reformista e oportunista do marxismo, que elevava os métodos não violentos de luta ao plano do absoluto. Mas nem Marx nem Engels, por um lado, nem Lenin, por outro, buscavam fazer a apologia da violência e, menos ainda, considerá-la como um fim em si ou um método exclusivo de luta. Para eles, a violência era uma necessidade imposta pelas contradições irreconciliáveis de uma sociedade dividida em classes antagônicas e utilizada, com fins diametralmente opostos, tanto pelas classes dominantes como pelas classes oprimidas. A experiência histórica lhe demonstrava, com efeito, que nenhuma classe dominante estava disposta a ceder voluntariamente suas posições econômicas e políticas vitais e que, nesse sentido, não se deixava prender por considerações pacifistas ou humanitárias; demonstrava-lhes, igualmente, que diante dessa resistência as classes oprimidas e exploradas encontravam os caminhos pacíficos fechados e, em geral, apenas lhes restava o caminho da violência. Mas, dessa experiência que a história oferecia objetivamente, não extraíam nenhuma apologia da violência; ao contrário, da análise objetiva, científica, do próprio desenvolvimento histórico e, particularmente, da sociedade capitalista, deduziam a necessidade e possibilidade da abolição da violência, ainda que na realização dessa possibilidade a revolução violenta desempenhasse um papel importante. No entanto, tanto Marx e Engels como Lenin rejeitavam qualquer exagero quanto ao papel da violência. Já em sua época Marx se opôs às palavras de ordem aventureiras de

blanquistas e anarquistas, que exageravam o papel dos métodos violentos para tentar suprir assim a ausência de condições reais, objetivas, para uma práxis revolucionária, ao mesmo tempo em que condenava a concepção grosseira e primitiva do socialismo e do comunismo, que reduz essas duas formas superiores de organização social a uma organização baseada na violência.

A referida citação é longa, mas esclarecedora no que se refere ao posicionamento de Marx, Engels e Lenin, a respeito da relação entre práxis e violência, postas como necessárias, em determinadas circunstâncias, a fim de enfrentar a classe que domina e que não está disposta a ceder ou negociar seus privilégios à classe dominada. Discorrer sobre estes elementos, especialmente, sobre a violência é importante para que, primeiro, não façamos apologia às práticas violentas, mas que compreendamos em que momentos ela se faz necessária, e, segundo, destacarmos mais uma vez a complexidade que exige a realização de uma práxis revolucionária que se norteia pela transformação da sociedade do capital. Vimos que não se trata de uma simples ação, mas que a práxis revolucionária é extremamente elaborada, e vimos o quanto ela exigirá do proletariado, que estaria disposto à realização de tamanho desafio histórico?

Esperamos ter explicitado que a ação revolucionária não se reduz aos gritos “trovejados” nas ruas pelas gargantas dos oprimidos, tal como, “viva a revolução!”, embora o grito seja significativo, a ação simplista, inconsciente, não teórica, não organizada, tem grandes chances de levar o proletariado a uma luta inglória contra o capital. Problemas complexos não são superados por meio de ações inconsequentes, impulsivas e simplistas. A luta de classes ganhará fôlego e se imporá enquanto tal quando as necessidades que são inerentes a um processo revolucionário forem encaradas com seriedade. Na realidade, a revolução já começou. Agora, é escolher de qual lado pretendemos lutar.

### CAPÍTULO III

## A CONSCIÊNCIA DE CLASSE PROLETÁRIA: UMA DIMENSÃO DA PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA E TRAÇO DO PROLETARIADO

“O que é a criação da consciência de classe senão  
‘ensinar o povo a assustar-se consigo mesmo para lhe dar coragem?’”  
(Para a crítica do direito hegeliano)  
(MARX, 2005 apud SILVA, 2012, p.82).

“Jamais se vai além quando não se sabe para onde se vai.”  
(GOETHE, Máximas 901)

“Estudar o processo de consciência é refletir  
sobre a ação dos indivíduos e das classes  
em sua pretensão de mudar o mundo.” (IASI, 2014, p.13)

### 3.1 Um ensaio à compreensão da consciência de classe

Segundo a definição do *Dicionário do Pensamento Marxista* organizado por Bottomore (2013) sobre a categoria consciência de classe, vemos que sua apreensão é algo que requer atenção, sobretudo, às diferentes circunstâncias históricas que impõem os limites e o ritmo ao desenvolvimento da ação e da consciência de classe tanto para a burguesia como para o proletariado.

Em *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*, Marx ([1852] 2008, p.19) afirma que

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar-se nessa linguagem emprestada.

Estas circunstâncias históricas segundo Marx ([1852] 2008) são, ao mesmo tempo, resultado da ação do homem sobre a natureza e sobre si mesmo, e, portanto, são relações sociais que se autonomizam relativamente frente ao indivíduo, e por serem produzidas numa sociedade de classes assumem o aspecto aparente de relações estranhadas e também porque são herdadas pelo próprio ser social, como condições históricas anteriores, que se sobrepõem e subjagam seus próprios criadores. O fato de o homem ainda não ter assumido as “rédeas” da história pode se explicar também porque a alienação se intensifica na mesma medida em que

novos instrumentos de trabalho são criados, novas tecnologias são implementadas, não só no âmbito do trabalho, mas na sociedade como um todo.

Voltemos a nossa discussão sobre consciência de classe. A burguesia pode ser considerada uma “classe para si”? Exatamente pelo fato de a classe burguesa representar os interesses particularistas, exclusivistas, assim como suas personificações do capital, é que necessita criar mediações abstratas, alienadas, a fim de “convencer” as pessoas de que se trata de uma particularidade “universal”, a mais viável. Dessa forma, a classe burguesa representa uma falsa universalidade, porque se realiza de modo essencialmente negativo e reproduz, ao mesmo tempo, o antagonismo de classes inerente ao capital. Somente o proletariado é capaz de realizar-se como “classe para si”, pois, devido à sua substancialidade, é a única classe capaz de realizar-se, simultaneamente, como automeiação, como práxis revolucionária universal e agir conscientemente contra o capital.

A distinção categórica de “classe em si e para si”, de acordo com Mészáros (2011a, p.248, grifos do autor), teve origem em Hegel, na *Lógica de Hegel*, “que falou a respeito do ser ‘em e para si’ constituir-se por meio da ‘automeiação’” e sendo, dessa forma, “‘postulado para si como o universal’ [...]”. De acordo com o referido autor, esses seriam os critérios que definiriam a burguesia como incapaz de ser considerada uma “classe para si”, pois a classe burguesa, de um lado, coloca-se como antagonista insuperável em relação ao proletariado, e, portanto, falta-lhe a condição de automeiação estipulada por Hegel. Mészáros (2011a) afirma que a burguesia não pode postular-se como universal porque é constituída como uma força social necessariamente exclusivista, na forma contraditória de “parcialidade universalizada”, isto significa que seu autointeresse parcial é transformado no princípio geral organizador da sociedade, de tal modo que a classe burguesa, que é o particularismo por excelência, só pode ser considerada uma “classe em si”, cuja definição do em si significa “contra o outro”, contra o antagonista. Ainda segundo Mészáros (2011a), a base “positiva e de autossustentação” da classe dominante nos dias atuais não passa de uma pseudopositividade, porque se trata de uma estrutura que se reproduz a partir da dominação e exploração do proletariado.

Assim, tanto nas estruturas reprodutivas materiais do capital como na sua formação do Estado, as categorias do “em si” e “para si” coincidem mistificadamente de tal forma que a realidade do “em si” particularista se apresenta como o universalmente benéfico e universalmente realizável [...] que na realidade, em termos substantivos, é um para si absolutamente irrealizável. Esta coincidência e camuflagem perversa cria uma aparência enganadora de positividade apesar de sua substância inalteravelmente negativa. Ao mesmo tempo, esconde sua natureza real, por meio da falsa aparência de estruturas e instituições materiais reprodutivas *livres* e políticas soberanas. O resultado é que o parasita opressor e explorador do trabalho produtivo pode reivindicar, para si, privilégios por ser o “criador das riquezas”, e para seu “Estado democrático”, que defenda e imponha o “interesse geral e universal”. Entretanto, tudo isso deixa de ser viável quando se atingem os limites absolutos. Pois a

negatividade inerente até os maiores monopólios – que lutam contra outros monopólios e contra o trabalho, tanto no próprio país como no exterior – não tem capacidade de se transformar numa positividade abrangente e conciliadora feliz. Nem a defesa e a imposição políticas dos interesses de expansão transnacional do capital – Estado nacional – tem condições de se transformar numa força positiva e universal. É por isso que a criação de um “Governo Mundial” deve continuar sendo irrealizável hoje e no futuro, como o era há duzentos anos. (MÉSZÁROS, 2011a, 248, grifos do autor)

Vimos, então, que a classe burguesa não pode ser considerada uma classe para si, pois representa uma universalidade abstrata, que está assentada em interesses egoístas e que pelo modo como se realiza não pode favorecer o desenvolvimento autêntico da humanidade. Se o próprio proletariado reproduz esses interesses individualistas da burguesia em suas vidas, na esfera privada, e pode até mesmo repudiar uma mudança radical em relação à presente ordem social, faz isso exatamente pelo desconhecimento, pela não consciência dos efeitos destrutivos do sistema metabólico do capital que camufla sua natureza devastadora de maneira a “convencer” a todos, inclusive, ao próprio proletariado, que é essencial à sua produção e reprodução, que não existe outra possibilidade de uma nova sociedade para além de si mesmo, do próprio capital. Dessa forma, a questão que está na ordem do dia e que muitos não veem, devido à alienação em que se encontram muitos proletários, é que o capital não durará eternamente, e enquanto a grande maioria da população mundial continua cotidianamente sendo explorada pelo trabalho assalariado que, ao mesmo tempo, escraviza o homem, deteriorando-o, muitos cultivam a ilusão de que o único caminho viável e possível a ser percorrido é viver como os burgueses, reduzindo, ao mesmo tempo, seus objetivos de vida a uma lógica consumista e desumana. Portanto, proletários “despertai-vos” e uni-vos, como declara Marx no *Manifesto do Partido Comunista*.

Afirmamos que a forma de consciência que abordaremos aqui, a consciência de classe proletária, é um fenômeno social específico da sociedade capitalista. Como observamos em Marx não existe uma relação de identidade, uma diluição, um reducionismo ou mesmo uma relação mecânica entre ser e consciência de classe, entre a situação objetiva e a consciência dessa mesma situação objetiva. Isso ainda significa dizer que o proletariado não necessariamente de modo homogêneo e imediato apresenta uma consciência que corresponda diretamente ao seu ser da classe expropriada dos meios de produção, pois estar na condição de proletário, considerando-o, especialmente, no âmbito particular, não significa que este

necessariamente compreenda clara e diretamente as condições de vida a que está subsumido e, conseqüentemente, lute no coletivo para superá-las<sup>43</sup>.

Marx estabeleceu, desde o início, *uma distinção entre a situação objetiva de uma classe e a consciência subjetiva dessa situação, isto é, entre a condição de classe e a consciência de classe. Em sentido estrito, as diferenciações sociais só assumem a forma de “classe” na sociedade capitalista, porque só nessa forma de sociedade é que o fato de se pertencer a uma dada classe social é determinado apenas pela propriedade (ou controle) dos meios de produção ou pela exclusão dessa propriedade ou desse controle. Nas sociedades estamentais pré-burguesas, uma ordem juridicamente sancionada de estamentos sobrepunha-se [encobria] às diferenças relativas à propriedade dos meios de produção. Um aristocrata era sempre um aristocrata e, como tal, possuidor de privilégios bem definidos e delimitados com precisão. O sistema de relações de propriedade estava oculto pelas estruturas dos estamentos. O sistema de estamentos ou estados harmonizava-se bastante bem com o sistema de relações de propriedade, mas apenas na medida em que a terra continuava sendo o mais importante dos meios de produção e era, em sua maior parte, propriedade da aristocracia e da igreja. [...]. A consciência de estamento é fundamentalmente diferente da consciência de classe. Pertencer a um estamento é uma norma hereditária, claramente evidente a partir dos direitos e privilégios que encerra, ou da exclusão de tais direitos e privilégios. Pertencer a uma classe, porém, depende de **conhecer** sua própria posição dentro do processo de produção.* (BOTTOMORE, 2013, p.128, grifos nossos)

Segundo Bottomore (2013), a consciência de classe proletária aparece como resultado de um processo histórico, de uma sociedade contraditória, a sociedade capitalista, cuja expropriação dos meios de produção é o fator determinante de uma massa de trabalhadores “livres” que serão explorados e obrigados a vender sua capacidade de trabalho ao capital. Estes trabalhadores livres serão reunidos em seus locais de trabalho. A associação capitalista que se dará entre os indivíduos nesta forma de sociabilidade tem como base de sua relação a concorrência<sup>44</sup>, que abrirá espaço tanto à ação individual, assim como à ação coletiva dos trabalhadores, mesmo que num plano imediato esta associação esteja revestida pela competição dos indivíduos entre si, caracterizando-se como uma forma de cooperação abstrata que reunirá as forças produtivas sob determinadas relações de produção, mas que, simultaneamente, trará à luz o que antes no sistema estamental estava encoberto, ocultado por meio de relações sociais postas a partir de um determinado direito e privilégio de poucos. Os

<sup>43</sup> Iasi (2012, p.26-7) menciona que “O ponto de partida da polêmica que envolve o tema da consciência poderia ser assim resumido: existiria alguma ligação [que mediações?] comprovável entre a posição de classe dos indivíduos, ou seja, a posição em que se encontram no interior de certas relações sociais de produção [reprodução] ou de uma ordem ‘econômica’, e uma determinada forma de visão de mundo que poderia levar a uma consciência mais ou menos homogênea relativamente à identidade coletiva, à ação política e aos fins almejados?”. O referido autor analisa o movimento, as mediações que podem levar o ser, particular, a agir em grupo, e, finalmente, de modo consciente junto à classe.

<sup>44</sup> Marx ([1847] 2011, p.169, grifo do autor) afirma que “[...] a concorrência se torna sempre mais destrutiva para as *relações* burguesas, na medida em que ela excita uma criação febril de novas forças produtivas, isto é, de condições materiais de uma sociedade nova. Sob essa relação, ao menos, o lado mau da concorrência teoria algo de bom”.

estamentos revestiam sob a forma de privilégio natural as diferenças de classe e tornavam, ao mesmo tempo, este estado de coisas, estas relações de propriedade baseada na terra, em algo inquestionável e com aparência de imutabilidade.

No caso do proletariado, o conflito inicialmente limitado (por exemplo, uma luta sindical em uma determinada empresa ou em um ramo da indústria) amplia-se com base em uma *identidade de interesses*, até tornar-se uma *questão comum a toda a classe*, que também cria um instrumento adequado, sob a forma de partido político. O *trabalho coletivo* nas grandes fábricas e empresas industriais e os *meios de comunicação* aperfeiçoados exigidos pelo capitalismo industrial favorecem essa unidade. *O processo de formação da consciência de classe coincide com a ascensão de uma organização de classe abrangente*. Esses dois aspectos apoiam-se mutuamente. *Marx tem perfeita consciência de que a compreensão e a defesa atuante dos interesses comuns de toda uma classe podem, muitas vezes, entrar em conflito com os interesses particulares de certos trabalhadores ou de grupos de trabalhadores*. Podem, pelo menos, levar a conflitos entre os interesses de curto prazo e de alcance imediato de certos trabalhadores especializados, em sua ascensão social, e os interesses da classe como um todo. Por isso, é atribuída grande importância à *solidariedade*. *A diferenciação entre a estrutura assalariada e as tentações da afluência crescente provocaram, em geral, um enfraquecimento da solidariedade de classe e, portanto, o enfraquecimento da consciência de classe nas sociedades altamente industrializadas*. (BOTTOMORE, 2013, p.129, grifos nossos)

De acordo com a citação, a partir do capitalismo e de sua forma de associação dos trabalhadores, de reunir as forças produtivas em determinado local de trabalho, porque tal reunião de trabalhadores e regime de colaboração abstrato é essencial ao funcionamento e desenvolvimento da indústria, se revela pela unidade de dois lados antagônicos: por um lado, há a necessidade de reunir trabalhadores, que serão explorados pela classe burguesa, por outro lado, coloca-se também a possibilidade de os próprios trabalhadores desenvolverem alguma consciência de sua situação e compartilharem entre si a mesma “opinião” sobre a condição de vida mísera dada a partir de determinado posicionamento que ocupam no modo de produção, e que, portanto, ocupam na classe. Abre-se, nesse sentido, um espaço para travar a luta de classes mesmo que limitada ao âmbito dos direitos e deveres contra o capital. Coloca-se ao proletariado a possibilidade de sua organização por meio de um sindicato, por exemplo.

Outro aspecto interessante e que pode afetar o desenvolvimento mais genuíno de uma consciência de classe é que sendo concorrentes entre si, os trabalhadores almejam melhores salários, um posicionamento na hierarquia da divisão social do trabalho mais alto, ou seja, são incentivados pela concorrência, pela forma como está estruturado o trabalho na sociedade do capital, a “alimentarem” seus interesses próprios, particulares, no sentido do individualismo burguês, e em determinados momentos da luta de classes, tal interesse particular egoísta poderá colocar-se em divergência com os interesses coletivos do proletariado. Neste caso, no desenrolar da luta de classes, o proletariado não somente enfrentará a fúria de reprodução do próprio capital, como também poderá enfrentar obstáculos decorrentes dos próprios interesses

particulares que eclodem dentro do proletariado, enfraquecendo alguma solidariedade de classe, assim como, até mesmo, enfraquecendo o desenvolvimento de uma possível consciência de classe proletária (consciência revolucionária ou consciência para si).

Iasi (2011, p.29; 31, grifos nossos) nos apresenta um exemplo para que possamos compreender a consciência imediata, a consciência em si.

Uma mulher, por exemplo, submetida a condições de opressão em casa, condenada aos trabalhos domésticos, pode viver isso a vida toda como natural, portanto, para ela inevitável. Mesmo o desmoronar da idealização da família diante das condições reais do cotidiano pode gerar no máximo a revolta, a constatação de uma terrível “sina”. No entanto, essa mesma mulher, num *grupo* em que possa ver em outras companheiras a mesma sina, julgada somente sua, só sua, pode começar a desenvolver uma ação contra o que considera injusto. Essa via de superação é ainda mais clara ao tratarmos da classe operária: é na greve a sua mais didática manifestação. A injustiça vivida como revolta é partilhada numa *identidade grupal*, o que possibilita uma ação coletiva. A ação coletiva coloca as relações vividas num outro patamar. Vislumbra-se a possibilidade de não apenas se revoltar contra as relações predeterminadas, mas de alterá-las. [...]. A ação dirige-se, então, à *mobilização dos esforços do grupo no sentido da reivindicação*, da exigência para que se mude a manifestação da injustiça. [...] *mas quem reivindica ainda reivindica de alguém. Ainda é o outro que pode resolver por nós nossos problemas.*

É na reivindicação, na ação coletiva do grupo, que os trabalhadores reivindicam direitos e deveres contra e para o capital, pois “Ainda é o outro que pode resolver por nós nossos problemas”. Isto é, a ação em si de uma determinada categoria ainda não se realiza em favor da transformação radical do sistema desumano, o capital, no entanto, essa forma de luta imediata, ao mesmo tempo, manifesta uma forma de consciência que não é mais individual, mas que caracteriza a ação do grupo, a denominada consciência em si ou consciência da reivindicação.

De acordo com Iasi (2011, p. 30, grifos nossos) “A forma mais clássica de manifestação dessa [...] consciência [em si] é a *luta sindical*”. O autor supracitado dá ainda outros exemplos referentes ao desenvolvimento da consciência em si, tais como: “as lutas populares, os movimentos culturais, o movimento de mulheres e outras manifestações de lutas coletivas de setores, grupos e categorias sociais das mais diversas” (Ibidem, p.30). Nesse sentido, o que caracteriza a consciência em si, de acordo com o autor, é que ela se baseia na “vivência das relações imediatas”, uma consciência de grupo que tem seus interesses próprios, que identificam o grupo, a serem defendidos contra as inclinações de grupos que lhes são opostos, e que, dependendo das circunstâncias, tal forma de consciência poderá evoluir para a consciência de classe. A consciência em si, segundo Iasi (2011), é também parte importante



para a superação da primeira forma de consciência, que é individual, alienada<sup>45</sup>, mas ainda conserva traços desta forma de consciência.

Retomando Bottomore (2013),

De acordo com Kautsky e Lenin, uma consciência de classe adequada, isto é, *política*, só pode chegar à classe operária “a partir de fora”. Lenin dizia ainda que só uma “consciência sindical” pode surgir *espontaneamente* na classe operária, isto é, *uma consciência da necessidade e da utilidade da representação dos interesses econômicos da classe operária contra os interesses do capital*. A *consciência de classe política* só pode ser desenvolvida pelos INTELECTUAIS que, por serem portadores da cultura e bem-informados, e por estarem à distância do processo de produção imediato, estão em condições de compreender a sociedade burguesa e suas relações de classe em sua totalidade. Mas a consciência de classe desenvolvida pelos intelectuais, consubstanciada na teoria marxista, só pode ser adotada pela classe operária, e não pela burguesia ou pela pequena burguesia. Como o *instrumento organizacional* para a transmissão de consciência de classe à classe operária concreta, Lenin imaginou um “novo tipo de partido”, composto de revolucionários profissionais. Em contraste com essa concepção leninista, *Rosa Luxemburgo* deu destaque ao papel da experiência social, a experiência da luta de classes, na formação da consciência de classe. Até mesmo os erros no curso das lutas de classes podem contribuir para o desenvolvimento de uma consciência de classe adequada capaz de assegurar o sucesso final, ao passo que o patrocínio do proletariado pelas elites intelectuais só pode levar ao enfraquecimento da capacidade de agir e à passividade. (Ibidem, p.129-30, grifos nossos)

Sobre a teoria da consciência de classe atribuída de fora ao proletariado (operariado), de Kautsky-Lenin (VÁSQUEZ, 2011, p.317), deparamo-nos com a problemática de um revolucionário (Lenin) que enfrenta os desafios postos por um quadro histórico complexo e contraditório de desenvolvimento da revolução na Rússia no início do século XX. Lenin ([1901-1902] 2010) em sua obra *Que fazer? Problemas candentes de nosso movimento* adota algumas passagens de um artigo publicado por Kautsky em 1901, em que o dirigente social-democrata alemão enfrenta as teses expostas no novo *Programa Social-Democrata Austríaco*<sup>46</sup>, programa que defendia que a “consciência socialista” era um produto direto da luta de classes.

Kautsky, ao contrário, identifica de certo modo a consciência socialista com a teoria socialista elaborada pela intelectualidade burguesa e pequeno-burguesa (como no caso de Marx e Engels), de modo que tal consciência só poderia ser atribuída ao proletariado de fora,

---

<sup>45</sup>“Destá forma, o indivíduo constitui uma visão de mundo particularista e apartada do movimento histórico de sua entificação, por isso podemos chamar esta primeira forma de consciência, típica de indivíduos novos que se inserem numa sociedade determinada, de *alienação*, ou *consciência alienada*. A palavra *alienação* tem sua raiz etimológica no termo *alienus*, que se refere à alheio, relativo à palavra alemã *Entfremdung*. Em Hegel, o termo alienação aparece como *Entäusserung*, ou seja, mais no sentido de “objetivação”, ou “exteriorização”. Para Hegel, a experiência requer que a consciência se “aliene” no objeto para depois retornar a si desde esta alienação. (IASI, 2014, p.112, grifos do autor)

<sup>46</sup> Conferir sobre o *Programa Social-Democrata Austríaco* e os comentários de Kautsky em Lenin ([1901-1902] 2010, p.99).

e, além disso, anuncia que a referida teoria se desenvolveu em paralelo à luta de classes, e não em unidade e observância da prática revolucionária do século XIX, posicionamento que, ao mesmo tempo, evidencia um problema metodológico, de separação de sujeito e objeto, bem ao gosto positivista, de análise do fenômeno histórico (a consciência de classe). Além disso, Lenin evidencia que da luta de classes espontânea do proletariado contra o capital só poderia surgir uma “consciência trade-unionista” ou sindical.

A história de todos os países comprova que a classe operária, valendo-se exclusivamente de suas próprias forças, só é capaz de elaborar uma consciência trade-unionista, ou seja, *uma convicção de que é preciso reunir-se em sindicatos, lutar contra os patrões, cobrar do governo a promulgação de umas e outras leis necessárias aos operários etc.* Já a doutrina do socialismo nasceu das teorias filosóficas, históricas e econômicas formuladas por representantes instruídos das classes proprietárias, por intelectuais. Os próprios fundadores do socialismo científico moderno, Marx e Engels, pela sua situação social pertenciam à intelectualidade burguesa. (LENIN [1901-1902] 2010, p.89-90, grifos nossos)

A consciência trade-unionista ou sindical esbarra e se limita aos interesses econômicos e imediatos do proletariado que se contrapõe aos interesses das personificações do capital, uma forma de luta que pode não avançar para o desenvolvimento da consciência de classe para si. Por isso Lenin defende, diante daquele contexto histórico, a necessidade de se educar as massas. E ainda, segundo o autor e revolucionário em *Que Fazer?* (LENIN, [1901-1902] 2010, p.125) “A luta econômica é uma luta coletiva dos operários contra os patrões, para conseguir condições vantajosas de venda da força de trabalho, melhorar suas condições de trabalho e de vida”. Portanto, uma luta que, simultaneamente, expressa a consciência de grupo de uma categoria profissional contra e que reivindica direitos para o capital, ou seja, reivindica o direito de continuar sendo explorada. Essa é uma forma de luta que expressa uma consciência em si.

Vimos também que na definição do que seja a consciência de classe pode não existir um consenso entre os autores e revolucionários supracitados, como no caso de Lenin e Rosa Luxemburgo. Na realidade, a definição que consta no *Dicionário do Pensamento Marxista*, organizado por Bottomore (2013), apenas evidencia o quão difícil é abordar um assunto que não chegou a ser aprofundado por Marx e Engels, mas que permeia toda a obra de ambos os autores, e que, ao mesmo tempo, é uma mediação, que se desenvolve na relação com a estrutura, a superestrutura e as formas ideológicas de consciência social. Uma forma de consciência que é determinada, em última instância, pelas circunstâncias históricas em que se situam e eclodem as lutas de classes.

A consciência de classe proletária, revolucionária, enquanto consciência de classe para si, se caracteriza pelo fato de o proletariado ser capaz de contrapor-se ao capital, na luta pela

sua transformação, de modo a posicionar-se para além de si mesmo, representando o interesse universal mais autêntico.

Segundo Iasi (2011, p.32) “A verdadeira consciência de classe é fruto dessa *dupla negação*: num primeiro momento, o proletariado nega o capitalismo, assumindo sua posição de classe, para depois negar-se a si próprio [...]”, ou seja, num primeiro momento o proletariado nega o capital, e afirma-se, ao mesmo tempo, como classe que se contrapõe a esse sistema, e num segundo momento da negação, o proletariado supera-se quando se coloca como sujeito histórico capaz e de modo consciente de superar todo o sistema de mediações de segunda ordem do capital.

Outra questão que se coloca como urgente para os dias atuais é como o proletariado poderá conscientemente por meio da luta de classes superar o capital. Em que circunstâncias, que mediações levarão ao desenvolvimento desse tipo de consciência e que ações poderão conduzir o proletariado ao êxito frente à tamanha tarefa histórica.

Segundo Iasi (2011),

*O processo de consciência não é linear, pode e muitas vezes regredir a etapas anteriores. A consciência em si, quando não “ultrapassa a simples negação de uma parte”, acaba por se distanciar de sua meta revolucionária, busca, novamente, mecanismos de adaptação à ordem estabelecida. Ela trabalha com os efeitos, com sintomas, e não com as causas. Essa contradição pode levar o indivíduo em seu processo de consciência para um novo patamar: a busca da compreensão das causas, o desvelar das aparências e a análise da essência do funcionamento da sociedade e suas relações. Buscar saber como funciona a sociedade para saber como é possível transformá-la. É na própria constatação de que a sociedade precisa ser transformada que se supera a consciência da reivindicação pela da transformação. O indivíduo transcende o grupo imediato e o vínculo precário com a realidade dada, busca compreender relações que se distanciam no tempo e no espaço, toma como sua a história da classe e do mundo. Passa a conceber um sujeito coletivo e histórico como agente da transformação necessária. (IASI, 2011, p.33, p.35, grifos nossos)*

A consciência em si, a consciência da reivindicação, ou até mesmo poderíamos denominá-la como consciência cidadã, limitada à luta pelos direitos e deveres dos trabalhadores das mais variadas categorias profissionais contra os efeitos do capital, é um ponto crucial que, por um lado, pode servir de recuo da consciência de grupo à consciência individual, o que implica a adaptação do indivíduo à ordem social. Isso significa que depois de atendida integralmente ou não sua pauta de reivindicações pelas personificações do capital, os trabalhadores retornam às suas casas e à sua luta cotidiana pela sobrevivência, continuam subsumidos às condições precárias de trabalho, compartilhando pouco da riqueza que é socialmente produzida. Em síntese, o capital persiste se reproduzindo às custas do suor do trabalhador. Mas de outro modo, a consciência de grupo, de reivindicação, de acordo com as

circunstâncias históricas, e isso é importante, pode também propiciar um solo social fértil ao desenvolvimento da consciência para si, da consciência de classe proletária.

Portanto, a consciência em si pode funcionar, dependendo das condições históricas, até mesmo como base, a ser superada, pelo desenvolvimento da consciência de classe transformadora, revolucionária, agora mais complexa. Tal fato, nos atenta para a luta de classes travada por meio da cidadania, e que esta forma de luta precisa ser explorada até seus limites, o que significa que a cidadania não sendo o horizonte social pelo qual pautaremos a possibilidade de desenvolver uma sociedade autenticamente humana, pode, no entanto, ser um instrumento, um meio, que conscientemente utilizado, poderá propiciar condições favoráveis ao desenvolvimento da consciência de classe revolucionária. Essa observação precisa ser pensada e discutida.

Em Mészáros (2006, p.147, grifos do autor), destacamos a afirmação,

A grande dificuldade consiste nisso, que a *transcendência positiva* [grifos nossos] deve começar com medidas políticas, porque numa sociedade alienada não existem agentes sociais que possam efetivamente restringir, e muito menos superar, a alienação. Se, contudo, o processo começa com um *agente político* [grifos nossos] que deve estabelecer as precondições da transcendência, seu êxito dependerá da *autoconsciência* [grifo nosso] desse agente. Em outras palavras, se esse agente, por uma ou outra razão, não puder reconhecer seus próprios limites, então os perigos de “fixar mais uma vez a ‘sociedade’ como abstração frente ao indivíduo” serão acentuados. Nesse sentido, a política deve ser concebida como uma atividade cuja finalidade última é *sua própria anulação*, por meio do preenchimento de sua função determinada como uma fase necessária no complexo processo de transcendência positiva. É assim que Marx descreve o comunismo como um princípio *político*. Ele ressalta sua função como *negação da negação* e, portanto, limita-o ao *estágio “próximo do desenvolvimento histórico”*, chamando-o de “princípio enérgico do *futuro próximo*”.

De acordo com a citação de Mészáros (2006), entendemos que a política, especialmente, a cidadania, precisa ser vista como uma categoria que tende ser necessariamente superada num possível avanço da luta de classes em direção ao desenvolvimento da sociedade comunista. Noutro sentido, o proletariado precisa lutar de modo autoconsciente. É estar consciente, inclusive, da necessidade de sua própria anulação como classe social, uma vez que a luta esteja norteada pelo horizonte da emancipação humana, por meio da práxis revolucionária desenvolvida em unidade com a consciência para si, revolucionária. Sendo assim, na perspectiva da tradição marxista, consideramos importante o espaço de reivindicação posto pela cidadania e propomos que se explore essa “etapa necessária”, deixando claro ao proletariado os limites (da cidadania) que são (im)postos pelo capital. Ou preenchemos esse espaço de reivindicação, ou mais uma brecha ficará disponível aos interesses reprodutivos do capital. Ou seja, não precisamos defender a cidadania, mas

também, não podemos deixar de utilizar estrategicamente este instrumento como meio para que a consciência de classe possa praticamente eclodir na realidade social.

Outra discussão não menos importante e complexa é a compreensão acerca do que seja a classe social, que não aprofundaremos aqui. Sobre a questão dos fatores particulares que são determinantes (ora também determinados por um conjunto de mediações alienantes, relação de reciprocidade dialética) na definição do fenômeno de classe social, Iasi (2011, p.107) destaca os seguintes tópicos,

1. classe seria definida, num determinado sentido, pela posição diante da propriedade, ou não propriedade, dos meios de produção; 2. pela posição no interior de certas relações sociais de produção (conceito que foi quase que generalizado como único) [e reprodução]; 3. pela consciência que se associa ou distancia de uma posição de classe; 4. pela ação dessa classe nas lutas concretas no interior de uma formação social. (IASI, 2011, p.107)

Em seu texto, num primeiro momento, o referido autor afirma que as classes sociais não podem ser definidas unicamente pela relação de propriedade ou não propriedade, pois esta condição é insuficiente para compreendermos as classes sociais. Sabemos que a não propriedade e a propriedade dos meios de produção é uma condição histórica essencial à realização do modo de produção capitalista e do próprio capital, pois vivemos numa sociedade em que quem detém mais dinheiro, igualmente tem mais poder, maior acesso às riquezas materiais e espirituais. E a não propriedade dos meios de produção, em momentos de crise econômica, de desemprego estrutural, pode ser também o fator desencadeante de uma ação no proletariado, que “caindo em si”, porque diante de uma situação de desemprego ele toma ciência de que nada possui para manter sua sobrevivência e de sua família, o proletariado, então, age. Logo, se a relação posta pela propriedade privada é insuficiente para definir ou compreender o fenômeno das classes sociais, afirmamos que esta mesma condição trazida à luz pela realidade social, por uma situação de desemprego estrutural, por exemplo, pode ser o determinante, e em certas circunstâncias históricas, o fator desencadeante de alguma ação nos trabalhadores ante sua situação de vida miserável. E se tal conjuntura histórica acontecer de modo globalizante ela exigirá do indivíduo, uma ação em grupo, em que esta poderá se desenvolver para uma ação de classe.

Enfatizamos também que a não propriedade dos meios de produção é naturalizada pelo trabalho assalariado, ou seja, é a naturalização da dominação de classe do proletariado pela classe burguesa, pois o trabalhador recebe um salário para manter-se vivo, o que lhe dá a ilusão de ser “livre” numa sociedade de classes, mas quando se encontra sem este meio de sobrevivência, o salário, a não propriedade e a posição nas relações de produção e reprodução

se descortinam e se revelam à vida dos proletários, pois num determinado momento histórico crítico o não ter propriedade do proletariado possivelmente será a condição que desencadeará uma forma de luta de classes e uma consciência dessa mesma situação. Mas, como já afirmamos, somente se tal contexto ocorrer de modo generalizado, é que este poderá ser o fator de maior relevância que levará o proletariado a transcender a identidade de grupo, chegando até mesmo a desenvolver uma consciência de classe para si e realizar enquanto sujeito histórico uma ação transformadora do capital.

Para Iasi (2011), a classe social só pode ser compreendida ou se revela na relação social com outras classes. Segundo o autor, o proletariado só pode ser considerado como classe social à medida que vende sua força de trabalho em troca de salário a outra classe social, que a compra, a burguesia, com todas as consequências que daí derivam a partir do modo de produção capitalista, ou seja, a classe que vende sua capacidade de trabalho, coloca-se em relação com outra classe, ainda que essa relação seja de exploração, de submissão. Segundo Iasi (2011, p.108) “o conceito de classes é relacional. [...]. Assim como o concreto, as classes são sínteses de múltiplas particularidades”.

Nesse sentido, de acordo com Mészáros (2008, p.61),

[Classes e consciência de classe] [...] têm de ser entendidas como partes integrantes de um conjunto dinâmico de fatores sócio-históricos. Assim, as modificações de mercado, a extensão posterior da divisão do trabalho, o incremento das forças produtivas da sociedade, a concentração do capital, as mudanças abrangentes no padrão social de consumo, o desenvolvimento do conhecimento científico, da comunicação, do transporte, da tecnologia educacional etc. – todos esses fatores têm um suporte vital no desenvolvimento das classes e da consciência de classe, do mesmo modo que os últimos fatalmente afetam os primeiros, de uma forma ou de outra.

Outro fator determinante das classes seria a consciência<sup>47</sup>, a forma como as classes atuam no interior da história, ação e consciência também são fatores considerados importantes à definição do caráter das classes sociais. Isto é, além da *condição histórica* posta a partir da propriedade dos meios de produção, a posição que o indivíduo ocupa em certas relações sociais de produção e reprodução, da ação e da consciência de uma classe em determinado processo histórico, Iasi (2011, p.110) destaca que Marx igualmente “vê as classes como

---

<sup>47</sup> Exemplo: “Fernando Henrique (antes de comprar suas fazendas e se tornar sócio em alguns ‘negócios’) nada mais é do que um mero professor universitário, portanto, um trabalhador assalariado. Mas sua ação e sua consciência o torna parte integrante da classe dominante, ainda que enquanto indivíduo não seja um burguês. Por contraste, Marx não é como um indivíduo proletário (ainda que sua situação de privação e seu desejo em vender sua força de trabalho para o escritório de uma ferrovia quase tenha transformado em um), mas ninguém poderia negar a ele um lugar no coletivo proletário por sua consciência e sua ação no interior da luta de classes”. (IASI, 2011, p.109)

sujeitos de alterações históricas, como mediações históricas das contradições estruturais que amadurecem no interior de cada sociedade”.

Como mediações históricas, as classes sociais, só podem ser constituídas e realizar-se enquanto relações sociais abstratas, alienadas, que tem como seu eixo, em última instância, o trabalho assalariado. As classes sociais são um fenômeno histórico e, portanto, são relações produzidas pelos homens, e como relações sociais alienadas, as classes sociais se autonomizam frente ao indivíduo, determinando sua posição nas relações de produção e reprodução, assim como na vida, como algo “natural”, como condição “eterna” de vida ao ser social, mas na realidade as classes sociais que são igualmente mediações de segunda ordem, são fundamentais à reprodução do capital, mas passíveis de superação, se vemos a história humana como um movimento dialético, produto das sínteses das relações humanas que resultam na continuidade e na descontinuidade.

Desse modo, vimos até aqui que a teoria marxiana é constituída por um complexo de categorias sociais, de formas de o ser social expressar-se e fazer-se nessas mesmas relações produzidas por ele. É na explicação científica de como o indivíduo se reproduz socialmente, que o homem é compreendido como produtor da história, e, portanto, se autor é também sujeito transformador de si e de sua realidade social. Podemos em Mészáros (2015, p.120-1, grifos do autor) conferir os principais traços da teoria política de Marx.

1) O Estado (e a política em geral, como um domínio separado) deve ser *transcendido* por meio de uma transformação radical de toda a sociedade, mas não pode ser *abolido* nem por decreto, nem por toda uma série de medidas político-administrativas; 2) a revolução que se aproxima não pode ser simplesmente uma revolução política; deve ser uma revolução *social* para não ficar aprisionada dentro dos limites do sistema autoperpetuador de exploração socioeconômica; 3) revoluções sociais buscam remover a contradição entre parcialidade e universalidade que as revoluções políticas do passado sempre reproduziram, submetendo a sociedade como um todo à regência da parcialidade política, no interesse das secções dominantes da “sociedade civil”; 4) o sujeito social da emancipação é o proletariado porque é forçado, pela maturação das contradições antagônicas do sistema do capital, a subverter a ordem social dominante, ao mesmo tempo que é incapaz de impor a si próprio como uma nova parcialidade dominante – uma classe dominante mantida pelo trabalho de outras – sobre toda a sociedade; 5) lutas políticas e socioeconômicas constituem uma unidade dialética, e, conseqüentemente, a negligência da dimensão socioeconômica despoja a política de sua realidade; 6) a ausência de condições objetivas para a implantação das medidas socialistas ironicamente pode apenas levar adiante as políticas dos adversários na eventualidade de uma conquista prematura do poder; 7) a revolução social bem-sucedida não pode ser local ou nacional – apenas revoluções políticas podem se confinar a uma situação limitada, de acordo com sua própria parcialidade -, e sim *global/universal*, o que implica a transcendência necessária do Estado em escala *global*.

De acordo com Mészáros (2015), os traços da teoria política marxiana implicam necessariamente a superação do Estado democrático por meio da ação revolucionária

socialmente posta que reúne em si a unidade, ao mesmo tempo, da ação política e socioeconômica contra o capital. Por isso, não basta uma reforma política estabelecida a partir das instituições estatais, da superestrutura. Uma revolução social, neste caso, não se faz verticalmente, realizada a partir das instituições (superestrutura) em relação à estrutura da sociedade. Mas a transformação deve e pode ser feita na relação recíproca entre base e superestrutura, todo o “edifício social”, a sociedade do capital, precisa ser transformado.

A ação revolucionária é qualitativamente distinta da ação proposta por meio da revolução política, que exige e realiza de modo diverso, a cada período histórico, a parcialidade de uma classe social sobre outra. Mas o proletariado é o sujeito histórico capaz da transformação radical, não porque assim o quis Marx, mas pelas determinações materiais que se reúnem e definem seu ser da classe. Logo, sendo a classe socialmente explorada e expropriada dos meios de produção, o proletariado não pode realizar-se, assim como o faz a burguesia, impondo-se como uma particularidade que se apresenta como uma universalidade irrealizável e abstrata na realidade social. Esta mesma ação do proletariado consciente de sua situação de classe e da necessidade histórica e social de transcendência do capital precisa se efetivar de modo total, global. Do contrário, se um dos pilares da teoria marxiana destacados por Mészáros (2015) for desconsiderado pelo próprio proletariado, este estará fadado a não realizar sua missão histórica, a emancipação humana do ser social.

A emancipação humana está para além da emancipação política, pois que avanta a possibilidade de realização plena do ser social. É esta a radicalidade da teoria marxiana que tanto atormenta a classe burguesa, a sociedade do capital, que produz seu próprio “coveiro”, o proletariado. E é a realização radical dos pilares da teoria de Marx, que coloca em curso, ao mesmo tempo, a Filosofia da práxis e a possibilidade histórica do desenvolvimento de uma sociedade igual, justa e humana.

### **3.2 A importância da teoria do proletariado no desenvolvimento da consciência de classe proletária: existe relação entre a consciência revolucionária e as formas de consciência social?**

De acordo com Engels, em *Esboço de uma crítica da economia política*<sup>48</sup>, ensaio escrito em fins do ano de 1843 e janeiro de 1844 e publicado em fevereiro de 1844 em *Anais*

---

<sup>48</sup> Texto disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/307347091/ENGELS-Frederich-Esboco-de-Uma-Critica-Da-Economia-Politica>> . Acesso em: 2016.



*Franco-Alemães*, e que exerceu influência em Marx e o orientou para o estudo mais aprofundado da economia política que culminou em *O Capital*,

*Se os produtores como tais soubessem de quanto precisam os consumidores, se organizassem a produção, se a repartissem entre si, a flutuação da concorrência e sua tendência para a crise seriam impossíveis. Produzam com consciência, como homens e não como átomos dispersos, ignorantes da sua espécie, e escaparão a todas estas oposições artificiais e insustentáveis. Mas por tanto tempo quanto continuarem a produzir como hoje, de forma inconsciente e irrefletida, abandonada aos caprichos da sorte, as crises subsistirão: e cada uma delas que vier deverá ser mais universal e, pois, pior que a precedente: deve pauperizar maior número de pequenos capitalistas e aumentar progressivamente o efetivo da classe que só vive do trabalho, e, portanto, aumentar visivelmente a massa do trabalho a ocupar (o que é o principal problema dos nossos economistas) e provocar por fim uma revolução social tal que a sabedoria escolar dos economistas jamais sonhou. (ENGELS, 1979 [1843-44], p.14-15, grifos nossos)*

Engels, já em 1843-44, em sua análise, parte do cerne da questão: a produção social. A forma como produzem a riqueza social, os homens. Isto significa, como elucidamos, que para a tradição marxista, uma sociedade, assim como suas relações sociais correspondentes, se desenvolvem a partir de determinado modo de produção organizado pelos homens, tenham disso consciência ou não. Engels chama a atenção também para o fator, consciência. Organizados de forma substancialmente diversa, os homens poderão evitar ou mesmo superar as crises cíclicas, e esta é uma condição, que vem acompanhada de um movimento das classes sociais, pois a cada crise, a classe socialmente explorada aumenta, em número, e empobrece em riqueza, e a classe dos possuidores, diminui, em número, ainda que a concentração de riqueza seja maior em suas mãos. O que Engels, ao mesmo tempo, propôs foi a realização do movimento do capital, e que seu desenvolvimento irracional conduzirá conseqüentemente a uma revolução social. Portanto, o chamado de Engels é este “Produzam com consciência”, e assim, simultaneamente, poderemos transformar esta sociedade.

Sobre a consciência de classe proletária, essa também não se faz sem o momento teórico, sem a atividade teórica, que é um complemento da consciência revolucionária. Gostaríamos de mencionar que é importante que se criem espaços de formação, oportunidades de apropriação do conhecimento científico (da teoria marxiana) que representa os interesses do proletariado. Ressaltamos uma vez mais que a teoria revolucionária por si não é condição suficiente para o desenvolvimento de tal consciência, mas se considerarmos que a consciência de classe se constitui gradualmente, sem dúvida não cabe a este trabalho desconsiderar o aspecto teórico, que pode enriquecer a consciência de classe revolucionária.

Propomos que se coloque em unidade dialética tanto o ponto de vista de Lenin como de Rosa Luxemburgo, ou seja, a educação das massas possibilitada de fora é fator importante,

assim como a consciência que se forja na prática, na luta de classes. Talvez uma das saídas para que o proletariado se reconheça enquanto proletariado e a realidade social em que está inserido seja exatamente a unidade dialética entre a teoria revolucionária e a prática da luta de classes. Nessa direção, Vásquez (2011, p.313, grifos nossos) afirma que,

A distinção entre consciência de classe, alcançada pelo proletariado com suas próprias forças em sua luta, e a doutrina elaborada cientificamente pelos teóricos da classe não é explicitamente formulada por Marx e Engels, mas é fácil observá-la neles. Tanto uma como a outra se relacionam, por sua vez, mutuamente: a consciência de classe necessita da teoria científica (para elevar-se a um nível superior), e essa teoria necessita dela, pois só pode ser elaborada a partir de um ponto de vista de classe. De acordo com essa relação, *em Marx não há lugar para um espontaneísmo que exclua ou subestime o fator consciente, mas tampouco para a exaltação desse fator que chegue a excluir o papel da prática, da luta real, não só na elevação a certo nível de consciência de classe como também [...] na elaboração científica da teoria do socialismo.*

Observamos, de acordo com Vásquez (2011), que, na consciência de classe proletária, relacionam-se “mutuamente” dois momentos: o da luta de classes, da ação do proletariado contra os interesses da classe burguesa, ou seja, da consciência que se forja e se realiza na prática do proletariado contra o capital; e o momento da teoria científica, que se faz por meio da atividade teórica de seus pensadores Marx e Engels, que se produz também em unidade com a prática, que valida, corrige, ou até mesmo não confirma a elaboração de tais pressupostos. No processo de desenvolvimento da consciência proletária, vimos que o proletariado pode superar a consciência imediata obtida por meio da prática, e que poderá enriquecer sua luta por meio da atividade teórica, e que não é qualquer teoria que colaborará para a elevação do grau da consciência de classe. Assim, a relação sujeito-objeto é inerente a essa forma de consciência, tendo na objetividade seu momento predominante.

Dessa forma, a relação entre proletariado e realidade social, contraditória, baseada numa práxis produtiva abstrata, se reproduz e se justifica por meio de uma superestrutura alienante e formas de consciência social (ideias burguesas, personificações do capital, Estado emancipado politicamente, sistema político, educacional, valores abstratos, dentre outras mediações). Segundo Mészáros (2011b, p.127, grifos do autor) em sua importante contribuição para que entendamos a relação complexa entre base, superestrutura e formas ideológicas de consciência social, o referido autor afirma que

[...] a superestrutura jurídica e política institucionalmente assegurada e salvaguardada em seu papel intermediário vital entre o fundamento material da sociedade e “as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as *formas ideológicas*, sob as quais os homens adquirem consciência desse conflito e o levam até o fim”. Da mesma maneira, o que realmente nos interessa aqui não é uma correspondência *de um para um mecanicamente* projetada entre a materialidade e as ideias, mas uma inter-relação *tripla* característica desse complexo social vital que *dialeticamente* constitui o intercâmbio dinâmico entre a base

material e a superestrutura da sociedade. Nesse sentido, *primeiro*, temos as “relações de produção” que constituem “a estrutura econômica da sociedade, a base real”. *Segundo*, sobre essa base real “se eleva uma superestrutura jurídica e política”. E o *terceiro* fator essencial é constituído pela múltipla variedade de “formas ideológicas” que entram em cena como “formas sociais determinadas de consciência” e, como tais, “correspondem à superestrutura jurídica e política”. Da mesma maneira, a “correspondência” em questão não é aquela entre a base material e as ideias (ou formas ideológicas por meio das quais a consciência social prática da humanidade é articulada e afirmada no curso da história), mas aquela entre a *superestrutura jurídica e política*, de um lado, e as várias *formas ideológicas* em si, de outro.

Mészáros (2011b) ainda ressalta que as ideias não surgem e causam algum impacto sobre a realidade a partir do nada. E nem mesmo se originam sob o quadro posto pelas condições do sistema do capital globalmente em desdobramento, contraditório e que centraliza a si ao máximo seus processos produtivos e distributivos, assim como invade as mais sublimes ideias e as subjuga a seus próprios interesses reprodutivos. O que o autor menciona é que as ideias surgem e afirmam a si mesmas, caso tenham força para isso, no interior do quadro triplo dos intercâmbios dialéticos, por meio da relação entre estrutura, superestrutura jurídica e política e formas ideológicas de consciência social.

É também a partir dessas formas ideológicas que os homens adquirem uma consciência mais próxima do real ou não, e igualmente tais formas podem ainda influenciar no desenvolvimento de alguma consciência de classe, ou, pelo contrário, o inverso também poderá ocorrer, e as formas ideológicas poderão colaborar para a potencialização de uma consciência reificada<sup>49</sup> do conflito antagônico que é inerente ao capital. Desse ponto de vista, podemos então compreender que é possível, neste quadro complexo, que haja relação entre as formas ideológicas e a consciência de classe proletária, tanto de modo positivo, no sentido de enriquecimento dessa forma de consciência, em que, por exemplo, a teoria marxiana exerce uma função preponderante, assim como negativamente, em que formas ideológicas que são também mediações de segunda ordem, colaboram, ao mesmo tempo, para a reprodução e intensificam a alienação à consciência dos proletários.

---

<sup>49</sup> Em Lukács (2012, p.211, grifos nossos) sobre a *falsa consciência*: “Para a consciência reificada, essas formas do capital se transformam necessariamente nos *verdadeiros representantes da sua vida social*, justamente porque nelas se esfumam, a ponto de se tornarem completamente imperceptíveis e irreconhecíveis, as relações dos homens entre si e com os objetos reais, destinados à satisfação real de suas necessidades. Tais relações são ocultas na relação mercantil imediata. [...]. Sendo assim, para a consciência reificada, essa se torna, necessariamente, a forma de manifestação do seu próprio imediatismo, que ela, enquanto consciência reificada, não tenta superar. Ao contrário, tal forma tenta estabelecer e *eternizar esse imediatismo* por meio de um ‘aprofundamento científico’ dos sistemas de leis apreensíveis. Do mesmo modo que o sistema capitalista produz e reproduz a si mesmo econômica e incessantemente num nível mais elevado, a estrutura da reificação, no curso do desenvolvimento capitalista, penetra na consciência dos homens de maneira cada vez mais profunda, fatal e definitiva”.

Além disso, tal explicação nos é relevante, pois rompe com o entendimento mecânico acerca do surgimento das formas ideológicas, da consciência social, das ideias, a partir de uma relação enrijecida e mecânica entre base e superestrutura.

Sendo assim, a partir da relação tríplice dialética, colocamos o problema do desenvolvimento não só de um conjunto de ideias, mas também da consciência de classe proletária, cujo desenrolar é influenciado pelo modo como se realiza o trabalho em nossa sociedade, pela divisão social do trabalho, pelas classes sociais, pelo conjunto de normas jurídicas e políticas, pelas ideias filosóficas que se fazem na relação com a superestrutura que não está “solta nos ares”, e que, simultaneamente, justificam as ações da classe burguesa, assim como de um Estado que se posiciona não a favor de uma comunidade humana autêntica, mas de uma superestrutura que legaliza as “regras do jogo” do sistema do capital, assim como as formas ideológicas que se transmutam em ideias teóricas, filosóficas, religiosas, morais, artísticas, educativas, literárias, enfim, que por meio de seus discursos podem igualmente se contrapor ou favorecer a ordem social, confirmando, de outro modo, a suposta “infinitude” irracional do capital. No entanto, reafirmamos que é somente a partir do desenvolvimento do capitalismo que a consciência de classe se torna possível.

É somente com a entrada em cena do proletariado que o conhecimento da realidade social encontra seu termo: com a *perspectiva da classe do proletariado*, encontra-se um ponto a partir do qual a totalidade da sociedade torna-se *visível*. Com o advento do *materialismo histórico* surge, ao mesmo tempo, a doutrina “das condições de libertação do proletariado” e a doutrina da realidade do processo total do desenvolvimento histórico. Isso só foi possível porque, para o proletariado, *conhecer com a máxima clareza sua situação de classe é uma necessidade vital, uma questão de vida ou morte; porque sua situação de classe só é compreensível quando toda a sociedade pode ser compreendida; porque seus atos têm essa compreensão como condição prévia, inelutável*. A unidade da teoria e da práxis é, portanto, apenas a outra face da situação social e histórica do proletariado. *Do ponto de vista do proletariado, o autoconhecimento coincide com o conhecimento da totalidade; ele é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto do seu próprio conhecimento.* (LUKÁCS, 2012, p.97, grifos nossos)

O materialismo histórico é o método científico, a forma de “conhecer com a máxima clareza” a situação de classe do proletariado. Lembramos que o método do materialismo histórico por si só é também condição insuficiente a um processo revolucionário, mas essa forma específica de conhecer é considerada uma necessidade vital ao proletariado, uma “questão de vida ou de morte”. O método científico de Marx não só teoriza, sintetiza e expressa a ciência do proletariado, como também pode ser considerado um instrumento capaz de permitir o conhecimento da realidade do ponto de vista da totalidade concreta. Somente é preciso cautela em não reduzir a realidade ao método.

Lukács (2012) retoma a importante questão da unidade entre a teoria e a práxis, e afirma que o autoconhecimento de seu ser da classe coincide com o conhecimento da totalidade, e que o proletariado é, ao mesmo tempo, “sujeito e objeto do seu próprio conhecimento”. Sim, o proletariado não somente se faz e interfere na relação sujeito e objeto, na relação entre subjetividade e objetividade, como também por meio dessa mesma relação ele é igualmente capaz de tomar consciência de si, mesmo que seja uma consciência imediata de sua situação de vida, de seu ser da classe expropriado dos meios de produção.

Porém, ressaltamos uma vez mais que o autoconhecimento por meio da apropriação da ciência do proletariado é condição para elevar o grau de consciência de classe proletária, aprimorar a ação do proletariado contra o capital, assim como sua organização e estratégias de luta contra a classe burguesa e todo seu sistema de mediações de segunda ordem. No entanto, o aspecto teórico, considerando, por exemplo, o cenário político e econômico brasileiro<sup>50</sup>, precisa ser retomado para que o proletariado conheça a partir da perspectiva da totalidade não só a condição de sua subsunção ao capital, mas também o próprio funcionamento dele, para que possa modificá-lo.

Acerca da substancialidade da consciência, especificamente, da consciência social, ressaltemos o posicionamento de Marx ([1845] 2011, p.51, grifos nossos),

A produção de idéias, de representações e da consciência está, no princípio, diretamente vinculada à *atividade material e o intercâmbio material dos homens*, como a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio espiritual entre os homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc., de um povo. São os *homens* os produtores de suas representações, idéias, etc., mas os homens reais e atuantes, tal como são *condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações a eles correspondentes*, até chegar às suas mais amplas formações. *A consciência nunca pode ser outra coisa que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real*. E se, em toda ideologia, a humanidade e suas relações aparecem de ponta-cabeça, como ocorre em uma câmara escura, tal fenômeno resulta de seu processo histórico de vida, da

<sup>50</sup> Exatamente nesta data – 17 de dezembro de 2015 – o Supremo Tribunal Federal analisa e vota a processualidade do *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff (PT), processo que foi instaurado de modo estratégico pelo Presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha (PMDB), no dia 2 de dezembro de 2015. O Brasil vive momentos de crise em sua economia e que são também sinais da influência de um instável cenário político. As contradições saltam aos olhos do povo brasileiro por meio, por exemplo, das sessões desastrosas do Conselho de Ética, em que os representantes de partidos políticos, se necessário, se estapeiam em público e em rede nacional a fim de garantir seus interesses pessoais e de empresas que por ventura estejam ocultadas, não só, mas também no financiamento de suas campanhas políticas. O cenário político nacional mostra que os únicos interesses que *não* estão em jogo é a sobrevivência e a dignidade do povo brasileiro, que serve apenas de *pano de fundo* a discursos vazios de políticos que atuam em causa própria. A democracia burguesa brasileira está às claras a quem quiser enxergá-la, toda a justificativa conciliatória em favor de tal democracia é apenas a tentativa de ideólogos burgueses, dos discursos políticos e da grande mídia, por exemplo, de apresentarem à população, o quadro histórico nacional de “cabeça para baixo”, isso tudo sem citar, a influência dos Estados Unidos em nossa economia por meio de “rebaixamento de notas” de suas agências econômicas. Atualmente, dia 21 de junho de 2016, estamos sob o (des)governo do presidente interino Michel Temer (PSDB). A presidente Dilma Rousseff está afastada e a decisão de sofrer ou não um *impeachment* ainda está em curso.

mesma maneira pela qual a inversão de objetos na retina decorre de seu processo de vida diretamente físico. [...]. *Não é a consciência que determina a vida, mas a vida é que determina a consciência.*

Marx ([1845] 2011), em *A Ideologia Alemã*, faz a crítica aos idealistas de sua época, que tem na subjetividade o momento predominante e determinante da realidade social, o que vem exatamente de encontro ao que propõe Marx, pois para este a consciência dos homens é determinada pela vida, embora essa relação entre sujeito e objeto não possa ser entendida de modo rígido e muito menos unilateral.

A consciência, em última instância, tem seu conteúdo e forma determinados pela vida material que é resultado da ação humana, pelas relações de produção que os homens estabelecem entre si a partir do trabalho, e é aqui que se encontra o caráter ontológico de tal relação, mas os complexos sociais e ideológicos que se erguem a partir da atividade produtiva também influenciam em tal realidade, e a esses complexos corresponde de modo mediado certo tipo de consciência social, de consciência psicológica e de consciência de classe delimitadas pelo período histórico em que se situam.

Em sua obra, Marx ([1845] 2011) ressalta que, diante do processo histórico que é eminentemente humano, portanto, social, a consciência e suas diversas formas igualmente correspondem a esses diferentes períodos de complexidade da história humana. E que a história foi sendo constituída pelo homem e por meio de momentos coexistentes: primeiramente, “[...], para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter moradia, vestir-se [...]. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam que haja satisfação dessas necessidades [...]” (MARX, [1845] 2011, p.53). Isso significa que, ao mesmo tempo, que o homem dá o salto em direção à socialidade, buscando meios, instrumentos, para garantir sua sobrevivência, ele se dirige à produção do primeiro ato histórico que se realiza em unidade com a vida material. Um segundo momento destacado por Marx ([1845] 2011) é que a satisfação dessa primeira necessidade cria, simultaneamente, outras necessidades mais complexas, é propriamente aqui que Marx localiza o “primeiro ato histórico”, cujo trabalho é capaz de produzir para além de si mesmo, criando, simultaneamente, novas necessidades. Um terceiro tipo de relação social que intervém no desenvolvimento histórico é que os homens, “que cotidianamente, renovam sua vida, passam a criar outros homens, a se reproduzir: é a relação entre homem e mulher [e filhos], a família” (MARX [1845] 2011, p.54), gênese de uma consciência individual alienada.

Esses momentos coexistentes, em que os homens produzem sua história, não se restringem a uma relação natural, mas são, simultaneamente, relações sociais, tendo em vista

que tais momentos se complexificam e as formas de cooperação<sup>51</sup> que surgem entre os indivíduos representam igualmente as forças produtivas de uma época, que, por sua vez, poderão ser capazes de libertar a si mesmas e as relações de produção do caráter fetichista do capital.

A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe também para os outros homens e que, assim existe igualmente para mim; e a linguagem surge como a consciência da incompletude, da necessidade dos intercâmbios com os outros homens. Onde existe uma relação, ela existe para mim. O animal não se “*relaciona*” com coisa alguma; simplesmente não se relaciona. Para o animal, sua relação com os outros não existe como relação. A consciência, conseqüentemente, desde o início é um produto social, e o continuará sendo enquanto existirem homens. A consciência é, antes de tudo, mera consciência do meio sensível *mais próximo* e consciência de uma interdependência limitada com as demais pessoas e coisas que estão situadas fora do indivíduo que se torna consciente; ao mesmo tempo é a consciência da natureza [consciência gregária ou tribal] que, a princípio, aparece aos homens como uma força completamente estranha, onipotente, inexpugnável, com a qual os homens se relacionam de forma puramente animal e diante da qual se deixam impressionar como se fossem um rebanho; é, por isso, uma consciência puramente animal da natureza (religião natural). (MARX [1845] 2011, p.57, grifos do autor)

Na citação anterior, notamos a importância da linguagem à consciência que é, ao mesmo tempo, denominada por Marx ([1845] 2011) como a “consciência real, prática”. A linguagem completa a consciência, a consciência é fundamental à realização da linguagem.

Num momento mais rudimentar da história humana, vimos que a consciência, que é em última instância determinada pela vida material, por certo modo de produzir do ser social, pelas necessidades novas produzidas pelo homem, pelo aumento populacional, pela reprodução, por uma divisão social do trabalho que é mais simples, entre homem e mulher, depois, mais complexa, e que se dá entre o trabalho material e espiritual, é antes uma consciência gregária, tribal, em que o homem, segundo Marx, consegue se distinguir do carneiro porque nele a consciência assume o lugar do instinto. O homem, como ser social, relaciona-se consigo, com a natureza, e com o outro.

Aos momentos históricos coexistentes, que mencionamos, correspondem, portanto, formas de consciência social. Mas essas formas de consciência somente se desenvolvem e ganham certa autonomia relativa a partir do momento em que a divisão social do trabalho se dá entre, como já foi citado, o trabalho material e espiritual. “A partir daí, a consciência pode [...] imaginar algo distinto da consciência da práxis existente, que ela representa *de fato* algo sem representar algo real”, assim, “a consciência está em condições de emancipar-se do mundo e entregar-se à criação da teoria, da teologia, da filosofia, da moral, etc. ‘puras’”

---

<sup>51</sup> Abordamos anteriormente a respeito da associação/ cooperação dos indivíduos sociais sob o modo de produção capitalista.

(MARX, [1845] 2011, p.57-8, grifos do autor). Marx ainda acrescenta que tais formas de consciência podem entrar em contradição com as relações existentes, mas isso se dá de fato exatamente porque as relações sociais existentes estão em contradição com as forças de produção.

Dessa forma, o capital também necessita de uma superestrutura e de ideólogos que expressem formas de consciência social que ocultam a realidade e sua própria natureza essencialmente autodestrutiva. A autonomia relativa que permeia a teoria, a teologia, a filosofia, a moral, permite que tais teorias, por meio de determinadas ideias ou sistema de ideias abstratas, não correspondam de fato à natureza das relações de produção, antes as justificam. Tais teorias, então, que expressam formas de consciência social e que compõem também o sistema de mediações de segunda ordem colaboram para que o proletariado não desenvolva uma consciência de classe transformadora e não se reconheça como a força produtiva capaz de libertar a si mesmo e toda a humanidade do antagonismo irreconciliável posto pelo capital contra tais forças sociais produtivas.

Portanto, nesta parte de nossa pesquisa, procuramos compreender que é possível que a relação tríplice dialética mencionada por Mészáros (2011b) entre estrutura, superestrutura e formas de consciência social, influencie de modo mediado no desenvolvimento da consciência revolucionária, ora intensificando, ora desmitificando a natureza destruidora do capital.

Nesse sentido, Mészáros não abordou o fenômeno da consciência de classe proletária por esse viés, no entanto, seu estudo se propõe exatamente a examinar a relação tríplice e suas consequências históricas para a luta revolucionária que, ao mesmo tempo, é primordial que o proletariado se realize enquanto ser consciente de sua condição e de sua missão histórica contra o capital.

Inevitavelmente, no entanto, com a extensão global do processo de reprodução societal, a abarcar em sua tendência geral o todo de nosso planeta, *o controle consciente do metabolismo social se torna, e tem de se tornar, não uma possibilidade abstrata, mas uma condição elementar da sobrevivência humana em si* [grifos nossos]. Pois sem a elaboração e a operação prática de uma modalidade *historicamente viável* de controle social metabólico consciente em *escala global* – um desafio jamais encarado pela humanidade – a incontrolabilidade das mediações de segunda ordem antagônicas do sistema do capital, já afirmando a si mesma com uma severidade crescente em seu cenário nacional e interestatal muito mais limitado nos dias de hoje, só pode resultar em *crises estruturais crônicas*, perpetuadas enquanto o escalonamento de uma crise para a outra puder ser mantido, e em *derradeira destruição*. Naturalmente, a realização dessa forma de controle reprodutivo societal geral, consciente e historicamente sustentável, é possível somente na *condição primária* de que o sujeito histórico seja bem-sucedido em assegurar o *substrato natural* da existência humana no ambiente planetário com uma viabilidade histórica duradoura. E isso requer a *reavaliação crítica prática* [grifos nossos] da *carência* e da *necessidade* historicamente criadas dentro do quadro



dialético objetivo da necessidade histórica humanamente constituída e, desse modo, também transcendível – em outras palavras, em sentido *histórico* apropriado. (MÉSZÁROS, 2011b, p.234-5, grifos do autor)

É “condição elementar da sobrevivência humana em si”, que o sujeito histórico seja capaz de libertar as forças produtivas e os meios de produção do capital que se reproduz por meio das mediações de segunda ordem. Essas mediações, essas relações sociais alienadas e alienantes, reproduzidas pela relação tríplice dialética se espalham por toda a sociedade, camuflando e propagando a sociedade do capital como a única alternativa histórica viável possível ao ser social.

Nesse sentido, vimos que, para a tradição marxista, somente a partir da produção consciente por meio do trabalho associado, cujas relações sociais poderão se realizar de modo qualitativamente distinto, poderá o ser humano produzir e suprir de modo pleno suas carências e necessidades, uma vez que tais relações estejam dissipadas do caráter fetichizante da mercadoria, o que não é tarefa fácil.

O homem, por uma questão de sobrevivência, necessita revolucionar o meio de produzir e reproduzir a vida por meio de uma estrutura e superestrutura consciente e responsável, inclusive, na sua relação com a natureza. É preciso transcender a irracionalidade histórica do capital, mas, ao mesmo tempo, é preciso agir de modo consciente contra essa mesma irracionalidade. E aqui a consciência de classe proletária, que é parte da práxis revolucionária, a dimensão consciente da práxis revolucionária, como traço essencial do proletariado, se coloca na realidade social de modo imprescindível e necessário e de alguma maneira antecipa uma exigência de uma possível sociedade comunista: o indivíduo consciente, que terá como necessidade primeira viver uma vida plena de sentido, desvencilhada do dinheiro e em harmonia com a natureza. É, neste sentido, que a luta de classes, assim como a teoria marxiana exercem um papel fundamental na ação do sujeito histórico, o proletariado.

E com o propósito de “finalizar” esta parte da pesquisa, o título de uma das obras de Mézáros (2015) resume de forma objetiva o desafio histórico que a classe proletária tem pela frente. E a fim de evitar maiores delongas, pois quem aprecia mediações enganosas é o próprio capital, afirmamos que é simplesmente esta *A montanha que devemos conquistar*.

## CAPÍTULO IV

### CONSCIÊNCIA DE CLASSE PROLETÁRIA POTENCIAL NA MEMÓRIA- TRABALHO E POLÍTICA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

“Este processo [da consciência] é ao mesmo tempo múltiplo e uno. Cada indivíduo vive sua própria superação particular, transita de certas concepções de mundo até outras, vive subjetivamente a trama de relações que compõe a base material de sua concepção de mundo.” (IASI, p.14, 1999)

“A situação de classe na qual o operariado se encontra radicado faz com que mesmo as suas reações mais imediatas devam ser consideradas no interior do processo histórico da formação da consciência de classe. Tanto o ‘instinto de classe’ (esquema emocional e ‘inconsciente’ de reação) quanto a ‘consciência psicológica’ (a consciência ‘individual’ do operário), já refletiriam as determinações da totalidade e já possuiriam uma tendência em direção à consciência.” (FREDERICO, 1978, p.30)

“Sartre leu, sem muito entusiasmo, seu texto sobre ‘Justiça de classe e justiça popular’. Na França, dizia ele, ‘existem duas justiças: uma burocrática, que serve para prender o proletariado à sua condição, a outra, selvagem, que é o momento profundo pelo qual o proletariado e a plebe afirmam sua liberdade contra a proletarização... A fonte de toda a justiça é o povo... Escolhi a justiça popular como a mais profunda e a única verdadeira’. Ele acrescentava: ‘Se um intelectual escolhe o povo, precisa saber que o tempo das assinaturas de manifestos, dos tranquilos comícios de protesto ou dos artigos publicados por jornais reformistas terminou. Ele não tem tanto que falar, mas antes tentar, através dos meios à sua disposição, dar a palavra ao povo’”. (BEAUVOIR, 2016, p. 40, em *A Cerimônia do Adeus*)

#### 4.1 Sobre o processo das entrevistas: algumas considerações

O objetivo deste estudo é investigar a “presença” de uma possível consciência de classe proletária potencial em professores da Educação Básica. Nesse sentido, é imprescindível conceder a palavra aos professores, o que significa, ao mesmo tempo, dar a palavra ao povo. Não falar por ele, em seu lugar.

Adotando as palavras de Sartre, expressas num trecho de *A Cerimônia do Adeus*, Simone de Beauvoir narra os últimos dez anos de vida de seu companheiro, escritor, intelectual, Jean Paul Sartre. O livro trata-se de um relato biográfico de Sartre, que retrata o destino de todo ser humano: a morte.

Suscetíveis aos sofrimentos, somos consequências de nossas escolhas. Sartre com a saúde frágil a certa altura da vida mostra que o intelectual sucumbe, e é acima de qualquer suspeita, humano, demasiadamente humano. Mas o que importa destacar é a importância do papel do intelectual quando este escolhe a “justiça popular”, quando ousa a se desvencilhar do *status* de intelectual e coloca-se à disposição da luta autêntica do proletariado, despindo-se da vaidade que cerceia a razão humana.

Marx, na introdução à *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, a respeito de sua assertiva, vale a pena ressaltar, ele diz “[...] a raiz é, para o ser humano, o próprio ser humano” (MARX, 2010, p.44). O que será que Marx quis dizer com tal afirmação?

A raiz, a radicalidade da realidade social parte *do* e retorna ao próprio homem a fim de alguma compreensão. É o próprio homem. Isto é o método. Procuramos conhecer como homens e mulheres se desenvolvem em seu cotidiano, como se dão suas relações sociais, seus saberes, conhecimentos, as formas de cultura, educação, política, economia, a história que vai se desenrolando, a continuidade na descontinuidade, suas lutas, revoluções, é o homem tomado em si por meio de suas atividades, sendo que a fundamental dentre elas, segundo Marx, é a atividade produtiva. É a partir do trabalho que um *modus operandi* da humanidade se desenvolve, e é também história. É por meio desse processo que o ser humano se descobre social, cria-se, reinventa-se como humanidade, ao mesmo tempo. É na particular relação entre o ser e o gênero humano, que ambos se perfazem. Portanto, somos o processo e o resultado de ambos, num movimento dialético que não conhece limites.

Ao analisar uma parte da história humana, as conclusões reducionistas, os pontos de vista generalistas precisam ser desconsiderados. De fato, se almejamos conhecer mais de nossa humanidade, sua *raiz*, é necessário que “mergulhemos”, a fim de captar as riquezas e as durezas da vida de cada ser humano, principalmente, do ser social esquecido, oprimido, humilhado, homens e mulheres explorados, porque também imersos nas lutas de classes. Portanto, optamos também por contar um pouco das histórias de proletários e de proletárias, que são a *raiz* da história do mundo.

Mas a raiz de nossos estudos tem sido o próprio ser humano? Às vezes, a “fidelidade” teórica parece mais revelar a vaidade do conhecimento egoísta de cada acadêmico, de cada acadêmica. E isso é uma provocação.

Não raro, sufocamos as vozes, as histórias de vida de operários, de milhares de trabalhadores e trabalhadoras, em nossos estudos “carregados” de pressupostos marxianos, na tentativa de traçar um quadro histórico com uma explicação quase “absoluta” da realidade. É possível a negação da substância social, por meio de “estudos histórico-materialistas”. Materialistas! Não calamos, inúmeras vezes, homens e mulheres em nossos estudos marxista-acadêmicos, ao afirmar o trabalho como categoria fundamental à compreensão da realidade social, categoria cara a Marx e Engels, sufocando o próprio ser humano, constringido, sujeitado à sobrevivência?

Tal indagação nos foi possível, após a realização das entrevistas, do ouvir professores, assim como da tentativa de narrar as vozes de cinco docentes que atuam na Educação Básica no Brasil, e que serão expostas de acordo com os objetivos de nosso trabalho.

Quanto ao método utilizado neste estudo, optamos pelo *método dialético* que compreende o movimento do pensamento que, ao analisar algum dado da realidade, parte dela mesma, e este processo do pensamento mediado pelo conhecimento teórico retorna à realidade de modo mais complexo, um novo ponto de partida, o concreto pensado. É por meio do método histórico-dialético que poderemos, em relação ao objeto estudado, superar as aparências, a superficialidade do objeto mesmo, e apreender sua substancialidade.

Em unidade com o método escolhido, realizamos uma pesquisa bibliográfica, “que [...] implica um *conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções*, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 38, grifos nossos). Dentre este “conjunto de procedimentos” pertinente à pesquisa bibliográfica, mencionamos alguns: a seleção das obras relacionadas ao objeto de estudo; as leituras realizadas do material selecionado. Num primeiro momento, foi feita uma leitura de reconhecimento do material bibliográfico, seguida de uma leitura exploratória, até uma leitura reflexiva ou crítica do material utilizado, sem perder de vista os objetivos da pesquisa, até chegarmos a uma síntese integradora que “é o produto final do processo de investigação, resultante da análise e reflexão dos documentos” (LIMA; MIOTO, 2007, p.41).

Essa síntese integradora é ainda um corolário da relação entre o método histórico-dialético, a pesquisa bibliográfica, e as narrativas coletadas a partir das entrevistas semiestruturadas. A tese que será apresentada é resultante desse processo mencionado.

Portanto, o uso do procedimento – pesquisa bibliográfica – visou, sobretudo, investigar a consciência de classe em si e para si. Mas, antes, era fundamental entender quem é o proletariado contemporâneo, já diferente daquele que se revelara na época de Marx e Engels. Também é importante ressaltar que o objeto de estudo é, em certa medida, resultado da pesquisa realizada no decorrer do mestrado, e que a pesquisadora<sup>52</sup> tem seguido um percurso de estudo singular, pois cada trabalho é, ao mesmo tempo, um novo ponto de partida.

A respeito das narrativas que serão expostas nesta pesquisa, realizamos cinco entrevistas semiestruturadas, considerada como uma técnica de observação direta (THIOLLENT, 1982, p.32).

---

<sup>52</sup> Sobre o percurso pessoal de pesquisa verificar na Introdução.

Quando a investigação pretende maior profundidade ou se trata de explorar assuntos complexos, os questionários contêm mais perguntas abertas e exigem do entrevistador um papel mais ativo para facilitar a verbalização do respondente. Quando o assunto é muito aberto, o questionário é substituído por um simples roteiro de entrevista, [...]. A diferença entre o questionário (eventualmente aplicado em entrevista dirigida) e as entrevistas semi-estruturada e não diretiva reside na extensividade do primeiro (grande número de pessoas e fechamento das perguntas) e na intensividade das segundas (pequeno número de pessoas e grande abertura das perguntas para maior “profundidade”). (THIOLLENT, 1982, p.33)

Centramo-nos na intensividade de que fala Thiollent (1982) ao realizar as entrevistas, num pequeno número de pessoas, numa permissão prolongada, extensa da fala que representa, ao mesmo tempo, uma disponibilidade de ambos, de entrevistadora e entrevistado, em ouvir o que o outro quer simplesmente narrar. As entrevistas têm em média uma duração de duas horas, e a partir de um roteiro de questões, e o desenrolar da própria entrevista, outras perguntas pela pesquisadora foram acrescentadas.

Não foi realizada entrevista pré-teste. Deparamo-nos ainda com a dificuldade de encontrar docentes que se dispusessem a aceitar os convites para que participassem das entrevistas. Muito depois, verificada a riqueza dos depoimentos, é impossível considerar qualquer das entrevistas feitas, como um “teste”. Assumimos, então, nossas incongruências, nossa inexperiência com a técnica (a entrevista), nossos descaminhos e erros, mas igualmente o gosto pelo aprendizado, pelo ouvir a memória, as respostas de cada entrevistado. De tudo, pelo menos ouvimos e deixamos que os professores falassem. Assumimos também nossa impossibilidade de neutralidade.

Sem entrarmos numa complexa discussão sobre o problema da neutralidade e da objetividade de diversos processos de pesquisa social, consideraremos que a neutralidade inexistente e que a objetividade é sempre relativa. A neutralidade é falsa ou inexistente na medida que qualquer procedimento de investigação envolve pressupostos teóricos e práticos variáveis segundo os interesses sociopolíticos que estão em jogo no ato de conhecer. A objetividade é relativa, na medida que o conhecimento social sempre consiste em aproximações sucessivas relacionadas com perspectivas de manutenção ou de transformação. (THIOLLENT, 1982, p.28)

Há um posicionamento teórico expresso no trabalho, que influencia, em certa medida, em tudo mais o que foi desenvolvido, no objeto de estudo, na elaboração das perguntas, na forma de abordar as narrativas dos professores. Portanto, esta pesquisa também expõe um posicionamento de classe que reafirma a necessidade de mudanças, de transformações profundas nesta forma de sociabilidade, assim como no sistema educacional brasileiro, ou pelo menos em parte dele. Este estudo é objetivo, portanto, exprime certa aproximação com a realidade, como também é um novo ponto de partida que anseia escutar mais docentes, e

escrever suas memórias-trabalho, política, as memórias da vida de cada um. Ouvir a fala de suas práxis educativas e por meio delas dialogar com a educação escolar, tecê-la.

Um roteiro de questões foi elaborado, *a priori*, de acordo com a categoria de estudo, a consciência de classe proletária. Num primeiro, almejamos constatar ou não alguma consciência de classe proletária em professores da Educação Básica. Verificamos depois que isso simplesmente não seria possível. O que faz parte do próprio processo de pesquisa da categoria em destaque, de algum conhecimento teórico que no início do processo ainda inexistia. Não é possível observar uma forma de consciência que somente se evidencia em unidade com a ação de classe. Conversando com professores, foi possível apenas observar a expressão de suas “consciências individuais”, que se constituem na relação singular-universal, e não podemos, numa entrevista, constatar, de fato, ou afirmar que um docente tenha ou não uma consciência de classe proletária. De novo, essa constatação não é possível. Chegou-se a conclusão também de que os docentes, em virtude do objeto, deveriam ser professores-militantes.

Num certo sentido, os docentes entrevistados, em algum momento de suas vidas, vivenciaram essa experiência de militância, porque participaram de greves, são ou foram filiados a partidos políticos, portanto, são professores que, em unidade com a prática educativa, compreendem a necessidade de mudança da realidade social, e isso é importante para o desenvolvimento da tese que será defendida, como veremos mais adiante.

Desse modo, são professores, histórias de suas práxis, que se misturam às suas próprias vidas, que se dispuseram a narrar fatos de seu cotidiano de trabalho, uma memória ainda jovem, diríamos assim, mais recente, de docentes que estão em início de carreira, outros já com alguns anos de experiência, e outros há um tempo considerável se dedicam ao magistério.

Além disso, embora não seja o foco deste estudo, procuraremos, de certo modo, dar existência “escritural à fala” dos professores, como está posto no livro de Ecléa Bosi (1983), uma obra que tendo como objetivo narrar a memória de velhos que viveram na cidade de São Paulo no início do século XX, inclusive, suas memórias-trabalho, pois o trabalho é também a vida de cada um, notamos que a história da cidade de São Paulo se vivifica porque é, ao mesmo tempo, a história da cidade que se constrói, que se desenvolve pelas vidas das pessoas que nela moram ou moraram. É a relação singular-particular-universal. A minha história é também parte da história da humanidade, e a relação é recíproca, mesmo que a sociedade não

me conheça, não me reconheça, pois, de modo geral, nos deparamos com uma história humana recortada, (re)contada a partir do ponto de vista da classe dominante<sup>53</sup>.

A história dos professores entrevistados é, ao mesmo tempo, uma particularidade da história, um pequeno retrato da educação escolar brasileira. No livro de Ecléa Bosi (1983), constatamos ainda como é difícil, sofrido ser em nossa sociedade, pobre, mulher, negro e velho, quem já reúne todas essas categorias num único ser, é mais difícil sobreviver por aqui, sinceramente.

Sobre os professores, são docentes que se dedicam ao magistério no Estado de São Paulo, e o critério fundamental para convidá-los à realização das entrevistas é que fossem docentes atuantes na Educação Básica. Dados, informações que julgamos importantes a fim de manter o sigilo acerca de suas identidades foram substituídos por letras (nomes de cidades, de instituições de ensino, etc.), seus nomes foram ocultados, os nomes escritos no texto não correspondem aos reais.

As entrevistas foram realizadas no decorrer do ano de 2015, é provável que algo já tenha se modificado na vida desses docentes, mas isso faz parte da história, que é dialética e está em constante mudança e movimento, o contrário, também pode ocorrer e alguns pensamentos, opiniões, atitudes, expressos, permanecem ainda como ideais de vida, de profissão, são os reflexos de consciências de classes que estão igualmente em movimento. Consciências de classes, porque não é possível, dada a sociedade em que vivemos, afirmar que um indivíduo expressa uma ou outra forma de consciência em algum momento ou no decorrer de toda a sua vida.

Somos um misto de formas de consciências de classes, burguesa, proletária e suas nuances, seus graus<sup>54</sup>. De consciência de classe proletária potencial, dependendo das circunstâncias, das experiências, dos saberes acumulados pela vida de cada um. Aqui está a nossa tese, que aprofundaremos no decorrer do estudo.

---

<sup>53</sup> Não aprofundaremos essa discussão neste momento.

<sup>54</sup> O termo “grau” pode ser encontrado em Lenin (2011), como mencionamos anteriormente, e podemos observá-lo também em Paulo Freire (1967), em sua obra *Educação como prática de liberdade*, em que o autor investiga, num sentido geral, tendo em vista certo contexto histórico, de passagem de uma “sociedade fechada” (colonial) a uma “sociedade aberta” (democrática), o processo de formação de consciência no oprimido, que vai desde uma “consciência intransitiva”, passando por uma “consciência transitivo ingênua” a uma “consciência transitivo crítica”, aqui o papel da educação é preponderante, uma educação do ponto de vista freiriano. “Uma educação que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorria sua capacidade de opção. Educação que levasse em consideração os vários *graus de poder de captação do homem brasileiro da mais alta importância no sentido de sua humanização*. Daí a preocupação que sempre tivemos de analisar estes vários *graus de compreensão da realidade* em seu condicionamento histórico-cultural e que, a seguir, passamos a discutir.” (FREIRE, 1978, p.59, grifos nossos)

## 4.2 Algumas considerações sobre a história e a memória

O que é a história? Qual é a sua substancialidade?

Antes da exposição dos depoimentos dos docentes, partimos da premissa de que a história existe, e que somos dela seus autores e, ao mesmo tempo, atores, que a história está em constante movimento, *de vir*.

Walter Benjamim (2016) nos oferece a seguinte contribuição acerca do conceito de história,

Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece preparar-se para se afastar de qualquer coisa que olha fixamente. Tem olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de fatos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não as consegue fechar. Esse vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, o que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até o céu. Aquilo a que chamamos o progresso é este vendaval. (BENJAMIM, 2016, p.14, grifos do autor, IX Tese Sobre o conceito da História)

De costas, arrastado pelo e para o futuro, o anjo da história olha para o passado, uma “catástrofe sem fim”. Nossa vida é determinada por meio da relação entre passado, presente e futuro. A presença nostálgica dos acertos e dos erros transcorridos influenciam nossas escolhas no presente que conseqüentemente nos desenhará algum futuro. A tensão dialética no presente revela-se por meio das contradições existentes entre os vestígios, ou o que herdamos do passado, que se misturam ao aqui e o agora, e abrem possibilidades que apontam para um futuro. Os olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas do anjo da pintura de Paul Klee, que Benjamim (2016) declara em sua IX Tese *Sobre o conceito de História*, designando-o como o anjo da história, ou que o anjo da história deveria ter esse aspecto, está em movimento, que de modo absoluto ele não consegue dominar. O anjo é da história, está sob os “ventos” da história.

Cientes ou não, dia a dia nossa história se perfaz, há um campo de causalidades, que não dominamos. A história transcende a cadeia de causas e efeitos. O “vendaval” do progresso que sopra do “paraíso” impele o anjo da história ferozmente para o futuro, que gostaria de “acordar os mortos” e reconstruir o passado a partir dos fragmentos de vidas, reconstruir a história destruída. Passado, presente e as *possibilidades objetivas* (LUKÁCS, SCHAFF, 1973) estão em unidade, em reciprocidade dialética. Na determinação mútua, diferem-se (HEGEL, 2016). E quem seria capaz de segurar os “ventos” do progresso? E o



“vendaval” seria só progresso? E quem poderia dominá-lo a ponto de conduzir com as próprias mãos e consciência os “ventos” da história? Seria-nos tal ato possível?



Figura 1 – *Angelus Novus*, Paul Klee, 1920<sup>55</sup>.

Tenhamos ou não alguma consciência da história da humanidade, e de nossa situação de classe, elas existem.

No prefácio do livro de Ecléa Bosi (1983), há comentários de João Alexandre Barbosa e Marilena de Souza Chauí a respeito do trabalho realista, da autora, que entrevistou velhos que viveram na cidade de São Paulo, e que ser realista implica também a conservação da sensibilidade do narrador a respeito do que lhe foi contado. Implica narrar a história de cada um com sensibilidade. Eles dizem assim,

[João Alexandre Barbosa] Fundada em Walter Benjamin, Ecléa Bosi sabe que “a memória é a faculdade épica *par excellence*”. Mas Benjamin vai ainda mais longe: “O narrador conta o que ele extrai da experiência – sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história”. Para Walter Benjamin, o que distingue o narrador do romancista é que este último “isolou-se a si mesmo”. [...]. Conservando-se no nível da narração (no sentido de Benjamin), Ecléa Bosi é, ao mesmo tempo, ouvinte e narradora, possibilitando a passagem pura da memória, num lance de extrema felicidade composicional. [...]. [Marilena Chauí] Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros. (BOSI, 1983, p.14,19)

Começamos pelo fim da citação.

<sup>55</sup> Quadro disponível em: <[http://www.versobooks.com/blogs?mentioned\\_book=3651](http://www.versobooks.com/blogs?mentioned_book=3651)>. Acesso em: jan. 2017.

A sociedade capitalista destrói os suportes materiais da memória? Suponhamos que sim, como faria isso? Como essa sociedade os bloquearia? Deparamo-nos com uma forma de sociabilidade centrada na autodestruição intensa da humanidade. Autodestruição já é uma palavra que por si só denota a negatividade desse tipo de sociedade desigual, sua nocividade à vida humana e natural. Porém, utilizamos outro adjetivo – intensa – a fim de demarcar a época atual em que vivemos cuja desumanidade é presente e real na vida do proletariado. A autodestruição sem dúvida é o ponto a ser destacado, pois ao destruir a humanidade e a riqueza natural, simultaneamente, o capital corrói o principal suporte material da memória de uma sociedade: o homem mesmo e suas relações sociais. É cada vez mais difícil construir uma vida com sentido e que vale a pena ser lembrada, recontada, numa sociedade tão empobrecida do humano. Talvez, chegamos num tempo em que relembrar nossas experiências se torne algo indiferente para nós, e relegamos à memória, o lugar esquecido. Uma sociedade sem memória, talvez este seja o verdadeiro fim da história, a partir do momento em que a humanidade, ou parte dela, nega-se a contá-la, ao negar falar de si.

A ansiedade do tempo presente impõe a homens e mulheres a instantaneidade das informações, a vida fugaz, alienada, o estresse, e uma espécie de obrigação de que devemos absorver o máximo de informação num mínimo de tempo possível, assim é viver na superficialidade do tempo presente. E isso também é desumano. Os vínculos sociais não se constituem fortes o suficiente e se desfazem de modo líquido. Muitas pessoas vivem o virtual como real. Lá a edição é possível. Os vínculos familiares se definham, e a nostalgia de um passado parece ficar por conta dos antigos, dos velhos, pequenos “museus” ambulantes da humanidade. A qualidade das experiências humanas é comprometida, tudo é cada vez mais descartável e isso tem consequências igualmente para a memória da humanidade.

Uma das tarefas mais importantes sem dúvida é gravar, escrever as memórias do humano, reescrevê-las, recontá-las, essa é a tarefa do narrador, joia preciosa. A memória narrada não apenas fica registrada, mas ganha vida, quando cada leitor, cada leitora, interessados, acessam as narrativas, que agora já não são mais de quem as contou, ou até mesmo do narrador, que por algum momento delas se sentiu “dono”, mas são histórias que passam a ser da humanidade inteira. O narrador ao recontar as memórias dos lembradores encomprida-as pelos nossos dias. Por meio do registro da memória, qualquer pessoa pode ser digno de se tornar um herói, que, antes, estava escondido, esquecido.

Num outro trecho Marilena Chauí menciona,

Descrevendo a substância social da memória – a matéria lembrada – você [Ecléa Bosi] nos mostra que o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai

paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no *modo* de lembrar. (BOSI, 1983, p.30, grifo nosso)

Interessa-nos também *como* as histórias de cada professor, de cada professora, serão contadas.

A “matéria lembrada” é, ao mesmo tempo, social e individual, o conteúdo da lembrança pode ser o resultado de uma experiência, de um aprendizado de condutas, atitudes, valores, apreendidos socialmente pelo indivíduo inserido num grupo, e a memória social é também particularizada, pois cada ser social tem o seu modo específico de retê-la, de acessar e contar suas lembranças guardadas. Experiências lembradas que vão compondo o viver de cada um e, por sua vez, de uma sociedade inteira. A maneira de lembrar do ser humano é singular, mas a lembrança já foi experiência compartilhada, porque socialmente vivida.

Numa entrevista, Ecléa Bosi menciona que,

[...] a memória atende ao chamado do presente. Mas, teremos que transpor, muitas vezes, a enorme distância temporal entre o fato narrado pela testemunha e o acontecido. Experiência sempre muito difícil, devido às transformações ocorridas, sobretudo nas mentalidades. O passado, a rigor, é uma alteridade absoluta que só se torna cognoscível mediante a voz do nosso depoente, nosso narrador. Eu insisto sempre com meus alunos, na formação do pesquisador que vai entrevistar o seu memorialista: quando a narrativa dele é hesitante, cheia de silêncio, ele não deve ter pressa de fazer interpretação ideológica do que está escutando ou de preencher as pausas. Importante destacar que a fala emotiva e fragmentada do nosso memorialista é portadora de significações que nos aproxima da verdade. Nós temos que aprender a amar esse discurso tateante, as suas pausas, as suas franjas, com fios perdidos quase irreparáveis. Bem mais que um documento unilinear, *a narrativa da testemunha mostra a complexidade do real*. Oferece uma via privilegiada para compreender a articulação dos movimentos da história com a cotidianidade. É muito belo escutar esse rememorar meditativo da testemunha. E nós então compreendemos que se pode fazer da memória um apoio sólido para a construção do presente e ela se torna para nós uma verdadeira matriz de projetos. (BRUCK, 2013, p.197, grifos nossos)

Na sociedade do capital, fundamentada, norteadas pelos interesses egoístas, que coisificam e degradam as relações humanas, que interferem em nosso modo de viver, de nos relacionar uns com outros, de modo humano, é dispensável a conservação da memória que é imprescindível à compreensão do tempo presente, do passado, e, segundo Ecléa Bosi, a memória representa uma “verdadeira matriz de projetos”, porque aponta também para o futuro. Vivemos numa sociedade em que as pessoas procuram fruir o imediato, o ontem não mais existe, porque também dele pouco ou nada se reteve, e sobre o amanhã, provavelmente, nada sabem, talvez as pessoas nem se interessarão por conhecê-lo.

O estudo da memória, de certo modo, se coloca na contramão da frenesi do imediatismo do tempo presente, que reproduz alienação, se coloca na contramão da ansiedade intensa que corrói o espírito humano que prefere “engolir”, sem degustar, o presente. E isso é também desumano.

A autora *supra* alerta, há significados e necessidade de o narrador ouvir e considerar as pausas, os silêncios, de quem narra uma parte da sua, da história da humanidade. O estudo da memória exige, de quem com ela se dispõe a trabalhar, um frear daquele imediatismo, uma atenção mais detalhada e cuidadosa à voz do humano, e essa preciosidade escapa pelas nossas mãos, diante de uma sociedade que “vive” conectada. Mas, com quem? Uma sociedade que só se perde a si mesma.

Ecléa Bosi (1983, p.1, Introdução) ainda menciona que

A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da História oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida.

“A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento.” (BOSI, 1983, p.3, Introdução). Apesar de não termos uma dimensão exata do espaço que nossas memórias ocupam nas mentes, a questão é que sempre nos deparamos com o modo particular de cada narrador, de cada historiador, quando este descreve e analisa os fatos sociais ocorridos. A História oficial contada nos livros é uma visão da história da humanidade particularizada, tornada universal, portanto, lapsos e erros do conteúdo narrado por trabalhadores, por velhos, ou professores, podem preocupar menos o ouvinte. E, de fato, nos preocupa menos.

No que se refere à “matéria lembrada”, é interessante pensar os motivos que nos levaram ou que nos levam a fazer as escolhas fundamentais de nossas vidas. A escolha por uma profissão é uma delas. Sem dúvida, o trabalho é vital a qualquer ser humano, confunde-se com a própria vida, e a sobrevivência depende dessa relação social. O teto, sob o qual passamos a morar e a nos sentir protegido com nossas famílias, o alimento que nutre e nos concede forças, energia a fim de enfrentarmos uma longa jornada de trabalho pela frente, a roupa, o calçado, que pode nos proteger do frio ou nos fazer suportar o calor; que nos oportuniza a apropriação de conhecimento, a realização dos estudos, a possibilidade de construir uma vida digna, tudo isso decorre, perpassa e depende do trabalho.

No entanto, não esquecemos a sociedade em que sobrevivemos, uma sociedade capitalista marcada por formas de desigualdades, cujo trabalho e suas práxis assumem um

aspecto negativo, permeados pelas mediações de segunda ordem. Essa forma de compreender a sociedade do capital parece vaga, mas ganha concretude e detalhes quando nos dispomos a ouvir o proletariado. É dando voz a ele que observamos que o trabalho que deveria nos conceder prazer e satisfação de nossas reais necessidades é, muitas vezes, realizado como um fardo, com angústia e sofrimento, e o indivíduo que por meio dele deveria se humanizar, torna-se vazio, humilhado e doente, um ser estranho à sua própria atividade, e em muitos casos o trabalho torna-se mesmo a degradação física e moral do homem.

E essa degradação física e moral atinge também os professores. O que pensar a respeito de uma sociedade que não respeita e não reconhece a função social de um professor, de uma professora? Pessoas, profissionais fundamentais à formação, ao desenvolvimento das bases de uma sociedade. Professores que se entregam à educação escolar, que dedicam suas vidas, seu tempo, a ensinar milhares de crianças, jovens e adultos, porque, muitas vezes, a satisfação pelo ensino e aprendizagem se sobrepõe aos salários baixos, às condições de trabalho precárias a que estão submetidos milhares de docentes hoje espalhados pelo país. Os cursos de formação de professores sofrem igualmente com o mesmo descaso.

Ao apresentar as narrativas a seguir é provável que compreendamos, mais, o sentido das palavras já ditas.

#### **4.3 Profa. Laura: consciência de classe proletária potencial em suas memórias-trabalho e política**

A escolha da docência, no caso de Laura, se deu pela imposição das condições socioeconômicas de sua família, que não pôde ajudá-la a dedicar-se, exclusivamente, aos estudos. É ainda provável ter havido alguma influência sobre Laura, a opção feita por suas irmãs pelo magistério. Foi exatamente essa escolha que possibilitou à professora conciliar a sobrevivência e os estudos.

Ao falar sobre o que a motivou à escolha da sua profissão,

É... a princípio assim, foi falta de opção. Eu... não era o que eu pretendia, mas era o que naquele momento eu poderia fazer, em termos financeiros. Então, assim, seria a minha terceira opção é... **pessoal**<sup>56</sup>, não era a primeira, nem era a segunda, mas diante à questão financeira foi a que eu pude fazer. [...], eu pensei assim, na verdade

<sup>56</sup> Em relação à forma de transcrição das entrevistas, seguimos as orientações de Matos e Senna (2011, p.105, grifos nossos), “Quanto à fase de transcrição, algumas regras devem ser observadas: - A transcrição deve ser feita pelo próprio entrevistador, o quanto antes; - as passagens pouco audíveis devem ser colocadas entre colchetes; - as dúvidas, os silêncios, assinaladas por reticências; - as pessoas citadas, designadas por iniciais (se necessário); - *as palavras em negrito serão as de forte entonação*; - *anotações como risos devem ser grifadas*; - subtítulos para facilitar a leitura; - os erros flagrantes deverão ser corrigidos: datas, nomes próprios etc.”

eu tinha uma irmã que fez Biologia na Z, eu tinha uma irmã que tinha feito Pedagogia numa... faculdade paga, e... eu tinha uma outra irmã fazendo... Pedagogia também, e financeiramente, assim, meu pai não teria como me ajudar, então, [...] eu fiz CEFAM<sup>57</sup>, eu tenho uma formação de Ensino Médio destinada já ao exercício do magistério, e quando eu optei pelo CEFAM, eu optei em virtude do quê? Eu teria que **trabalhar**, entre trabalhar e estudar, eu queria estudar, mas eu tinha que trabalhar, então, aí surgiu o CEFAM, [...], que aí dá aquela formação de magistério do Ensino Médio, e depois assim, eu tinha... a minha pretensão era fazer Direito, e aí acabei fazendo aquilo que era mais viável à minha condição socioeconômica. [...], é o que eu poderia aguentar em termos de que eu teria que trabalhar e teria que... tá estudando à noite, e aqui não tinha um curso, porque logo que eu saí eu já comecei a trabalhar como professora, professora de criança, professora de Educação Infantil.

A primeira formação de Laura ocorreu no CEFAM, uma formação de nível médio voltada ao magistério, o que lhe possibilitou atender sua necessidade pelos estudos não do modo como gostaria, mas, sim, como lhe impuseram as condições objetivas em que vivia.

Laura ansiava cursar Direito, desejo que naquele período não pôde realizar. Assim que saiu do CEFAM, ingressou no mercado de trabalho, e o “jogo de pular pra lá e pra cá” se inicia, e o exercício da docência tem seu ponto de partida aqui: Laura começa como professora na Educação Infantil numa instituição de ensino particular.

Mesmo após ter concluído o CEFAM, Laura não desistiu dos estudos. O salário era pouco, a possibilidade de estudar numa faculdade fora de sua cidade, e pública, era remota, as dificuldades familiares persistiam. Ao recordar sua primeira experiência como docente, Laura revela já alguma consciência de sua situação de classe, quando se depara, inicialmente, com a condição socioeconômica de sua família, e quando compreende que é uma “política”, como se fosse talvez uma regra, mesmo que injusta e ilegal, “não registrarem professores” em certas instituições particulares de ensino, para que pudessem exatamente pagar menos aos docentes. Laura se depara com uma forma de exploração presente no mundo do trabalho, e ao recordar, percebe tal exploração. Tanto a percebe que a menciona. E à medida que a professora relata suas experiências, começa a se desenhar sua história particular como docente, parte da história da educação escolar num sentido mais amplo.

[...] eu atuei na Educação Infantil... é... uns dez meses na escola particular, depois, não fui registrada como professora, tá, porque infelizmente é uma política não te registrar porque te pagam menos, é... aí logo em seguida, eu fui pro Fundamental porque aí eu saí da escola particular, a minha escola foi vendida, e eu não quis continuar com o grupo que estava, é... a princípio eles me mandaram embora, quando venceu meu aviso aí eles queriam rasgar o aviso aí eu não aceitei, eu quis embora de qualquer jeito, porque a minha linha de pensamento era muito diferenciada de quem comprou, aí eu fui trabalhar no Estado de estagiária, aí eu peguei a... o Fundamental já, o Fundamental I, então, eu fiquei no Fundamental I [...] como estagiária dois anos, [...], tendo concluído o CEFAM, logo assim, primeiro ano fiquei na particular, aí quando foi em outubro eu fui demitida, eles queriam que

<sup>57</sup> Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério. Informação disponível em:< <http://www.educacao.sp.gov.br/central-de-atendimento/Htmexpl/cefam.htm>>. Acesso em: jan. 2017.

eu ficasse, porque a minha classe era maternal e as crianças iriam embora, mas aí independente disso eu quis sair, é... aí depois eu ingressei no outro ano, eu fiquei um tempo desempregada.

Num segundo momento de sua experiência como docente, após sua formação no CEFAM, Laura vai atuar como estagiária na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, e lá ficou por dois anos, substituindo professores, e é também neste momento que inicia sua formação num curso superior, e se depara com mais um desafio: cursando ainda o primeiro ano de História, diante da falta de docentes, começa a substituir como professora da área (de História) na escola pública. Um retrato da educação escolar de nosso país, especialmente, a história do sistema educacional, não só público, do Estado de São Paulo, como também particular, que começa a se delinear.

Em maio eu ingressei no magistério na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, aí eu fiquei dois anos como estagiária, e fazendo faculdade, eu já de imediato comecei a substituir, em História, [...], e desde o primeiro ano de História eu dei aula, porque não tinha professor de História, então, assim, eu trabalhava à tarde como estagiária e no período da manhã eu substituí, inclusive, em escola particular [...] em História já. [...] o Estado tinha uma lei, na época, que era assim, ele contratava o estagiário, por quê? Quando o professor faltava, o estagiário tinha que ser formado nessa época, nesse tempo que eu trabalhei, o estagiário tinha que ser **formado**, então, era só gente formada, não tinha, você tinha que ser formado, entendeu, aí como faltava o PEB, porque era PEB I<sup>58</sup>, e PEB II<sup>59</sup>, o PEB II era assim, se não tivesse, servia o que tinha, e como você já tinha uma formação em PEB I vai lá, o negócio é tapar buraco entendeu?! Não é resolver a educação, o negócio é ir lá e cobrir, porque afinal de contas aquela aula tem que ser dada, não importa como. Então, assim, ele tinha essa política, [...] que permitia, aí você entrava, por exemplo, eu peguei várias licenças, o professor tirava uma licença de trinta dias, eu assumia.

“O Estado tinha uma lei”. O Estado legitima sua exploração por meio de sua própria legislação, é isso que notamos na fala de Laura, pois o estagiário contratado iria, na realidade, substituir professores, e, nessa época, como ressalta algumas vezes Laura em sua fala: o estagiário “tinha que ser **formado!**”. Mesmo que o professor fosse PEB I, como era seu caso, mas faltasse um docente PEB II, servia o que tinha para cobri-lo. Como bem diz Laura “o negócio é tapar buraco”, e aqui a professora, ao recordar mais um desafio de sua história como docente, no início de sua carreira, evidencia mais um traço de exploração realizado legalmente, pela via formal, pela política educacional de um dos estados mais desenvolvidos de nosso país! A instituição particular em que Laura trabalhou também é considerada, pois

---

<sup>58</sup> Professor de Educação Básica com habilitação para lecionar na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I (de 1º a 5º ano).

<sup>59</sup> Professor de Educação Básica com habilitação para lecionar no Ensino Fundamental II (de 6º a 9º ano) e Ensino Médio.

ainda quando cursava o segundo ano de História já atuava como professora substituta numa escola particular, outra forma de exploração.

Na memória-trabalho de Laura, a compreensão da exploração e a luta pela sobrevivência se entrelaçam, mas a última é o momento predominante<sup>60</sup> em sua vida. A qualidade educacional fica mesmo em segundo plano, pois, para tais instituições de ensino, a aula deveria ser dada e não importava como. Enfim, mesmo que haja exploração, parece que Laura não tem como dela escapar, a submissão a tais condições de trabalho é uma realidade, que é narrada, recordada pela professora.

Portanto, Laura, ao mesmo tempo, que nos apresenta um entendimento de parte de suas condições de trabalho contraditórias, expressa uma “consciência individual” que ainda está em conformidade com a sociedade capitalista, pois ela tinha que trabalhar, a ação aqui é a da sobrevivência, não da luta contra o sistema de exploração. De qualquer modo, trabalhar não a impediu, e não a impede, de compreender a situação em que exercia sua atividade, e isso certamente poderá contribuir para o desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial.

[...] a consciência de classe do proletariado é, da mesma maneira, algo em *potencial*, que se constitui no devir de sua luta contra a ordem capitalista ao mesmo tempo em que trava uma luta no terreno concreto da história, portanto dentro da sociedade que busca negar. Não pode, assim, ser reduzida aos interesses que sua posição na atual sociedade lhe atribui, muito menos ser reduzida àquilo que os indivíduos desta classe tomam como sua concepção de mundo, embora tenham neste solo um indicativo do seu *grau* de amadurecimento. (IASI, 2014, p.36-7, grifos nossos)

É com base na realidade, tomada em parte pelas narrativas dos professores, e em fundamentos teóricos, que propomos o desenvolvimento da categoria em questão, a consciência de classe proletária potencial. Importa-nos, sim, como o indivíduo compreende a realidade. A práxis é o critério de verdade. As formas de consciência de classe em si e para si do proletariado requerem não apenas uma compreensão da realidade num sentido revolucionário, mas, sobretudo, uma ação que corresponda à consciência de classe do proletariado. Se essa ação se limita à luta pontual, ou avança num sentido revolucionário contra o capital, isso nos indica o grau de amadurecimento da consciência de classe proletária, que é determinada igualmente pelo momento histórico.

---

<sup>60</sup> Sobre a categoria “momento predominante” (*übergreifendesMoment*) conferir em Lessa (2011-12, p.8). “Segundo esta obra [*Ontologia*], em todo e qualquer processo social atua um momento predominante.” Artigo disponível em: <[http://sergiolessa.com.br/uploads/7/1/3/3/71338853/momtpredo\\_2012.pdf](http://sergiolessa.com.br/uploads/7/1/3/3/71338853/momtpredo_2012.pdf)>. Acesso em: jul. 2017.



Mas enquanto a consciência de classe em si ou para si não se evidencia, o que é uma possibilidade histórica, o ser social acumula certas experiências e conhecimentos, tendências<sup>61</sup> que poderão impulsioná-lo a uma greve, ou a uma luta radical contra o capital, mas à medida que isso não acontece, nos deparamos, em alguns momentos da narrativa, com uma consciência de classe proletária que é ainda potencial, ao mesmo tempo, que o indivíduo, devido ao lugar que ocupa no processo de produção e reprodução do capital, luta por sua sobrevivência.

Prossegue Laura,

[...] eu atuei seis meses como professora de Ensino Fundamental I [na prefeitura, após ter deixado a Secretaria do Estado], depois eu fui transferida, aí eu fui transferida pra uma escola é... que era Infantil, [...] de Educação Infantil, aí eu fiquei, fiquei nesse... fiquei com uma primeira série, seis meses, depois, a classe que eu estava foi escolhida por uma pessoa efetiva, porque eu entrei na prefeitura, a prefeitura fez um concurso pra... é... 40 vagas, e na época eu passei em 60... acho que foi em 65, então, assim, é... eu entrei, depois, digamos assim, eu não me caracterizei como efetiva, então, eu caracterizei nesse sentido, então [...], eu fiquei 'pulando', [...], aí aqui era o [...] na época, isso eu lembro, [...], ele tinha mais ou menos umas 300 professoras que não eram concursadas, e aí houve... assim, houve todo um processo de luta pra que a gente, porque se ele tinha 300 pessoas que não eram concursadas, [...] elas estavam trabalhando irregularmente, enquanto a gente que era concursada estava fora, entendeu, então, ele chamou a gente, ele tinha as vagas, ele não tinha 40 vagas, ele tinha muito mais que 40, entendeu? E aí ele manteve um pouco do concurso a mais, mas manteve as outras que não tinham, não eram concursadas, entendeu. Então, deu um rolinho básico, e aí ele, assim, houve um processo e ele teve que... depois no ano seguinte ele teve que chamar a gente pra efetivação. [...] porque existiam os cargos, entendeu. Na verdade, estavam escondidos esses cargos, foi uma luta é... junto ao sindicato municipal.

Após ter deixado a Secretaria como estagiária, Laura prestou o concurso para atuar como docente PEB I na prefeitura da cidade em que morava. Como menciona em sua fala, diante as circunstâncias do concurso, havia trezentas professoras não efetivas trabalhando. Classificada, Laura ingressou na prefeitura sem ter a possibilidade de escolher uma sala de aula, ficou seis meses numa primeira série, uma docente efetiva vem e escolhe sua sala, depois Laura é transferida para a Educação Infantil.

Observamos, em sua narrativa, que algumas contradições são evidenciadas, pois o prefeito tinha as vagas, mas continuava mantendo de forma irregular, docentes que não haviam feito ou se classificado no concurso. Inicia-se uma luta, pelas professoras classificadas, junto ao sindicato municipal. É provável que aqui, ao vivenciar esta experiência, Laura tenha desenvolvido alguma consciência de classe proletária potencial, que não é uma

<sup>61</sup> Estas tendências que são verbalizadas pelos professores entrevistados é o que denominamos de uma consciência de classe proletária potencial, que pode existir em qualquer indivíduo e em graus diferentes. Mencionar neste estudo que um professor apresenta em determinados momentos de sua narrativa uma consciência de classe proletária potencial não implica afirmar que todos os professores apresentem esse tipo de consciência. Mas que no contexto da entrevista tais tendências descontinuamente se evidenciam e vão em direção a uma consciência de classe proletária potencial.

consciência de classe proletária em si, ou ainda uma forma de consciência de classe em si, pois naquela circunstância, diante de tal situação injusta, as professoras, em grupo, lutaram para regularizar sua situação. Uma luta limitada, imediata, mas ainda assim uma forma de luta.

Sobre a formação superior de Laura, observamos que a própria docente se sente frustrada com a formação adquirida, e isso lhe traz alguma insegurança frente a tantos desafios que precisa enfrentar.

[...] particular, uma faculdade em Y, uma faculdade **muito básica**, assim, [...] ... que me trouxe um conhecimento de Ensino Médio, [...] é muito frustrante, você depois tem que estar na sala de aula sem o mínimo da teoria possível, eu acho que eu ainda tenho uma defasagem **muito** grande em relação a isso.

Laura também menciona que, enquanto esteve como estagiária na Secretaria, chegou a substituir não só docentes da área de História, mas também de Geografia e na disciplina de Artes.

Bom, eu fiz a faculdade [em] quatro anos, nesses quatro anos eu dei aula, de História, [...], Geografia, Artes, dei aula de tudo, só não dei aula de Educação Física, eu não dei aula de Física, Química, Matemática até [...] eu vi como uma necessidade, assim, eu precisava pagar meu curso, certo, então, assim, eu vi a necessidade [...].

E sobre o que achava da situação que vivenciava,

[...] ah, eu acho isso horrível, eu acho isso horrível, assim, eu sempre fui dedicada, então, por exemplo, eu sempre pegava, por exemplo, assim, eu não sei o que eu vou fazer lá, Artes, vou dar História da Arte, eu me apegava de repente àquilo... que eu tinha, é, então, vou dar História da Arte, peguei um Ensino Médio, peguei **Ensino Médio!**

De um lado, a necessidade de sobrevivência ou de custear um curso, como era o caso de Laura, de outro, verificamos um sistema escolar público oportunista, que desvaloriza tanto a formação docente, como o próprio professor, assim como os alunos, conseqüentemente a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Vimos que algumas escolas particulares também não se importam em contratar docentes ainda não formados para lecionar disciplinas em áreas específicas, como disse Laura.

Outra situação que, ao mesmo tempo, revela parte da precariedade<sup>62</sup> das condições de trabalho nas escolas públicas, é relatada pela professora,

[...] hoje uma professora de Matemática... ela é... [PAA]<sup>63</sup> [...] é... seria assim, ela vai auxiliar o professor de Matemática, Matemática e Português eles têm é... são

<sup>62</sup> Sobre precarização e proletarização verificar no primeiro capítulo do presente trabalho.

<sup>63</sup> Sobre o professor-auxiliar, verificar em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/escolas-estaduais-terao-professor-auxiliar-e-novos-modelos-de-recuperacao>>. Acesso em: jan. 2017.

aulas que... eu não sei exatamente quais são, sei que é o nono ano e parece que algumas do Ensino Médio, eu não sei como é que está, mas tem algumas salas que vai além do professor vai um [PAA], que ele vai auxiliar o professor, pra que todos os alunos, e lota as salas, por exemplo, as salas que eu tenho elas estão entre 39 e 45, 46 alunos, é... aí lota as salas, aí lógico, você não dá conta, porque você é uma pra um contingente [...], aí ele tem essa, essa... saída aí, não são todas as aulas tá, são algumas vezes por semana, o professor vai e entra junto com outro pra auxiliar. Então, como eu vejo isso, eu vejo isso de forma equivocada, você vê que eles não estão pensando na qualidade da educação, o discurso é um e a prática é outra, [...].

Quando falamos em condições precárias de trabalho, a expressão parece vaga, mas quando tomamos conhecimento da realidade, ainda que seja por meio da narrativa, por exemplo, notamos algumas estratégias adotadas pelo Estado que discursa sua suposta preocupação com o sistema de ensino, porém sua prática deslegitima e desvaloriza professores e alunos, como é o caso do professor-auxiliar. Este profissional só entra nas salas, acompanhado do professor da turma, quando elas estão superlotadas. Essa estratégia poderia ser mais eficiente, diante de um número adequado de estudantes para cada docente, mas um professor-auxiliar, que pode ser um docente efetivo ou “categoria O”, contratado, só pode entrar numa sala de aula de Ensino Médio com um número acima de 40 alunos. Laura compreende que existe uma distância entre o discurso do governo do Estado e a realidade, e este tipo de observação poderá colaborar para o desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial, tendo em vista em última instância as lutas de classes, pois Laura apreende parte das contradições existentes em nossa sociedade.

A professora, ao ser indagada sobre este quadro em que está inserida a escola pública responde que,

Eu vejo como um total descaso, é... com..., ah... com... eu acho um descaso com o aluno, eu acho um descaso com o cidadão, ... que paga os impostos, eu acho um descaso com o profissional professor, que parece, assim, você se forma, você faz uma... uma especialização, mas depois não vale pra nada, porque... qualquer outro, o único profissional na escola que não pode ser substituído, eu não sei se você sabe, é de Educação Física, [...] esse é o único que não pode, se o professor de Educação Física faltar, tem que ter um outro, porque como eles fazem atividades físicas **se houver** a necessidade de... **socorro**, um outro professor não tem o treinamento, entendeu, então, assim, existe uma lei, o resto tudo substitui tudo, assim como eu substituí, então, eu acho que é um descaso total, é... não, não respeita o cidadão, não respeita o professor, *não reconhecer o professor como um profissional* [grifos nossos], é como se você falasse que qualquer médico pode fazer uma cirurgia de qualquer outra coisa, e não é bem assim, cada um se especializa, e dentro daquilo você tem uma responsabilidade, então, eu acho que é um descaso total com a educação e com... com os cidadãos de modo geral, com o profissional e com a escola.

Laura considera que trabalhar sob tais condições é um descaso com o professor, com o aluno, com o cidadão que paga seus impostos, com a escola. Conforme informa Laura, apenas o docente de Educação Física não pode ser substituído por outro. Vimos ainda que é

indiferente para o Estado um professor de História substituir um de Artes, por exemplo, que docentes e alunos não são reconhecidos. Dito de outro modo, o Estado não reconhece os professores, como profissionais, cuja atividade educativa tem sua especificidade, não reconhece que os alunos, como sujeitos em desenvolvimento, requerem um ambiente em que possa fluir sua aprendizagem. Alunos que na sua maioria são filhos do proletariado.

Retomemos a fala de Laura quando menciona que o professor não é reconhecido como profissional. O que significa o professor ser considerado como um profissional numa sociedade capitalista? Não tomaremos o termo em si, mas a expressão dada num certo contexto histórico. Quando diz que o docente não é reconhecido como profissional, é provável que Laura reconheça a perda de *status* social do professor, ao denunciar o descaso com que o Estado trata a educação escolar pública, ao evidenciar a realidade escolar em que trabalha. Mas a questão não se esgota aqui.

O discurso educacional também identifica o professor como “profissional da educação”, e ao reivindicar o docente como tal reduz, cerceia, ao mesmo tempo, a práxis educativa aos interesses reprodutivos do capital, reforçando a reprodução de suas ideologias, de formas burguesas, alienadas de consciência social. Mas como isso poderia acontecer? Temos abaixo um exemplo:

O termo *trabalhadores da educação* se constitui como recorte de uma categoria teórica que retrata uma classe social: a dos trabalhadores. Assim, refere-se ao conjunto de todos os trabalhadores que atuam no campo da educação. *Sob outro ângulo de análise* [grifos nossos] [...] surge o termo *profissionais da educação*, que são, em última instância, trabalhadores da educação, mas que não obrigatoriamente se sustentam na perspectiva teórica de classes sociais. Portanto, dada a maior disseminação do segundo termo, o presente documento usará o de *profissionais da educação*... (BRASIL, 2009, p.59 apud MARTINS, 2010, p.24-5, grifos da autora)

Segundo Martins (2010, p.25, grifos da autora),

O excerto em questão, introdutório ao Eixo IV<sup>64</sup>, anuncia, sem maiores delongas, um claro posicionamento ideológico: a negação de considerações analíticas acerca de uma sociedade que, não obstante as tentativas de mascaramento, continua sendo uma sociedade de classes. Ora, não necessitamos de grandes esforços para reconhecer que a *perspectiva teórica de classes sociais de menor disseminação* em questão é o marxismo.

Notamos acima que o termo – “profissionais da educação” – é adotado por certos documentos oficiais como menciona Martins (2010) em detrimento de “trabalhadores da educação”, pois, denominá-los assim, identificaria os docentes com alguma classe social, os trabalhadores, ou, pelo menos, com certo ponto de vista teórico que reconhece a existência

---

<sup>64</sup> A autora se refere ao Documento de Referência para a Conferência Nacional de Educação (Conae), que se realizou em abril de 2010.

das classes sociais em nossa sociedade. Ao adotar a identificação burguesa “profissionais da educação”, o documento ocultaria o fato de que vivemos numa sociedade de classes antagônicas, e que, não raro, tais classes estão em conflito em diferentes circunstâncias históricas, o que também tem consequências para o desenvolvimento da consciência de classe do proletariado, neste caso, dos professores-proletários da Educação Básica.

Esse entendimento da luta de classes como motor da história, sabemos que é uma contribuição, um legado de Marx, o que é repudiado pelo documento oficial. Mas, para que ocultar que o professor é um proletário? Seria esse um recurso ideal a fim de fragmentar, enfraquecer, alienar o proletariado? Ou, ao negar o professor como proletário, o discurso educacional afirma sua situação de classe explorada por uma classe dominante, mas faz isso de forma metamorfoseada? Afirma a situação de classe (trabalhadora) negando-a, o que não exclui a existência das classes sociais da realidade.

Além disso, na perspectiva do capital, ser “profissional da educação” é ter sua práxis educativa cerceada pelos limites de desenvolvimento do capitalismo. Inclusive, esse é um limite imposto às lutas de classes. Neste caso, só faz sentido lutar, se for pela melhoria das condições de trabalho, e não pelo fim de tais condições imediatas, e do próprio capital.

Perguntamos a Laura, diante de tal quadro, o que é ser professor?

Eu acho que é uma luta. Sabe, assim, é... eu, digamos assim, eu não fui, eu fui por... **fim** de opções, [...], eu acho que ser professor é uma luta constante, é uma luta assim, porque olha, você vê eu trouxe uma caderneta, eu vou corrigir atividades em casa, então, em casa eu tenho: preparar aula, primeiro, porque assim, eu não, eu não, eu me cobro como profissional, eu não, eu não gosto de enrolar, entendeu, eu acho assim, você tem uma responsabilidade, por mais que você não, não tenha uma remuneração digna, nem as condições dignas, que nós não temos, é... e que você seja culpada por todo fracasso, que isso é... **contínuo**, como se você, toda a culpa fosse nossa, e não de ‘enes’ fatores, então, assim, eu acho que é uma luta por quê? Porque você tem que chegar em casa, você tem que corrigir um trabalho, você tem que preparar uma aula, você tem que tá preparado pra se indispor é... com o aluno que não quer aprender, porque hoje é... pra é... os alunos uma grande parcela deles a escola não significa mais ascensão social, é...

Ser professor é lutar cotidianamente contra a falta de reconhecimento do Estado, da sociedade em geral em relação à sua atividade, contra o discurso de culpabilização do professor pelo fracasso escolar, que é reproduzido em muitas instituições, inclusive por vários docentes, provocando nos professores um sentimento de impotência frente à realidade escolar; ser professor é também levar trabalho para casa, exercer uma jornada de trabalho dupla, tripla, que se estende para além da sala de aula, dos muros da escola, e que não lhe será paga; é se indispor com aluno que se nega a aprender, pois para este a escola talvez não passe de um lugar em que ele é obrigado a permanecer por determinado tempo, e nela não vê sentido, nem

mesmo para adquirir algum *status* social, ou seja, a possibilidade de mudança de posição social num futuro incerto.

A “progressão continuada” é constatada por Laura como mais uma estratégia utilizada pelo Estado, uma contradição, que precariza as condições de trabalho dos professores, desautorizando-os na escola.

[...] eu sou contrária à progressão continuada do jeito que ela é colocada no Estado de São Paulo, pra mim é promoção automática, ela desautoriza você enquanto profissional da educação, porque você que esteve o ano todo ali, você que acompanhou o processo, e de repente todos depois vão como se todos chegassem, e na verdade não é isso, é injusto porque depois a pessoa pega um diploma que depois... ela **não vai** se inserir, ela vai ser um excluído *ad eternum*, dificilmente ela vai conseguir se incluir a não ser que...

“Progressão continuada”, outra questão cara aos professores. Da forma como está implantada, hoje, no Estado de São Paulo, o recurso da aprendizagem em ciclos, que deveria potencializar o aprendizado do aluno, é utilizado como uma estratégia que desvaloriza, “desautoriza” o docente no processo de avaliação do estudante. A Profa. Laura compreende que a progressão continuada, da forma como está “implantada”, não passa de uma “promoção automática”, e que a escola é, ao mesmo tempo, um mecanismo não só de exploração, de desvalorização dos professores, mas acima de tudo de exclusão dos estudantes. Mas há outro fator, provavelmente, o predominante, que favorece a progressão continuada em “promoção automática”.

[...] mas olha só, atrelado a isso, eu tenho a minha premiação ou não, então, se eu sou uma professora que eu passo todo mundo, certo, é... e se meus alunos vão razoavelmente bem lá [...] no Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo, **no SARESP**, se eles vão bem lá, ou se eles crescem um pouquinho e eu passei todo mundo, eu terei bônus, caso contrário, eu não terei, [...]. [...] então, o Estado, o Estado ele... **exclui dentro do sistema de ensino que ele criou**. A progressão é uma **exclusão**, ela não inclui, ela exclui o professor, ela exclui o aluno, ela é... ela da maneira como o Estado a incorporou é... uma promoção automática, entendeu.

De acordo com a entrevistada a progressão continuada está vinculada à política de concessão do bônus. Aprovar os estudantes, contribuir de algum modo para que eles apresentem um rendimento razoável no SARESP. Nessas iniciativas, o que está em jogo não é a aprendizagem do aluno, mas a vantagem financeira. E isso é incentivado pelo Estado, que esvazia a práxis educativa, “subornando”, cooptando professores. É, ao mesmo tempo, a reprodução do individualismo burguês na escola. De um lado, um Estado oportunista, de outro, a necessidade de sobrevivência de um contingente de professores, que são tentados a reduzir sua práxis à vantagem financeira imediata.

A “progressão continuada” tem um viés interessante, e não por acaso a retratamos neste trabalho. Por um lado, Laura compreende os limites da proposta e parte de suas consequências que atinge direta e, sobretudo, negativamente o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, uma compreensão pertinente tendo em vista nossa categoria de estudo, a consciência de classe proletária potencial, porque se trata ainda de uma forma como as contradições sociais são reproduzidas num ambiente específico, a escola, e que fragmenta e enfraquece a categoria dos professores tendo em vista sua organização e o horizonte da luta de classes. Trata-se de um instrumento, da forma como está implantada, que intensifica o processo de alienação dos docentes e alunos. Por outro, temos o “bônus” uma das maneiras encontradas pelo Estado para que os professores aceitem passivamente as mudanças que ocorrem na escola.

Laura também fala como é atuar na instituição pública da forma como está organizada hoje, e é também questionada sobre as mudanças que o Estado impõe às escolas e que prejudicam a qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

É assim, eu acho assim, que... é angustiante. Eu me sinto todos os dias extremamente angustiada, porque eu tenho, é... tudo é incerto tá, nada é... a gente sabe que a gente vive num mundo de incertezas, mas eu acho que você entrar dentro de uma sala, onde você não tem o respeito como profissional, e isso a sociedade não, não, não tem mais pelo profissional-professor, então, eu acho que você entrar dentro de uma sala **desautorizada** pelo Estado, desautorizada pela sociedade, é muito angustiante, por mais que você saiba um assunto, você prepare a aula, você... sabe, você indique livros, você indique *sites*, você tente motivar os alunos, você tente tratá-los com respeito, é angustiante porque você vê que... você faz parte de um sistema, e você vê que o sistema colabora de uma maneira que as pessoas entrem e saem da escola é... sem que elas, inclusive, ‘acordem’ pro seu direito de aprender e pro seu próprio desenvolvimento, tem pessoas que vão passar pela escola e vão continuar naquele estágio ah... de operações concretas. [...], eu acho que são medidas economicistas, neoliberais, eu não vejo acompanhamento de processo, porque se você pensar que tá é... preocupado com processo de aprendizagem, ele jamais poria um professor de Português pra dar Matemática, essas condições ele não... não permitiria, é... outra coisa, os cursos. Esse ano, agora, começaram a sair os cursos, neste ano, nós estamos em setembro!

É constante, recorrente na fala de Laura o não reconhecimento, a falta de respeito, prestígio, a que estão submetidos hoje os professores. A desvalorização pela sociedade da função social do professor é algo que afeta o moral dos docentes. A desumanização decorrente das condições de trabalho que Laura revisita por meio de suas lembranças, nos sinaliza também alguns limites de sua consciência de classe proletária potencial. Se por um lado, Laura ao discorrer sobre suas condições de trabalho como docente de uma escola pública, nos indica elementos, experiências, vivências que podem colaborar para algum desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial, por outro, ao denunciar a

falta de reconhecimento de sua profissão, cerceia sua práxis aos limites reprodutivos do capital, ficando ainda presa às formas de consciência de classe burguesa.

A consciência de classe proletária potencial coexiste com formas de consciência burguesa, alienada, portanto, compreendemo-la como contingente e processual, porque resultante de certas experiências, lutas e conhecimentos apropriados, que ora se expressam por meio das contradições constatadas por Laura no ambiente escolar, mas ora essa forma de consciência ténue recua<sup>65</sup> e, provavelmente, está em declínio, e uma consciência alienada predomina em sua maneira de pensar. Essa alienação é ainda retratada por Laura quando ela almeja o reconhecimento do professor como um profissional de prestígio pela sociedade, quando aceita a política do bônus concedido pelo Estado que fomenta a desunião e o enfraquecimento da categoria dos docentes.

Saviani (2004, p.6, grifo nosso) apresenta uma observação importante a respeito da educação e que vem ao encontro do que discutimos até o momento,

[...] preocupar-se com a educação significa preocupar-se com a elevação do nível cultural das massas<sup>66</sup>; significa, em consequência, admitir que a defesa de privilégios (essência mesma da postura elitista) é uma atitude insustentável. Isto porque a educação é uma atividade que supõe a heterogeneidade (diferença) no ponto de partida e a homogeneidade (igualdade) no ponto de chegada. Diante disso, a forma pela qual a classe dominante, através de suas elites, *impede* a elevação do nível de consciência das massas é manifestando uma despreocupação, um descaso e até mesmo um desprezo pela educação.

De algum modo, o autor confirma a existência do quadro histórico narrado por Laura, e vice-versa. O descaso com a educação escolar pública não é apenas fruto de uma visão subjetiva, pelo menos não só, de Laura. Sua fala está carregada também de objetividade. As estratégias do Estado por ela vividas, a realidade mesma, são refletidas igualmente na observação feita por Saviani (2004), ao mencionar que a postura elitista, da classe dominante para com a educação escolar pública é de despreocupação, descaso, desprezo.

Ao perguntarmos se Laura se sente remunerada, recompensada pelo Estado,

[...] não [...] eu me sinto um número. Eu sou um número, se eu falto, tem outro, e assim por diante. E, assim, o que eu sinto [é] vontade de terminar a minha carreira o mais rápido possível, eu cumprir meus vinte e cinco anos e... assim, eu me sinto... me sinto um nada, assim, eu sou um número e boa. Pro Estado eu sou um número,

<sup>65</sup> O “recuar” de um estado de consciência significa que, dependendo do contexto histórico em que o indivíduo está inserido, tal estado poderá encontrar limites, obstáculos, no decorrer de seu processo descontínuo de desenvolvimento, que poderão levá-lo ao seu enfraquecimento, predominando formas que correspondem à “falsa consciência”. Ver sobre o recuo de um estado de consciência em Paulo Freire (1967).

<sup>66</sup> O referido autor identifica o proletariado com a “massa”, sua consciência como “consciência das massas”. Por isso, enfatizamos mais uma vez a necessidade de se realizar as pesquisas no campo da tradição marxista em unidade com a realidade vivida pelas “massas”, que, neste caso, compreendemos como o proletariado, que é heterogêneo, porque composto por indivíduos, vidas singulares. Essa singularidade é diluída na “massa”. Por isso é urgente não falar pelo proletário, pela proletária, mas lhe dar voz.



se amanhã eu não tiver trabalhando, eu tiver de licença, eu sou um número que tá de licença, eu não sou gente, eu sou só um número. [...]. E por isso que eu acho que pra algumas pessoas tirar licença, entendeu, ‘\_Ah eu estou estressada, vou tirar uma licença, vou lá, dou uma de doída, tiro um tempo, e daí?’

Quando falamos em desumanização, humilhação, opressão, ou mencionamos que numa sociedade capitalista as relações sociais são reificadas, quando afirmamos existir as condições precárias de trabalho, e escrevemos sobre isso, não deixando espaço para que o proletariado fale, agindo assim, nossas análises tornam-se vazias. No trecho acima, Laura traz à tona as consequências sofridas por meio de um processo de desumanização dado a partir das condições hostis de trabalho que enfrenta. O sentimento que expressa (uma decepção profunda a respeito da educação escolar ofertada pelo Estado) é decorrente do que vivencia em seu dia a dia na escola. Laura se sente um “número”, algo descartável pelo Estado, que não reconhece seus professores, como professores.

Além disso, a divisão social complexa do trabalho, criada pelo governo reduz os docentes a meros números e letras. Ao refletir sobre o desenvolvimento de sua práxis neste contexto, a professora se vê numa espécie de “prisão”, e a possibilidade de aposentaria, seria algo libertador daquele ambiente escolar. As palavras são duras, mas esta é uma realidade na qual vivem milhares de docentes, e que não deve ser negada, porque a possibilidade de mudança se coloca exatamente quando nos dispomos a conhecer e a enfrentar a realidade e seus desafios propostos. Por tantos outros professores não fala Laura! Diante desse quadro opressivo, muitos docentes utilizam como “válvula de escape” as licenças médicas, a medicalização, não são essas as saídas mais eficazes para os problemas que ocorrem nas escolas, porém são as “soluções” imediatas buscadas por muitos professores que procuram um “alívio” instantâneo diante o cotidiano desumanizador que é também reproduzido em muitas instituições escolares. A docência aqui se aproxima da dor e do sofrimento, que denigre o ser humano, o professor física e mentalmente.

O que relatamos até aqui, simultaneamente, expressa um processo de consciência, que como reafirmamos em alguns momentos, avança, porém o tempo e a experiência adquiridos no magistério, exercido por Laura há vinte anos, acumula desilusões, desesperanças, que se sobrepõem às constatações feitas pela professora de parte das contradições presentes na educação escolar, e que poderiam impulsioná-la à luta de classes.

Perguntamos também à Laura se, neste contexto, ela se sente uma proletária.

Totalmente. [...] porque assim, eu não consigo nem adquirir capital cultural, por exemplo, ‘\_Nossa! Tem um museu’, eu não tenho como ir visitar um museu, eu não tenho como ir à Grécia e falar pros meus alunos ‘\_Não gente, olha eu estive na Grécia’, não, o que eu sei é à base de livros é... didáticos, alguns livros um pouco melhores, que eu leio, [...] pelo estudo, pela base teórica que às vezes a gente tem

acesso, então, eu me sinto **muito** proletária, porque assim, cinema, teatro, música, ah... você, um curso mesmo assim, ‘\_Não, eu quero fazer esse curso’, não, eu não posso, meu salário ele é um salário totalmente contado, se eu resolver ah... me divertir demais, eu não vou pagar as contas, então, assim, eu não tenho como adquirir capital cultural, eu fico cada vez mais é... proletária dentro do sistema. [...] é muito diferente de ler nos livros, até porque eu posso fazer as minhas conclusões e... eu enquanto leitora de livros, na verdade, eu me classifico praticamente como uma repetidora, e não uma pensadora, [...].

A Profa. Laura se sente proletária pelo fato de não adquirir, pelo menos da forma como gostaria, o capital cultural. É este o critério adotado pela professora, para que ela se sinta parte do proletariado. Um critério considerado essencial à sua profissão, e que está estritamente relacionado ao salário, que, no seu caso, é contado. Como professora de História seria importante para sua formação humana e continuada, visitar os lugares que são retratados nos livros didáticos, pois falar de um lugar histórico por meio dos livros, ou a partir de uma visita, é algo diferente.

Outra observação interessante, feita pela professora, é quando ela relata a importância de o professor ser um pensador, e não um mero repetidor de livros. É ter a possibilidade de vivenciar, de algum modo, o conhecimento adquirido e produzir suas próprias conclusões, ou seja, a apropriação do capital cultural, de modo o mais pleno<sup>67</sup> possível, poderia favorecer Laura no desenvolvimento de alguma autonomia intelectual.

Esta compreensão de que é parte do proletariado pelo fato de ter um acesso restrito à cultura, devido ao salário que recebe, nos é importante, e sinaliza para a existência de alguma consciência de classe proletária potencial em Laura, que se mistura a um ideal de professor que deveria ser “bem sucedido”, inclusive, financeiramente. Mas, ao mesmo tempo, a professora não deixa de expressar uma forma de consciência de classe burguesa. Seu reconhecimento como parte do proletariado esbarra nessa consciência alienada.

Laura relata ainda um pouco mais sobre como se sente trabalhando neste contexto, a partir do salário que recebe.

[...] ah sim, você entrou totalmente no esquema do governo. Eu já pensei assim, eu já tive propostas de escola particular, sabe, mas, assim, eu sou muito idealista, eu acho que o meu lugar ainda é na escola pública. Também agora já estou assim, vinte anos de carreira, vinte anos, faltando cinco, eu não vou ter idade, eu tenho esse dilema também, eu comecei cedo, eu não vou ter idade, eu não sei como isso vai ser resolvido, eu espero chegar aos vinte e cinco, depois que eu chegar aos vinte e cinco,

---

<sup>67</sup> Tendo em vista que vivemos numa sociedade burguesa, o acesso aos bens culturais da humanidade não se dá de modo pleno, nem ao proletariado, nem à classe dominante, já que a lógica do capital reduz, inclusive, a cultura, à mercadoria. Além disso, devido a sociedade capitalista ser cindida em diferentes classes sociais, o acesso aos bens culturais ao proletariado se coloca de modo restrito em relação à burguesia. Neste caso, antes de tudo, é necessário ao trabalhador garantir sua sobrevivência. Teríamos que viver numa sociedade em que as relações sociais não fossem alienadas, *estranhas*, para que pudéssemos nos desenvolver, usufruir, fruir, da cultura de modo qualitativamente distinto. O *acesso* se refere também ao modo de fruição dos bens culturais.

quanto tempo eu vou ficar depois, ainda eu não sei se eu vou dar conta, porque os professores estão adoecendo... [...] o descaso de tudo, o descaso do aluno, o descaso do Estado, o descaso da sociedade, que ainda não acordou pra perceber que ele... poxa que a educação tá uma grande piada! E, e assim, essa culpabilização de profissionais, porque é o seguinte, quanto pior tá ficando, piores profissionais vão ingressar no magistério, [...] quer dizer, você tem que **educar, cuidar, educar**, ensinar alguma coisa teoricamente, o que te pedem é muito, é muito além daquilo que você como ser humano pode fazer numa classe de 40, 45 alunos. [...]. Eu acho que os pais trabalham... hoje, pra comer hoje, uma maioria, igual ao professor, e ele não quer problema, então, se o filho dele, ele deixou em casa, mas ficou no computador o dia inteiro, mas arrumou aquela cozinha, catou lá, fez alguma coisinha, mesmo que ele não fez nada na escola, ele é um excelente filho, entendeu, então, quando você chama os pais pra uma reunião, geralmente, poucos vão, os que vão... e os que vão não querem ouvir também, muitos acham que a culpa do aluno ter tirado nota vermelha é do professor. Porque eles estão acostumados a ter uma premiação, sem um esforço.

Pelo menos vinte anos de sua vida, Laura já dedicou ao magistério. É difícil abandonar essa engrenagem construída arduamente pelo Estado, após tanto tempo dedicado à docência. E a professora tem outra preocupação, se completados os vinte e cinco anos, não sabe se vai conseguir se aposentar, se “libertar”, enfim, da escola. Porque ela também não sabe por quanto tempo mais vai suportar exercer sua práxis sob tais condições, e outra consequência decorrente desse quadro é o adoecimento dos professores (estresse, depressão, síndrome do pânico, etc.). A Profa. Laura diz que se sente extremamente depressiva, e existe ainda o discurso da culpabilização do professor, reproduzido pelo Estado, pela sociedade, pelos alunos, e, inclusive, pelos próprios docentes. Em sua análise, Laura constata outra “sequela” da reprodução desse discurso que responsabiliza o professor por tudo de ruim que acontece na escola: cada vez mais, profissionais mal qualificados chegam à instituição, e isso afetará o processo de ensino-aprendizagem. Uma profissão que as pessoas se interessam cada vez menos por escolher.

O professor também deve cuidar e educar seus alunos. Sim, qualquer docente deve cuidar do ensino e da aprendizagem de seus educandos. Mas existe também uma responsabilidade que é da família do estudante, e há casos em que os responsáveis preferem delegar essa responsabilidade do cuidado e da educação familiar à escola. E essa não é a função social da escola. E ainda, para piorar a situação, os professores são responsabilizados também por esse papel que cabe à família exercê-lo. E nesse contexto, será vivenciado pelo professor, que trabalha numa sala de aula com 40, 45 alunos. Apesar de tudo, Laura ainda carrega certo idealismo, “eu acho que o meu lugar ainda é na escola pública”, uma esperança, mesmo que o Estado não a reconheça como professora, mesmo que o Estado trate com descaso seus professores.

Ao ser questionada sobre a “origem” desse discurso de culpabilização dos docentes, Laura responde,

[...] da culpabilização do professor? Ah, eu acho que isso é um discurso, eu acho que parte do próprio governo, parte da sociedade, parte até do próprio professor, que rotula muito também o colega, eu acho que vem de tudo um pouco, eu acho que vem de um processo histórico de proletarização também, que a partir do momento em que você pagou pouco pro professor, que tipo de profissional você atraiu? E também eu acho que quando faltou professor lá na... durante o regime militar, que eles começaram lá, ‘\_Ah, fez Estudos Sociais já pode dar aula de História’ ah, não, nem tinha História, eles cortaram, durante o regime militar eles cortam [...] é, eles cortam História, [...], e vão pôr Estudos Sociais, Educação Moral e Cívica, então, ali já começa assim abrem muitos cursos, ali naquele período do regime militar, porque é quando uma grande massa vai pra escola, ‘\_Vamos enfiar todo mundo na escola, porque... tem que saber o mínimo, porque o país tá industrializando’ bem ou mal com indústria transnacional, mas tá industrializando, então, precisa... precisa saber pelo menos ligar e desligar alguma coisa aí, [...].

E sobre a questão da proletarização se a professora compreende que está associada à questão do salário,

[...] está associada ao salário, está associada à formação, a proletarização eu acho que está ligada a uma política ah... a uma política é... durante o [...] regime militar. Quando você abre pro ingresso de uma maioria da população, você não tem professores qualificados, você precisa qualificar o mais rápido **possível**, então, você cria esses cursos de um ano e meio, você abre pra universidade, pra faculdades particulares e você forma um monte de gente que não sabe nada, mas que vai estar dentro da sala de aula, e, portanto, um monte de gente que não tem politização e, portanto, não sabe os seus direitos, e querem logo... então, aí vira um empobrecimento total.

Laura realiza um recorte histórico importante, a partir do período da Ditadura Militar (1964-1985), em que se deu ênfase também nesse período a uma *formação tecnicista* (ênfase na quantidade, em detrimento da qualidade, nos métodos, técnicas, na adaptação, nas necessidades sociais, na formação profissional) (SAVIANI, 2004), esse “espírito tecnicista”, segundo o autor, foi incorporado pela Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692/71.

As lembranças de Laura revelam parte de seu conhecimento adquirido, e que ajudam a compor sua visão de mundo. Esta leitura histórica que realiza de sua práxis é fundamental para que a professora possa compreender não só o desenrolar da atividade docente sob o capital, assim como sua condição de classe social, o proletariado. O que implica algum desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial.

Perguntamos à professora se existe em nossa sociedade atual uma classe dominante, e quem personifica essa classe hegemônica.

Ah sim, com certeza. Com certeza, eu acho que existe uma elite dominante e eu falo muito na sala sobre isso eu nunca vou conseguir entender porque nós mulheres, somos a maioria dos eleitores, nós que nos responsabilizamos pelos filhos e, simplesmente, nós não ocupamos os melhores cargos políticos, eu não consigo

entender isso, ou por que há uma dificuldade das pessoas de classe... baixa estarem em lugares de destaque, na política que é onde a gente poderia optar, eu não consigo, isso pra mim é algo indecifrável. [...] Eu acho assim, primeiro, eu considero que existe uma classe dominante sim, é... essa classe dominante eu acho que são, eu diria, os que têm maior conhecimento, porque eles pra se manter, eles precisam do conhecimento, e que tem, então, eles têm o capital cultural e o capital financeiro, e com isso eles conseguem manipular a política, e se manter no poder. Eles se perpetuam. Pra isso eles utilizam a massa, como molde, e uma massa alienada ah... e sem conhecimento é mais fácil de... manipular, inclusive, os professores estariam nessa massa, porque os professores teriam que ter a consciência política pra formação, e nesse, nessa proletarização, a gente acaba não tendo o capital cultural pra... pra que a gente faça isso, então, a gente acaba contribuindo para o sistema. [...] Ah... os grandes latifundiários ainda no Brasil, estou pensando em Brasil, ah... donos de empresas transnacionais que exercem uma influência, grandes donos de indústrias, é... então, latifundiários, grandes donos de redes é... de mercado, esse tipo de pessoas aí.

Interessante observar como a visão de mundo de Laura adentra a sala de aula. E não é só isso, ela também realiza um posicionamento de classe na escola. Todo professor faz isso, mesmo que de modo não consciente, e a professora o faz ao indagar seus alunos, por exemplo, por que é difícil pessoas de uma “classe baixa” ou mesmo mulheres ocuparem posições de destaque na política, algo que a professora não consegue “decifrar”, o que nos evidencia, ao mesmo tempo, limites em relação ao desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial.

Para Laura, a questão do capital cultural e financeiro é recorrente e persiste em sua fala, e é ainda o critério que a define como uma professora-proletária. E para o desenvolvimento de nossa categoria, a consciência de classe proletária potencial, embora sua visão de mundo apresente limites, a professora compreende que vivemos numa sociedade dividida em classes sociais distintas, e que a classe dominante, em virtude do capital cultural e financeiro, se “perpetua” no poder. Aqui outro limite aparece em seu processo de consciência, se consideramos a realidade como histórico-dialética, e que se a classe social dominante persistir à frente da sociedade, a garantia de futuro para a humanidade e a natureza corre sérios riscos de realmente não existir.

Outra observação a respeito do processo de consciência que se caracteriza por avanços e recuos, por alguma fluidez, é que apesar de a professora se reconhecer, em alguns momentos de sua fala, como proletária, o que representa um avanço para o desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial, ao mesmo tempo, Laura reduz o proletariado a uma “massa alienada”, da qual os professores são parte, e se tal entendimento se dá assim, então há outra limitação em sua forma de compreender a classe social explorada à qual pertence. De outro modo, ela avança em seu processo de consciência, ao reconhecer a

necessidade de formação de uma consciência política nos professores, do contrário, eles acabam reproduzindo o sistema.

Indagamos a professora se ela pertence à classe social dominante, e em caso de resposta negativa, perguntamos, então, a qual classe ela pertence, e qual a relação da sua classe social com a classe dominante.

[...] Não, não. De maneira nenhuma não. [...] Porque eu faço parte de um... da massa mesmo! Que tá cada vez mais proletarizada, tanto financeiramente quanto culturalmente. [...] A minha, é assim... a relação dessa é uma relação de... subordinação. Então, eu me vejo subordinada a um sistema... econômico, político e social, que tenta me manter no mesmo lugar possível, ele tenta fazer com que, é como se a gente vivesse ainda é... naqueles três Estados, então, lá: os nobres, mais mascarados, porque os nobres agora, tem a burguesia, é... e a gente fizesse parte daquele grupo, ah... a massa, e ainda existe aquele grupo de famintos, de miseráveis, de condição subumanas, então, eu me sinto assim parte desse sistema, eu tento lutar contra isso, mas é... é bem complicado.

Laura, neste momento de sua narrativa, identifica mesmo o proletariado a uma “massa”. Aqui ainda existe uma contradição em seu pensamento, pois nos gera dúvida se a professora se reconhece como parte do proletariado ou de uma “massa alienada”, o que implica consequências para o desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial. Embora ela afirme que não é parte da classe social dominante, o que é significativo para a categoria que ora defendemos, ela nega, em certa medida, a afirmação anterior (seu reconhecimento como proletária) ao reduzir, novamente, o proletariado a uma “massa”, ou ainda, não reconhece o proletariado, mas sim apenas a existência de uma “massa”. Nega sua condição social de classe, anteriormente reconhecida, o que representa um recuo em relação ao desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial.

A Profa. Laura é questionada se a forma de ensinar os conceitos científicos é neutra, e se o modo de ensino desses conceitos pode colaborar, de alguma maneira, para a luta do proletariado contra a classe dominante.

**Não.** Eu não sou neutra. Não existe neutralidade. Todo ato é um ato político. Não há como ser neutra, infelizmente, não há, se tem alguém que consegue me dê a receita, quando eu vou, *eu falo com a voz da minha classe social* [grifos nossos], eu me reconheço na minha classe social [...], quando eu vou falar de mulher, porque eu me... [...] eu me assumo como mulher, então, quando eu vou falar de latino americano... em relação ao europeu, eu me assumo, qual a minha visão, então, eu não sou neutra, não, não, não acredito que exista... neutralidade, acho que a fala de neutralidade ela é... ela seria meio que ‘deixa estar pra ver como fica’, *laissez faire*, entendeu, não existe. [...] Eu digo que eu tento, não sei se eu consigo, entendeu, porque aquilo que eu te falei numa defasagem tão grande, às vezes numa sala, eles não conseguem acompanhar o meu pensamento, eu vejo estampado nos olhinhos deles, alguns que conseguem, eu vejo até um brilho, sabe, [...] quando eles conseguem entender o que que aquilo quer dizer no momento que ele tá vivendo, agora, eu vejo que alguns, infelizmente, eles não conseguem, por mais que eu tente, eles não tem um amadurecimento, e outra coisa, que eu acho que atrapalha  **muito** a questão da juventude, a juventude de hoje, é... ela... ela é muito  **consumista**, ela... o

sistema faz com que ela, por exemplo, pra ela é mais interessante ficar no celular, mesmo que eu esteja falando para não usar o celular, entendeu, mesmo que seja ilegal, pra ela é mais interessante ficar jogando um joguinho no celular, do que ela é ouvir uma aula de História, que ela tem que pensar!

Segundo Laura, em suas aulas, “quando eu vou, *eu falo com a voz da minha classe social*, eu me reconheço na minha classe social”, dependendo da maneira como desenvolve sua práxis, Laura, ao expressar um posicionamento de classe por meio da aula, poderá, ao mesmo tempo, auxiliar no desenvolvimento de uma consciência de classe proletária potencial em seus alunos, ou pelo menos numa parte deles. Embora pense assim, o que é importante para o desenvolvimento de sua consciência proletária potencial, Laura também expressa uma consciência de classe burguesa, pois provavelmente continua como professora do Estado, vendendo sua capacidade de trabalho para sobreviver, e realizadora do consumo.

A aula não é neutra. E essa neutralidade é impossível de acontecer não só na sala de aula, assim como na vida. São essas “fagulhas” de lucidez, refletidas pela subjetividade de Laura, que, a nosso ver, implica a existência de alguma consciência de classe proletária potencial. Para nós é significativa a análise que a professora realiza de suas condições de trabalho, desde que ingressou como professora na Educação Infantil. Sua memória-trabalho e política lembrada de lá pra cá, expressa parte das contradições que, ao mesmo tempo, evidencia sua maneira de compreender como o Estado, estrategicamente, desautoriza, desvaloriza a categoria dos professores, ao implantar, por exemplo, “a progressão continuada”. Enfim, quando Laura analisa a sociedade de classes em que vive, vimos que existem limites em sua visão de mundo, no entanto, não podemos negar a presença de alguma criticidade, inconformidade com a situação em que se encontra parte da educação do Estado de São Paulo, porém notamos também que seus vinte anos de experiência lhe são um contrapeso, que se mistura a certo idealismo conservado pela professora. Determinadas experiências vividas, conhecimentos adquiridos, sua visão de mundo, ajudam a compor sua inconstante, fluída e tênue, consciência de classe proletária potencial, que se mescla a uma, predominante, consciência burguesa, com marcas da alienação tão intensamente reproduzidas na sociedade em que vivemos.

Perguntamos à Laura se ela acredita que existe uma luta de classes, e se a resposta for afirmativa, como essa luta se realiza em nossa sociedade.

Eu acredito que exista de quem não está alienado, ah, na verdade assim, existe, mas existe uma luta de classes é... digamos que ah... nem todos estão... ‘acordados’ ao que ocorre, entendeu, porque você o tempo todo, você, você alimenta esse sistema através do consumismo, as relações são relações consumistas, é o que você me deu, [...], então, as relações estão cada vez mais artificiais entre as pessoas. [...]. Gradualmente, instantaneamente, em todos os segundos, seria uma espécie de uma revolução passiva, você... você é contaminado diariamente, instantaneamente com

ela, pelo **consumismo**, ah... pelas injustiças, é como se ela fosse te minando gradualmente, enquanto ser humano, é como se você fosse perdendo a sua humanidade, ela vai te minar aquilo... aquilo que é construído historicamente, que é a humanização, ela vai te minando, porque ela vai, ela vai te tornando cada vez mais... material, cada vez mais o teu valor passa a ser um valor material, e você se vê nesse mundo, *às vezes você se vê tão materialista quanto os outros* [grifos nossos], porque é assim que você é aceito pelo mundo,[...].

De acordo com a fala da professora, ao ser questionada sobre a existência da luta de classes, ela compreende que sim, e o fato de uma parcela da população não ter ciência dessa luta, não significa, simultaneamente, que tal luta inexistia. Essa compreensão é relevante para o desenvolvimento da consciência de classe proletária potencial de Laura. Outro aspecto a ser destacado e que está contido nas palavras da professora, mesmo que ela tenha um entendimento crítico acerca da realidade, Laura também se reconhece como reprodutora das relações sociais reificadas, por exemplo, via consumo. Uma evidência de que somos indivíduos mediados por relações sociais contraditórias, e que nossa subjetividade não é determinada por uma única e predominante forma de consciência, mas por um misto de consciências de classes.

Questionamos também a professora se esta luta de classes também se realiza na escola.

[...] sim, [...] se sentem, se sentem, direção, [...]. Entendeu, eles reproduzem totalmente, eles querem rezar a cartilha assim, é... eles são executores, na verdade, a gente tá virando tudo técnico, a gente não tá virando mais educador, a gente tá virando **técnico**, [...]o educador ele vai ter consciência, ele não vai estar alienado, o técnico não, é pra preencher, ‘\_Eu sou bom profissional, se eu acabar isso aqui? Pera lá, vou passar tudo na lousa gente’ acabou, ‘\_Gente, ó, copiem’ [...], o técnico, assim, é [...] uma visão um pouco preconceituosa, também, sabe, mas eu acho que a gente tá mais transformado em técnico do que realmente profissional da educação em termos de **educador** mesmo, porque a gente tá perdendo essa consciência mesmo de... [...].

“[...] a gente não tá virando mais educador, a gente tá virando **técnico**”. A Profa. Laura exemplifica em sua fala como os professores se transformam em meros técnicos da educação. Ou, da forma como está “organizada” a educação escolar no Estado, a práxis educativa está reduzida ao fazer técnico-burocrático, deixando de ser aula propriamente dita.

Nesse sentido, lecionar é sinônimo de aplicar o material didático do Estado, transferir o conteúdo para a lousa, efetuar as questões propostas pelo material, e verificar se as respostas dos alunos correspondem às expectativas de aprendizagem, que serão igualmente cobradas pelos sistemas de avaliação desenvolvidos pelo Estado. Sem falar que nessa perspectiva técnica, alienante, tanto para o professor, como para o aluno, não é necessário sequer questionar os conteúdos propostos nos cadernos, ou pelo menos a maneira como são propostos. No entanto, o professor que ainda tiver alguma autonomia intelectual e está comprometido com o exercício de sua atividade educativa, constatará a necessidade de



complementar o material, mas aquele “docente” descompromissado com a educação, reduzirá suas “aulas” à transposição do material didático.

Este quadro mostra também, o que é mais grave, como o professor perde paulatinamente a autonomia sobre o desenvolvimento da aula, alienando-o de seu direito de ensinar, uma vez que o Estado valoriza a execução dos cadernos. Essa forma de Laura analisar tal situação à qual estão submetidos os professores, de redução da práxis educativa a um fazer técnico-burocrático, nos sinalizar para a existência de uma consciência de classe proletária potencial, pois a professora constata outra contradição, agora relacionada à sua práxis, no entanto, sua análise é cerceada pela forma capitalista de compreender a categoria dos professores, como profissionais da educação.

Sobre Laura ser filiada a um sindicato e se este tem representado os interesses da categoria, a professora afirma que,

[...] eu sou associada e tenho uma vontade imensa de sair fora do sindicato, [...] a Apeoesp. [...] não, de jeito nenhum, não acho, mas assim, eu não acho, primeiro, eu não acho que as pessoas que estão na coordenação nos represente, então, eu acho que a gente tá tão alienado, que a gente não sabe nem quem nos representa, pra começar [...] porque, assim, porque a gente vê cada vez mais definhando, [...], acontece uma eleição, e nesse momento de eleição a gente tá tão alienado que a gente vota nos... ‘\_Ah, deixa ele lá mesmo’, sabe, e você vê que muitas pessoas que vão pro sindicato são na verdade oportunistas, elas não estão lá por um ideal, elas estão aí, porque não querem estar dentro de sala de aula, e é bem mais cômodo tá lá, entendeu, recebendo professor que tá na muvuca de dar aula, entendeu, e não compram briga, eu não acho que a Apeoesp compra uma briga, entendeu, eu não me sinto, eu não me sinto representada ah... pelo sindicato e, e... sei lá, sabe, não sinto agregada, por exemplo, teve **greve** esse ano, nenhuma vez o sindicato foi na minha escola, nenhuma vez, em que eu estive presente, [...], nenhuma vez eles foram na minha escola, entendeu, eu tenho uma amiga que é, que trabalha lá na subsede, ela foi eleita, então, é... ela sim falou com a gente, mas ir um grupo falar...

A respeito do desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial, Laura não se vê representada pela instituição sindical à qual está filiada, porém questionemos até que ponto a categoria não tem contribuído para o agravamento desse quadro, “[...], e nesse momento de eleição a gente tá tão alienado que a gente vota nos... ‘\_Ah, deixa ele lá mesmo’”. Se Laura, por um lado, reconhece que a instituição sindical não a representa, por outro, revela que os próprios docentes têm colaborado, por meio das eleições, com a reprodução dessa situação. A fala de Laura reflete, assim, certo “comodismo” por parte dos professores.

Para que exista, de fato, uma mudança, é necessário não só o reconhecimento da não representatividade do sindicato, por exemplo, mas, sobretudo, uma ação conjunta dos docentes que possa pressionar e modificar, por meio das lutas coletivas, a organização de tal instituição. Nesse sentido, os professores transformam-se em “algozes” de si mesmos,

colaborando, por meio das eleições, por exemplo, para o enfraquecimento das lutas da categoria, das greves. Nem todos desistem das lutas, mas a renúncia pode ser a atitude de muitos. Laura também compreende que a instituição mencionada não “compra uma briga”, e que as pessoas que fazem parte da coordenação são “oportunistas”, ou seja, ela observa que existem contradições no sindicato, que precisam ser modificadas, mas que os próprios docentes, pelo menos muitos deles, não estão dispostos a lutar por tais modificações. Essa situação abordada por Laura, nos apresenta, mais uma vez, como o processo de “consciência individual” é marcado por avanços e recuos, e isso tem consequências para o desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial.

Ainda sobre a instituição sindical, Laura faz uma observação importante relacionada à categoria, a consciência de classe proletária potencial.

[...] o sindicato tá uma coisa de louco, porque os professores estão uma coisa de louco, porque o sindicato só tem força quando aqueles que fazem parte demonstram, então, assim, a gente não tá sabendo eleger, e a gente também não tá sabendo se unir no momento em que deve unir [...].

A respeito dos cursos de formação promovidos pelo sindicato, Laura diz que,

[...] o sindicato não faz a formação, ele não faz em nenhum momento essa formação. O que ele faz é um transmissor de recados, o que o Estado mandou se é para obedecer, se não é pra obedecer, se entra com recurso, e... quer dizer, ele nos trata como técnicos também. [...] eu estava discutindo exatamente isso com meu marido outro dia aqui, eu acho um absurdo o sindicato não ter uma formação, não ter as reuniões, que pudesse ter uma formação, não acredito também que se ele tivesse uma formação, uma formação decente, não vai me trazer lá um ‘Zé d’água’ [...] pra cumprir tabela, aí não vai dar.

Diante a “ausência” do sindicato nas lutas sociais contra o capital, a promoção de cursos de formação política-filosófica para os docentes poderia contribuir para o desenvolvimento de alguma consciência de classe proletária potencial na categoria, dependendo de como seriam ofertados esses cursos.

Em síntese, Laura não se sente representada pela instituição sindical, os cursos de formação não são promovidos, e, além de tudo, para a professora, o sindicato também tem se reduzido, assim como os próprios docentes, a mero órgão técnico, prestando-lhes, sobretudo, assistência jurídica. O sindicato transformou-se numa “empresa de prestação de serviços” (BERNARDO, 1997).

Laura é também questionada se os cursos de formação, caso fossem promovidos pelo sindicato, poderiam interferir no desenvolvimento da luta de classes.

[...] Sim, sim, eu acho que melhoraria um pouco, porque eu acho que é um *processo* [grifo nosso] muito grande você tirar essas pessoas dessa condição de alienação, eu me sinto alienada, então, eu imagino eles, eu não acredito no sindicato, assim, eu fui em algumas reuniões do sindicato, eu cheguei a ir, [...], mas foi um horror! Um

horror, quebraram cadeira, um xingou o outro, eu saí tão enojada, que eu falei que eu ia me desfiliar, o tratamento que um deu ao outro, [...] foi a coisa mais nojenta que eu já vi de reunião de professores na minha vida, eu nunca tinha vista aquilo, [...]. [...] e às vezes que eu fui em São Paulo nas manifestações, o sindicato ele tem diversos grupos, e eles deixam... na hora que tá manifestando, parando lá o dia, eles se digladiam em cima do caminhão, um xingando o outro, ah... ninguém merece, [...], às vezes do mesmo partido que disputa existe, e aí eles esperam esses momentos mais conflitantes, ao invés deles aderirem e se juntar não, eles esperam o momento do caminhão de querer ser ‘estrela’, só que naquele momento eles não são ‘estrelas’, naqueles momentos eles são pra unificar em torno de uma causa, e ali... sabe, então, assim, eu fui em mais... é... mais de uma, eu devo ter ido, olha, em várias, eu fui, em São Paulo, e... nossa, não sei se o que me enojou se foi aqui ou foi lá, entendeu, eu não acho que o sindicato promova, eu acho que o sindicato ele tá sem força, pela própria alienação do professor, mas pela própria... pelas pessoas que compõem também eu acho que elas estão mais é... preocupadas com, com... o *status* social e o poder aquisitivo e estar fora da sala de aula, do que realmente a causa do professor. [...] eu acho que ele deveria ser um instrumento, e pra mim, ultimamente, eu penso muito em... desfiliar-me.

Ainda que apresente alguma visão crítica de mundo, que seu modo de agir, especialmente, na escola, e de compreender a realidade, sinalize momentos que podem constituir sua consciência de classe proletária potencial, Laura se sente muito alienada, “presa” a uma realidade que reproduz as formas de consciência social que representam os interesses da classe que domina. E, certamente, o desenvolvimento de alguma consciência de classe implica um processo não linear, dependente das experiências, do conhecimento, da participação nas lutas sociais, e, sobretudo, das circunstâncias históricas em que o indivíduo, o professor está inserido.

O contexto da instituição sindical à qual está filiada, narrado pela professora, também não é nada animador, senão contraditório, pois o próprio sindicato nos momentos de greve, de assembleia, expõe sua cisão em partidos políticos, e como diz a Profa. Laura, “ao invés deles aderirem e se juntar não”, cada representante desses partidos, sobe no “palanque” (no caminhão) e faz ali sua “campanha política”, mais um obstáculo imposto pelo próprio sindicato à greve dos docentes. E como reconhece Laura, se o sindicato está sem força, é porque os docentes também estão alienados. E a própria instituição sindical usufrui desse *estranhamento* dos professores.

Na verdade, deparamo-nos com um intenso processo de reprodução da alienação por meio do aparelho escolar e do sindicato, meios não absolutos, mas bastante eficazes no sentido de reproduzir formas da consciência de classe burguesa.

No entanto, o entendimento que Laura nos apresenta, ao rememorar sua participação em algumas greves da categoria, explícita, ao mesmo tempo, alguma consciência de classe proletária potencial ou até mesmo uma consciência de classe em si, que pode naquele momento ter surgido. Laura reconhece os limites da ação sindical, e, sobretudo, compreende

que o sindicato poderia, se organizado de outro modo, fortalecer e auxiliar na unificação e formação política dos professores, e representar, de fato, uma força opositora ao Estado nos momentos de greve. No entanto, sua consciência recua, pois diante do quadro que nos relata, o que prevalece é uma forma de desistência da luta, e o mecanismo utilizado para tal é a desfiliação do sindicato. Este, a nosso ver, um sinal de “declínio” de sua consciência de classe proletária potencial.

Portanto, verificamos até aqui, em alguns momentos da narrativa de Laura, nuances, tendências, que nos sinalizam para uma consciência de classe proletária potencial, ainda que em meio às formas de alienação que permeiam, intensamente, a “consciência individual” da professora.

#### **4.4 Prof. Artur: consciência de classe proletária potencial em suas memórias-trabalho e política**

Artur, até o momento da entrevista, atuava como professor contratado pela rede pública estadual. Formado em Ciências Sociais, Artur narra uma parte de sua história, e seus anseios que extrapolam o desenvolvimento de sua práxis educativa.

Indagamos o professor o que motivou a escolha de sua profissão, sua trajetória do curso de graduação até seu ingresso na escola em que trabalha, e o que é ser professor.

[...] Uma interferência imediata na questão social principalmente, você partir da ideia que se você quer interferir na sociedade nada melhor do que você lidar com jovens e adolescentes que estão em processo escolar. [...]. Eu fui, eu fui fazer Ciências Sociais já aos 26 anos de idade, despertado por uma experiência que eu tive na Pastoral da Juventude, onde tinha um trabalho engajado, junto à juventude e pude... perceber que de certa forma esse curso seria o ideal pra mim, apesar de ser um curso de licenciatura pago oferecido aqui em L, na universidade, na faculdade X que, infelizmente, acabou esse curso é... e... até eu ingressar na... na sala de aula foram alguns longos anos, depois da formação, que eu me graduei em 2007, fim de 2007 mais ou menos, e fui entrar em sala apenas em 2014, então durante esse período aí, houve um período de... como se diz de organização de vida pessoal pra poder me propor um trabalho um pouco mais... engajado. [...]. Nossa, essa é uma definição um pouco ampla, não dá pra gente defini-la numa única palavra. Hoje pra mim ser professor é... é ser alguém muito mais do que apenas preocupado com a sua... questão financeira. O ser professor em si ele tem que tá preocupado com a... realidade que ele pode interferir, na minha opinião, certo, através do seu conhecimento também e da sua proposta de... mudança, de alteração da sociedade.

Artur está como docente na escola pública há pouco tempo, sua entrevista foi realizada no ano de 2015, seu ingresso ocorreu em 2014, portanto, até o momento da entrevista, Artur está na rede pública há pouco mais de um ano. Além disso, o professor é objetivo e pretende por meio da escola interferir na realidade que o circunda e na de seus alunos e alunas. Ser professor para Artur é transcender a questão financeira, da sobrevivência,

e o ensino dos conteúdos escolares, é assumir uma proposta de mudança, de alteração da sociedade que extrapola a escola. Aqui nos deparamos com um “componente político” presente em sua narrativa. E essa “ação política”, nos sinaliza para a existência de uma consciência de classe proletária potencial em Artur.

A participação na Pastoral da Juventude, onde desenvolveu um trabalho engajado junto a adolescentes, parece ter sido uma experiência determinante à escolha de Artur pela docência, ou, no mínimo, pelo curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Estamos diante de uma memória-trabalho entremeada a uma memória-política, que se revela ao Artur lembrar e narrar seu anseio por mudança. Observaremos como este engajamento se desenvolverá ao longo de sua fala.

Perguntamos a Artur o que o motivou a trabalhar como professor numa escola pública da rede estadual.

[...] A motivação vem ao encontro a um trabalho que vem desde a época da graduação, onde... eu convivi sempre numa realidade um pouco complicada, tanto é que meu TCC<sup>68</sup> é sobre ‘O mapa da violência em L’, destinado a uma área e... e não concordar com o que eu vivencio no dia a dia, então é uma forma de... de alterar o processo, de tentar mudar um pouco o sistema. [...] ela tem tudo a ver com a minha trajetória de vida pessoal, pelo fato de... de eu ter crescido numa comunidade um pouco mais... pobre e onde... é... os problemas surgiam paulatinamente e o estudo das Ciências Sociais me trouxe, como se diz assim, a luz a alguns fatos que... de certa forma eu achava que eram corriqueiros, porque... é engraçado, mas é, fato isso, da comunidade de jovens onde eu cresci até o... até os meus 19 anos, a gente era mais ou menos em 25 jovens que tinham mais ou menos a minha idade, desses 25, oito foram assassinados é... e tipo... 13 foram ou estão encarcerados, então, você começa a perceber que eu sou uma exceção, e isso me fez... querer entender o porquê que eu era essa exceção.

O professor é questionado sobre os motivos que o levaram a ser esta “exceção” em meio a uma realidade empobrecida e perigosa.

[...] Primeiramente, o lance da Pastoral, que... no fim das contas, eu conheço a Pastoral da Juventude com 19 anos, não conheci novinho, conheci com 19 anos, apresentado por uma amiga, e... eu percebi que existiam outros instrumentos de luta que não apenas... sei lá... armas ou outras coisas assim, onde eu poderia contribuir muito mais **vivo**. Segundo ponto, o nascimento do meu filho, é... eu fui pai muito novo, e aí o nascimento do meu filho também me faz... cair na real, achar um norte a seguir, então, esses dois motivos são o que de certa, ah, terceira coisa, minha mãe, não tem como deixá-la de lado. A minha mãe também foi muito importante nesse processo, e... assim sendo, eu consegui de certa forma me tornar uma exceção... a essa regra que... que é tão cruel, e... e essa, esse foi o caminho de certa forma.

Artur é um sobrevivente em meio a um contexto histórico-social marcado pela pobreza e violência, que desde cedo vivenciou. O professor é uma “exceção” à regra de uma sociedade, que ao desvalorizar a educação, condena, mata, aprisiona, milhares de jovens que vivem nas periferias, especialmente, das grandes cidades, e que para sobreviver, muitos se

---

<sup>68</sup> Trabalho de Conclusão de Curso.

sujeitam a atividades perigosas, ilícitas, se aliciam ao crime organizado, ao tráfico de drogas, colocando suas próprias vidas em risco.

Artur teve amigos presos, alguns foram mortos, e, ao mesmo tempo, ao relembrar uma parte dura de sua vida, Artur mantém “vivos” os amigos esquecidos, oprimidos, que se foram, os amigos excluídos por uma forma de sociabilidade que só produz e reproduz relações sociais cada vez mais miseráveis. Como diz Marx em *A Ideologia Alemã*, não é a consciência que determina a vida, mas o contrário, é a vida que determina a consciência.

Três experiências são destacadas pelo professor, para que ele se transformasse numa “exceção” no contexto em que vivia: seu conhecimento e trabalho desenvolvido na Pastoral da Juventude; o nascimento de seu filho; e sua mãe. Três momentos determinantes às escolhas de sua vida. O curso de Ciências Sociais o ajuda a compreender a realidade, e que os fatos presentes em seu cotidiano, são, sim, sociais, políticos, econômicos, que têm suas raízes nas ações da humanidade realizadas ao longo do processo histórico. A violência presente não só, mas especialmente, nas comunidades pobres, nas periferias, não é natural, e sim histórica. E, neste sentido, descobrir as causas dos fenômenos sociais presentes em nossas vidas é fundamental a qualquer tentativa de mudança.

Sobre sua condição de docente contratado na escola pública, Artur menciona que,

[...] No fim das contas eu não sou concursado, o que é pior ainda, no fim das contas eu ainda, apesar de agora não estar mais como eventual, [...] tão atribuídas as aulas pra mim e tal, mas... mas o que de certa forma... pesou... foi que... que é um trabalho engajado, a minha questão principal, eu deixo isso sempre bem claro, que a minha intenção principal é um trabalho engajado, um trabalho onde existem inspirações ideológicas, muito mais do que apenas uma questão: ‘\_ Ah é um trabalho’, não, eu estou indo lá todo dia dar a minha contribuição... com aquilo que eu acredito e não simplesmente: ‘\_ Ah, vou lá pegar o dinheiro do Estado e voltar pra minha casa e pra minha vida, longe daquilo ali’, não, a minha questão [...] ela não se encerra na escola, ela se estende para a vida fora da escola, porque quem conhece, por exemplo, o que é um trabalho pastoral ele não se encerra numa visita à juventude, ele se encerra onde você pode contribuir com o jovem, com a família do jovem e tudo mais, então eu fui criado através desse processo, e isso faz que eu tenha, esse... como se fosse um ‘código de conduta’ para mim, eu não estou indo lá simplesmente pra dar uma aula, mas quando eu entro pra dar uma aula de Sociologia, Filosofia, e História, eu estou indo lá pra tentar mostrar pra essa juventude que existe uma classe dominante que quer que ele pense que ele não precise **estudar**, que ele se acomode, e o mais... importante de tudo que ele simplesmente seja mais um a ser controlado pelo sistema.

Nas lembranças de Artur, não mais como eventual, atuando numa escola pública, observamos como parte das experiências de sua vida, o conhecimento adquirido em sua formação superior, compõem sua visão de mundo, e permeiam a atividade docente. Artur é claro: seu compromisso com a educação da juventude, em sua concepção, extrapola o ensino dos conteúdos escolares, e que seus ideais, sua proposta de mudança, estão presentes em suas

aulas, “eu estou indo lá pra tentar mostrar pra essa juventude que existe uma classe dominante que quer que ele pense que ele não precise **estudar** [...]”. Ao evidenciar essa atitude, Artur, ao mesmo tempo, que ensina, realiza um posicionamento de classe, o que poderá ajudar no desenvolvimento de alguma consciência de classe proletária potencial em seus alunos.

O professor, em certo momento da entrevista, é questionado se é importante articular prática educativa a uma luta social.

[...] Eu, eu acredito que sim, porque se não... se encerra, se encerra apenas dentro da sala de aula, porque... do meu ponto de vista de educador é... militante, se você não tiver uma prática que... que, como se diz assim, que... embasa a sua tese também, se encerra ali, e esse não é o meu objetivo.

Artur constata a coerência entre o que o professor ensina na sala de aula, o modo como ensina, e sua vida. Aliás, difícil é “defender” determinadas ideias, perspectivas teóricas, sem nelas acreditar e até mesmo vivê-las.

Na escola, a unidade entre ensino e militância é algo possível, e dependendo do modo de articulação dessa unidade, ela poderá contribuir para o desenvolvimento de alguma consciência de classe proletária potencial nos estudantes, mas sem esquecer que o processo de ensino e aprendizagem é a razão de a escola existir.

Ao relembrar sua atuação na escola pública, Artur redesenha parte de sua práxis educativa.

[...], eu tenho um sistema, por exemplo, de ensinar Filosofia, onde eu uso algumas letras de *rap*, porque, como eu disse eu estou na periferia, eu tenho que ir ao encontro daquilo que eles acreditam também, que eles conhecem e muitas vezes eles apenas reproduzem uma letra de um determinado cantor, e não sabem o que a letra está dizendo, e quando você destrincha ela dentro da sala de aula e mostra pra eles: ‘\_Aqui tá falando de História, aqui tá falando de Filosofia, aqui tá falando de Sociologia, que é isso que a gente quer que você entenda, isso que os caras estudaram pra fazer isso aí, a coisa não surgiu do nada’, [...], quando você vê um aluno que brilha o olho, que fala assim: ‘\_Putá cara, como eu nunca quis saber sobre História, ou Filosofia, ou Sociologia, esse cara tá me mostrando de um outro’, aí você fala assim: ‘\_ Não, valeu, valeu, valeu’.

É interessante observar como o professor desenvolve sua aula por meio das lembranças de sua práxis, de seu cotidiano escolar. Tendo em vista que trabalha numa escola pública de periferia, com alunos proletários, em sua maioria, Artur, ao utilizar letras de *rap* para ensinar História, Filosofia, Sociologia, procura atrair a atenção dos alunos para a aula, e levá-los a entender a dura sociedade em que vivem.

E diante a contratação de professores pelo Estado, as condições em que trabalham os docentes “categoria O”, categoria da qual Artur faz parte, questionamos o professor se ele acredita que o acirramento de tais condições de trabalho poderá levar os docentes a

reivindicarem seus direitos, se, de acordo com o contexto histórico, nos encaminhamos para a luta de classes contra o Estado, ainda que imediata.

[...] Do ponto de vista histórico, você começa a perceber, é... que... *quanto maior o poder aquisitivo, menor a consciência de classe* [grifos nossos], e... essa, nesses últimos quinze anos, principalmente você tem um aumento aquisitivo da sociedade, da classe média, principalmente, *e o professor está inserido nessa classe média* [grifos nossos], e ele tá preocupado com o dele, ele não tá preocupado com o do outro, e todos aqueles que estão... organizados, e tem um compromisso com a classe, são tachados de baderneiros, o que faz com que toda a luta seja deslegitimada, o que eu... o que eu posso lhe dizer é que... você tem que buscar... meios, certo, esse tipo de organização da qual eu estou participando agora, apesar de não ser do partido ao qual ela pertence é... dá um **norte**, mas eu percebo que... que cada vez mais, o... professor ele fala a respeito do trabalho não remunerado, ‘\_Ah, por que eu fazer isso pra quê? Porque eu não estou recebendo pra isso, [...]’. É... primeiramente, ele não vai trabalhar mais sem ser remunerado, se aparecer um curso pra ele fazer que pode ser que venha a colaborar com ele só que não seja remunerado, ele não vai fazer, ele não está interessado em nada, e... e tem mais, que é o mais preocupante tá, eu não estou tanto tempo assim na rede pública, mas os discursos são muito uníssonos na questão de ‘\_Ah, eles vão lá lutar, pô, se vier, se eles conseguirem alguma coisa, a gente vai ganhar também! Então, pra que a gente vai deixar de dar aula aqui e tal’.

Para Artur, quanto maior a remuneração, menor a consciência de classe proletária, menos ainda haverá possibilidade de desenvolvimento de uma consciência de classe em si ou para si. É coerente o raciocínio de Artur. A razão é desproporcional, mas é proporcional à medida que salários mais altos possibilitam, ao mesmo tempo, o desenvolvimento das formas de consciência de classe burguesa, mesmo que o indivíduo seja um assalariado. A regra não é sempre assim, mas na maioria dos casos é isso o que acontece. E por que os professores, muitos não se veem como trabalhadores, como proletários? É certo também que não existe uma relação direta e mecânica entre ser e consciência, ser proletário não significa, ao mesmo tempo, reconhecer-se como um proletário, não só como sujeito explorado, mas revolucionário.

Além disso, devem ser poucos os docentes que, de acordo com sua formação, detêm uma visão de mundo crítica, que, em alguns momentos de suas vidas, apresentem, pelo menos, uma consciência de classe proletária potencial, ou seja, tenha alguma compreensão da natureza do capital, reconheça-se pertencente ao proletariado, participe das lutas sociais, o que, de algum modo, acontece com Artur, embora em sua opinião os professores encontram-se inseridos na “classe média”, uma contradição que surge na fala do professor. Expressar uma consciência de classe predominantemente burguesa não significa, ao mesmo tempo, ser um burguês.

E qual seria o critério para compreender que alguém pertence à classe média? O salário? Permanecer na condição de assalariado? Como se manifesta a consciência da classe média, ela defende os interesses de que classe social? Poderíamos definir um indivíduo



pertencente à classe média como um assalariado que ocupando cargos de gestão, com altos salários, apresenta uma consciência de classe predominantemente burguesa? Será que a maioria dos professores se encontra realmente inserida na classe média? Ou, na sua maioria, refletem uma consciência que corresponde aos interesses (burgueses) da classe média?

Quando pensamos no professor como proletário, observamos que ele se enquadra nos traços que nos permite entendê-lo como parte do proletariado, embora assim, ele muitas vezes não se reconheça. O proletariado contemporâneo, diferente da época de Marx, se encontra hoje espalhado tanto no âmbito da produção como da reprodução do capital. É provável ainda que o tipo de atividade que o operário realiza, por exemplo, poderá levá-lo a compreender diretamente os efeitos da exploração do trabalho, em contraposição aos professores, que podem perceber tais consequências num tempo e de um modo diferente, devido à atividade que realizam.

A práxis educativa, provavelmente, e isso merece um estudo, a partir do momento que tem início o processo de universalização do ensino, na primeira metade do século XX, é cada vez mais “invadida” pela lógica irracional do capital. Esvaziada de seu conteúdo, o professor perde, paulatinamente, o controle de sua práxis, tendo cada vez menos tempo, para desenvolver sua aula, lecionando em salas superlotadas, muitos, trabalham como contratados, recebem salários baixos<sup>69</sup>, submetidos ainda a uma formação superior e continuada aligeirada, precária, e o resultado desse processo, que não poderia ser outro, é que os docentes “caem” também nas fileiras do proletariado.

E o professor, que é obrigado a vender sua capacidade de trabalho para sobreviver, porque não tem a posse dos meios de produção, e pouco ou nenhuma consciência proletária, ou pelo menos, uma consciência de classe proletária potencial, e luta, mas de forma errada, porque trava uma luta com os mecanismos que o Estado lhe concede e os utiliza contra a própria educação escolar pública, enfim, luta contra si mesmo. Por isso é tão importante que os professores se unam, se organizem, cobrem uma mudança de postura dos sindicatos, e defendam o direito de “ensinar e aprender”, de a escola pública existir com qualidade.

O Estado simplesmente não tem interesse na educação pública. E outra colocação feita por Artur, importante, é que o professor não fará mais nenhum curso, se ele não receber por isso. Nesse caso, talvez o professor não entenda que, agindo assim, faz exatamente o que dele espera o governo, que é um especialista em cooptar e fragmentar o proletariado. E o Estado

---

<sup>69</sup> De acordo com o Piso nacional, o salário base de um professor, com jornada de 40 horas semanais, com formação de nível médio, é de R\$2.298,80. Verificar informação em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/mais-de-18-mil-professores-da-rede-estadual-recebem-10-de-aumento-no-salario>>. Acesso em: 12 set. 2017.

realiza sua estratégia via “incentivo financeiro” ao comprar professores, de um lado, atitude que desarticula a categoria, e de outro, ao aceitarem, os docentes reduzem sua práxis à mercadoria.

Indagamos ainda, mediante a fala anterior de Artur, se ele acredita que o ser da classe do professor não condiz com a expressão predominante de sua consciência de classe (burguesa).

*Perfeitamente, eles não se sentem... como se diz assim... eles não se enxergam enquanto... enquanto **trabalhadores** explorados pelo Estado, principalmente quem é concursado [grifos nossos], eles não se sentem, porque eles estão protegidos pela legislação, a legislação vai proteger eles: ‘\_Ninguém vai conseguir me tirar da sala de aula, e se eu puder tirar qualquer tipo de licença, eu vou tirar’, então, eles... eles, como se diz assim, eles tentam descontar no Estado através das licenças-prêmio ou outro tipo de licença ou qualquer brecha do sistema que eles possam usar pra não ir dar aula, ao invés de reivindicar melhores salários, melhores condições de trabalho, porque no fim das contas essa descontinuidade do professor dentro da sala de aula afeta quem? O aluno [grifos nossos]. [...] porque ele está brigando com o Estado, e ele esqueceu qual que é o real objetivo dele enquanto educador.*

Artur reafirma o que foi dito anteriormente, e que os professores, que não se reconhecem como trabalhadores, reagem, nos parece que em sua maioria, às condições de trabalho, ao Estado, utilizando as brechas do sistema educacional público, e lutam contra si mesmos ao tirarem as licenças, por exemplo, o que afetará negativamente, em última instância, o processo de ensino e aprendizagem.

Este entendimento de Artur, acerca das licenças tiradas pelos professores como uma forma de se contraporem ao Estado e suas consequências para a educação escolar, se difere do posicionamento de Laura. E tendo em vista o desenvolvimento da consciência de classe proletária potencial, neste ponto da análise, Artur, em relação ao seu processo de consciência, avança em direção à referida categoria.

Questionamos Artur se a forma de ele abordar os conceitos científicos na sala de aula é neutra.

*[...] No meu caso não... no meu caso não. Eu, eu um dia eu ouvi de uma professora de... de Sociologia que ela falou que: ‘\_Não, que a gente tem que procurar se expressar o mínimo possível, a nossa, o nosso posicionamento’, eu falei tá, ‘\_Você pode pensar dessa forma, eu respeito, mas eu não’. [...]. A partir do momento que você não se posiciona, você não... direciona o conteúdo pra onde você quer, pra onde você acredita, você tá simplesmente reproduzindo o que o Estado quer. Porque se a gente é engajado contra o sistema, se a gente acredita na luta de classes, se a gente acredita numa educação marxista, você tem que se posicionar, se você não se posiciona você está sendo simplesmente [...] um cara que vai reproduzir, você não tem base o suficiente pra entender que, pô, o cara não precisa torcer pro mesmo time que você, ele não precisa professar a mesma fé que você, ele não precisa ser do mesmo partido que você, desde que ele entenda que existe uma **classe dominante**, uma **classe dominada**, e que a todo momento ele e, principalmente, o aluno do Estado está sendo coagido pra ser o que ele é, ou seja, uma pessoa que... não quer nada com nada, que não tem noção dos seus direitos, só é colocado a eles os deveres, [...]. Então vocês só têm deveres dentro da escola, e a escola tem grades, é*

um ambiente totalmente inóspito, pra vocês não quererem estar aqui dentro. Eles transformaram isso aqui num presídio, pra simplesmente dizer pra vocês: ‘\_ gente sai logo disso aí, e volta pra rua, ou vai trabalhar, ou vai vender droga, ou vai fazer qualquer coisa na vida, mas não obtenha conhecimento, conhecimento é uma coisa nula... tá’.

Assim, como mencionou Laura, Artur também afirma que não realiza uma práxis educativa “neutra”. O professor nos indica dois caminhos: se o docente não direciona o conteúdo para onde ele quer, suponhamos aqui, para uma perspectiva de transformação social, revolucionária, o docente reproduzirá o posicionamento de classe do Estado que privilegia os interesses da classe hegemônica. Artur se reconhece como um educador engajado, envolvido nas lutas de classes, filiado a um partido político, e, ao mesmo tempo, reflete em suas aulas esta vida de militância, um engajamento, que nos sinaliza em Artur alguma consciência de classe proletária potencial. Essa observação é reforçada pelo professor, ao ressaltar a importância de o indivíduo compreender que vive numa sociedade dividida em diferentes classes sociais, e que os alunos estejam cientes de que a educação escolar pública da forma como está “organizada” pelo Estado não possibilita a aprendizagem, mas sim uma “recusa” em relação à escola, à apropriação do conhecimento, o que intensifica o processo de alienação.

Perguntamos a Artur se ele considera o professor como um trabalhador.

Sim, totalmente. Professor é um trabalhador, quando você pega e fala, existe uma discussão que a gente trava nos grupos que é o seguinte: quando a gente fala que a gente tá dando aula, a gente tá desvalorizando o nosso próprio trabalho, a gente não tá dando nada, a gente tá vendendo a nossa força de trabalho, no caso, é o conhecimento adquirido... de forma sistemática, que a gente vai ter que passar pro outro, uns vão fazer de uma certa forma, outros de outro e tal, mas existe um método que você vai lá e vai transmitir o seu conhecimento que é uma força de trabalho sua, você tem igual, o máximo de aulas que você pode dar por dia são nove, tá, mas você não pode dar nove aulas todos os dias, se são aulas atribuídas são só 32, você tem que preparar essas 32 aulas que você vai dar, então existe a força de trabalho excedente onde você vai sentar, estudar um pouquinho mais, ler, preparar, sistematizar. [...], por mais que eles paguem para o efetivo um... um adicional de... eles deveriam pagar mais 32 aulas, horas/ aula pra cada professor, [...], por exemplo, você tá dando aula numa escola longe da sua casa, L hoje é uma cidade grande, e aí você tem duas janelas, você vai voltar pra tua casa, pra depois você dar... dar aula? Não, você vai ficar na escola, se você vai ficar na escola, você vai tá preenchendo caderneta, você vai tá mexendo, você vai tá preparando aula, vai tá lendo, você tá trabalhando! E essa hora não vai ser paga, você está trabalhando numa hora que não lhe será paga, você não será remunerado por ela, e aí... as pessoas acham que ser professor é a coisa mais linda do mundo, que o professor ganha até muito pelo pouco que faz, então...

Por meio de sua afirmação, de alguma forma Artur compreende-se também como proletário, pelo fato de vender sua capacidade de trabalho ao Estado para sobreviver, e essa forma de entender-se como parte da classe social explorada, poderá contribuir para o desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial.

Perguntamos a Artur se existe uma classe dominante em nossa sociedade, em caso de resposta afirmativa, quem seriam os representantes dessa classe.

Sim, sem... sem sombra de dúvidas. [...] Olha a representação da classe dominante ela é... um pouco... subjetiva, porque de certa forma a gente não os vê, certo, mas ela é representada através, principalmente, das... das grandes corporações, e tudo mais, [...]. [...] Personificações, só pra dar um exemplo, existe... em toda crise a gente começa a desenvolver um sentimento fascista, a respeito da xenofobia, o racismo e tudo mais, e aí a gente pega o lance dos médicos cubanos que vieram pro Brasil, você pega os haitianos que estão trabalhando no Brasil também, mas a gente fala dos grandes executivos, das grandes corporações que também são estrangeiras? A gente vai brigar com eles, falar pra eles que eles estão tomando o nosso trabalho? Não, as multinacionais que vêm para o Brasil, pegam um grupo daqui e mandam pra suas sedes? Não, a gente não vai brigar com esse pessoal, [...], certo, [...].

Em relação à resposta de Artur, compreendemos a classe social como fenômeno histórico, objetivo, e não subjetivo. Embora não vemos as classes, identificamos sem muita dificuldade seus representantes, e observaremos conforme o desenrolar das entrevistas que as respostas dos docentes, de certo modo, convergem.

De acordo com Thompson (2001, p.270, grifo do autor),

1) Classe, na minha prática, é uma categoria *histórica*, deriva de processos sociais através do tempo. Conhecemos as classes porque, repetidamente, as pessoas se comportaram de modo classista. Este andamento histórico gera regularidade de respostas em situações análogas e, em certo nível (o da formação “madura” das classes), permite-nos observar o nascer de instituições e de uma cultura com traços de classe passíveis de uma comparação internacional.

Em nota de Engels à edição inglesa do *Manifesto do Partido Comunista* (1848) em 1888, o autor compreende,

Por burguesia entende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social que empregam o trabalho assalariado. Por proletariado, a classe dos assalariados modernos que, não tendo meios próprios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver. (MARX; ENGELS, [1848] 2007, p. 45)

A definição de Engels é clara. A posse dos meios de produção social identifica a classe dos “capitalistas modernos”, já o proletariado é a classe dos “assalariados modernos”, que uma vez não proprietários dos meios de produção, necessita dispor sua capacidade de trabalho no mercado para sobreviver.

Em relação a Thompson (2001), o autor compreende que a classe para efetivamente existir, pois não é algo dado *a priori*, é fundamental outra categoria em questão, a luta de classes. No processo histórico, o autor entende também “[...] que classe e consciência de classe são sempre o último estágio de um processo real” (THOMPSON, 2001, p.274). Esse posicionamento gera, ao mesmo tempo, uma indagação: o proletariado, como classe social,

existe apenas potencialmente? Sim, e de acordo com o desenvolvimento desta pesquisa se a classe existe potencialmente, o mesmo poderá ocorrer com a consciência de classe.

Nesse sentido, as narrativas “desenham”, ao mesmo tempo, um cenário de contradições presentes na realidade escolar, assim como processos de consciência “individuais” que poderão<sup>70</sup>, dependendo do contexto histórico, transcender as formas de uma consciência de classe proletária potencial ou não.

Questionamos Artur se ele pertence à classe social dominante. Em caso de resposta negativa, perguntamos, então, à qual classe pertencia, e qual era a relação da classe dominante com a sua classe social.

Não, de maneira alguma. [...] Por que eu não pertença à classe dominante? [Silêncio] Primeiramente, eu não sou dono de nenhuma empresa de mídia, certo, porque infelizmente hoje as... as disseminações da mídia, todas elas são personificações da classe dominante. Segundo, eu não sou... dono dos meios de produção também, [risos], certo, apesar de já ter tido uma pequena empresa familiar, nunca fui dono do meio de produção, então... eu não me enxergo nessa classe dominante, não só pela questão financeira, mas também pela questão ideológica, então, não consigo fazer parte nenhuma, como se diz assim, nenhuma... vertente da classe dominante. [...] Uma relação não só de opressão, mas também de... de descrédito, de falta de mérito, não só a questão da meritocracia que eu não acredito, mas... é... é uma relação suja, porque todos aqueles que... que tentam ser idealistas e não estão amparados por qualquer que seja a... a questão, eles de certa forma são destruídos, porque, por exemplo, vou dar um exemplo simples tá, eu hoje como ‘categoria O’, eu posso fazer greve? Não, eu não posso fazer greve, e eu te respondo o porquê, porque se eu for fazer greve, eu não consigo mais nenhuma espécie de atribuição de aula, e aí teoricamente eu já estou fora do processo educativo.

Artur não se compreende como parte da classe social dominante, porque, primeiro, não se vê como dono dos meios midiáticos, segundo, porque não é dono dos meios de produção, e menciona também que suas ideias não correspondem à ideologia da classe burguesa.

A resposta do professor nos sinaliza para uma consciência de classe proletária potencial, que não é absoluta no indivíduo, pois apesar de existir uma relação descontínua entre ser (proletário) e consciência (proletária potencial) em Artur, pelo menos tendo em vista sua memória-trabalho e política, é simplesmente impossível que em algum momento de sua

---

<sup>70</sup> O fato de afirmarmos que docentes “ensaíam” em certos momentos uma *consciência de classe proletária potencial* não significa que *automaticamente* esse “ensaio” os conduzirá ao desenvolvimento da consciência de classe proletária e à luta de classes do proletariado contra o capital. “Não há como afirmar seguramente que, num dado debate, numa conjuntura política, tal líder ou corrente partidária tem o caminho ‘historicamente correto’ para superar o capitalismo. Ainda que se atribua uma ‘consciência de classe possível’, ou um ponto de vista à classe trabalhadora, uma finalidade para sua atuação política (a destruição da sociedade de classes), os meios, a trajetória até a consecução desse fim, não são predetermináveis, não podem ser atribuídos a essa classe. Numa frase, a análise marxista do capitalismo prevê a *possibilidade objetiva* da derrocada desse modo de produção pela ação revolucionária da classe trabalhadora, mas o percurso de constituição da classe, incluindo a construção de sua consciência, não é unívoco ou previsível cientificamente, dependerá da organização e da luta dos próprios trabalhadores ao longo do tempo.” (RIDENTI, 2001, p.29, grifos nossos).

vida, o professor não reproduza formas de consciência social que corresponda à classe dominante. Artur afirma que a relação que a classe burguesa estabelece com a sua classe social é uma relação de opressão, de exploração, e, igualmente, de descrédito.

Questionamos Artur se ele é filiado a um sindicato, em caso de afirmação, perguntamos se a instituição sindical tem representado os interesses da categoria, e se ele acredita que o sindicato pode ser um instrumento na luta de classes do trabalhador contra o capital.

Eu sou filiado à APEOESP. [...] Na minha opinião, eles não representam a categoria e eles não estão preocupados em representar a categoria, já que na última eleição eles só foram reeleitos pelo fato de... contar com os votos dos aposentados, porque se fossem com os votos apenas dos efetivos, eles não teriam sido reeleitos.[...] Tanto acredito, que me filiei em um, e... existiam muitas discussões de se fundar um outro sindicato, no entanto, ele não teria a legitimidade que esse possui, se nós estamos num sindicato, que... poderia atuar de forma diferente e não atua, é por uma falha nossa, uma falha nossa... de não buscarmos os nossos direitos, hoje, da forma que tá, burocratizado, engessado o nosso sindicato, ele não está preocupado em atender os professores que estão dentro da sala de aula, como eu disse, eles foram eleitos pelos professores aposentados, e isso é uma coisa do regimento interno, da assembleia estadual, que foi colocado, que os aposentados podem votar, é direito? É, mas o voto do aposentado não pode ter o mesmo voto que o... , o mesmo peso que o... que o voto do cara que tá dentro da sala de aula, ele tem que ter o direito de votar, tem, mas não pode ter o mesmo peso, porque hoje eles não estão sofrendo na pele, o que os professores estão sofrendo, então, é um sindicato que não representa o professor efetivo, é um sindicato que representa o professor aposentado. Qual é a representatividade disso? Nenhuma, absolutamente, ‘\_Ah, os professores sofreram, tal’, beleza, bacana, não estamos dizendo que as lutas deles não foram válidas, tanto é que as lutas deles, sim, foram válidas, se a gente tem um sindicato hoje é porque eles foram às ruas, eles lutaram, mas no tempo deles. [...] mas aí eu te pergunto qual é o interesse do professor aposentado? Se não é... curtir a sua aposentaria? [...] e as lutas dos professores que estão na rede, que sofrem assédio moral, que tem que ouvir do... governador o que ouviu no ano passado, que tem que ouvir que as reivindicações serão atendidas, e ainda não foram, e não serão, então a luta dos aposentados é maior do que a nossa? Não, que não tem estrutura pra dar uma aula decente, que não tem escolas, tem escola que a lousa tá esfacelando, onde eu dou aula, o giz não pega, como é que você dá aula pra essa garotada, por mais que... giz e lousa é ainda é o que funciona, como é que você vai dar aula pra essa garotada? E onde tá o sindicato? Preocupado em fazer festa pra aposentado? Que o sindicato de L tá preocupado com isso, aparelhou o sindicato todo, [...], na última eleição, como eu disse antes, houve uma chapa de oposição, certo, e aí eles... começaram a perceber que tem mais gente interessada no sindicato, porque até então ninguém queria pegar, era só eles e tal, é chapa única, chapa única, chapa única, chapa única, chapa única, chapa única, e aí quando... você é chapa única, vocês estão lá, você tem a estrutura que te protege, um regimento interno que te protege, você faz o que você bem entende com o dinheiro público, com o dinheiro do associado, certo, **tudo**, menos, em prol do associado, você não tem nem cursos.

“[...] se nós estamos num sindicato, que... poderia atuar de forma diferente e não atua, é por uma falha nossa, uma falha nossa... [...].”, diz Artur.

Um passo em direção à mudança é, certamente, o reconhecimento das falhas, dos limites da própria categoria, mas o reconhecimento por si só, este “meio do caminho”, é

condição insuficiente para a modificação da realidade, pois é preciso também uma ação que corresponda à mudança.

Se pelo menos uma parte dos professores reconhece que não tem sabido eleger os representantes da instituição sindical, e que, além disso, organize novas chapas, com outros candidatos, lance novas propostas para disputar as eleições, é essencial também que isso aconteça. Do contrário, não adianta lastimar acerca da não representatividade do sindicato. É necessária constante união, luta, e pressão sobre a instituição sindical. Portanto, Artur persiste filiado ao sindicato, embora reconheça que a instituição não representa os interesses dos professores e, ao contrário de Laura que pensa em deixar o sindicato, Artur está disposto a se enredar na luta para “tomá-lo”. Essa observação nos evidencia graus diferentes de consciência de classe proletária potencial entre Laura e Artur.

Outra observação importante feita pelo professor é que o sindicato tem mais favorecido, pelo menos em sua opinião, o docente aposentado do que o professor concursado ou não, que ainda continua nas escolas, atuando muitas vezes em instituições com inadequadas condições de trabalho, “[...] tem escola que a lousa tá esfacelando, onde eu dou aula, o giz não pega, como é que você dá aula pra essa garotada, por mais que... giz e lousa é ainda é o que funciona, como é que você vai dar aula pra essa garotada? E onde tá o sindicato? Preocupado em fazer festa pra aposentado?”. A questão aqui não é contrapor docentes aposentados que não se encontram mais nas escolas aos professores que estão ainda em atividade, não se trata disso. No entanto, o modo como o sindicato se dirige à categoria, dividindo-a em “subcategorias”, com pautas ou atividades para atrair essas “subcategorias”, enfraquece, limita, ao mesmo tempo, a luta dos professores, quando todos, impreterivelmente, precisam se unir.

Além disso, por que é importante que o sindicato mantenha filiada a totalidade de professores aposentados, concursados e não concursados? Além de maior arrecadação, como menciona Artur, uma eleição pode ser definida pelos votos de uma parcela do professorado. Enfim, vimos que as estratégias são muitas e como “setas” elas atingem a categoria dos docentes por todos os lados. Mas há lucidez entre os professores, formas de uma consciência de classe proletária potencial e que estes saibam utilizá-la de forma tática e fortalecedora das lutas da categoria.

Perguntamos a Artur se o sindicato oferece cursos de formação aos docentes filiados.

Não, eles não oferecem nada... nada com esse viés, e você tem bastante gente qualificada que poderia oferecer esse tipo de... de curso para os professores, para os associados, no entanto, parece que esse não é o objetivo, certo, *parece que essa representatividade de classe, em si, não é o objetivo* [grifos nossos], no entanto, é o que nós temos, é o maior sindicato da América Latina, a APEOESP, eu não tenho

noção de quantos... quantos associados, eu não tenho essa estatística [...], é muita gente, e você não consegue mobilizar nem trinta por cento dessa galera, numa... numa greve, se você conseguisse mobilizar quarenta, cinquenta por cento dessa galera, você teria **toda** a sua reivindicação atendida [...], [...] não precisa ir todo mundo pra São Paulo, você vai onde tem as subseções e faz a coisa funcionar, pô, você não tem que fazer a coisa de cima pra baixo, a gente sabe que não funciona, tem que ser de baixo pra cima, a base tem que funcionar.

As respostas de Artur e de Laura coincidem, quando afirmam que o sindicato não promove e não tem interesse em oferecer nenhum curso de formação política aos professores, e que não representam os interesses da categoria. Contraditório isso não? Mas diante das narrativas dos docentes fica-nos evidente que é isso mesmo que tem acontecido com as instituições sindicais. Distantes da base, interessados em conservar suas posições de poder frente à categoria, subjugada ao Estado, o discurso de viés “esquerdista” presente nos informativos da APEOESP parece contrariar a realidade vivida e compreendida por parte dos professores, que não se veem representados pelas ações do sindicato.

Perguntamos também como se dá a relação entre o sindicato e a base, e se os cursos de formação, caso fossem oferecidos, se eles poderiam colaborar para a luta do trabalhador, do professor em relação ao Estado.

Não existe. Não existe. Absolutamente, não existe, e aí você tem que procurar organizar alguns professores que pensam igual a você, pra tentar organizar uma base e através dessa base fazer um... um movimento de... de resistência contra esse... essa gestão que existe. [...], uma organização dentro de uma organização, porque você acredita numa organização, você não acredita nas pessoas que estão lá representando, então, como você faz? Ou você se articula ou simplesmente fala assim: ‘\_Eu não vou participar de mais nada’, que não é o meu caso, se eu quero participar e se eu não concordo com o que tá lá, eu quero tomar, eu vou sentar, vou organizar, vou sentar, vamos conversar, já que eles não oferecem cursos, ofereceremos nós, ‘\_Ah, mas professor, mas se eles começarem a oferecer cursos também?’, maravilhoso, a gente vai lá também, a gente vai lá. [...] Aí, aí vem a questão do seguinte: ‘\_Por que eu vou lhe dar, por que que eu vou lhe ensinar a usar o fuzil, que eu te falei no começo, pra você ‘atirar’ em mim?’, *porque a partir do momento em que você der o subsídio pro trabalhador, você conseguir voltar a despertar a consciência de classe no professor, ele vai querer te derrubar do poder, ele vai perceber que você não o representa* [grifos nossos]. [...]. Então, a falta de consciência de classe do trabalhador da Educação não é uma coisa aleatória, é uma coisa planejada pelo Estado, ‘\_Eu te dou um subsídio pra que você desorganize... aquilo que você deveria organizar’. [...], as estratégias são muitas, porque você tem, eles falam pra você: ‘\_Vocês têm liberdade de sindicato, como você não tem direito a nada?’, e aí, você vai falar assim pra mim: ‘\_Professor, mas por que que não se muda o regimento interno lá?’, porque pra cada... cem votos você pode mandar um representante, o pessoal da... da corrente que eu faço parte, teve... duzentos votos, eles tiveram mil e duzentos, vai chegar lá, eles vão abrir pra você falar, porquê é que você acha que deve mudar o regimento interno e tal, eles vão nos ouvir, eles vão abrir pra você falar, não... não vão ouvir nada, ‘\_Vamos votar gente? [...] obrigado,’ a maioria desceu, pá, pá, continua do mesmo jeito, tá aparelhado, está totalmente aparelhado, e... infelizmente, eles não percebem que eles estão indo contra [...] alguns até percebem, mas é o que eu estou te dizendo, eles estão sendo eleitos pela... pelos aposentados [...] os votos dos aposentados estão sendo decisivos, principalmente, na eleição daqui de L, [...], é o tal negócio, eles têm, eles têm esse acesso direto ao aposentado, segundo consta, eles fazem uma festa... todo mês pros



aposentados, pra continuar mobilizando os aposentados a acreditar que o sindicato os representa, enquanto, o... o professor que está em sala de aula é deixado em segundo plano, e aí você fica pensando: ‘*O que fazer?*’, *o que nos resta hoje é nos organizar, porque uma luta organizada ela pode... ter um outro impacto* [grifos nossos].

O Prof. Artur compreende que o sindicato poderia ser um instrumento de luta da categoria dos professores contra o Estado. Mas, ao mesmo tempo, menciona que a instituição não tem um real interesse em promover cursos, porque tal iniciativa representa, ao mesmo tempo, oferecer um conhecimento, e falamos de um conhecimento numa perspectiva revolucionária, um “subsídio” para os trabalhadores que poderá ajudá-los na compreensão de sua realidade de trabalho, inclusive, na apreensão das contradições reproduzidas pela própria instituição sindical. Por isso, também, a formação político-filosófica do professor não é de interesse do sindicato, e nem mesmo de parte dos docentes, que poderiam cobrá-la.

Artur nos relata ainda que tem se organizado e participado de ações da instituição sindical, como também tem se unido a pessoas, professores, que compartilham de suas mesmas ideias. Esta ação, iniciativa de Artur, este seu anseio em fazer parte de uma luta organizada a fim de desaparecer o sindicato, por exemplo, é importante, pois pode colaborar para o desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial.

E mais, as propostas de diferentes representantes nas reuniões sindicais são tratadas com alguma resistência e até mesmo indiferença por parte dos dirigentes. E um dos problemas mais graves, diante esta situação que nos foi relatada por Artur e Laura, está, sobretudo, na passividade, na alienação, representada pelo desinteresse dos professores que, de acordo com os entrevistados, não têm sabido ou não têm se importado em eleger sempre os mesmos “representantes”.

Artur prossegue, falando a respeito do sindicato,

[...] é... pra você ter uma ideia o processo eleitoral no sindicato ele é... burlado, tá, existe fraude nas urnas, comprovadas, [...] nas eleições do sindicato, e... e você percebe que... é uma luta pela perpetuação do poder, agora... se as pessoas que estão à frente do sindicato tem esse tipo de pensamento, a gente não vai conseguir um aperfeiçoamento da sociedade ou avanços significativos da representatividade... com essa perpetuação do poder, a gente tem mais de um exemplo aqui em L, você tem o sindicato dos metalúrgicos, do qual eu já fiz parte, você tem o sindicato dos motoristas, você tem o sindicato dos professores, então, eles estão preocupados com tudo, menos com o bem estar da classe, [...] mas, em contrapartida do sindicato dos professores, o sindicato dos metalúrgicos e dos motoristas ainda visam o bem estar do seu associado, que está na ativa, e não só apenas o aposentado, eles conseguem dar o... como se diz assim, o... o ‘anestésico’, o problema do professor é que o professor já tá ‘anestesiado’, porque o metalúrgico ele tem que trabalhar, ele tá trabalhando diariamente em condições precárias, condições de risco de vida, o motorista também, então ele tem que ter pelo menos um lazer pra sua família, que é garantido, aqui na cidade, com... com um clube bacana, grande, é... pô plano odontológico, você tem o pessoal da... do jurídico que funciona, e funciona **muito**, é um sindicato muito mais atuante do que o... sindicato dos professores, *porque a consciência de classe do metalúrgico é muito maior do que a consciência de classe*

*do professor, porque bem ou mal, eles ainda se aglutinam...* [grifos nossos] em espaços, agora o sindicato do professor ele faz questão de dispersar, o que ele não quer é que você tenha espaços de aglutinação [...].

O professor relembra que já fez parte do sindicato dos metalúrgicos, uma instituição mais atuante e representativa dos interesses da categoria, que sofre de forma intensa, direta, as consequências da exploração do trabalho, e Artur chega até mesmo comparar “[...] *a consciência de classe do metalúrgico é muito maior do que a consciência de classe do professor, porque bem ou mal, eles ainda se aglutinam [...]*”, se organizam com mais facilidade, e isso ocorre provavelmente em decorrência das condições precárias de trabalho, contradições que poderão provocar uma ação de grupo, uma luta organizada.

Neste caso, as reivindicações devem surgir com mais frequência, ao contrário dos professores, cuja categoria é fortemente atacada pelas estratégias do Estado, que reproduzem e intensificam sua fragmentação. Além disso, como já mencionamos, a atividade desenvolvida pelo professor é diferente do trabalho realizado pelo operário na fábrica, no entanto, o que temos visto até aqui é um contexto contraditório e precário a que o governo do Estado submete os professores.

Vimos que Artur detém experiências de vida, de trabalho, acumuladas em sua vida, refletidas em sua “consciência individual”, que favorecem o professor a desenvolver, pelo menos momentaneamente, uma consciência de classe proletária potencial distinta, por exemplo, de Laura.

Dos graus distintos de consciência de classe proletária potencial, compreendemos amadurecimentos diferentes dos processos de consciência, tendo em vista o desenvolvimento da ação de grupo, da classe, em última instância, das lutas de classes. Amadurecimentos que poderão ser marcados, dependendo da história, dos conhecimentos, das experiências de cada um, ora por avanços, e/ ou recuos, no tempo. Ou seja, se Artur apresenta um amadurecimento de sua consciência potencial diferente de Laura, marcado mais por avanços do que recuos, não significa que sempre se dará assim este processo, o mesmo é válido para o caso de Laura. Lembremos também que Artur está há pouco tempo como docente na rede pública estadual, enquanto Laura está próxima da aposentaria, fator que também interfere no desenvolvimento da consciência de classe proletária potencial de cada um. Portanto, nos deparamos com experiências de vida, com tempos dedicados ao magistério distintos, e que em alguns momentos tais processos de consciência se encontram, noutros se distanciam.

Perguntamos a Artur se ele é filiado a um partido político,

[...] sou, sou filiado a um partido, porque eu acredito, não que eu acredite na estrutura, mas pra eu mudar a estrutura eu tenho que fazer parte dela, eu não vou

ficar sendo uma folha em branco, gritando: ‘\_Ah, porque eu não acredito’, não, eu vou fazer parte de alguma coisa, vou ocupar o meu espaço e dentro desse espaço, tentar conseguir... tentar me organizar e aglutinar e atuar da forma que eu acredito, é... não vou fazer sozinho, como eu te disse, não sou apenas um idealista, tenho meus ideais sim, mas... procuro me organizar, [...], mesmo quando você participa de coisas que não te representam, mas se lhe foi aberta uma porta, entra, primeiro, procura saber como é que é, e depois, se você não consegue se organizar pula fora, mas enquanto você tá vendo que essa porta pode lhe dar os frutos que outras não lhe deram, do ponto de vista estratégico, continue lá, não deixe seu ideal de lado, mas continue lá.

E verificamos qual era a sua opinião a respeito da convergência das lutas de diferentes categorias, o que aconteceu, em alguns momentos, durante a greve realizada pelos professores do Estado no ano de 2015.

[...] Sim, se a gente acredita na luta de classes isso é fundamental, do ponto de vista de uma mudança de estrutura, você não vai conseguir uma classe diferente da outra que é o... o que eu costumo dizer, muito simples, é... *a minoria fez com que a maioria se dizimasse em diversas minorias pra se tornar a maioria sobre as minorias, então, os dominantes que são minoria fizeram com que os dominados acreditassem que eles tinham que se dividir em diversas classes pequenas, lutas de gêneros, lutas raciais, lutas do sindicato da CUT, dos professores, do metalúrgico, do motorista [grifos nossos], e não sei o que, [...], individualizou o máximo possível pra que ele pudesse ter controle sobre todos esses sindicatos, [...].*

A observação de Artur, de alguma maneira reflete sua visão de mundo, “[...] *a minoria fez com que a maioria se dizimasse em diversas minorias pra se tornar a maioria sobre as minorias [...].*” Como se não bastasse a cisão da categoria dos docentes, hoje, o proletariado está dividido em grupos e luta, sobretudo, por suas pautas particulares. É fundamental, ao mesmo tempo, que na luta de classes contra o capital, as lutas de todos os grupos, que, em última instância, se tratam de pessoas que vendem sua força de trabalho para sobreviver, se confluam e ajuntem esforços em prol de uma única causa: o fim do capital. Para este sistema não há nenhum problema, que uma grande maioria esteja dividida e se volte unicamente às suas pautas de reivindicação. Para dizer a verdade, é até interessante que a grande massa se organize e, ao mesmo tempo, se fragmente, assim, talvez sem perceber, ela perde forças. Dessa cisão do proletariado em pequenos grupos, com suas pautas específicas, o capital também tira proveito: sob o véu da “sociedade democrática”, o mais intenso controle e hegemonia da classe dominante são reproduzidos. Esta forma de entender a realidade de Artur, a nosso ver, também colabora para o desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial.

Sobre as preocupações de Artur diante o contexto de alienação em que vivemos,

[...], o que mais me preocupa hoje em dia, não é, não são as pessoas que estão alienadas, não são as pessoas que... que de certa forma, não conhecem, não tem esse conhecimento de classe, e tudo mais, *o que me preocupa ultimamente são as pessoas que têm consciência de classe, tem consciência de todo esse giro, e ficam preocupados se ele é mais ‘vermelho’, se ele é mais ‘rosa’, se ele não sei o que,*

*ficam preocupados nas pequenas coisas que os diferem, seja um óculos, seja um anel, uma caneta, ou uma blusa, isso que me preocupa, é... o que me entristece são as pessoas que têm conhecimento, mas vivem discutindo coisas banais, coisas fúteis, do ponto de vista apenas... acadêmico, e não do ponto de vista é... real [...], mas eu estou dizendo das pessoas que são organizadas em partidos, certo, as pessoas que são a esquerda, que são as pessoas que têm o conhecimento de causa, e tudo mais, [...].*

Observamos na fala de Artur não só uma preocupação do professor a respeito da fragmentação do proletariado a partir das inúmeras pautas, mas ainda o seu enfraquecimento diante de grupos que defendem questões que pouco ou nada contribuirão para o desenvolvimento e avanço das lutas de classes. Outra observação pertinente, feita por Artur, e que hoje se coloca de forma problemática, se refere às pessoas que detêm um conhecimento na perspectiva revolucionária, que defendem um suposto ponto de vista de esquerda, e que, no entanto, colaboram para o enfraquecimento das lutas de classes. Isto é comum na academia e também no mundo político. Hoje talvez inexista um grupo que represente autenticamente “a esquerda”, o que existem são práticas vazias, distorcidas, revestidas por um discurso “esquerdista”.

Questionamos Artur se ele acredita que o conhecimento científico pode influenciar a vida do filho do trabalhador que está na escola, ou se o modo de ensinar o conhecimento científico é que fará diferença na vida dos filhos do proletariado que frequentam a escola pública, e sobre a unidade do conhecimento científico com o revolucionário.

*Eu acho que é uma junção dos dois, uma junção dos dois, porque do ponto de vista, se você puder ter uma... vamos pensar na estrutura também, você não adianta ter o conhecimento científico que a classe dominante tem à sua disposição, se você não tem os mesmos meios para utilizá-lo, tá, desde o princípio, não adianta eu chegar numa, num terceiro, por exemplo, uma criança que estudou a vida toda numa escola pública, vou falar assim: ‘\_Não, você vai fazer o terceiro numa escola particular, na melhor escola de L, tá, na particular, pra você prestar um vestibular’ ele não vai entender nada, ele vai chegar lá totalmente perdido, por melhor professor que seja, por melhor conteúdo que seja, tá, mesma coisa, você pega o cara e vai aplicar esse tipo de conhecimento no ensino... noturno, não vai rolar, você pode dar pirueta... voadora, pendurar no ventilador, não vai acontecer nada, absolutamente nada, se você não tiver uma estrutura que o acompanhe. [...] Sim, vamos, vamos pensar da seguinte forma, *você tem o conhecimento científico, aplicado a uma causa revolucionária, tá, você tá se posicionando* [grifos nossos], você não tá em ‘cima do muro’, você tá dizendo pro aluno desde do... do Fundamental, ou melhor desde do... do berçário que ele vai aprender isso aqui, porque a função dele na sociedade é subverter essa sociedade, é mudar o que existe, porque isso que existe não lhe é favorável, você vai fazer o que, você vai aplicar o conhecimento de forma direcionada que, quando eu volto no que eu estava dizendo, quem possui hoje conhecimento de causa revolucionária, e de ideais revolucionários, não estão preocupados na subversão da sociedade [...].*

Esta discussão sobre a unidade do conhecimento científico com uma perspectiva revolucionária, ou ainda, sobre o processo de ensino e aprendizagem que poderá se pautar

numa perspectiva revolucionária, é pertinente ao nosso objeto de estudo, pois a aula<sup>71</sup> é também um espaço de formação, de discussão acerca dos problemas da realidade, e dependendo da forma como for organizada, poderá contribuir para algum desenvolvimento de uma consciência de classe proletária potencial, inclusive, nos alunos.

Ou seja, esta formação descontínua poderá interferir no processo de “consciência individual” de alguns estudantes, de maneira heterogênea em cada um, dependendo dos conhecimentos e da forma como forem ensinados e adquiridos. Estes conhecimentos, portanto, uma vez apreendidos, poderão representar tendências que poderão, em determinado contexto, inclinar-se em direção a uma consciência de classe proletária, ainda que potencial, e se desenvolver em meio a uma “consciência individual” predominantemente burguesa.

Na realidade o que chamamos de consciência de classe proletária potencial são algumas tendências, certos conhecimentos adquiridos, algumas vivências acumuladas por cada docente, uma visão de mundo crítica, a constatação de parte das contradições reproduzidas no ambiente escolar e na sociedade que, em alguma medida, poderão se inclinar em direção a uma consciência de classe proletária autêntica, numa dada circunstância histórica, mas esta é apenas uma possibilidade, pois vimos que o processo de consciência é algo fluído, marcado por avanços e recuos. Essas tendências podem representar que tal consciência, em graus distintos, em alguns indivíduos, exista já potencialmente.

#### **4.5 Prof. Luís: consciência de classe proletária potencial em suas memórias-trabalho e política**

Sobre os motivos que levaram Luís a se tornar professor, ele nos relembra que,

Bom, é... pra minha geração, eu já tenho 48 anos, é... professor sempre foi é uma pessoa assim vista como algo diferente, a gente, é... o professor, era, a gente tinha uma... um respeito exagerado com relação ao professor, e... assim, na minha família, eu sempre fui bastante estimulado a estudar, então, eu sempre fui um bom aluno, e... acho que acabei, [...] eu fui um dos poucos a terminar... o Ensino Médio, porque meus pais mesmo têm até... meu pai tinha a quarta série, e a minha mãe chegou até o primeiro ano do Ensino Médio, mas eu fui o primeiro da família a concluir o Ensino Médio, então, é... isso me estimulou, e eu sempre gostei muito de leitura, gostei

---

<sup>71</sup> Tonet (2014), em seu texto denominado *Atividades Educativas Emancipadoras*, afirma a impossibilidade de se desenvolver um sistema de ensino na perspectiva da emancipação humana na sociedade capitalista, no entanto, nos dias atuais, o autor propõe o desenvolvimento de atividades educativas de caráter emancipador. Tonet (2014, p.1) destaca cinco requisitos de uma prática educativa emancipadora: “1) Conhecimento acerca do fim a ser atingido (a emancipação humana); 2) Apropriação do conhecimento acerca do processo histórico e, especificamente, da sociedade capitalista; 3) Conhecimento da natureza específica da educação; 4) Domínio dos conteúdos específicos a serem ensinados; 5) Articulação das atividades educativas com as lutas, tanto específicas como gerais, de todos os trabalhadores”.

**mu**ito, muito, sempre fui bastante estimulado pelos é... pelos professores e em casa também, a leitura, e coincidentemente acabei indo trabalhar é... por conta assim, conforme foi ocorrendo em termos de serviço, foi aparecendo, acabei trabalhando numa escola particular como escriturário e acabei conhecendo os trâmites burocráticos da... da escola, mas paralelo a isso, eu militava na Pastoral da Juventude, e a igreja católica da qual eu fazia parte ela, da diocese, ela tinha uma, uma... visão mais progressista, então, assim, durante esse período que eu estou falando é da década de 1980, todo aquele período que precedeu a abertura democrática, o processo de abertura democrática, o processo da constituinte, então, eu estive envolvido em tudo isso, militando dentro da Pastoral da Juventude, então, com muitos jovens, [...] e eu acabei me destacando... dentro, então, tinha uma capacidade de oratória grande, por isso que o pessoal fala que eu falo demais, mas assim, eu fui talhado neste ambiente, então, me envolvendo com esses grupos, [...], nessas discussões, é... abri mão da minha vida entre aspas, pra poder trabalhar, a minha adolescência nem namorar eu namorei, eu vivi pra isso, então, assim, em muitos momentos eu escutei: ‘\_Você fala muito bem, você parece um professor, você tinha que ser um professor’, e aí num... eu é... resolvi por conta disso, essas coisas estavam... quando deu oportunidade, porque por incrível que pareça é... só estudavam os filhos dos ricos da cidade, eu morava numa cidade bem pequena, e... eu nunca tive nenhum professor que chegasse, apesar de eu ser um dos melhores alunos da escola, não da sala, da escola, nunca tive nenhum professor que chegasse e falasse: ‘\_Você tem que fazer faculdade’, a ideia de faculdade, assim eu não tinha ideia de faculdade pública, diferente de hoje que a gente tem estampado, tem tanto projeto, a TV fala de um monte de programa Prouni<sup>72</sup>, Sisu, FIES, e tudo mais, não havia esse estímulo, então, assim eu fui pra é... fui fazendo cursos, tudo quanto é curso que tinha, que era possível fazer dentro da cidade, que a cidade oferecia, eu ia fazendo tudo quanto é tipo de curso, até, tanto que eu fui fazer faculdade eu estava com 26 anos, eu terminei com 17, quer dizer, mas eu não fiquei um único ano sem estudar, sempre fazendo cursos.

O Prof. Luís, até o momento da entrevista, estava com 48 anos de idade. Em suas lembranças da juventude, ele fala, com admiração, do reconhecimento que o professor ainda recebia pela sociedade, pelos alunos, era um “respeito exagerado”. Foi este reconhecimento, a criação numa família que o incentivou a estudar, Luís foi o primeiro a concluir o Ensino Médio em sua casa, a militância na Pastoral da Juventude, a experiência de ter trabalhado como escriturário numa escola particular, que incentivaram Luís a se tornar um professor.

Perguntamos ao Prof. Luís sobre sua trajetória do curso de graduação até seu ingresso na escola que atualmente trabalha. Sua resposta é longa, trata-se de um “pedaço” de sua memória, inclusive, de sua memória-trabalho, mas que vale a pena ser lida, porque também não se reduz uma vida a uma categoria de estudo.

Bom, a minha trajetória como docente? Tá. [...] é, na realidade é assim, é... teve um outro ‘senão’ aí, é... eu sou o mais velho de uma família de cinco, é... a minha irmã mais nova chegou pra mim e falou: ‘\_Eu vou fazer faculdade, eu vou fazer faculdade’ e... era em P, a cem quilômetros de distância, aí ela falou: ‘\_Você não quer vir comigo?’ aí eu peguei e nós fomos fazer o vestibular passamos bem classificados e... e fomos fazer, inclusive, entramos no mesmo curso de Geografia, na graduação, fizemos Estudos Sociais, dois anos, e depois fizemos Geografia, isso foi... em... 1992, [...], e... tanto que eu terminei a faculdade, é... apesar de ser uma

<sup>72</sup> Prouni – Programa Universidade para Todos; Sisu – Programa de Seleção Unificada; FIES –Financiamento Estudantil.

faculdade... simples, pequena, [...], mas eu terminei a faculdade e passei num concurso público, muito bem classificado, e... então assim, tanto que eu pude escolher o cargo onde eu quis, eu tinha cargo pra tudo quanto é lado, [...], e eu escolhi aqui em L uma escola bastante tradicional que foi um instituto de educação é... mais pelo nome, assim, num sentido, porque eu não a conhecia, eu ouvia falar que era uma escola muito, que estava depredada, mas era uma escola que tinha excelentes profissionais e... quando eu decidi ser professor, eu procurei um, um professor que eu admirava **muito**, que eu tenho como ideal de professor, carinhosamente eu e a escola chamávamos ele de ‘tio Luís’, e ele disse pra mim: ‘\_Luís é... [...] eu tenho certeza que você vai ser um excelente professor, porque você sempre foi um excelente aluno, mas não se esqueça é... que o professor tem que saber mais do que o aluno, então, você deve preparar o seu material, você deve preparar o material, não precisa ser com um livro de faculdade, você vai dar aula pro Ensino Médio, você prepara com o material de Ensino Médio, mas você tem que preparar com o no mínimo três materiais diferentes, três autores diferentes, com metodologia diferente, com recurso diferente [...] e você cria o seu material, não copie, crie o seu próprio material, e você é... então, faça um resumo da... de aula temática, da onde, um dia, uma aula, resuma, e a quantidade que você vai colocar na lousa, mas você deve ficar muito atento na quantidade de... é... formas e exercícios pra explicar aquele conteúdo, porque os conceitos eles são sucintos, mas o que vai fazer o aluno fixar são é, a... os exercícios, aquilo que você explicar pra eles, a explicação, a explicação tem que ser rica, então a forma como, as diferentes formas que você vai explicar que você vai conseguir atingir toda a sala’ e... e a profissão docente ela é uma coisa muito solitária, a gente aprende na graduação é... muita coisa, mas a hora em que a gente entra na sala de aula a gente vê que não é nada daquilo, o professor ele é talhado dentro da sala de aula, porque é só a hora em que os problemas acontecem que você vai trabalhar, então, é... eu por ter já começado a trabalhar dentro da, de uma escola, que era particular, e... eu então é... conhecia o trâmite da escola então eu peguei um certo, assim, tinha um amor muito grande pela escola que eu trabalhava [...], eu trabalhava num serviço que pra cidade, era uma cidadezinha pequena [...] era visto até como um bom serviço em termos de remuneração, não tinham muitas opções, e eu terminei a... a escola, eu terminei a graduação e eu pedi as contas na escola, que era uma escola particular e eles não aceitaram, eles falaram: ‘\_Nós vamos deixar seu cargo em aberto, porque você vai voltar, você não vai conseguir’ eu falei: ‘\_Eu nunca mais volto, eu vou ser professor, eu quero ser professor’ [...], só que aí em seguida eu já comecei a trabalhar numa escola pública e eu acabei me destacando dentro da escola pública e aí surgiu que eu fui trabalhar como professor em escola particular, na vizinhança, não é, em cidades vizinhas, e aí acabou que, como eles perceberam que eu era um bom profissional, a própria escola que eu trabalhava acabou me contratando depois como professor, e... e de lá pra cá, então, isso foi em 1996, quer dizer em 1997, em 1996, eu me formei, em 1997 eu comecei a trabalhar, então eu trabalhei lá em M, em 1996 até 2000, [...] particular e Estado eu trabalhava nos dois, [...] conciliava os dois, e trabalhei, depois em 2000 eu assumi o concurso, eu prestei o concurso em 1998, mas todo o trâmite burocrático, eu assumi em 2000, e... na escola estadual N, que era o antigo instituto de educação daqui de L, e estou até hoje nessa escola [...].

Luís ingressa junto com sua irmã mais nova numa faculdade particular a cem quilômetros de distância da cidade onde morava, para cursar Estudos Sociais e Geografia, e isso ocorreu em 1992. Depois, decidiu deixar a escola particular em que trabalhava como escriturário, prestou concurso para lecionar na escola pública, a instituição particular deixa seu cargo em aberto, mas Luís é enfático: “\_Eu nunca mais volto, eu vou ser professor, eu quero ser professor”. Tendo se classificado bem no concurso pôde escolher a instituição em que gostaria de trabalhar, escolheu uma escola de renome, soube que lá existiam excelentes profissionais. No intervalo que antecede seu ingresso à escola pública estadual, leciona em

instituições particulares, inclusive, na escola em que trabalhou como escriturário retorna, agora, docente.

Luís também traz em suas lembranças, à vida, um professor-referência. Quem não tem um professor que seja capaz de nos provocar alguma inspiração? O “tio Luís”, carinhosamente assim chamado, concede-nos orientações de como ser um bom professor, o que requer tempo, estudo, dedicação. A preparação da aula leva o docente a desenvolver um trabalho “artesanal”. Além disso, como diz o Prof. Luís, “a profissão docente ela é uma coisa muito solitária”, só quem é professor sabe realmente os desafios que esta profissão nos impõe, somos realmente “talhados” na sala de aula, a vivência do dia a dia, os desafios, as dificuldades enfrentadas, o tempo que é necessário à preparação de cada aula requer atenção a detalhes, que sob condições precárias de trabalho, todo desenvolvimento da aula fica difícil de acontecer como deveria. É o direito de ensinar, negado.

O Prof. Luís também comenta sobre a questão da “progressão continuada” e que da forma como foi “implantada”, tem mais colaborado para o rebaixamento da qualidade do ensino.

[...] no Estado de São Paulo eu acho que uma das coisas que mais é... colaborou para que a escola pública é... caísse, eu acho que foi a progressão continuada. E... eu acho que ela desmotivou muitos professores, professores não entenderam a progressão continuada é... e... e como não entenderam, e também não houve uma formação, só foram cobrados, não foram orientados, eu acho que até hoje, ninguém, tem muita gente que não sabe o que é a progressão continuada, e quando você não sabe o que tem que ser feito, nem os líderes que vão implementar sabem como tem que ser feito... não vai ser implementado, e se vai ser implementado, você sabe que entre eu falar que vou fazer e fazer tem uma diferença muito grande, então eu acho que houve um boicote também por... não sei se deliberado por conta dos docentes, porque havia muita cobrança, há ainda, então, assim, é... isso é... foi muito ruim, eu acho que contribuiu muito pro, pra que a escola chegasse no que tá hoje, [...] eu acho... é um dos maiores males hoje, que a escola tá onde tá.

A “progressão continuada” também fora um assunto mencionado e até mesmo analisado por Laura. Segundo Luís, a progressão foi “implantada” de forma que os próprios docentes não souberam, e continuam provavelmente sem saber, como devem colocá-la em prática. O Estado parece-nos indiferente à operacionalização da proposta, e suas consequências para a educação pública. Mas há uma observação importante realizada por Luís “[...] quando você não sabe o que tem que ser feito, nem os líderes que vão implementar sabem como tem que ser feito... não vai ser implementado, e se vai ser implementado, você sabe que entre eu falar que vou fazer e fazer tem uma diferença muito grande, então eu acho que houve um boicote também por... não sei se deliberado por conta dos docentes, porque havia muita cobrança”. O que seria esse “boicote” realizado pelos próprios professores?



Na prática, conforme mencionou Laura, atrelada à progressão continuada está a política do bônus, se o professor admite seus alunos mesmo que estes apenas “copiem”, os docentes receberão o bônus, caso contrário, não. Nesse sentido, o “bônus” funciona como um “facilitador” para que os professores aceitem a “progressão continuada” como “promoção automática”, de forma passiva, sem se contraporem ao Estado. Se for assim, o “boicote” dos docentes de que fala Luís não se dá contra o Estado, mas sim, em última instância, contra a própria docência.

Constatamos, portanto, não só o esvaziamento do processo de avaliação, mas, ao mesmo tempo, uma contradição, outra estratégia do Estado, que afeta a qualidade da educação pública, desarticula os professores, e uma “reação” dos docentes ao que está posto, mas de forma equivocada.

Até o momento da entrevista Luís estava como vice-diretor de uma escola pública, e perguntamos ao professor se ele se compreende como um proletário.

[...] **sim**, me considero porque a gente acaba é... pela formação e pelo tempo de estudo, eu entrei na escola com seis anos de idade, eu estou com 48, eu **nunca** deixei de estudar, nunca deixei de fazer um curso, nunca fiquei um ano parado, atualmente, estou fazendo uma graduação em Sociologia, então, é... nunca fiquei um ano sem tá fazendo um curso, [...], sem estudar, você entendeu, eu estou sempre fazendo um curso, então é... eu vejo os profissionais muito menos qualificados ganhando bem mais, e aí a gente tem colegas e os caras tirão sarro e brincam e tudo mais, ninguém quer ser professor, professor virou o ‘coitadinho’, toda vez que você fala sobre a profissão de professor, e não era assim quando eu era criança a gente falava com professor ou se a gente fosse falar com o professor, nossa era... com tanto respeito, com tanto carinho, [...]. É... você tem profissões, como por exemplo, é... um motorista de ônibus, ganha mais que um professor, você entendeu, então, assim, eu não estou desmerecendo, mas é... você pode ser um motorista de ônibus com Fundamental, você entendeu, você faz um curso lá de qualificação pra poder dirigir o ônibus, e boa, então, a formação, assim, essa formação que foi também elitizada, é... eu acho que hoje com os cursos EAD<sup>73</sup> tá ficando pior ainda, porque é... quando você tem um curso EAD como segunda formação é uma situação, mas hoje nós estamos tendo um monte de professores sendo formados por curso EAD como primeira formação e... bom, não sei, é assim, o futuro eu vejo bastante sombrio nesse aspecto.

Luís reconhece-se como um proletário. Sua resposta é objetiva, no entanto, ele compreende que a proletarização da categoria se dá em virtude do não reconhecimento da docência que está associado, para Luís, sobretudo, ao rebaixamento dos salários. Há profissionais, trabalhadores, com pouca formação se equiparados aos docentes, ganhando mais que muitos professores, mesmo que uma parte destes dedique toda uma vida aos estudos. Mas esse não reconhecimento também se dá pelo Estado, pela sociedade, por muitos colegas da própria categoria, pelos alunos na sala de aula. No entanto, há um limite nessa forma de

---

<sup>73</sup> Educação a Distância.

abordar o reconhecimento, porque se analisamos a questão pela lógica salarial, concluímos que quem é bem remunerado é um profissional “reconhecido”, pensando assim, adotamos uma compreensão burguesa de reconhecimento, onde o trabalho está reduzido a valor de troca e transformou-se em mero meio de sobrevivência.

Ter um bom salário, tendo em vista a sociedade em que vivemos, ou sobrevivemos, certamente, é algo que nos deixa numa situação confortável, especialmente, em relação às lutas de classes, pois é bem mais difícil nos solidarizar com as lutas sociais quando nossa situação econômica vai bem, quando o contrário ocorre, o desemprego, ou os baixos salários, a revolta é uma constante, e a condição de proletariado nos “cai como uma luva”, vivenciamos, assim, nossa condição de classe explorada na carne e na consciência.

Portanto, a questão é complexa, e enquanto existir o capital, existirá a exploração do homem pelo homem. E o que é essa exploração? Esta é em parte evidenciada pela memória dos professores. Agora, se equiparamos o reconhecimento da docência aos altos salários, ao mesmo tempo, reduzimos o reconhecimento ao dinheiro, é o reconhecimento profissional do ponto de vista do capital. Interessante é o processo de consciência. Formas de consciências de classes vão e vem num processo sem fim, marcado pela dialética. Mesmo que o Prof. Luís em alguns momentos de sua fala expresse alguma criticidade sobre sua práxis, em outros, algumas formas de entender a realidade expressam nuances de uma predominante consciência de classe burguesa, o que é resultado do processo contraditório, antagônico que caracteriza a sociedade de classes.

E prossegue o Prof. Luís ao falar da precarização da docência,

[...]. E... eu não sou uma pessoa de luxo, eu não saio pra lugar nenhum, é... uma das coisas que mais é... me faz falta, eu acho que como professor, é a questão da cultura, o acesso à cultura, é... eu sou uma pessoa que leio muito e... mas, cultura não se resume a isso, e eu acho que você não dá o que você não tem, então, assim, é... e hoje você acesso a cultura é... não é barato, não é barato, você vai no cinema mesmo sendo subsidiado, ter cinquenta por cento, você vai no cinema, hora que você vê já gastou 50, 60 reais brincando aí, porque você não vai sozinho, você vai com esposa, você vai com filho, e tudo mais, então, assim, mesmo que for uma peça de teatro e tudo mais, não são baratos, é [...]. eu acho que tá muito difícil pro profissional pra ele se qualificar, porque a gente não se qualifica só em curso, é... o meu lazer, é... eu assisto, [...] vídeo, documentário, ler, esse é o meu lazer, a gente entra... eu não sou aquele profissional que eu saio do serviço, abaixo a porta e acabou, eu só vou ser profissional de novo a hora que eu voltar, professor não é assim, a gente vai pra... [...] casa carregando o trabalho, depois de você ter trabalhado as oito horas, você vai pra casa carregando mais trabalho, pra ficar mais oito horas. [...].

Luís destaca também algumas estratégias do Estado que precariza e enfraquece a categoria dos professores e suas lutas.

E agora esse ano, o Estado tem, além disso, tá criando mais uma modalidade, porque ele fala que paga a gente por cinco semanas, então agora ele tá convocando, porque como ele sabe que a família tem mais facilidade de ir aos sábados pra reunir, ele

está, [...]... praticamente todo mês tá tendo uma convocação [...] para os professores, então, assim, é... eu acho que isso, por exemplo, as férias já foram divididas, é... metade em janeiro, metade em julho, então, eu imagino que esse período de recesso cada vez vai ser diminuído, [...]... na realidade a gente vê aqui no Estado de São Paulo uma forma de desmobilizar a categoria quando você tem efetivo, OFA<sup>74</sup>, quinhentos, categoria F, categoria O, categoria... pra que que é isso, Fundamental, Médio, Infantil, município, Estado, então, você vai subdividindo aí me vem aquela... aquela ideia de que você tem que dividir pra... porque senão o grupo fica muito coeso, o grupo é forte, você tem aí, vamos supor, quase 300 mil professores no Estado, então como você desorganiza se esse grupo se ele tá sólido, então ele divide, [...], é uma estratégia de governo, e isso tá tão enraizado, porque não se faz mais greve, [...] não, não, nem que você fale, porque eu já fiz isso nas reuniões, há um grupo lá, por exemplo, as pessoas não se sentem responsabilizadas pelo grupo, ninguém, a consciência de classe não tem mais, essa é a verdade, eu acho que essa... a minha tese é que essa... essa fragmentação ela acabou com a luta de classes [...], desmobilizou, eu acho que sim, porque... o professor ele não, ele fala assim: 'Ah, a lei, o governo criou um decreto que vai... prejudicar a categoria F', os efetivos não se envolvem, nem o 'O', nem o 'E', nenhuma das outras categorias se envolvem, 'Ah, criou um decreto que vai prejudicar o... 'O' o 'F' não se envolve, o efetivo não se envolve, então, assim, desmobilizou mesmo [...], porque você faz uma greve aí ele fala, o governo cria um decreto lá que o efetivo falta e que o 'F' pode substituir, o 'O' pode substituir, então, [...], cria um mal estar, e outra eu faço greve, e o outro vem, enquanto eu estou defendendo o nosso direito o outro tá me substituindo, [...].

Luís assim como Laura também relata a dificuldade de os docentes, como intelectuais orgânicos<sup>75</sup>, terem maior acesso aos bens culturais, que são fundamentais à formação, sobretudo, de qualquer professor. Porém, em virtude do salário que recebe, Luís não tem condições de usufruir da cultura como gostaria.

Em relação à atividade do professor, Luís fala que aquela não termina na sala de aula, na realidade, durante a aula, o docente realiza exatamente aquilo, que levou horas de planejamento em casa. Os professores de fato realizam um trabalho não pago, corrigem atividades, provas, trabalhos dos alunos, que não são poucos, muitos investem em sua formação continuada, enfim, e isso é feito fora da sala de aula, é em casa, que o professor trabalha mais, muito mais. Isso não seria encarado como um fardo, se o docente pudesse exercer sua práxis em escolas públicas com infraestrutura adequada, salas de aulas não lotadas, se pudesse trabalhar, como ocorre em muitos casos, como efetivo, com salários dignos, e não estando à deriva dos decretos do Estado, que mais parecem desorganizar e destruir a escola pública, que fica vazia de sentido.

---

<sup>74</sup> Para entender um pouco mais sobre as categorias de professores do Estado de São Paulo é possível acessar "O Manual do Professor", texto elaborado pela assessoria jurídica da APEOESP, disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/manual-professor-2015%20(1).pdf>. Acesso em: 26 dez. 2016.

<sup>75</sup> Verificar em Gramsci (1982).

O processo de desmonte da escola pública é lento e gradual, observamos isso, quando o Prof. Luís relembra suas condições de trabalho, e, ao mesmo tempo, denuncia não só as condições a que estão submetidos os professores, não pretendemos generalizar o quadro, mas ele é real em muitas escolas, o que também revela a situação de classe do docente como proletário. Em certa medida, consciência disso tem o Prof. Luís. E essa compreensão colabora para o desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial. Luís apreende parte das contradições presentes na realidade social. E essa apreensão, ao mesmo tempo, sinaliza para Luís que algo não está certo em nossa sociedade.

Outra observação importante, que está para além da precarização docente, e é mais uma evidência de que os professores da Educação Básica pertencem ao proletariado, mencionadas por Luís, são as convocações uma vez por mês que têm ocorrido aos sábados, pois o governo alega pagar o docente por cinco semanas; as férias foram divididas entre os meses de janeiro e julho, metade num mês, metade noutra, ou seja, estão diminuindo, enfim, são estratégias, que revelam as maneiras de o Estado modificar, pouco a pouco, as condições de trabalho do professor-proletário, embora muitos assim não se reconheçam, o que demonstra também o processo de expansão do capital, dada numa situação particular, nas escolas públicas do Estado de São Paulo.

E outra questão significativa que observamos na narrativa do Prof. Luís é a complexificação da divisão social do trabalho dentro das escolas públicas estaduais, e que afeta diretamente a categoria dos professores. Assim é evidenciado, mais uma vez, como o Estado realiza sua estratégia de desmonte, de desmobilização da categoria: professores efetivos, professores “categoria O”, “categoria F”, etc., etc. O professor efetivo é facilmente substituído por um docente contratado, e lembramos mais uma vez das observações da Profa. Laura, não importa para o Estado se um docente de História vai para a sala de aula substituir um professor de Artes, de Português, importa, sim, que alguém esteja lá.

E como os professores estão divididos, dispersos numa “sopa de letrinhas”, numa greve, por exemplo, quando esta acontece, se um docente efetivo aderir à paralisação, não importa, um professor contratado o substituirá na sala de aula, a escola continuará funcionando, e se isso não ocorrer, corre o risco de o professor contratado não garantir suas aulas ou a renovação de seu contrato de trabalho. É a guerra de todos contra todos. De proletários contra proletários. E essas estratégias segregam, enfraquecem a articulação do proletariado. Constata Luís “a consciência de classe não tem mais”. A categoria “se desmancha no ar”, e o que observamos é um processo de individualização-docente, cada um por si, não importa a situação que o outro professor vivencia.

Num sentido geral, essa fragmentação, observada por Luís, se reproduz também por meio da descentralização do ensino, expressa em nossa *Lei de Diretrizes e Bases*: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior, ou seja, cada esfera pública, União, estados e municípios fica responsável por uma “fatia do bolo”. Assim, a categoria dos professores é subdividida em níveis e modalidades, depois nas escolas em subcategorias, e essa divisão é refletida na vida e na consciência de cada um, e esse discurso sobre a descentralização é justificado pela existência de uma suposta democracia, a democracia da sociedade burguesa, pela “autonomia” das escolas, pela “participação” da comunidade nas decisões das instituições escolares, não que isso não seja importante, mas vejamos as causas mais profundas que fundamentam as políticas educacionais.

Como as observações anteriores de Luís estão relacionadas à categoria que defendemos neste estudo? A consciência de classe proletária potencial? Reafirmamos que Luís, assim como os docentes anteriores, apreende parte das contradições presentes na escola e na sociedade. Essas contradições na “consciência individual” sinalizam para os docentes que a sociedade sob os (des)mandos dos governos e do capital não lhes parece assim tão justa, igual e humana. Tais contradições poderão ainda ajudá-los no desenvolvimento de uma consciência de classe proletária potencial, uma forma tênue, fluída de consciência, formada por tendências (contradições) que podem persistir nas memórias de cada um, e que poderão ou não impulsioná-los para uma ação de grupo, ou mesmo de classe, para uma autêntica consciência de classe revolucionária.

Afirmar que um professor apresenta alguma consciência de classe proletária potencial, em meio a uma predominante consciência burguesa, alienada, não significa que afirmamos que o docente expressa uma consciência de classe proletária em si ou para si. E por meio das próprias narrativas, observamos que a categoria segue por caminhos distintos nas memórias de cada um, às vezes com mais avanços que recuos, como é o caso de Artur, e vice-versa, como acontece com Laura e parece ser também a situação de Luís.

Abaixo o professor relata sobre sua militância na APEOESP, e foi questionado se permanece associado ao sindicato, e se este tem representado realmente os interesses da categoria.

[...], eu também militei dentro da APEOESP, [...] continuo associado, [...], mas eu saí do... do... do grupo. É... eu cheguei ser representante estadual da... da APEOESP [...] daqui da subsede, então, [...], como representante da estadual é... eu pude ver como a APEOESP funcionava porque assim [...], nem a própria... essa divisão que está acontecendo ela ocorre também dentro da APEOESP, você entendeu, essa subdivisão, então, nem dentro do sindicato, que deveria ser o representante da classe, eles se entendem, e porque, dentro do sindicato, você... o sindicato hoje ele está partidarizado, então, você tem dentro do sindicato é... as tendências cada uma,

uma tendência é... ela tem um viés PSDB<sup>76</sup>, outra tem o viés PT<sup>77</sup>, muito forte, outra você tem um viés, já que é o PCO<sup>78</sup>, o PSTU<sup>79</sup>, então, as tendências elas têm nomes [...] mas elas estão representando partidos políticos, tão representando correntes ali, você entendeu. E aí esses embates eles não chegam a um acordo, nas... quando as assembleias não conseguem chegar a um acordo, é vergonhoso, dá vergonha, um dos motivos de eu ter saído, de tão baixo são os discursos, você entendeu, as discussões, de tão baixas, assim, a ponto de agressões e ofensas pessoais, nem parece aquele grupo que você fala assim, eu penso, assim, os professores deveriam ser a elite intelectual do... do país, a gente pensa o professor como 'guardião moral' da sociedade, porque se você não tiver ética, se você não tiver, você não consegue educar, tem que ter um mínimo de postura e tudo mais, e isso tudo tá arrebatando dentro da sala de aula.

A história de Luís é também marcada pela militância no sindicato, um traço de sua memória-política que está em unidade com sua memória-trabalho. O professor já foi representante estadual pela APEOESP. Luís observa também que a instituição sindical, assim como constataram Laura e Artur, está partidarizada, aquela fragmentação que está presente na categoria, também se reproduz no sindicato, a luta não é favor dos interesses dos professores, mas sim, dos partidos políticos que adentraram as instituições sindicais, o que nos delineia um quadro de como as lutas de classes são cooptadas pelo Estado, pela política, pelo capital. Trata-se de outra contradição apontada pelo professor, pois estes instrumentos (partidos e sindicatos) que deveriam unir a classe em torno de uma luta comum têm desmobilizado a categoria e enfraquecem a luta do proletariado.

Diante desse contexto, vale a pena lembrar Bertolt Brecht em seu poema *Elogio da Dialética*<sup>80</sup>,

A injustiça passeia pelas ruas com passos seguros.  
Os dominadores se estabelecem por dez mil anos.  
Só a força os garante.  
Tudo ficará como está.  
Nenhuma voz se levanta além da voz dos dominadores.  
No mercado da exploração se diz em voz alta:  
Agora acaba de começar:  
E entre os oprimidos muitos dizem:  
Não se realizará jamais o que queremos!  
O que ainda vive não diga: jamais!  
O seguro não é seguro. Como está não ficará.  
Quando os dominadores falarem  
falarão também os dominados.

<sup>76</sup> Partido da Social Democracia Brasileira.

<sup>77</sup> Partido dos Trabalhadores.

<sup>78</sup> Partido da Causa Operária.

<sup>79</sup> Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado.

<sup>80</sup> Poema disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/poesiasdetristeza/377543>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

Quem se atreve a dizer: jamais?  
 De quem depende a continuação desse domínio?  
 De quem depende a sua destruição?  
 Igualmente de nós.  
 Os caídos que se levantem!  
 Os que estão perdidos que lutem!  
 Quem reconhece a situação como pode calar-se?  
 Os vencidos de agora serão os vencedores de amanhã.  
 E o 'hoje' nascerá do 'jamais'.

Em alguma medida, os professores entrevistados reconhecem a situação... E o não calar-se corresponde a uma ação e a uma consciência de classe.

Perguntamos ao Prof. Luís se ele acredita que os sindicatos podem ser um instrumento na luta de classes do proletariado contra o capital.

[...] Da forma como está organizado hoje, não, é... porque o que aconteceu os sindicatos eles viraram um... um lugar de disputa dos partidos políticos, pra montar uma base pra chegar ao poder, hoje, como está, e foi exatamente esse o motivo que me levou a sair do sindicato. [...], e pra você mobilizar a categoria quando o Estado, quando aquele outro partido quer fazer algum tipo de manifestação seja se ele estiver no poder ou não, então é... infelizmente, o sindicato ele acaba é... não... representando a categoria, ele acaba representando uma vontade de um grupo. [...] eu acho que como ele já foi, ele poderia ser, mas, a gente... aqui em L, por exemplo, eu acho assim, eu já tentei participando, como eu falei pra você eu me afastei porque eu não consigo, eu não consigo, eu não consegui nada, eu fui eleito, mas sozinho, você não consegue fazer nada, então, assim, essa consciência de classe de que... você tá sendo explorado, e que você é... que você teria como é... contribuir, você poderia... o pessoal não tem essa consciência, sabe, o pessoal não se sente mais, fica difícil você acaba virando, sabe, toda vez você fala a mesma coisa, toda vez você fala a mesma coisa, isso dá um desgaste, você fica anos falando a mesma coisa, e você vê que não vai mudar, e... você perdendo tempo e dinheiro e... chega num determinado momento, você acaba ficando egoísta também, fala: ‘\_Eu vou cuidar da minha vida, porque eu não consigo’ é um dos motivos de eu ter saído do sindicato, mas não ter me desfilado, porque eu acredito.

Luís afirma que o sindicato da forma como hoje se encontra “organizado” não representa um instrumento da categoria para o fortalecimento de suas lutas. Vimos até mesmo que os docentes, devido ao seu comodismo, em sua maioria, não estão dispostos a lutar, porque estão desunidos, fragmentados e sem forças, embora uma parte dos professores reconheça a situação de precariedade em que se encontram, e se dispõem a fazer algo em direção à mudança.

Nesse sentido, Luís confirma os posicionamentos de Laura e Artur a respeito desta questão da representatividade, ou da ausência de representatividade do sindicato em relação aos professores. O que os difere são as atitudes frente à instituição sindical, conservar certo idealismo e não se dissociar, ou lutar pelo sindicato, mesmo em meio a uma situação desafiante e contraditória... Observamos que até certo ponto os processos singulares de consciência dos docentes de alguma forma se aproximam, depois se destoam, por caminhos

distintos, devido à trajetória de cada um, o que não significa que não poderão se aproximar de novo.

Vimos, portanto, como AIE<sup>81</sup>, os sindicatos estão partidizados, e o que existe internamente é uma luta, não pelos interesses da categoria, mas sim pelas lideranças nas instituições sindicais, que possuem interesses políticos. Ou seja, para os oportunistas os sindicatos representam, ao mesmo tempo, uma via para alcançarem o poder político.

Outra observação é como Luís define, em parte, o que significa a consciência de classe proletária: “[...] essa consciência de classe de que... você tá sendo explorado, [...] o pessoal não tem essa consciência”, esse saber-se condicionado, aparece nas narrativas dos professores, no entanto, a consciência de classe proletária não pode ser evidenciada por meio da fala de nenhum dos docentes entrevistados. A consciência de classe proletária em si e para si, só poderá ser explicitada na ação de classe. É na luta social, o seu momento predominante. A consciência de classe, enriquecida pela teoria, pode influenciar no curso das lutas; as lutas, nessa forma de consciência. A relação é de reciprocidade dialética.

Perguntamos também ao Prof. Luís se o sindicato promove cursos de formação à categoria.

[...] Olha eu só vi, no período em que eu fiquei na APEOESP, que foi de 2000 a... 2006, você vê em seis anos eu vi apenas um curso de formação é... que falava que assim um curso que foi dado pelo pessoal da CUT que falava, realmente, de formação mesmo, ele mostrou como foram os movimentos dos trabalhadores em Educação desde do início, como que foi a articulação do movimento trabalhista no país, como que surgiu, falando dos anarquistas, das indústrias, e aí depois [...] se não me engano, acho que foi em 2002, [...] é... acho que 2002, 2003, [...] mais nenhum curso. [...] Você quer saber de uma coisa, os professores eles não conhecem, eles não conhecem a história dos movimentos é... das lutas, [...], dos principais movimentos que houve, as principais revoltas, sabe, o porquê que aconteceram, porque assim, a imagem que a gente tem é que... é... o povo não participa, o meu mestrado foi em cima da... eu estudei o Conselho Municipal de Educação de L, e as categorias foram participação e cidadania, então, assim, a ideia é que, [...] não tem essa consciência, então, eles só participam pontualmente, só pra reivindicar alguma coisa, [...]. Eu falo assim os que ainda se mobilizam se mobilizam assim [...] dessa forma, pontualmente. Na escola eu posso te assegurar que menos da metade participa, os últimos movimentos grevistas na escola em que eu estou é... tem participado em torno de dez por cento, e eu vou dizer que o último movimento que teve nem eu participei, [...].

O Prof. Luís lembra que, num período de seis anos, apenas um curso foi promovido pelo sindicato para os professores. Formação que, inclusive, foi importante para que Luís pudesse compreender a história dos movimentos, das lutas sociais, em especial, das lutas da categoria. Este é também o papel dos sindicatos. Estas instituições que deveriam funcionar, sobretudo, como *escolas de formação*. Compreender este cenário histórico, que não deixa de

---

<sup>81</sup> Aparelhos Ideológicos do Estado, ver (ALTHUSSER, 1980).



representar uma memória-política das lutas dos professores no país, é importante à formação da consciência de classe proletária potencial, pois situará o professor histórica-social e politicamente no meio em que vive, ajudará a reconstruir sua identidade.

Acontece que nos dias de hoje, devido à sua organização e rigidez hierárquica, os sindicatos contradizem o motivo de seu real surgimento que se deu em meados do século XVIII, período de intensa expansão do capitalismo. No século XIX na Inglaterra, em 1824, é quando se conquista o direito de “livre associação”, porém anterior a esse período as associações já existiam, no entanto, eram violentamente perseguidas pelo desempenho de suas atividades (ANTUNES, 1979).

[...] estes [os sindicatos] nasceram dos esforços da classe operária na sua luta contra o despotismo e a dominação do capital. Os sindicatos têm como finalidade primeira impedir que os níveis salariais coloquem-se abaixo do mínimo necessário para manutenção e sobrevivência do trabalhador e de sua família. Os operários unidos em seu sindicato colocam-se de alguma maneira em pé de igualdade com o patronato no momento da venda de sua força-de-trabalho, evitando que o capitalista trate *isoladamente* com cada operário. (ANTUNES, 1979, p.12, grifo do autor)

Amenizar os impactos da exploração sobre a vida do proletariado, eis aí também o papel dos sindicatos. Por meio dos depoimentos dos professores, não constatamos um real sentido de organização, de reunião dos docentes, que poderia criar alguma solidariedade de classe entre os professores, e fortalecê-los em suas lutas ainda que pontuais. Além disso, os docentes não se sentem representados pela instituição sindical, e a alteração da estrutura que hoje está posta parece ser algo impossível de acontecer, sem falar que os sindicatos se tornaram instituições altamente burocratizadas. Por meio das falas, vimos que não são promovidos cursos de formação, ou se acontecem, são infrequentes, poucos, e o que percebemos é também um esvaziamento da função social do sindicato, que é exatamente o de defesa dos interesses da categoria, ou seja, prioritariamente, travar uma luta econômica, imediata, contra os processos de exploração fundamentais à expansão do capitalismo.

Outra observação pertinente feita por Antunes (1979) é que a grande força que o proletariado possui centra-se em sua quantidade, e quanto mais o capital se expande, torna-se também maior a classe dos proletários. No entanto, a força dessa quantidade é anulada ou enfraquecida à medida que a classe se fragmenta.

Vimos, por meio das narrativas dos professores, que o Estado dividiu os docentes em subcategorias, acirrando os conflitos entre os próprios professores-proletários, estratégia que reproduz um intenso processo de individualização nos professores que, em última instância, se “boicotam”. Observamos que o Estado cria mecanismos para que os próprios docentes prejudiquem a si mesmos. Além disso, o autor *supra* também destaca a multiplicidade de

sindicatos. Vários sindicatos para representar uma mesma categoria, algo desnecessário. Este também seria um reflexo da fragmentação das categorias profissionais, por meio da disseminação dos sindicatos.

Antunes (1979) destaca as várias correntes que caracterizam o movimento sindicalista: anarquista, reformista, sindicalismo cristão, corporativista e concepção comunista. No que se refere ao Brasil, com o desenvolvimento tardio da revolução burguesa e do próprio surgimento do proletariado e da burguesia no século XX, o movimento sindical no país sofreu forte influência das correntes anarquista, socialista, devido aos imigrantes que vieram pra cá e muitos se dirigiram para o trabalho nas fábricas, o que favoreceu igualmente a criação do movimento sindical no Brasil. Mas outra concepção mencionada pelo autor predominará nas instituições sindicais no período da ditadura varguista, do Estado Novo (1939-1945), cujos ramos permeiam até hoje. Trata-se da concepção corporativista, que data das primeiras décadas do século XX, e que se originou na vigência do fascismo na Itália.

Seu aparecimento só foi possível através da violenta repressão ao movimento sindical e operário antifascista, acabando com as verdadeiras lideranças operárias, além de uma prática de intensa manipulação das massas populares. Em 1927 Mussolini decretou a Carta Del Lavoro que organizou os sindicatos italianos nos moldes corporativistas: as corporações tornaram-se subordinadas e dependentes do Estado fascista. (ANTUNES, 1979, p.28)

Por aqui ocorreu algo similar. A cooptação do movimento sindical no Brasil, sob a influência do fascismo, ocorreu na década de 1930. E essa “regularização” permitiu que os sindicatos continuassem a existir sob intenso processo de controle e repressão. Não esqueçamos que a *Carta Del Lavoro* de Mussolini “inspirou” igualmente nossa Constituição de 1937 e o desenvolvimento da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Esse processo de *Legalização da classe operária*, título da obra de Bernard Edelman (2016), converteu a associação dos operários, a greve, em direitos, o que certamente enfraqueceu a autenticidade das lutas sociais do proletariado, submetendo-as à legalidade jurídico-burguesa, possibilitando a perda de sua realidade de classe. Segundo Edelman (2016, p.22, grifos nossos) “[...] a astúcia do capital é dar à classe operária uma língua que não é a sua, a língua da legalidade burguesa, e é por isso que ela se exprime gaguejando, com lapsos e hiatos que às vezes rasgam o véu místico [...]”.

Na perspectiva comunista, especialmente, leninista, citada por Antunes (1979), os sindicatos não deveriam ser transformados em órgãos estatais, e teriam um papel fundamental no processo de transição do capitalismo para o socialismo. O autor menciona que Lenin compreendia que os comunistas deveriam fazer parte do sindicato, exatamente diante da

necessidade de transcender a luta trade-unionista, economicista, em direção a uma luta política, mais ampla, “aproveitando os vislumbres de consciência política que a atuação econômica introduz no operário e elevando esta consciência ao nível de uma consciência revolucionária” (ANTUNES, 1979, p.30). E ressalta também o papel duplo dos sindicatos no período da ditadura do proletariado, tendo em vista, o contexto histórico da Rússia em 1917, “[...] de um lado, através das lutas diárias dos sindicatos que as massas aprendem a caminhar em direção ao socialismo. De outro, [...] são uma ‘reserva de força’ do Estado”. Além disso, nesse período de transição, os sindicatos teriam o papel de organização e direção da produção, a fim de evitar as investidas contra-revolucionárias daqueles considerados inimigos da revolução. E sobre sua dimensão pedagógica: “Os sindicatos devem também se preocupar com a formação ideológica dos trabalhadores, [...], fornecendo a educação política necessária para que os operários entendam e trabalhem pela construção da sociedade socialista” (ANTUNES, 1979, p. 32).

Mas há ainda outra leitura interessante a respeito dos sindicatos realizada por João Bernardo (1997) em seu artigo *Crise dos Trabalhadores ou Crise do Sindicalismo*<sup>82</sup>, que nos parece pertinente aos dias atuais.

Porém, a estrutura sindical (pelo menos tal como é comum considerá-la) tem um caráter acentuadamente corporativo, que cria obstáculos ao desenvolvimento de qualquer luta e à sua generalização a outras camadas de trabalhadores. Os fundos de um sindicato são empregados exclusivamente no âmbito de uma dada categoria profissional e de uma dada região, mesmo que para esses trabalhadores, nessa zona, não esteja em curso nenhuma forma de luta coletiva. E assim, como não são dedicados de imediato à solidariedade com as ações de outros trabalhadores, em diferentes regiões do país ou em qualquer outra parte do mundo, esses fundos têm de ser rentabilizados. O primeiro passo é um investimento fundiário, a aquisição da sede, de preferência numa rua onde os terrenos se valorizem. Outros passos se seguirão. A alternativa é simples. Ou a totalidade dos fundos sindicais é gasta em manifestações de solidariedade, ou é aplicada de maneira a não perder o seu valor. Uma estrutura de tipo corporativo leva obrigatoriamente à segunda alternativa, transformando esses fundos em investimentos capitalistas. E basta isto para que os dirigentes sindicais não se limitem a gerir a força de trabalho, a negociar com os patrões e a colaborar na administração do mercado de trabalho. Eles tornam-se *gestores capitalistas* propriamente ditos, administradores de investimentos capitalistas. (BERNARDO, 1997, p.124, grifos nossos)

João Bernardo (1997), em seu artigo, realiza uma análise de como o capital se reproduz por meio das instituições sindicais, inclusive, por meio das contribuições dos trabalhadores, que compõem o fundo sindical. O autor observa como esses fundos são aplicados a fim de que não se desvalorizem, esse mecanismo reprodutivo do capital, é denominado pelo autor de capitalismo dos sindicatos, e que antes quando havia menos

---

<sup>82</sup> Artigo disponível em: <[http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/4\\_Bernardo.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/4_Bernardo.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2017.

recursos financeiros arrecadados por essas instituições, estas realizavam um papel muito mais ativo, defensivo dos interesses dos trabalhadores, diferente do que observamos hoje, em que os sindicatos, subsumidos não só ao controle do Estado, ligados estreitamente a este, mas ao capital, transformou-se numa verdadeira empresa, cujos dirigentes passaram a ser gestores de investimentos capitalistas, considerados pelos trabalhadores como meros “organismos prestadores de serviços”. “Em vez de lutarem contra as administrações das empresas, as direções sindicais concorrem frequentemente com elas num mesmo mercado de prestação de serviços.” (BERNARDO, 1997, p.125).

Mas não é só isso. Segundo o autor, diante da complexificação do capital, do desenvolvimento das tecnologias, o proletário atual não é apenas explorado física, mas, sobretudo, intelectualmente. Os trabalhadores que se encontram nas indústrias e colaboram para o desenvolvimento científico-tecnológico tem sua capacidade intelectual ainda mais extenuada. Além disso, diante do desenvolvimento tecnológico, o trabalhador necessita também ser mais produtivo, neste caso, ser produtivo significa produzir muito mais, qualificar-se mais, em tempo cada vez mais estreito. João Bernardo (1997) também discorda dos autores que defendem a tese da diminuição do proletariado, ou o fim do trabalho. Na concepção do autor tal classe ao invés de diminuir, aumenta, e se muitos proletários são jogados nas fileiras do desemprego, muitos passam a trabalhar informalmente, isso não significa que não reproduzem o capital, e outros tantos serão empregados no setor de prestação de serviços, trabalhando temporária e precariamente, serão terceirizados, enfim, há um vasto mercado de serviços que se expande e que está igualmente subsumido aos mecanismos expansionistas e exploradores do capitalismo. João Bernardo compreende ainda que estão sendo maciçamente proletarizadas categorias, citamos aqui uma delas, que antes eram compostas por “profissões liberais, sobretudo médicos e professores” (BERNARDO, 1997, p.129-30, grifos nossos). No entanto,

É conveniente deixar bem claro que o processo de proletarização não transformou em proletários a totalidade dessas pessoas. O que antes ocorreu foi uma alteração dos *métodos* e da disciplina de trabalho, que passaram a ser do mesmo tipo dos que se encontram nas fábricas. As hierarquias sociais reorganizaram-se no interior daqueles ramos de atividade, consoante um modelo puramente capitalista. A grande maioria desses profissionais converteu-se em proletários, em *trabalhadores produtivos*; os restantes asseguram a sua supremacia enquanto capitalistas, geralmente gestores, administradores, em casos mais raros proprietários privados. [...]. Mas o caráter produtivo ou improdutivo de uma dada atividade em nada diz respeito ao seu produto concreto nem à eventual materialidade desse produto, nem ao lugar que ele possa ocupar na circulação da totalidade dos objetos econômicos. *A categoria trabalho produtivo não se refere aos produtos, mas ao próprio trabalho enquanto processo. É o tipo de relacionamento social em que uma pessoa se insere, sob o ponto de vista da perda ou da detenção do controle sobre o tempo de atividade e sobre as decisões econômicas, que define o seu trabalho como produtivo*

*ou improdutivo.* Como os ramos profissionais recentemente proletarizados obedecem a formas de organização em tudo idênticas às que imperam nas fábricas, a grande maioria dos seus membros são trabalhadores produtivos, incluindo-se os demais entre os capitalistas, enquanto participantes dos níveis hierárquicos superiores.

Embora a discussão se estenda um pouco, a contribuição contida nas análises de João Bernardo (1997) é significativa à compreensão de nosso contexto histórico. O autor analisa as causas que têm levado ao processo complexo de expansão do proletariado, tendo em vista as mudanças ocorridas no mundo cada vez mais amplo do trabalho, e apresenta também uma concepção diferenciada de trabalho produtivo e improdutivo. O trabalho produtivo não se restringiria à produção de mercadorias, reduzido ao trabalho que transforma a natureza. Parece-nos que o autor desenvolve uma concepção de trabalho produtivo ampliada e que se relaciona ao modo como o trabalho é realizado.

A partir da concepção do autor, poderíamos considerar que o professor não só da Educação Básica, mas também do Ensino Superior são trabalhadores produtivos e proletários? Cremos que sim. As narrativas dos professores denunciam aqui não só um processo de exploração da capacidade de trabalho dos docentes, mas, sobretudo, como os professores, paulatinamente, perdem o controle de sua práxis educativa. A respeito da escola pública do Estado de São Paulo, vimos algumas dessas estratégias. Já em relação aos docentes do Ensino Superior, não seria a “produtividade acadêmica”, uma forma de não só desvalorizar a docência, e isso tem sido feito pelos próprios docentes, assim como uma maneira de perder o controle sobre a práxis educativa?

Além disso, João Bernardo (1997) destaca a necessidade de atualização cultural dos sindicatos em relação à cultura do proletariado diversa, e explorado intensamente pelo modo de se desenvolver e expandir do trabalho produtivo, diferente daquele realizado no século XIX. O trabalho sofre metamorfoses, a classe proletária se complexifica, amplia-se, o capital é transnacional, e os sindicatos subsumidos ao capital, tornaram-se instituições pouco ou nada representativas dos interesses dos trabalhadores, é mais uma empresa prestadora de serviços consultivos, especialmente, reduzindo-se a um local de orientações jurídicas aos trabalhadores. E o sindicato não pode ser só isso.

Questionamos o Prof. Luís sobre a existência em nossa sociedade de uma classe dominante, em caso de afirmação, perguntamos quem seriam os representantes dessa classe social e o que leva a ser dominante.

Com certeza. [...] O capital. [...] tem alguns profissionais que eu acho que eles estão no topo, eu acho, são quase deuses, e... eu acho que são os médicos, estão entre esses profissionais, os empresários, e eu acho que esses são... inclusive, assim, é... mesmo os empresários de... pequenos empresários, eles, eles a forma com que eles

se colocam, mesmo com uma formação, porque o pessoal que tem a medicina, tem uma formação, pelo menos cultural maior, mas você percebe que não é a mesma dos pequenos empresários, e eles têm uma forma de se colocarem bem diferente, eu acho que isso é... mas o que faz toda a diferença é o capital, é o capital.

Indagamos ainda se ele pertence à classe social dominante.

Ah... não me reconheço, não me reconheço. Aliás, eu já é... eu tenho um amigo que é empresário e... tá com uma semana, inclusive, e eu estava conversando com ele exatamente sobre isso, e... ele pegou e falou assim: ‘ \_ [...] você faz parte de uma classe dominante, você faz parte da classe é... da classe B, assim, [...] é, uma classe média alta, não me reconheço, não me reconheço, até porque é assim é só ver onde eu moro, como eu me visto, o que eu uso, onde eu frequento, eu não consigo frequentar os mesmos lugares, ir nos mesmos lugares, você entendeu, então eu vejo assim, por exemplo, tiveram as óperas, vamos supor, que tem em São Paulo, aquelas grandes a... as grandes apresentações, por exemplo, [...], eu não consigo ir, não consigo, você entendeu, então, assim, como é que você vai adquirir cultura? Você não vai, e eu tenho esses amigos que vão, vão, comentam, e eu fico, porque você conversa com o cara, o cara nem tá na área, vai, conhece, e conversa e você vai ficando pra trás, ‘ \_Pô eu também estou ficando cada vez mais...’ . [...]! Qual o salário base dos professores? E é isso aí que o pessoal não entende, você entendeu, você pega o salário base do professor, porque o professor, vamos supor você tá recebendo um valor, vamos supor, de quatro mil reais, [...], só que o salário base é mil e duzentos, hora que você se aposentar é isso que você vai receber, entendeu, é tudo gratificação, é isso, é... são incorporadas, que nem são incorporadas, [...], então essas, essas, essas situações você sabe que hoje é de um jeito, amanhã é de outro, hoje o professor na rede pública pra você conseguir um aumento você tem que passar numa prova de mérito, eu passei nas duas que tiveram, [...] ... [...]. Agora, o governo já não dá os reajustes da inflação, que é o mínimo, os reajustes não, **reposição**, não é nem reajuste, é **reposição** das perdas inflacionárias, então, assim, reajuste nós não temos há muito tempo, se a gente pegar o índice o DIEESE<sup>83</sup>, por exemplo, é... a gente deveria ter um salário equiparado às categorias que têm a mesma formação, de no mínimo cinco mil, você entendeu, então o piso hoje a média salarial é dois mil, então eu consegui um diferencial dos colegas porque eu tenho passado em todas as provas, isso já me deu uma diferença de trinta e cinco por cento de salário em relação aos colegas, mas eu não posso nem falar pra ninguém, eu tenho vergonha de falar, porque eu tenho colegas melhores que eu, assim que são... extremamente compromissados como eu, você entendeu, [...].

O Prof. Luís reconhece que vive numa sociedade de classes, afirma a existência do capital, e de uma classe dominante, que não é a sua, e como esta classe é composta, ou pelo menos parte dela, por médicos, empresários, pequenos empresários. Essa forma de entender o real também pode contribuir para o desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial.

No entanto, de acordo com o trecho acima, o professor revela um misto de formas de consciências de classes, pois, ao mesmo tempo, que ele não se reconhece como pertencente à burguesia, que vive numa sociedade dividida em diferentes classes, o que nos revela alguma criticidade em sua visão de mundo, Luís deseja ser valorizado como docente, mas como já mencionamos, do “ponto de vista capitalista”. Ter um salário mais alto, enquanto professor,

<sup>83</sup> Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos.

para que também possa fruir dos bens culturais, que, infelizmente, se encontram subsumidos ao capital, parte deles se tornaram bens acessíveis à classe dominante. E esta observação nos revela um processo de consciência que ora transita por uma consciência de classe burguesa, ora por uma consciência de classe proletária, que só existe potencialmente.

E outra estratégia do Estado, que nos parece realmente especialista nisso, que causa “um mal estar entre os docentes”, fragmentando ainda mais a categoria dos professores, são as “provas do mérito”. Além das “avaliações” estarem estritamente vinculadas ao incentivo financeiro, ao reajuste salarial, que o professor, ao ser aprovado, poderá adquirir-lo, o fato de parte dos docentes não ser aprovada, por motivos que às vezes não se referem à incapacidade profissional ou intelectual dos professores, cria uma cisão na própria categoria, mais uma, entre os “professores concursados aprovados nas provas do mérito”, e os “professores concursados não aprovados nas provas do mérito”, temos aí, mais uma subcategoria criada pelo Estado, que coloca professores-proletários contra professores-proletários.

Perguntamos, então, a Luís a que classe social ele pertence, e de acordo com a sua resposta, questionamos qual era a relação da classe social dominante em relação à sua classe.

Eu me considero proletário. [...] Eu, eu me considero proletário hoje, no sentido de assim eu sou, eu acho que eu sou um *trabalhador da Educação* [grifos nossos] hoje é... ele não é mais, não esteve mais, não está mais naquele, naquela elite igual foi na década de 1950 ou 1960, eu acho que... [...] eu acho que não, eu acho não, eu tenho certeza, eu acho que não há um *reconhecimento* [grifo nosso]. Não há um reconhecimento, eu acho que isso é que mais mata hoje o professor, não é nem a questão salarial, [...] porque é assim, eu tenho uma colega que é professora ela foi... ela é doutora... ela é... pós-doc... ela foi pra... pro Canadá, chegando lá ela foi bem tratada e tal, a hora em que descobriram que ela era professora, nossa! Era Deus no céu e ela na terra, então, e aí a hora em que ela falou que era professora universitária então, aí, meu Deus! Hoje, aqui, eu tenho amigos que não podem mostrar o diploma de doutorado na faculdade, senão são demitidos, e eu tenho, eu não tenho um exemplo disso, eu tenho dúzias de amigos que não mostram o diploma de doutorado, você entendeu, porque até o de mestrado as universidades contratam, as particulares contratam até vir o pessoal do MEC<sup>84</sup> e fazer a inspeção, depois demite todo mundo pra pagar menos, você entendeu, então qual o estímulo que você tem, se nem o Estado, por exemplo, eu fiz um curso de mestrado no Estado eu demorei, [...], eu demorei cinco anos, aí é... sabe quanto eu tive de reajuste? Cinco por cento, eu terminei em 2010, tá, aí sabe quando que esse reajuste foi incorporado ao meu salário? Em é... em janeiro agora de 2015, por quê? Porque a... a Secretaria de Educação é... eu mandei toda a papelada, aí vai pra um órgão, aí é aquela burocracia enorme, aí depois volta falando que tá faltando documento, aí você manda, aí outro fala: ‘\_Tá faltando tal coisa’, sempre tá faltando alguma coisa, aí eu falei: ‘\_Por que a coisa não vai?’ ‘\_Ah, a tua dissertação não se enquadra tem que ser na, na... pra receber os cinco por cento tem que ser na disciplina que você fez’, eu falei: ‘\_Gente do céu, o meu primeiro capítulo, ninguém leu?’, ninguém leu nem o título da, da coisa, porque o título fala de participação e cidadania, eu sou professor de **Geografia**, participação e cidadania são temas transversais! [...], aí eu escrevi um artigo justificando o como eu iria utilizar a minha disciplina com a minha dissertação, tá, [...].

---

<sup>84</sup> Ministério da Educação.

Luís se considera um proletário. E qual o parâmetro adotado pelo professor para que ele se compreenda como parte do proletariado, a classe social revolucionária na perspectiva de Marx? O reconhecimento pela sociedade, e até mesmo pela própria classe dominante em relação aos professores. A desvalorização da docência do ponto de vista do capital, a falta de reconhecimento social do professor, pela atividade que realiza, leva Luís a se reconhecer como um professor-proletário, um *trabalhador da Educação*. Esta representação também foi utilizada por Artur, diferente de Laura, que se refere à categoria como *profissionais da Educação*. Tratam-se de modos particulares de o proletariado se entender, se revelar.

Luís, em seu clamor, misturado à denúncia pelo reconhecimento dos docentes num país como o Brasil, que desvaloriza, denigre seu sistema educacional público, relembra o caso de sua colega, uma professora-doutora, que foi reconhecida, acolhida, pela função que exerce, num país bem diferente do nosso, o Canadá. Por outro lado, ele se lembra de alguns colegas que por aqui, para venderem a sua capacidade de trabalho às instituições particulares de ensino, precisam ocultar seus diplomas de doutorado, para que sejam contratados, e não demitidos após as inspeções do MEC, o que nos mostra mais um traço de desumanidade do capital, e de que forma ele se reproduz.

Ao reconhecer-se assim, Luís evidencia alguns limites de sua consciência de classe proletária potencial, e como essa consciência se mescla e a ela se sobrepõe formas de consciência de classe burguesa, alienada. É provável que Luís almeja, não transformar a realidade social, mas, apenas uma luta pelo reconhecimento da docência por esta sociedade capitalista.

Perguntamos a Luís se ele acredita que a forma de ensinar os conceitos científicos é neutra, e se o seu modo de ensinar pode contribuir para a luta do proletariado em relação ao capital, já que a maior parte dos filhos do proletariado se encontra na escola pública.

Olha, eu sempre na sala de aula, eu sempre me posicionei assim, eu passo a parte teórica, e eu... e eu sempre deixei muito claro que eu tenho um posicionamento e que todas as pessoas têm que se posicionar, eu não acredito que, que seja neutro, e eu falo: ‘\_Este é o meu posicionamento’ por que que eu estou falando que eu sou assim, se eu tenho uma visão é... minha visão de mundo é uma visão mais à esquerda, mais marxista, então eu tenho essa concepção comigo, então, eu falo: ‘\_Existem outras concepções’, aliás, essa nem é a dominante hoje, na própria escola eu tive, eu tenho uma colega que tudo que eu passava na aula, ela desfazia na outra aula, era de História, eu sou de Geografia, ela é de História, ao ponto de os alunos chegarem pra mim e falarem assim: ‘\_Professor, vocês vão matar a gente, porque você fala uma coisa, e ela fala outra completamente diferente’ e eu falo: ‘\_Que maravilha, ótimo, vocês agora têm como pensar, não é um pensamento único’, mas isso é muito difícil acontecer, então, assim, eu nunca impus o meu pensamento, mas eu sempre é... fiz questão de mostrar na sala de aula, assim como eu me posiciono, todos têm que se posicionar, não existe neutralidade. Toda vez que você não se posiciona, você tá favorecendo um outro grupo. [...] não se posicionar já é um posicionamento. Então, por isso que as pessoas têm que se posicionar, porque senão,



não muda [...]. [...] Sim, eu acredito. Eu acho que ainda, a coisa não desandou [...] porque eu acho que [...] tem gente que pensa assim.

O Prof. Luís afirma que expressa um posicionamento de classe na sala de aula diante da impossibilidade de uma postura neutra do professor, resposta que reafirma as posições de Laura e Artur, que sua visão de mundo está “mais à esquerda”, e que a expressão de diferentes posicionamentos pelos professores ao ensinarem os conteúdos escolares, é positiva, pois possibilitam aos alunos a oportunidade de escolha.

Todos os professores realizam posicionamentos de classe na sala de aula, até mesmo aquele docente que diz assumir uma postura supostamente “neutra”, ao agir assim, ele realiza igualmente um posicionamento de classe. Se o professor expressa uma concepção de mundo atrelada ao ensino dos conteúdos escolares, disso não temos dúvida, essa mesma visão poderá apresentar um viés mais revolucionário, ora conservador em relação ao estado de coisas em que vivemos.

Lembramos que, a partir da compreensão do método histórico-dialético, o professor poderá romper, de algum modo, com o ensino fragmentado em disciplinas, porque o método, nas palavras de Saviani (2004)<sup>85</sup>, é uma investigação, mas não qualquer investigação, mas uma reflexão que se caracteriza por ser radical, rigorosa e de conjunto.

Como não falar o professor, dependendo de sua formação e experiência, de partidos políticos na sala de aula, em disciplinas como a de História, Geografia, Sociologia, ou Filosofia, tendo em vista, por exemplo, o momento político em que vive o Brasil?

A instituição escolar não existe isolada da realidade. Os tempos em que vivemos são difíceis, a democracia brasileira se revela como uma *democracia totalitária*, para utilizar os termos de David Harvey<sup>86</sup>, e em tempos de crise do capital, assistimos passivos e ao vivo à diluição de parte do proletariado numa massa de 14 milhões de desempregados, classe social explorada e subjugada aos interesses dos partidos políticos, às artimanhas do Congresso Nacional.

A escola certamente poderá contribuir, de algum modo, para a formação político-filosófica do proletariado, enquanto classe revolucionária, mas isso dependerá da formação político-filosófica do professor. Isso não significa que defendemos transformar a tradição marxista em fundamentalismo, a fim de “catequisar” estudantes na sala de aula. Mas sim,

---

<sup>85</sup> Conferir sobre essa discussão em *Educação: do senso comum à consciência filosófica* (SAVIANI, 2004).

<sup>86</sup> “Harvey: a violência nas ruas e fim do capital”, artigo disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2014/07/31/harvey-a-violencia-nas-ruas-e-o-fim-do-capital/>>. Acesso em: jan. 2017.

propiciar um ambiente aos educandos a fim de que desenvolvam o pensamento abstrato, reflitam filosoficamente sobre os problemas da realidade em que se encontram inseridos, e modifiquem essa mesma realidade.

Trata-se de criar um ambiente favorável ao diálogo. Mas a escola tem sido este lugar, por excelência, que promova, ao ensinar os conteúdos escolares, a “liberdade de pensamento”? Como disse o Prof. Luís, é porque alguns professores tentam ou ainda ensinam numa perspectiva crítica, que a coisa não desandou de vez.

#### **4.6 Profa. Luíza: consciência de classe proletária potencial em suas memórias-trabalho e política**

Nesta parte do estudo, apresentaremos trechos da entrevista realizada com a Profa. Luíza, que atua na Educação Infantil numa escola pública municipal do Estado de São Paulo.

É interessante recorrermos à memória de uma docente que atua na Educação Infantil, pois esta é a primeira etapa escolar da Educação Básica, em que alunos, ainda pequenos, precisam e têm o direito de ser apresentados a um ambiente de ensino e aprendizagem criativo, pedagógico em sua forma de ser, de se expressar, e que lhes possibilite o desenvolvimento de suas potencialidades humanas. Observaremos, então, como a memória desta professora revela sua formação, seus ideais de vida, de educação, sua visão de mundo, suas experiências, sua práxis educativa, e se anuncia nuances de possibilidade de uma consciência de classe proletária potencial.

Indagamos a Luíza o que motivou a escolha de sua profissão, e como foi sua trajetória desde o curso de graduação até seu ingresso na escola em que trabalha como docente.

Bom, eu sempre gostei da área da educação, é desde a adolescência eu me interessava quando passava alguma reportagem, me interessava pelas questões da escola, então eu acho que foi meio que seguindo um curso natural assim das coisas, e quando é chegou na época do vestibular, aquela incerteza do que eu vou prestar, eu retomei, essas vivências, esse interesse que sempre houve, e por já ter uma aptidão maior com área das humanas eu achei que deveria seguir. [...] Bom, eu entrei na graduação em Licenciatura em Pedagogia em 2006, é... já foi logo em que saí do Ensino Médio, é... cursei até 2009, e no fim do ano de 2009, eu já prestei meu primeiro concurso que foi no município de P, aqui próximo, e assim que eu coleei grau eu já assumi o cargo lá em P, e eu permaneci lá por dois anos, dei aula no Ensino Fundamental, é... numa escola de periferia, era um ambiente **bem** difícil, *é a escola em termos estruturais era bem precária, é... a própria questão da organização e da gestão escolar eram coisas que eu batia muito de frente, que eu sentia que havia muitos problemas, e a gente recém-formado sai com um ideal de educação, com um ideal de escola* [grifos nossos], então, assim, foram dois anos bem complicados, e a questão de ter que viajar todos os dias pra dar aula, também pesava um pouco, é... eu estive lá em P por dois anos, 2010 e 2011, aí no final de 2011, eu prestei o concurso aqui de L, ingressei aqui em L em 2012, e por opção, não por não gostar do Ensino Fundamental, eu optei por vir pra cá, pra dar aula no Infantil, por conta das questões estruturais também, porque aqui em L a gente tinha,

ainda tem, salas muito lotadas, no Ensino Fundamental, então, eu confesso que isso me assustou um pouco, porque apesar de eu estar em P, numa escola difícil, é, em um bairro complicado, o meu número de alunos não era elevado por sala, então, dava pra trabalhar com um certo conforto, e... por conhecer um pouquinho da história da rede daqui de L, por conversar com outras professoras daqui, eu fiquei um pouco receosa, em pegar o Fundamental, então, eu optei pelo Infantil, foram as minhas primeiras experiências, na Educação Infantil, eu gostei bastante, é... estou na Educação Infantil desde 2012, passei por duas escolas, aqui em L, muito diferentes, que é uma coisa que caracteriza bem a heterogeneidade aqui do município, que é uma rede grande com escolas muito diferentes, com um ritmo de trabalho diferente, é até com posicionamentos teóricos e metodológicos diferentes, e, então, é mais ou menos isso. Estou na Educação Infantil desde 2012.

Perguntamos também à Luíza o que é ser professor?

O que é ser professor? Eu acho que ser professor é você... trabalhar... a fim de... o que eu posso dizer, não burilar, não moldar o ser humano, mas você contribuir para o desenvolvimento enquanto pessoa humana, então *é você contribuir tanto com o conhecimento, tanto com a instrução, para que ele cresça e possa se tornar um ser humano de fato, um ser humano pleno, e não só alguém que saiba ler, escrever e fazer contas, mas que tem uma visão de mundo mais ampla, é... que tenha, que faça com que o conhecimento lhe dê possibilidade de crescimento, possibilidade de mudança, então, acho que é muito a formação do ser humano, e não a instrução, embora seja é... fundamental pra que a gente possa crescer e fazer as transformações que a gente acha necessário* [grifos nossos]. Então, acho que é bem por aí, é você é... contribuir para o desenvolvimento enquanto ser humano, enquanto todas as possibilidades que o ser humano tem de crescer e de se formar, e de operar no mundo em que vive.

A formação inicial de Luíza provavelmente influenciou no desenvolvimento de seu ideal de educação, de escola, e talvez esse ideal tenha lhe impulsionado a “reivindicar”, ainda que individualmente, algumas mudanças na instituição escolar em que trabalhava como professora do Ensino Fundamental, “[...] *a própria questão da organização e da gestão escolar eram coisas que eu batia muito de frente, que eu sentia que havia muitos problemas, e a gente recém-formado sai com um ideal de educação, com um ideal de escola*”. Observamos que há um movimento relacionado ao seu ideal de educação, à compreensão de que algo está errado na escola, em sua estrutura, organização e gestão, e que é preciso modificar. Este “movimento” que observamos na narrativa de Luíza que a levou a “bater de frente” nos sinaliza para a existência de uma consciência de classe proletária potencial na professora. De nenhum modo afirmamos que neste “movimento” a professora desenvolveu uma consciência de classe em si, mas que alguma insatisfação com sua realidade de trabalho a levou, mesmo que individualmente, a uma ação em busca de alguma mudança.

Luíza também nos revela que as escolas públicas, apesar de situadas num mesmo município, instituições de uma mesma rede, são diferentes, com realidades distintas, inclusive, em relação aos posicionamentos teóricos e metodológicos.

A respeito do ser professor, Luíza menciona que a atividade educativa não se reduz simplesmente à instrução, ao aprender a ler, escrever e contar. A educação escolar, desde a Educação Infantil, está para além da formação daquelas habilidades nos alunos. Além da instrução, a escola, os professores precisam garantir situações de ensino e aprendizagem para que o estudante, ao apropriar de um conhecimento, forme também sua visão de mundo, e transforme-se, ao mesmo tempo, num agente de mudança na sociedade em que está inserido.

Na visão de Luíza, ser professora é colaborar para o desenvolvimento do ser humano de modo pleno.

[...] É... eu acho assim desde a Educação Infantil a gente pode lançar bases para um olhar crítico da realidade, então, é quando você aborda ainda com crianças pequenas é um tema polêmico, por exemplo, é... escravidão, a quem diga que uma criança de cinco anos não vai compreender e tal, *mas eu acho que desde é... da Educação Infantil, desde que trabalha com crianças pequenas você mostrar a diversidade de acontecimentos, a diversidade dentro das relações e fazer com que ela vá compreendendo essas relações de poder, ainda que de forma bem tênue, essas relações de poder, essas relações hierárquicas, essas relações muito desiguais, é eu acho que ainda que de forma natural você vai construindo um conhecimento mais crítico, pra que quando ela cresça, e entenda o mundo com uma perspectiva mais ampla, ela possa identificar quais são os problemas, e tentar agir de modo que possa ajudar a sanar esses problemas* [grifos nossos], é eu não acho que a Educação seja a redentora do mundo, a salvação pra todos os problemas, porque a gente sabe que a Educação ela é uma **parte**, da construção humana, uma parte do mundo, mas que a gente tem vários outros fatores que influenciam é... na dinâmica social do jeito que ela é hoje. *Mas eu acho que a Educação ela é um instrumento, então, você pode educar tanto para a formação de uma pessoa conformada, que, que não tenha um senso crítico apurado, quanto você atuar para uma Educação que dê possibilidade de a pessoa se enxergar no mundo e observar as relações que existem é e se posicionar favorável ou contrário* [grifos nossos]. Então, eu acho que é mais ou menos por aí, não sei se me fiz entender.

Luíza destaca um aspecto da práxis educativa, provavelmente baseado em seu modo de ensinar, que aponta para além da instrução, e que poderá levar alunos ainda pequenos, à compreensão crítica, ainda que de forma tênue, por meio de uma linguagem adequada às suas idades, da realidade em que vivem. Apesar de entendermos que o desenvolvimento de uma concepção crítica de mundo no indivíduo é também imprescindível ao desenvolvimento de uma consciência de classe proletária potencial, isso não significa que o processo educativo se reduza a este aspecto crítico.

A respeito da formação plena do ser humano, mencionada por Luíza, o próprio Marx, em *A Ideologia Alemã*, aponta para a possibilidade de qualquer pessoa desenvolver suas potencialidades humanas, sua criatividade de modo pleno, que na visão de Marx, encontraria um solo fértil apenas numa sociedade comunista. Isso significa, ao mesmo tempo, que na sociedade do capital, essa possibilidade de desenvolvimento pleno é algo que encontra limites, exatamente pelo fato de a organização do sistema escolar estar submetida ao Estado,

e, por fim à sociedade capitalista. E vimos que as dificuldades encontradas pelos professores nas escolas se aproximam, são similares, o que também impõe obstáculos à formação integral do aluno, sendo que o único desenvolvimento, hoje, admissível e que não conhece limites é o do próprio capital.

Luíza, ao falar da atividade educativa, como abordar determinado assunto já na Educação infantil, como o tema da “escravidão”, por exemplo, sinaliza também para alguma dialeticidade que pode ocorrer no desenvolvimento da aula, superando um modelo esvaziado, muitas vezes dependente do material didático, em que o professor a partir do ensino de temas importantes, ao estabelecer a contradição na aula, poderá levar a criança a pensar o mundo de uma maneira “não conformista”, a partir da expressão das contradições presentes nas relações sociais. A criança poderá, nos dizeres de Luíza, apreender minimamente as “relações de poder” que existem em nossa sociedade.

E essa forma de desenvolver a práxis educativa, de posicionar-se diante à abordagem do conhecimento científico, que reflete, inclusive, um posicionamento de classe, é uma escolha dos professores, que optarão por uma aula que simplesmente não questione as causas mais profundas das injustiças, das desigualdades sociais, ou poderão desenvolver uma aula que estabeleça a contradição, que leve os alunos a refletirem sobre os acontecimentos históricos, os problemas sociais que nos afligem, contribuindo o professor para a formação de uma atitude de mudança no estudante dos rumos da sociedade, que poderá aflorar no futuro. Mas a contradição também poderá ser estabelecida no ensino de um conteúdo específico, não só da área de humanas, mas de ciências naturais, por exemplo. E essa forma de ensinar, lembrada por Luíza, poderá contribuir para o desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial, como também nos alunos.

Perguntamos à professora a respeito de suas condições de trabalho na Educação Infantil.

[...]. É... eu atuo numa escola que atende crianças é de três a cinco anos. É... a estrutura física, do prédio em que estou hoje, é até razoável, as salas de aula são amplas, tem bastante espaço, a gente tem uma área externa legal, que dá pra você utilizar, é... as salas de aula têm cerca de 25 alunos, tanto crianças de três anos, quanto crianças de cinco anos, então, todas as salas têm 25 alunos. É... nós não temos é... estagiários fixos, que possam nos auxiliar, a gente tem funcionárias terceirizadas, que atuam como inspetoras de alunos e que ‘quebram os galhos’ quando é necessário, mas assim são pessoas é... que não possuem uma formação adequada pra lidar com essas questões, principalmente pelo fato de serem terceirizadas, não haver um processo de seleção, nem nada disso. É... a gestão escolar é... ela é bem democrática, onde eu estou hoje, a gente discute bastante, é... *mas sempre há momentos em que a... a força hierárquica aparece e por mais que você discuta, e por mais que você entenda que talvez você não esteja de acordo, você tem que acatar algumas coisas* [grifos nossos], mas, assim, questões

estruturais, eu me sinto confortável, em trabalhar ali onde eu estou, mesmo porque eu já tive experiências em outros locais, então, a gente acaba sempre comparando.”

Luíza, quando rememora suas experiências de trabalho em outras escolas, considera que na instituição em que se encontra existe mais diálogo, uma “gestão democrática”, que esbarra, dependendo das circunstâncias, nas relações postas pela divisão social do trabalho, “*e por mais que você discuta, e por mais que você entenda que talvez você não esteja de acordo, você tem que acatar algumas coisas*”. Se em momento anterior, Luíza aponta para uma consciência de classe proletária potencial, quando, ainda que individualmente, “batia de frente” com a gestão da escola, aqui, neste momento, sua consciência recua, e Luíza, que necessita vender sua força de trabalho para sobreviver, “acata” algumas decisões contrárias a seus ideias, à sua opinião, ali decididas.

Questionamos Luíza a respeito do tempo de trabalho do professor.

*[...] E ser professor é uma profissão complicada, porque você não cumpre só as cinco horas diárias dando aula e vai embora pra casa e esquece, você leva os problemas dos seus alunos, você pensa neles, você pensa no que você vai trabalhar, você tá andando na rua e vê uma planta diferente e olha que legal vou levar pras crianças verem, então, você não desliga nunca, [grifos nossos]. Mas é isso assim, eu acho que a questão do tempo, pra planejar e pra refletir, o tempo que nos é posto na carga horária é insuficiente. Porque a gente acaba sendo professor 24 horas por dia, **pensando** nisso 24 horas, estabelecendo as relações, as reflexões, às vezes aconteceu alguma coisa, a criança falou alguma coisa, fez uma observação durante a aula, que no meio ali, você não tem tempo pra parar e pensar naquilo que a criança falou, você vai pensar **depois**, na hora que você tá na sua casa, falar: ‘\_Nossa ele falou assim e tal será que ter a ver?’, então, esse tempo de reflexão do professor, é dentro da escola, dentro do ambiente escolar, muitas vezes não é contemplado, [...].*

Questionar os professores acerca de suas condições de trabalho, a nosso ver, é importante, pois observamos se o docente constata e como determinadas contradições presentes em seu cotidiano de trabalho. A apreensão das contradições é fundamental para o desenvolvimento de uma consciência de classe proletária potencial. A intensidade, o grau das contradições, poderá colocar em movimento classes inteiras. Certas contradições, por fim, são o motor das lutas de classes. O grau da contradição está diretamente relacionado à intensidade da ação e da consciência, e vice-versa.

Quem é realmente professor, o é, como diz Luíza, 24 horas por dia. O professor esteja onde estiver, se viajando, assistindo a um programa de TV, ou andando pela rua, e vê algo interessante que poderia levar para a sala de aula, a fim de enriquecer suas aulas, ele assim o fará, e essa é a boniteza da profissão, do jeito de ser professor.

No entanto, Luíza observa, assim como constataram Laura, Artur e Luís, que o *tempo* disponível na escola para a preparação das aulas é insuficiente para o professor que leva, certamente, muito trabalho pra casa. Como observou anteriormente Luís, o professor não é

como aquele profissional que, ao fechar a porta de seu estabelecimento, vai embora pra casa descansar, e só retornam no dia seguinte. O professor, assim como qualquer proletário, realiza um trabalho não pago e, de fato, ele não trabalha pouco pelo “muito” que recebe, como diz por aí o senso comum.

Perguntamos à Profa. Luíza, diante de sua realidade de trabalho, se ela se considera uma trabalhadora.

Com certeza. [...]. Essa relação de ser ou não trabalhador, é... é uma relação complicada, porque a gente até estuda, na faculdade e tudo mais o que é trabalho, é... se só você só se considera trabalhador se você produz ou não, eu sinto que... pra mim e pros professores de modo geral é complicado você, você se achar trabalhador, muitos não acham, acham que trabalhador é o operário do chão da fábrica, que você é professor, você não é trabalhador. Mas você tem uma carga horária a seguir, você tem uma remuneração, você tem todos os encargos que um trabalhador tem, então eu acho que nós somos trabalhadores, nós somos *trabalhadores da Educação* [grifos nossos]. Embora você não produza é... é algo que vai ser vendido, que vai ser consumido, você produz conhecimento, você produz seres... humanos pensantes, então, eu me considero trabalhadora, e eu considero que os professores são uma... classe de trabalhadores, que tem as suas especificidades, que tem as suas diversidades, mas que são trabalhadores. Porque estão sob o regime que... assalariado, que você tem um patrão, que no caso nosso seria o público, por sermos da rede pública, mas essas relações de poder entre empregado e patrão existem..., dentro da escola, e existem entre professores e governo, por exemplo. Então, não tem como você não se considerar trabalhador, é... se você tem demandas, se você tem conflitos, se você tem **greves**. Como você tem uma greve se você não é trabalhador? Então, eu acredito que sim, que nós somos trabalhadores da Educação.

A professora, ao ser questionada se se considera, ao mesmo tempo, uma trabalhadora, uma proletária, no decorrer de sua resposta, constrói um argumento que em alguns momentos oscila, devido também à especificidade da práxis educativa. Luíza revela uma incerteza a respeito de sua condição de classe, porém ao pensar sobre o trabalho assalariado, a divisão social do trabalho na escola, que os professores também têm um patrão, que existem conflitos e greves, por exemplo, Luíza procura convencer a si mesma de que ela é uma “trabalhadora da educação”, como mencionaram os professores Artur e Luís.

Já discutimos anteriormente a respeito das representações que identificam os professores como “profissionais da Educação” ou “trabalhadores da Educação”. Os docentes precisam ser respeitados e valorizados pela práxis que realizam, são profissionais, no entanto, essas representações implicitamente conservam alguma ideologia que tende ou a considerar que vivemos numa sociedade desigual e de classes, ou simplesmente ocultam que sobrevivemos numa sociedade dividida entre diferentes classes sociais, e as consequências que dela derivam.

Enfim, pode ser mais difícil para os professores se considerarem parte do proletariado, a classe socialmente explorada, e com o potencial revolucionário, porque sua práxis

educativa, diante de sua especificidade<sup>87</sup>, de fato, não transforma diretamente a natureza, em relação ao operário do “chão da fábrica”, que sente na pele e no espírito diretamente as consequências do trabalho assalariado, e isso pode fazer com que ele se reconheça mais facilmente como um proletário.

No entanto, o processo de expansão do capital é inegável, inclusive, nas áreas de atividades consideradas improdutivas e no setor de serviços.

Por isso também não podemos aceitar como uma situação “normal” que um docente trabalhe numa sala de aula com 40, 45 alunos, como também não o é, uma professora de Educação Infantil exercer a sua práxis num sala de aula com 25 crianças e sem a ajuda de um estagiário; não é comum um professor, uma professora, substituir um docente numa disciplina que se diverge de sua área de formação, a fim de “tapar buraco”; de trabalhar numa escola em que o giz não pega, a lousa esfacela, em que os alunos estão indiferentes ao ensino; não é “normal” o Estado implantar, e docentes aceitarem passivamente, a política do bônus, uma “progressão continuada” que desautoriza os professores na sua práxis e que esvazia o sentido do processo de avaliação; não é comum que professores sejam terceirizados pela rede, com parte de seus direitos sociais não garantidos; que os docentes recebam uma remuneração baixa, e, além de tudo isso, não podem contar com um sindicato que os represente. Ou seja, diante do processo de expansão do capital, verificamos que a precarização das condições de trabalho tem sido posta como *regra* e que atinge o proletariado de modo geral, e que muitas categorias profissionais, anteriormente consideradas pertencentes à classe média, compõem hoje as fileiras do proletariado. Se (re)enfatizamos tais condições de trabalho, é porque urge sua transformação.

O fato de a Profa. Luíza, ainda que com alguma incerteza, se considerar uma “trabalhadora da Educação” não significa que, nem Luíza, nem os demais professores entrevistados que se compreendem como proletários, expressem uma consciência de classe em si, muito menos para si. No entanto, o que tentamos fazer aqui é captar alguma memória-trabalho e política que pode nos sinalizar para a existência contingente de uma consciência de classe proletária potencial nos professores. E quando Luíza se reconhece, mesmo com incerteza, como “trabalhadora da Educação”, entendemos, que ela expressa alguma consciência de classe proletária potencial.

Perguntamos à Luíza se, em sua opinião, existe uma classe dominante em nossa sociedade atual, e quem seriam seus representantes e o que a leva a ser dominante.

---

<sup>87</sup> Conferir sobre essa discussão no primeiro capítulo deste estudo.



Eu acredito que sim, que exista é... uma classe dominante economicamente falando, e que acaba por subjugar as outras, porque... é... elas estão no poder, elas estão no topo econômico. E ou você trabalha pra elas, ou você morre de fome. Então, eu acredito que exista sim, não só economicamente falando, eu acho que questão... midiática, cultural. Eu, eu acredito que exista sim uma classe dominante e uma classe... proletária, não sei se seria o termo. [...] Acho que o que leva essa classe a ser dominante, além, não, acho que não além, mas eu acho que principalmente a questão financeira, porque infelizmente dinheiro é poder, então, se você tem o dinheiro, você é dono dos meios, você é dono dos meios de produção, e você é dono dos meios de comunicação, e quem as representa, eu acredito, assim sem citar nomes, né, mas eu acredito que sejam, que são essas famílias, essas grandes famílias, detentoras é... desse poder econômico e... e midiático, porque elas estão com 'a faca e o queijo na mão', então, elas são donas tanto dos meios de produção, de grandes empresas, de bancos e tudo mais, quanto dos meios de comunicação, então, eles moldam do jeito que eles querem, então, você fica meio que cercado por todos os lados. Acho...

As respostas de Luíza se revestem de alguma incerteza sobre a compreensão de uma sociedade a partir das lutas de classes. Ou seja, sua forma de responder as questões pode representar, ao mesmo tempo, um questionar-se de parte do conhecimento adquirido pela docente em sua formação, se, de fato, a realidade pode ser explicada do ponto de vista das classes sociais.

Se esta compreensão num certo sentido se aproxima da verdade, portanto, da realidade, a classe dominante na opinião de Luíza não se reduziria a ser portadora dos meios de produção, mas também de comunicação, que, ideologicamente, têm reproduzido intensamente as ideias da classe que domina economicamente, pois, como diz Luíza “infelizmente dinheiro é poder”.

Já há algum tempo no magistério, a vivência do dia a dia na escola, talvez, exija da professora uma compreensão mais complexa ou específica em relação aos desafios, que tende a enfrentar no ambiente escolar. É fato que esta sociedade de classes existe, mas o cotidiano heterogêneo, *estranho*, o dia a dia do trabalho nos impõe problemas particulares que exigem igualmente explicações pontuais, por isso é tão importante que as pesquisas realizadas na perspectiva marxista “mergulhem” na realidade, para que este conhecimento existente possa ser aprofundado e enriquecido diante as questões históricas, de uma realidade que nos desafia diariamente e nos coloca questões de modo infindo.

Perguntamos à Luíza se ela pertence à classe social dominante, e se a resposta for negativa, questionamos a que classe social ela pertence, e qual é a relação daquela classe com a sua classe social.

Dominante não, não à dominante. [...]. Porque... porque eu vivo de salário. Porque eu dependo do trabalho pra sobreviver. É... eu não sou detentora dos meios. Eu dependo disso. Então... não sou classe social dominante. *Até tenho consciência disso. De que não sou, e de que provavelmente nunca serei. Também nem almejo [grifos nossos].* [...] É acho que é uma relação... de constante tensão. É... entre a

classe dominante que quer se manter, quer manter o *status* deles, e a gente que, às vezes, faz alguma pressão popular, nem sempre, e essa questão da pressão popular é complicada porque às vezes a gente... *por esses acontecimentos que a gente tem visto de manifestações e tudo mais, se confunde um pouco, a consciência de classe com questões políticas diversas, então, nem sempre é... um grupo de manifestantes igual ao que a gente tem visto está diretamente entrando em conflito com a classe social dominante, muitas vezes não. Eles estão mais preocupados com questões é... micro da sua própria classe [grifos nossos], então eu acho que é uma relação de constante tensão, é... e que a gente é muitas vezes subjugado e manipulado, muitas vezes, por essa classe que detém os meios e... e a própria comunicação eu acho que ajuda bastante, o que sai na TV, o que sai no jornal e tal. Se você não tem um olhar um pouquinho mais apurado, você... se deixa levar pela corrente [grifos nossos], então, eu acho que é uma situação muito complicada e muito tensa. Assim, muito até difícil de caracterizar. Porque dentro dessas relações é, embora... de cunho social e classista, você tem relações pessoais, você tem relações de sentimento com as pessoas, então, acho que é uma gama de relações muito difícil de compreender. Talvez só se você se distanciasse muito, olhasse muito de fora, pra você entender, acho que ficam os sentimentos muito misturados [grifos nossos].*

Luíza não se reconhece como parte da classe dominante, e menciona que não almeja e que provavelmente nunca pertencerá a essa classe social que, em relação à sua, a professora entende que se estabelece uma relação de constante “tensão”. Sua compreensão de que não pertence à classe burguesa pode não implicar, ao mesmo tempo, que ela se reconheça como uma professora-proletária, e que, no entanto, não é parte daquela classe social devido à sua condição econômica, de assalariada, pois depende da venda de sua força de trabalho para sobreviver.

Uma leitura que enriquece nossa discussão acerca do desenvolvimento da consciência de classe proletária potencial, e que elucida, de certo modo, é esta “leitura apurada” de que fala Luíza, quando se refere à compreensão das manifestações que marcaram o ano de 2015, em que diz “*nem sempre é... um grupo de manifestantes igual ao que a gente tem visto está diretamente entrando em conflito com a classe social dominante, muitas vezes não*”, ou seja, uma manifestação ou “pressão popular” desorientada política e filosoficamente ou “norteadá” pelos interesses midiáticos e políticos nacionais nos sinaliza exatamente que uma “manifestação” não necessariamente explicita naquele momento histórico uma ação e uma consciência de classe que entrem em conflito com a classe burguesa.

Pelo contrário, uma massa em que esteja ausente um horizonte revolucionário demonstra, simultaneamente, o grau de *estranhamento*, em que a massa se encontra. Esta compreensão dos limites que podem expressar as “pressões populares” e que Luíza nos apresenta, é importante e nos indica a existência de alguma consciência de classe proletária potencial, pois é imprescindível que o próprio proletariado apreenda os limites, as qualidades das ações coletivas e, inclusive, de que forma o proletariado deve realmente se organizar para, de fato, se contrapor aos interesses da classe que domina e do capital.

Além disso, a Profa. Luíza em sua fala, ao analisar a relação entre classe dominante e classe dominada, embora esta não seja mencionada no texto diretamente, vê com alguma cautela essa relação, que não se reduz à tensão, à exploração entre as classes sociais fundamentais, mas que entremeada a essas relações existem sentimentos que as tornam mais complexas. É difícil, senão impossível, identificar e separar os interesses de classes dos elementos psicológicos, emocionais, existentes na consciência de cada um. Esses interesses e sentimentos se misturam, e numa luta entre si podem se revelar, dependendo do contexto histórico, de modo conflitante. Talvez a categoria *momento predominante* de cada elemento em relação nos ajude a discutir, mas não resolver o problema posto por Luíza.

Diante dessa complexidade que o desenvolvimento do processo de consciência nos impõe, pensamos que a consciência de classe proletária exista, de fato, e apenas potencialmente e se revela em graus distintos. O *em si* será o limite da consciência proletária?

Ao comentar Luíza as manifestações que ocorreram no ano de 2015, a não representatividade dos políticos em relação às pessoas que os elegem, uma “saída” para este quadro que vivemos...

É... eu vejo, não sei qual seria a saída, talvez maior pressão popular, mas aí, *eu acredito que assim pra que haja uma mudança mesmo, as coisas tem que piorar muito, e piorar a tal ponto que a pessoa tenha que se mexer, porque enquanto tá ‘pingando’, ‘a torneirinha tá pingando’, você pensa: ‘\_Não, eu tenho minhas contas pra pagar, eu tenho meu filho pra criar’, eu tenho outras demandas, então, eu acho que pra que haja uma mudança radical, as coisas têm que piorar de modo que a única saída seja você ir pra rua e se manifestar e mostrar que tá errado, mas eu acho que ainda não é o momento.* Então, assim e é uma relação histórica, de que... eles são eleitos pelo povo, mas não... não, a partir do momento em que estão lá, não representam mais, representam a seus próprios interesses, seus interesses ideológicos e tudo mais, enquanto classe, seus interesses financeiros, enquanto grandes empresários, então, eu acho que é uma questão muito... pode talvez. Acho. Não sei.

A professora apreende parte das contradições presentes nesta forma de governo atual, ao analisar o processo eleitoral, cujo sistema político-partidário e a representatividade característica de uma democracia indireta, só tem fracassado, cuja tirania dos governos está escancarada em detrimento das necessidades da população brasileira. No entanto, diante de suas reflexões, Luíza, ao expressar formas de sua “consciência individual”, oscila, e ora parece apontar para a necessidade de superação do capital, ora pensa como uma possível “saída”, provavelmente, imediata, para este quadro inglório, a “reforma política”, que, porém, esbarra em seu pessimismo com os partidos que se mostram incapazes de governar o país.

No entanto, ainda que o cenário nacional seja devastador para a maioria dos brasileiros, na opinião de Luíza, é necessário que a situação piore de tal modo, pois como

disse enquanto a “torneira está pingando”, o próprio proletariado persiste acomodado, e só será impelido a ir às ruas e lutar contra a classe hegemônica e suas frações, quando seu limite de sobrevivência se tornar insuportável. Enquanto esses limites não o são, não nos depararemos com a possibilidade histórica de o proletariado desenvolver uma autêntica consciência de classe.

Perguntamos à professora se existe em nossa sociedade uma luta de classes.

Eu acho que existe. Tanto preconizada pelos movimentos sociais, que de uns tempos pra cá, não sei se têm atuado mais, ou se tem mais luzes sobre eles, pela mídia, eu acredito que tenha mais, que... que, que haja sim essa luta de classes, essa pressão, mas por grupos, por poucos grupos, eu acho que, ou de modo individual, *eu acho que essa consciência mais ampla acho que ainda não existe na população em geral, eu acho que é mais uma luta de pequenos grupos ou uma luta sozinho, por exemplo, é uma luta sozinho entre empregado e patrão, questão salarial, por exemplo, ou por questões de condições de trabalho, então, a gente até vê que as demandas dos trabalhadores ainda são muito pontuais, então é... os trabalhadores da metalurgia com as suas demandas, os trabalhadores da... sei lá, automobilísticos com as suas demandas, então, acho que são grupos muito separados, ainda, acho que não existe essa consciência de que todos são classe trabalhadora, então, acho que são demandas, ou individuais ou de pequenos grupos* [grifos nossos]. Tanto dos grupos dos trabalhadores da Educação, por exemplo, que nós temos as nossas demandas, então, às vezes a gente não se enxerga nessa classe trabalhadora maior, por conta dessas especificidades, do próprio trabalho, acho, mas acho que existe sim.

Indagamos Luíza se as lutas das categorias profissionais, que reivindicam seus direitos, interferem, de algum modo, na luta de classes.

Eu acho que interfere sim. Talvez não com toda a força a ponto de uma conquista de grandes melhorias e de grandes avanços, mas eu acho que deve pelo menos mexer um pouquinho, deixar o pessoal um pouco na retaguarda, assim, um pouco assustado. A gente tem visto que há uma saída ainda que mínima da zona de conforto, da zona do comodismo, mas ainda eu acho que essas questões da... da luta popular ainda são bem... dúbias, assim, *acho que não tá totalmente claro o que queremos, como queremos, como alcançar o que queremos* [grifos nossos], mas talvez daqui uns cinquenta anos, não sei. [...] Acho, [...] que o país está amadurecendo, assim embora a gente tenha muitos discursos reacionários, e questões muito equivocadas, assim, mas eu acho que deu uma ‘acordadinha’, saiu um pouco do comodismo, de uns anos pra cá, acho que com o tempo talvez a gente consiga mudar alguma coisa.

E sobre os fatores que interfeririam no “comodismo” do proletariado.

*Acho que principalmente a formação que a gente tem, que a gente recebe é... de que o mundo é assim mesmo, de que você nasceu pobre, você vai ser pobre, então, eu acho que tem muito a ver com isso, talvez a minha visão seja um pouco diferente por conta... dos estudos, da formação, de tudo mais, mas é... antes disso, eu também achava, assim eu via as desigualdades, eu via, que poxa tá errado, mas você meio que fala: ‘\_Ah, mas é assim, é assim mesmo, o mundo é assim’* [grifos nossos], tem pessoas que têm mais, tem pessoas que têm menos, mas quem falou que só você nasceu pobre, você tem que ser pobre o resto da vida? E por que que você nasceu pobre e o outro nasceu rico? Então, eu acho bem, que é bem por aí. Assim, essa questão do comodismo existe... por conta da formação das pessoas, é... a própria questão histórica, de ter passado por um período de ditadura longo, que as pessoas não tinham voz, e não tinham acesso a... ao estudo e a essas outras teorias, então, eu acho que o comodismo no Brasil ele tem a ver um pouco a ver com isso, com a questão histórica, é... com o modelo de educação que a gente teve, e que ainda

tem, que é muito ditada por padrões internacionais, então, eles pensam a educação num país emergente, eles pensam e não nós pensamos, e eles pensam como pra manter do jeito que tá, manter o Brasil como um mercado, enfim, eu acho que a questão é bem ampla, bem complexa.

Se existem as lutas de classes em nossa sociedade, Luíza, no entanto, conclui que elas se manifestam de maneira pontual ou até mesmo individual, e que essas lutas ainda não expressam uma forma de consciência de classe proletária autêntica, até porque o próprio proletariado, denominado pela professora, como “classe trabalhadora”, encontra-se fragmentado, cujas reivindicações são feitas por categorias profissionais, ou até mesmo individualmente, nas lutas entre patrão e empregado, e que ainda não se deram conta de que todos pertencem a uma única classe social, cuja consciência de classe poderia nortear as lutas e interferir nos modos de ação da própria classe. Nos dizeres de Luíza *“acho que não tá totalmente claro o que queremos, como queremos, como alcançar o que queremos”*.

E diante do cenário turbulento que vivemos no Brasil, a Profa. Luíza acredita que ocorreu, minimamente, alguma mudança na forma de pensar e (re)agir de parte da população brasileira em relação às atitudes do governo, e que tem havido sim algum amadurecimento, mesmo em meio à existência de tantos discursos e ações reacionárias.

Mas o que enriquece nossa discussão, acerca do desenvolvimento de uma consciência de classe proletária potencial, é a relação que Luíza estabelece entre comodismo e formação educacional. A ausência de uma formação educacional que promova, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de uma criticidade nos alunos e professores, é considerada como um dos fatores que favorecem o comodismo historicamente produzido, que a população brasileira carrega como um “fardo”, uma espécie de “herança amaldiçoada”, que atravanca de certo modo o desenvolvimento do país. De um país subdesenvolvido, dependente da política e dos interesses das grandes potências externas, que, inclusive, interferem na configuração das políticas educacionais brasileiras, visando, sobretudo, os interesses econômicos. Tal comodismo histórico também é refletido nas ações e lutas do proletariado, cindido em categorias.

Se existe uma visão alienada que “naturaliza” as injustiças, os problemas sociais, que nos torna incapazes de apreender as contradições desta sociedade, da educação escolar, os cursos de formação inicial e continuada de professores poderão, dependendo de seus conteúdos e formatos, colaborar para o desenvolvimento de uma criticidade nos professores que está diretamente relacionada ao desenvolvimento de uma consciência de classe proletária potencial.

O que se evidencia é a relação existente entre uma “consciência individual”, a formação educacional, e a práxis educativa, relação fundamental e que por meio dela poderemos resgatar, de alguma maneira, a visão de mundo dos professores, que, devido à sua formação, suas experiências profissionais, de lutas, e vida, elucidam, sinalizam tenuamente em determinados momentos de suas narrativas, formas, nuances de uma consciência de classe proletária potencial.

Perguntamos à Luíza como as lutas de classes se realizam em nossa sociedade.

Como... Assim, quando você pergunta a primeira coisa que me vem à mente, como ela se realiza de modo **perceptível** e que talvez tenha algum impacto, sejam grandes manifestações, sejam greves, por exemplo, dos trabalhadores, eu acho que quando há uma greve fica nítido esse embate de prole... de trabalhadores e patrões, assim, eu acho que a greve simboliza muito bem essa questão, pra mim, mas eu acho que devem haver outras formas que ela se manifeste, mas, é... é sempre que eu ouço, assim que você me perguntou, eu penso que a maior caracterização desse embate, seja uma greve, porque quando você faz uma greve você para a produção, e por isso que é tão difícil fazer greve na educação, porque você não tem produção pra parar, então, é complicado, você faz greve mas e aí, qual é o impacto econômico, não tem. [...]. Exatamente, fala, ‘\_Não quer trabalhar, não sei o que’, então, é mais complicado. Mas, por exemplo, greve dos metroviários, nossa! Duas horas de greve, eles conseguem tudo o que eles querem, agora greve dos professores é um mês, dois meses, e a mídia cai em cima, de modo negativo, sempre, é interessante essa questão da greve, porque a mídia, geralmente, é... ela enfatiza a perda do direito do cliente, [...]. Exatamente, e aí acaba jogando a população contra a greve, sempre.

E se existe uma ideologia dominante em nossa sociedade.

Acho que sim, acho que existe, uma ideologia dominante sim, que é a... *talvez a ideologia do... que a mídia nos passa de que ‘trabalha que você irá conseguir’, nem sempre, eu acho que existe sim uma ideologia... da qual a gente é bombardeado o tempo todo* [grifos nossos], de que aquela questão que a gente falou antes de que se você é pobre, você é pobre porque você quer, porque você não trabalha porque existem condições para todos, e existe educação para todos, então, o problema é teu, então, eu acho que essa ideologia é muito forte ainda,... de que não vê os problemas sociais como problemas macro, que têm vários fatores que interferem, depositam muita responsabilidade no indivíduo, [...], e existem outras... existem pequenas ideologias, também, que acabam confundindo a nossa visão, por exemplo, a ideologia do corpo perfeito, a ideologia da tecnologia, que hoje, se você tá fora da tecnologia... você, então, eu acho que como, como o mundo está hoje, existe sim a ideologia dominante que se utiliza dessas pequenas ideologias pra confundir a nossa visão de mundo, acho que... que é bem por aí.

Perguntamos ainda à Luíza quem representaria essa ideologia dominante.

É difícil dizer, quando a gente lê, estuda sobre... alguma teoria assim que tem a ver, às vezes, eu fico pensando, nossa mas será que eles pensaram, parece que é uma entidade, que você não consegue identificar, mas quem pensou nisso, nessas coisas tão intrincadas assim pra deixar a gente alienado do jeito que a gente é, não é possível que seja uma pessoa. E às vezes, eu até duvido a acreditar que... que uma pessoa tenha planejado. Que... É tão obscuro, que às vezes... eu não sei dizer quem representa, é meio que o *1984* do George Orwell, lá, que você não sabe, parece que é uma entidade que pensa, a gente não consegue identificar um grupo específico, eu acho difícil responder, não sei dizer. [...]. A gente não consegue personificar, quem é o responsável por essa ideologia, e será que os grupos que estão no poder sabem que eles fazem isso? Eu não sei, eu acho muito louco isso, eu não sei, [...], e será que

quem, seria ingenuidade pensar que quem tá no poder não planeja e não pensa, mas, é muito cruel, você pensar que... que... que esses grupos planejam essas coisas, eu não sei, não sei, personificar, dizer quem, qual o grupo, quem é, a gente sabe que existe, mas é difícil.

E se a ideologia dominante é a mesma de sua classe social.

Eu acho... que a gente acaba comprando ela, porque a gente é... nós somos tantas vezes bombardeados por ela que a gente compra, e que muitas vezes a gente acha mesmo que as coisas são assim, mas que a partir do momento que você começa a estudar um pouquinho, que você, tem acesso a outras teorias, você começa a mudar de... de posição, ideológica [...]. É... ajuda bastante, porque a partir do momento que você não conhece, que você é ignorante pra aquilo, você não tem como se posicionar, não tem como... acho que a partir do momento que você conhece é... e que você tem acesso, aí que você percebe o quão alienado você era, mas às vezes não também, tem gente que tem acesso, mas que acha que não, que... e continua comprando a ideologia dominante, então, complicado.

A ideologia é a generalização da visão de mundo particular da classe que domina, detentora dos meios de produção. E isso é complexo, pois a ideologia não se trata da reprodução simples de quaisquer ideias, e estas, inclusive, se originam de um “lugar comum”, e o refletem. As frações da classe dominante propagam suas ideias por meio de diferentes áreas do conhecimento humano, pelos meios de comunicação, que se tratam, ao mesmo tempo, da expressão de formas de consciência social que justificam os posicionamentos, as atitudes, os interesses da classe burguesa. Ou seja, as ideias dominantes são disseminadas por meio das Artes, da Filosofia, da Literatura, da Sociologia, pelos meios de comunicação de massa, etc., intensamente.

No entanto, não esqueçamos que as ideias disseminadas por meio das formas de consciência social, tem como ponto de partida e de chegada a materialidade das relações sociais de trabalho que são produzidas e reproduzidas na sociedade do capital. As relações sociais alienadas que são produzidas a partir da forma como os homens se organizam no trabalho entre si, e aqui se encontra o aspecto histórico-ontológico do pensamento de Marx, são um suporte para o desenvolvimento da primeira forma de consciência (IASI, 1999), que caracteriza a alienação, que se dá a partir do momento em que a criança apreende valores, hábitos, comportamentos, com os quais se depara, desde cedo, e lhes são ensinados em seu ambiente familiar. Segundo Iasi (1999, p.29) “Não trata-se da identificação com ‘a sociedade’, ‘as relações capitalistas’ ou as ideias, são as relações de identidade [...], que a pessoa em formação assume valores dos outros como sendo seus.”.

Ou seja, a pessoa em formação não está consciente se se identifica com atitudes, pensamentos, ideias, que correspondem aos interesses de uma visão particular e dominante de mundo, mas simplesmente se forma num ambiente com o qual se identifica e assume como sendo seus valores dos outros com quem se relaciona.

Diante da observação do autor supracitado, compreendemos como naturalizamos os acontecimentos sociais, percebendo-os a partir de uma concepção a-histórica, acrítica de realidade, dados como desde sempre aí, o que acontece devido não só aos valores e atitudes com os quais nos identificamos desde cedo, mas também com o modo como são por nós apreendidos. Aquela ideologia baseada no sujeito, dado como exemplo pela Profa. Luíza, que nasce pobre, porém permanecer nessa condição dependerá do próprio indivíduo, de suas escolhas, deixa intacta a natureza da sociedade do capital, dele subtraindo sua historicidade, enfraquecendo, ao mesmo tempo, sua capacidade de revolucionar o mundo.

De acordo com Iasi (1999), alienação e ideologia são categorias distintas, e que esta necessita daquela, do suporte, para ser reproduzida. A alienação tem como seu *locus* de formação inicial o ambiente familiar, que forma a personalidade do indivíduo, e tais relações, segundo o autor, “[...] são complementadas, reforçadas e mesmo revertidas pela inserção nas demais relações sociais, pelas quais o indivíduo passa no decorrer de sua vida: na escola, no trabalho, na militância, etc.” (IASI, 1999, p.22). Embora este processo que reproduz a alienação, sobretudo, por meio da ideologia, seja intenso, ele não é absoluto, o que colocaria a impossibilidade histórica de mudança, de transformação da sociedade pelo proletariado, uma vez interessado, ciente da necessidade de superação desse modelo social falido.

Constatamos também a dificuldade e dúvida apresentada por Luíza em personificar exatamente quem seriam os representantes da classe social dominante que reproduziriam de inúmeras maneiras sua visão particular de mundo, e que toda e qualquer atitude tomada pelas frações da burguesia estariam conscientemente orientadas para fins de dominação de classe.

Na práxis educativa, artística, revolucionária, o que idealizamos antes da objetivação não resulta, ao final do processo, no propriamente idealizado, embora resulte em algo que, em alguma medida, foi idealizado. A atividade está carregada de consciência, mas podem existir fatores inesperados no percurso que não conseguimos simplesmente dominar. É preciso também pensar sobre isso.

Enfim, Luíza se permite questionar, realmente, se a classe dominante estaria ciente, no planejar de suas ações, da reprodução do capital.

Mencionamos, anteriormente, que os professores expressam um posicionamento de classe, conscientes ou não, ao ensinar os conteúdos escolares. Este posicionamento poderá, predominantemente, justificar e/ou se contrapor ao modelo de sociedade existente. No caso de Luíza, no contexto da entrevista, ao expressar suas ideias a respeito da realidade em que vive, especialmente, a escolar, sinaliza em direção a uma consciência de classe proletária potencial,



ou seja, sua visão de mundo, em determinados momentos, corresponde a de sua classe social, o proletariado, visão que está também relacionada à sua formação inicial.

Ante a relação entre o conhecimento adquirido pelo professor no decorrer de sua formação inicial e continuada com a práxis educativa, e a relação desses com o desenvolvimento de uma possível consciência de classe proletária potencial, é importante que o docente compreenda que,

*A dimensão educativa do ensino que, como dissemos, implica que os resultados da assimilação de conhecimentos e habilidades se transformem em princípios e modos de agir frente à realidade, isto é, em convicções, requerem do professor uma compreensão clara do significado social e político do seu trabalho, do papel da escolarização no processo de democratização, do caráter político-ideológico de toda educação, bem como das qualidades morais da personalidade para a tarefa de educar. Para além, pois, dos requisitos profissionais específicos, é preciso uma formação teórica e política que resulte em convicções profundas sobre a sociedade e as tarefas da educação. Tal é o objetivo de disciplinas como Filosofia da Educação, Sociologia da Educação, História da Educação e outras. No seu trabalho cotidiano como profissional e como cidadão, o professor precisa permanentemente desenvolver a capacidade de avaliar os fatos, os acontecimentos, os conteúdos da matéria de um modo mais abrangente, mais globalizante. Trata-se de um exercício de pensamento constante para descobrir as relações sociais reais que estão por trás dos fatos, dos textos do livro didático, dos discursos, das formas de exercício do poder. É preciso desenvolver o hábito de desconfiar das aparências, desconfiar da normalidade das coisas, porque os fatos, os acontecimentos, a vida do dia a dia estão carregados de significados sociais que não são “normais”; neles estão implicados interesses sociais diversos e muitas vezes antagônicos dos grupos e classes sociais. (LIBÂNEO, 2013, p.78-9, grifos nossos)*

A formação teórica e política do professor de que fala Libâneo (2013) é fundamental ao exercício da prática educativa. É importante que o docente esteja ciente do desenvolvimento de uma prática fundamentada, que determinado conhecimento filosófico, histórico, sociológico, crítico, acerca da realidade social poderá subsidiá-lo no estudo do conceito que irá ensinar na sala de aula e que constará no livro didático. Provavelmente, o professor observará limitações e até mesmo erros, contradições, no material adotado pela escola, sendo importante alguma complementação, ou até mesmo correção. Ao realizar o constante “exercício da desconfiança”, da leitura das entrelinhas do real, o professor terá mais condições de captar as causas implícitas nos fatos sociais, políticos, históricos que ocorreram e que acontecem em nosso dia a dia e relacioná-los ao conceito que será ensinado na sala de aula.

A Profa. Luíza, de maneira mais detida, nos mostra por meio da práxis educativa, de que maneira a formação filosófica, política do professor influenciará na realização da aula, no processo de ensino e aprendizagem.

*[...] a relação... assim, trazendo para os conteúdos escolares, esse exemplo, é... a relação entre português e o Brasil colônia, por exemplo, se você não tiver um olhar apurado [grifos nossos], você vai passar como o que se ‘\_Os portugueses chegaram*

aqui, tomaram, tal, se estabeleceram’, então, são duas visões da história, é diferente de você abordar sob a ótica de que ‘\_Os portugueses chegaram, eles invadiram um território, eles expulsaram os índios, eles mataram’, então, eu acho que essa questão ideológica perpassa por tudo isso, os conteúdos escolares, as políticas públicas, se você não ficar atento... a política pública quer manter tudo como está, embora nos discursos talvez não, *mas eu acho que a gente tem que ter um olhar um pouquinho mais atento, porque senão a gente reproduz, a ideologia* [grifos nossos], eu acho que ela... ela, os meios tentam reproduzi-la na escola sim. E na mídia também, de um modo geral, televisão, jornais, eu acho que ela é reproduzida sim na escola, então, ou você fica atento ou você vai reproduzir.

Existem diferentes métodos, metodologias<sup>88</sup>, de abordar um mesmo conteúdo escolar. A partir da maneira como o professor escolhe ensinar determinados conteúdos a seus alunos, ele decide, ao mesmo tempo, quem deseja formar. O estudante que aprendeu em suas aulas de História que os portugueses “descobriram” o Brasil em 1500 é diferente do aluno que aprendeu que naquele período histórico Portugal tinha a intenção de expandir suas atividades comerciais por meio da exploração de novos territórios, dos quais pudesse extrair riquezas naturais, ou seja, extorquir tais riquezas em prol dos interesses comerciais da metrópole. Que os índios foram exterminados, dizimados, que o que ocorreu por aqui foi um verdadeiro genocídio da população indígena<sup>89</sup>, a transmissão de doenças, a aculturação, que não deixa de ser o processo de “civilização” que contou com o apoio dos jesuítas, e que teria facilitado o domínio político, econômico e social dos portugueses sobre a colônia.

Enfim, é este “olhar mais apurado” de que fala a Profa. Luíza que poderá enriquecer a aula, a práxis educativa. Um ensino, que uma vez assim aconteça, poderá contribuir para o desenvolvimento de alguma consciência de classe proletária potencial. É a *forma* como se dará o processo didático na sala de aula, que poderá contribuir para o fortalecimento ou não da relação entre educação escolar e a formação de uma possível consciência de classe proletária. Ainda que essa relação seja considerada insuficiente acerca do desenvolvimento de tal consciência, é, porém, um passo importante.

Entender, pois, o processo didático como totalidade abrangente implica vincular conteúdos, ensino e aprendizagem a objetivos sociopolíticos e pedagógicos e analisar criteriosamente o conjunto de condições concretas que rodeiam cada situação didática. Em outras palavras, *o ensino é um processo social, integrante de múltiplos processos sociais, nos quais estão implicadas dimensões políticas, ideológicas, éticas, pedagógicas, frente às quais se formulam objetivos, conteúdos e métodos conforme opções assumidas pelo educador, cuja realização está na dependência de condições, sejam aquelas que o educador já encontra sejam as que ele precisa transformar ou criar.* (LIBÂNEO, 2013, p.58, grifos nossos)

<sup>88</sup> Sobre a sugestão de uma proposta de aula, na perspectiva dialética, verificar: em Arnoni (2012). *Mediação dialético-pedagógica e práxis educativa: o aspecto ontológico da aula*. Artigo disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/3238/2662>>. Acesso em: 2017.

<sup>89</sup> Verificar sobre este assunto em Darcy Ribeiro (2006), em sua obra *O povo brasileiro*.

Como define o autor *supra*, o ensino é um “processo social” que envolve diferentes dimensões da realidade, que o processo didático é uma “totalidade abrangente”. Na escola, que é uma parte do real, de modo específico, são reproduzidas as contradições sociais contidas no todo de modo singular. Ou seja, ao ensinar, ciente ou não, o professor expressa as dimensões políticas, ideológicas, éticas e pedagógicas de que falou Libâneo (2013). No entanto, o diferencial no desenvolvimento da práxis educativa estará naquele professor que consciente, em alguma medida, poderá direcionar como tais dimensões se expressarão em unidade com o processo de ensino e aprendizagem. Portanto, inexistente a “imparcialidade” na sala de aula, a escola não é uma instituição que existe isolada da sociedade, como já dissemos, pois somos o resultado das relações sociais que, ao mesmo tempo, compõe o real.

Perguntamos à professora se ela é associada a um sindicato.

É... é assim é... aqui em L existe um sindicato, dos trabalhadores municipais, é eu nunca me sindicalizei a ele, até fui em algumas reuniões, mas não me sindicalizei, é... eu sou associada a uma outra instituição, que é a F, ela foi criada... um pouco mais de um ano, é... e foi criada por um grupo que, que era contra o posicionamento sindical, porque o sindicato daqui de L ele tá há muitos anos a mesma diretoria, as mesmas pessoas, então, ficou meio que... que equiparado ao governo, então, não faz oposição, enfim, então, e também por ser um sindicato de todos os trabalhadores da rede municipal, às vezes não atendia às demandas da educação, então, eu sou associada, e não é um sindicato, é uma associação de trabalhadores. [...]. E aí a associação rivaliza muito com o sindicato, agora, porque o sindicato ele... a associação foi formada porque a gente não acreditava mais na representação sindical, desse sindicato, e pra gente conseguir tomar... o sindicato, por vias legais, por eleição e tudo mais, era muito complicado porque o sindicato fechou de um modo, que você não consegue tirar as pessoas de lá, o jeito que tá regido o estatuto, quanto tempo as pessoas estão associadas, a chapa, a forma de eleição e tudo mais, é muito complicado você tirar, então é esse grupo... e é um grupo assim que tem gente da educação de L que já tá aqui muitos anos, que muitas pessoas inclusive foram sindicalizadas, e viram que... e tiveram uma experiência sindical, foram sindicalizados, mas viram que o sindicato não atendia mais, então, foi montada essa associação e... e eu acho bem legal, porque a associação ela tá sempre em prol das demandas da educação, dos trabalhadores da educação, e o pessoal tem dado bastante trabalho ultimamente assim, [...] tem rivalizado bastante com a secretaria, tem rivalizado bastante com o sindicato, então, eu acho que é uma forma de luta trabalhadora.

Perguntamos também sobre a representatividade dos sindicatos, se eles têm representado os interesses da categoria.

Aqui em L não [...] não, não sinto porque o sindicato só se mexeu quando a associação surgiu, então, por exemplo, é... Plano Municipal de Educação foi votado há poucos meses atrás é... o sindicato só se posicionou e lançou algumas emendas, propôs algumas emendas, depois que a associação falou ‘\_Pera lá esse Plano Municipal aqui não tá legal’, então eu acho que se não houvesse a associação, o sindicato não representaria, não chamaria uma discussão, eu acredito que não representa, que o sindicato não representa, talvez algum outro setor do município talvez seja representado pelo sindicato, mas a educação não.

O movimento de reação ao sindicato realizado por parte dos “trabalhadores da Educação”, que se uniram para a criação de uma associação que pudesse se contrapor, “fazer frente”, não aos representantes do poder público municipal, pelo menos não só, mas, inclusive, ao sindicato dos trabalhadores municipais da cidade em que Luíza trabalha, é singular. Um único sindicato que reúna todas as categorias de trabalhadores, se organizada de outra forma, poderia ser uma instituição fortalecida.

Também esta é uma forma de luta de parte dos professores-proletários do município, que se organizaram e reagiram a um sindicato, que não diferente daquele mencionado pelos professores entrevistados, que atuam nas escolas públicas do Estado de São Paulo, não os representa. Até aqui a questão da não representatividade tem sido unânime entre os docentes, que se mostram desconfiados, desacreditados da capacidade dos sindicatos, como uma instituição representativa dos interesses da categoria. O sindicato apresentado por Luíza é também uma instituição “fechada”, difícil de ser “tomada” pelos próprios professores. Neste caso, senão foi possível substituir a diretoria, a alternativa adotada por alguns foi fundar uma associação que pudesse “fazer oposição” às medidas aprovadas pelas autoridades do município, e ao próprio sindicato. Se esta situação nos parece interessante, num primeiro momento, é, ao mesmo tempo, estranha. Estranha porque uma instituição que deve organizar sua atuação em prol dos interesses do proletariado, não tem realizado sua função social. Além disso, lembramos que Artur é o único docente que expressa interesse em lutar para modificar a diretoria do sindicato a que está associado.

Esta “inércia” da instituição sindical constatada pelos docentes, no entanto, não é uma novidade. Já na década de 1970, Celso Frederico (1978), ao realizar um estudo sobre o desenvolvimento da consciência de classe em operários, ao entrevistar vários trabalhadores numa fábrica mecânica em Santo André, constatou este esvaziamento da função social dos sindicatos, agora, reduzidos a um mero agente, a um órgão assistencialista, num “vigia” do cumprimento pelos patrões das leis trabalhistas.

Segundo o autor,

Quando inquirimos as razões do desinteresse atual pelo órgão de classe, deparamos com a crise da atuação assistencialista do sindicato. Os operários só se filiaram ao sindicato por motivos assistenciais: todas as justificações dadas para a associação ao sindicato apontaram para a assistência médico-hospitalar e jurídica proporcionada. [...]. Esvaziado até de sua função médico-hospitalar pela concorrência da fábrica, afastado como órgão coordenador dos interesses de classe pela ação repressiva do Estado, o sindicato passou a ser visto pelos operários como uma agência capaz de fornecer, nos momentos críticos, assistência jurídica para os sócios. Assim, num plano mais geral, *o sindicato aparece como um mediador esporádico entre a classe operária e o Estado*, que “vigia” e “fiscaliza” o cumprimento das leis trabalhistas por parte dos “maus patrões”. (FREDERICO, 1978, p.60, 62, grifos nossos)

De um lado, temos um órgão aparelhado, reduzido à assistência jurídica, cooptado pelo Estado, apoderado pelos interesses dos partidos políticos, de outro, talvez a maior parte do proletariado, alienada, se vê interessada em permanecer ou se filiar ao sindicato, se este exercer, sobretudo, uma função “assistencialista”. Essa redução do papel das instituições sindicais se estabelece pela relação de passividade mútua, *estranha*, entre sindicatos e trabalhadores associados. Mas existe também, talvez uma minoria, do proletariado que percebe que o próprio sindicato não tem sido mais uma autoridade capaz de “fazer frente” às autoridades, aos governos e patrões.

Como menciona o autor, a instituição sindical é vista apenas como “um mediador esporádico” entre o proletariado e patrão. O descrédito se dá não só da parte dos proletários, mas o próprio governo desautoriza a ação sindical, negando-se, por exemplo, a negociar com ele, fato que ocorreu durante a greve dos professores estaduais em 2015, porque sabe que o sindicato está corrompido pelos interesses particulares daqueles que o compõe, como já relataram alguns docentes, ao se referirem à composição de suas “diretorias totalitárias”. Enfim, é fundamental que o proletariado esteja atento a esta não representatividade dos sindicatos e não se acomode, mas se articule a fim de produzir estratégias coletivas de luta.

Em pleno mês de abril de 2017, encaminha-se no Congresso Nacional a votação da “Reforma Trabalhista<sup>90</sup>” que dentre as mudanças que poderão ocorrer, a “flexibilização”, a “modernização” das relações de trabalho de modo geral, temos: a terceirização das atividades-fim de uma empresa, a ampliação da possibilidade de negociação direta entre patrão e empregado, o aumento da jornada de trabalho, e, inclusive, o fim da contribuição sindical obrigatória. Uma das consequências dessa reforma será o enfraquecimento dos sindicatos, que ainda em meio a contradições e limites, permitem alguma organização e reivindicação coletiva do proletariado.

Diante às mudanças polêmicas que afetam diretamente os proletários, é preciso que a classe explorada e revolucionária esteja atenta às modificações feitas no âmbito legal e que afetarão diretamente seus interesses. Não se trata de defender o fim dos sindicatos ou o seu enfraquecimento, pois da forma como estão organizados hoje não representam os interesses dos trabalhadores, mas sim que o proletariado lute para desaparelhá-lo. O que não é tarefa fácil. Não defendemos aqui o seu fim, mas reivindicamos que o sindicato torne a ser um autêntico “órgão de classe”.

---

<sup>90</sup> Sobre a Reforma Trabalhista, matéria disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/reforma-trabalhista-entenda-o-que-muda-para-o-trabalhador>>. Acesso em: abr. 2017.

Perguntamos à Luíza se os sindicatos podem ser considerados instrumentos para a luta de classes dos trabalhadores contra o capital.

Eu acredito que na essência possa, mas na atual configuração, na qual ele se aparelhou ao Estado, ou ao governo, não ao Estado, mas ao governo, eu acho que não, aí eu acho que não atende à demanda popular, do trabalhador, mas na essência, eu acredito que sim, que o sindicato sirva, mas aí depende de como é constituído esse sindicato, da forma de eleição, da permanência da diretoria, da rotatividade do poder, eu acho, porque se são sempre as mesmas pessoas, eu acho que a tendência é de se distanciar da base.

Questionamos também se os sindicatos ou a associação da qual Luíza participa, costumam oferecer cursos de formação política-filosófica aos professores, se a professora acredita que esses cursos deveriam acontecer, e se eles teriam algum impacto sobre a luta do proletariado.

Do sindicato que eu vi desses anos que estou aqui no município, poucas vezes, é só quando é... havia uma demanda do tipo: ‘\_Vão mexer na lei da aposentadoria’, aí chama uma reunião, mas poucas, por parte do sindicato, por parte da associação algumas também, não muitas é... é foi realizada uma palestra sobre assédio moral há um tempo atrás, é são realizadas é... reuniões pelo menos duas vezes por mês, é... que são reuniões de diretoria ampliada, na qual todos podem [...] participar e trazer as demandas, trazer os problemas, é... às vezes chamam um ato público, em frente à câmera, ou chamam pra uma sessão, mas só umas poucas, até há interesse em fazer um ciclo de palestras, tal, mas ainda não foi possível não. [...] Acho que sim, acho que podem e que devem, e que são um dos únicos meios, pra gente conseguir alguma coisa, porque eu estou meio descrente das vias legais ultimamente, eu acho que... só pelas vias legais você, às vezes, não consegue, então, você tem que fazer uma pressão sim, eu acho que as manifestações são uma forma, que as greves são uma forma sim, de pelo menos jogar luz no problema, às vezes, não resolve, mas joga luz ali no problema, eu acho que sim. [...] É... Eu acho que é aí que você se sente classe, quando você tá no movimento coletivo, porque quando você luta sozinho você não se sente classe, você luta pelo seu interesse... individual, eu acho que... que quando você tá em grupo você sente mais, você tem esse sentimento de pertença... à classe, e quando você luta sozinho você não tem, *embora, talvez, você saiba, você entenda que você é daquela classe, mas o sentimento de pertencimento eu acho que em grupo que ele aparece* [grifos nossos] [...].

Luíza comenta que raramente o sindicato e a associação atuam na promoção de cursos de formação política-filosófica, e que o sindicato pode ser um dos poucos lugares, poucos mesmo, em que o proletariado poderá se reunir e ter a oportunidade de superar o “estado de ignorância” em que se encontra, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência de classe proletária potencial nos docentes.

Como observa Luíza, é no coletivo, na ação do grupo, que os proletários se reconhecem como classe, embora alguns, individualmente, tenham clareza de sua condição social, o que pode representar um avanço em relação ao desenvolvimento de uma possível consciência de classe proletária, é no momento das lutas de classes, que aquela eclode. É nessa ação coletiva que os professores poderão desenvolver alguma consciência de classe em

si, por exemplo, lutar e posicionar-se contra as medidas abusivas dos governos do Estado, e das autoridades municipais.

Os sindicatos são um instrumento de luta e precisam auxiliar na articulação, na organização, na formação do proletariado. Existe uma dimensão educativa, pedagógica, que precisa ser imediatamente resgatada pelas instituições sindicais. O próprio proletariado deve reivindicar estes momentos de formação. É preciso transcender esta “agência consultiva-jurídica” em que se transformou o sindicato.

Essa compreensão que Luíza nos apresenta a respeito da instituição sindical, de suas limitações, é importante para este estudo, pois a professora não se posiciona de modo indiferente à situação, e reconhece seu papel como instrumento de formação política dos trabalhadores, e como um dos poucos instrumentos coletivos de luta que ainda detém o proletariado. Essa parte de sua memória-política é significativa, porque, ao mesmo tempo, nos sinaliza para a existência de uma consciência de classe proletária potencial em Luíza.

Perguntamos à professora se a forma de o professor ensinar os conceitos científicos é neutra.

**Não**, não acredito que seja neutra, e eu acredito que não seja neutra por conta da posição em que você tá, do seu posicionamento, não tem como você falar ‘\_Ah eu não sou, ou na sala de aula eu sou neutra, eu não tenho um posicionamento político’, mentira! Lógico que você tem um posicionamento, um posicionamento político, um posicionamento ideológico, um *posicionamento de classe* [grifos nossos], você tem, você fala de uma posição, você fala de um lugar, você tem uma bagagem, não tem como você... ser neutro, eu acho que nada na vida é neutro, a educação não é neutra, a política não é neutra, e... e eu até li esses tempos atrás sobre um grupo com um projeto que se chama ‘Escola sem partido’, que eles falam sobre a doutrinação ideológica, que... que os professores fazem doutrinação ideológica na sala de aula, geralmente, doutrinação de esquerda, então, esse grupo, mais é... afeito à direita... liberal, criticando ferrenhamente esse posicionamento ideológico, de que a escola deveria ser neutra, [...], e eu fiquei muito brava quando eu li, e eu até assisti a um vídeo falando sobre isso, e que... e que é impossível você ser neutro, é lógico que você não vai fazer lavagem cerebral no seu aluno, mas você tem que mostrar pra ele que... que existem várias facetas da mesma coisa, do mesmo assunto, é quando você vai... é, por exemplo, ensinar sobre Revolução Russa no Ensino Médio, como que você não vai se posicionar, eu acho que há posicionamento ideológico, há posicionamento político, e o ser humano é um ser político não tem como, como você falar que ‘\_Agora eu vou dar a minha aula totalmente de modo neutro e imparcial’, eu acho que isso é impossível.

Perguntamos também à Luíza se a defesa de um suposto discurso “neutro”, ao mesmo tempo, representa assumir um posicionamento.

Eu acho que assume e, posso tá enganada, mas pelo que eu li, pelo o que eu assisti é... reproduz a ideologia... dominante. Porque você não trata das questões, então, pelo o que eu vi, e pelas pessoas que estavam envolvidas nesse projeto, que é até inclusive um projeto de lei, como pessoas que atualmente tão aí na mídia, não muito bem, político, inclusive, a impressão que eu tive é que essas pessoas é... por trás é... desse discurso da neutralidade querem é... que o *status quo* seja... mantido e são posições inclusive reacionárias e conservadoras, então, me assustou bastante.

Luíza não diferente dos professores entrevistados, também compreende que na sala de aula o professor, por meio de sua práxis educativa, explicita um posicionamento ideológico, político, que, ao ensinar, expressa um posicionamento de classe. Na opinião da professora, o que existe é a impossibilidade de “neutralidade”, mesmo que um grupo defenda a suposta “imparcialidade” na sala de aula, é impossível o professor se colocar “neutro” diante à aula que realiza. Esse modo de entender o exercício da atividade docente, da relação entre o processo de ensino e aprendizagem e o posicionamento de classe, revela também em Luíza alguma consciência de classe proletária potencial.

Questionamos a professora se este posicionar-se tem consequências práticas em relação ao desenvolvimento da atividade educativa,

Com certeza. Porque... não há neutralidade na educação, eu acho assim que você tem que, quando você vai tratar de um assunto, que dê margem a várias interpretações, e que seja um assunto polêmico, você tem que abrir a discussão, você tem que abrir o debate, você tem que mostrar os dois lados, você tem que fazer com que o aluno entenda ambos os lados e se posicione ou favorável ao que você pensa ou ao contrário, mas que se ele for contrário que ele tenha base para sustentar isso e eu acho que isso não é doutrinar ideologicamente ninguém, eu acho que pelo contrário, é você ampliar os horizontes da pessoa, agora você dá uma única versão da história, ou você ser imparcial, eu não acredito na imparcialidade e nem na neutralidade, [...].

E se esta forma de ensino poderá ainda contribuir para a luta do proletariado contra a classe dominante do capital, perguntamos à Luíza.

Eu acredito que sim, é porque ainda que na Educação Infantil, mesmo com crianças menores eles têm percepção de relações desiguais, e de questões de poder, então, eu acho que dependendo de como você vá trabalhar, ele talvez consiga ligar os pontos, talvez não agora porque ele ainda é muito pequeno, mas eu acho que com o tempo [...] eu acho que é possível já, porque, por exemplo, quando a gente trata, vou reiterar esse assunto porque é o que a gente tá trabalhando agora, é... questão da escravidão, dos negros que foram trazidos e tal, quando você conta a história pelo ponto de vista é... do povo subjugado, as crianças é... se posicionam e eu tive alunos que ficaram indignados ‘\_Mas nossa como assim professora, tirar uma pessoa de lá e trazia, praticamente sequestrada’, não usaram essa palavra, mas eles se posicionaram e são crianças de cinco anos, [...], e eu achei isso muito interessante que eles se posicionam e se colocaram no lugar, agora se eu tivesse explicado a história de um outro modo, talvez eles não teriam se posicionado, se eu tivesse explicado: ‘\_Ah, eles precisaram de mão de obra e foram lá e trouxeram os negros aqui pra trabalhar, aí eles ficaram aqui trabalhando’, pronto, não teria suscitado esse sentimento de: ‘\_Como, como assim?’ por isso que eu acho que não é neutro e por isso que eu acho que *como você conduz a sua aula, como você ministra aquele conteúdo, vai influenciar, no posicionamento que a criança vai ter* [grifos nossos].

Como mencionou Luíza, não se trata de doutrinação na sala de aula. É importante, como disse a professora, que o aluno, mesmo que ainda pequeno, quando se encontra na



Educação Infantil, por meio de uma linguagem adequada, esteja num ambiente educativo, que possibilite à criança pensar a realidade em que vive, ainda que de forma tênue.

E se o docente reflete um posicionamento de classe por meio da práxis educativa, implica que, simultaneamente, ao ensinar, em diferentes momentos da aula, o professor expressará a “voz” de uma determinada classe social. É importante esclarecer que, embora os professores entrevistados afirmem que se posicionam na sala de aula de modo favorável e/ ou contrário ao que está posto em nossa sociedade, isso não significa que durante o desenvolvimento de cada aula, ou até mesmo de sua vida, o docente, mesmo aquele que se reconhece como parte do proletariado, exprimirá sempre um único posicionamento. Se o processo de “consciência individual” reflete formas distintas de consciências de classes, o mesmo acontece com o posicionamento do professor na escola, pois o exprimir de uma dada consciência representa, ao mesmo tempo, um posicionamento de classe, e vice-versa.

Por fim, perguntamos à Luíza se esta forma de ensino pode ser uma contribuição do professor, por meio de sua aula, para fortalecer a luta da classe trabalhadora.

Eu acho que é a maior contribuição, porque você tentar tirá-lo da ignorância, tentar ampliar... os horizontes eu acho que é a principal... função que por meio do conhecimento, por meio da história, você consiga, mesmo que quando ele tiver que se posicionar no futuro ele se posicione contra, ele acha que não que é a ideologia dominante que tem que prevalecer mesmo, pelo menos você deu possibilidades, então eu acho que essa é a função do professor, é muito importante.

O que a professora confirma é a relação existente entre método científico, metodologia de ensino, conteúdo escolar, e posicionamento de classe, e que essa relação, ainda que limitada, e que pode ocorrer na escola, poderá levar ao desenvolvimento de uma possível consciência de classe proletária nos alunos.

De fato, nenhuma aula pode ser considerada “neutra”. Lutemos para que a escola seja, realmente, este lugar de superação da “ignorância” de todo o ser humano, de que falou Luíza.

#### **4.7 Profa. Sara: consciência de classe proletária potencial em suas memórias-política e trabalho**

Nossa última professora a falar é Sara, docente que desenvolve sua práxis educativa em instituições particulares da Educação Básica e do Ensino Superior.

Perguntamos a Sara o que a levou a ser professora, e a respeito de sua trajetória desde o curso de graduação até seu ingresso na escola em que atua como docente.

É... eu muito jovem era catequista, e eu tive esse contato com as crianças, [com] uns, uns 15 anos eu fui catequista, e eu gostei muito, dessa experiência com as crianças,

de ensinar as crianças, então, desde... os 15 anos eu queria fazer Pedagogia, por isso. [...] É... eu fiz, fui da primeira turma, da Pedagogia do Z, da reinauguração da Pedagogia, em 2004, eu entrei e... o meu curso teve cinco anos, foi um curso diferente dos outros, porque é em... 2005, entrei em 2004, em 2005 saiu a Diretriz Curricular Nacional da Pedagogia que incluiu a Educação Infantil como habilitação obrigatória e no meu curso não tinha, então eu fiz os quatro anos e voltei num quinto ano todinho só pra fazer o Infantil, fiz estágio no Infantil, disciplinas no Infantil, e... o curso também foi um pouco conturbado, porque a gente era a primeira turma, e assim ainda não tinha toda a estrutura, então, não tinha os professores contratados, é... as salas também não estavam definidas, eles colocaram divisórias na, no Departamento lá das salas de Letras, e a gente dividia, sala com o pessoal da Letras. No segundo ano, quando a gente começou o segundo ano, a gente tinha acho que sete disciplinas e três professores do Departamento [...] não, não, é... por um tempo assim, algumas semanas, a gente ficou sem aula, e... depois eles conseguiram contratar bolsistas mestrados e doutorandos, o que foi muito bom, porque a gente teve aula com gente muito boa, eu gostei demais assim a gente teve professor de Filosofia muito bom, que era, doutorando, a gente teve aula de História com a Q [...], que é maravilhosa, e assim é... eu gostei demais, apesar de todos os percalços, eu assim não posso dizer nada a menos do que excelente, do curso que eu fiz, apesar de todos os percalços, mesmo com os professores não tão bons eu procurei aprender, alguma coisa eu... e eu me dediquei bastante, eu lia todos os textos, eu... e aí no final do quarto ano eu já ingressei no mestrado, ... ou no quinto ano? Não, foi no final do quinto ano, [...], [...] e aí eu terminei o mestrado e comecei... continuei na Educação Básica, e comecei no Ensino Superior, e... e continuo na Educação Básica e no Ensino Superior, troquei de escola, fiquei dois anos numa escola e outra me convidou, eu fui pra outra, [...] é, eu era da X, fiquei dois anos na X, e o Y me chamou, estou no Y desde 2011, e na T à noite, [...] é, no curso de Pedagogia.

A experiência como catequista, como professora de crianças, aos 15 anos, despertou em Sara o gosto pelo ensino e a aprendizagem. Ingressou no Ensino Superior e se deparou com o recomeço, a reestruturação de um curso de Licenciatura em Pedagogia, e apesar dos “percalços” relatados pela professora, Sara estava ali interessada em aprender.

Perguntamos a Sara o que é ser professora?

É ensinar. É... é cuidar do ensino, preocupada com a aprendizagem do aluno, mas é planejar o ensino, porque eu acho que é o mais específico nosso, o **como** a gente vai ensinar.

Sara nos relata uma situação singular ocorrida no colégio em que trabalha,

No ano passado a gente reivindicou, nós no Y, [...], então assim exige uma excelência nossa, mas e... [...]. nós conseguimos duzentos reais a mais, no salário, **só**, [...], isso foi bom, mas o restante a gente não conseguiu nada, e... e sobre o plano de carreira que a gente pedia, [...], veio a resposta, [...], assim: ‘Que... teoria nem sempre quer dizer uma prática melhor, quem estuda muito não quer dizer que [...] que título não quer dizer competência’, veio bem assim. [...] sim, foi a maioria, só que assim, não, não foi... [...], uma das nossas reivindicações era por que eles ganham tão além da gente [docentes do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio], é... [...] a gente... nós não entramos em embate, a gente tentou fazer duma maneira muito diplomática, [...], a gente pediu permissão pra ele se podia usar o espaço do colégio, pra conversar sobre isso, é... chamamos o diretor pedagógico se ele gostaria de participar de uma das reuniões pra ouvir o que a gente tinha a dizer, então a gente fez tudo ali dentro, não, não teve um **embate**, com eles, e não foi feito às escondidas, eles sabiam que a gente estava se articulando... pra isso, a gente pediu [...], uma resposta ainda dentro daquele ano, porque acho que faltavam uns dois meses pra acabar o ano, uma resposta é... pessoal, [...], é... eu fiquei

decepcionadíssima, principalmente pelo título que não significa competência, porque eu acho que contradiz toda a filosofia deles, então, vamos pegar... [...] se título não é competência, por que que eles preferem gente com titulação então? [...] eu vejo que é próprio do capital, porque desde que eu entrei lá eu senti, que o capitalismo está em primeiro lugar, [...], é o capitalismo que comanda todas as relações, [...]. O discurso deles foi o de que eles gostaram da nossa atitude, porque esse é o tipo de profissional que eles querem lá mesmo, [...], porque meio que a gente acatou, a gente não... reivindicou, não dissemos: ‘\_Ó, não concordamos, não vamos trabalhar’, a gente não levou adiante, é sinceramente eu acho que veio até muito, nós não esperávamos que eles fossem dar nem os duzentos a mais, eu não esperava nada, porque eu tenho essa visão capitalista deles, muito forte, assim, eu fiquei com um mal estar muito grande, [...], então, quando ele disse que título não era competência, eu senti pra... mim, não sei se foi, mas eu senti, pra mim [...].

A professora compartilha conosco uma situação que se torna inusitada, porque ocorrida numa escola particular. Sabemos que nas instituições de ensino privadas os docentes não detêm estabilidade no trabalho. É incomum professores se organizarem sob um sindicato, realizar greves, paralisações, nestas circunstâncias, e como disse Sara, entrar em “embates” a fim de reivindicar direitos à instituição. Ainda assim, o conflito narrado pela professora, a constatação pelos docentes de algumas contradições no ambiente escolar que assumiu a forma de insatisfação diante às condições de trabalho, os levaram a se unir de forma peculiar e tentar alguma “negociação” com o corpo dirigente da escola. Além do mais, nesse contexto, se encontravam divididos os professores, de um lado, da Educação Infantil e do Ensino Fundamental (anos iniciais) e, de outro, do Ensino Fundamental (anos finais) e Ensino Médio, cisão que precisa ser superada.

Este movimento em direção a uma reunião, organização, tênue, tímido, singular entendemos que pode sinalizar, minimamente, para o desenvolvimento de uma consciência de classe proletária potencial em Sara.

Perguntamos à professora como são suas condições de trabalho na escola.

É... são boas, são relativamente boas, assim na nossa profissão a gente trabalha muito além da sala de aula, [...] muito a mais, [...], eu acho que em qualquer lugar que a gente for trabalhar é... trabalha muito mais do que ganha, é... as condições são boas por que, porque tem toda uma estrutura que ajuda, não é, então, a gente tem uma boa biblioteca, a gente tem uma lousa digital, a gente tem livros, a gente tem... a formação que eles dão é muito boa, a formação continuada deles, tem toda uma estrutura que ajuda, não tem problemas que a rede tem, que você vai tem escola que não tem papel, isso não tem lá, eu tenho cópia colorida, quando... a hora que eu quiser, tenho materiais, [...], é, isso eu acho muito bom. [...]. Eu tenho 23 [alunos] na sala é o máximo. O máximo é 23, eu tenho 21. [...], a gente se reúne quinzenalmente pago pelo colégio, mas eles só pagam quinzenalmente, nosso HTP, eles pagam, e a gente se reúne mensalmente com o ciclo todo, são as formações, são as reuniões, também pago pelo colégio, [...], e... mas assim, o trabalho do professor é muito em casa, planejar aula, corrigir prova, muito, é muito, extrapola, [...] não compensa, mas eu vejo que... o sistema como um todo não compensa, então não é um problema do Y, é um problema pra onde eu for... trabalhar, eu vejo parceiras que estão na rede, quarenta horas de dedicação exclusiva, elas têm que substituir, nessas quarenta horas, elas não ficam lá pra planejar e fazer as coisas delas, [...].

A Profa. Sara nos relata parte de suas condições de trabalho, que, se compararmos às narrativas dos docentes anteriores que se encontram na rede pública de ensino, tanto estadual como municipal, nos parece diferentes, e mais adequadas ao processo de ensino e aprendizagem.

Sara menciona que a estrutura da escola é adequada, as salas de aula são equipadas com lousa digital, existe uma boa biblioteca, e, ao contrário de algumas instituições, que não possuem nem papel, tinta ou impressora, para que os docentes reproduzam suas atividades, Sara tem à sua disposição até mesmo “cópia colorida”; existe ainda uma formação continuada promovida pelo colégio que também é elogiada pela professora, e as salas de aula não contêm mais do que 23 alunos!

Apesar de adequadas condições pedagógicas e estruturais, existe ainda nas memórias-trabalho dos docentes entrevistados, uma condição que lhes é comum e que se refere ao trabalho que o professor realiza em casa, que extrapola a sala de aula, e os salários baixos recebidos não correspondem à realidade que vivenciam. E como observa Sara, essas condições não só se encontram na escola para a qual vende a sua capacidade de trabalho, mas no sistema como um todo.

Perguntamos a Sara se ela se considera uma proletária.

Sim. [...], porque eu agora, por exemplo, mês de agosto eu trabalhei três períodos, em três lugares diferentes, eu não posso ficar num trabalho só, isso não me sustenta, [...] é, é, é... total eu sou, sou sim, é... e aí a gente vai fazendo o que dá pra fazer, não trabalha do jeito que deveria, no limite das condições físicas, [...], é, esses dias na faculdade, eu tenho uma aluna que vende bolo, doce lá, na hora do lanche, ela me perguntou quanto era a hora-aula da faculdade, eu falei: ‘\_Você quer rir?’ [risos], aí ela: ‘\_Ah, eu quero saber’, ela queria saber porque ela estava pensando, depois que se formar, fazer uma Psicopedagogia pra ser professora, aí eu falei: ‘\_A nossa aqui são vinte e dois reais a nossa hora-aula, não importa se é mestre, se é doutor... [...] é, se é graduada, são vinte e dois reais nossa hora-aula’ é... e no Y são dezessete a minha hora-aula, ela falou: ‘\_Eu ganho mais vendendo bolo’ eu falei: ‘\_Eu tenho certeza que você ganha mais do que eu vendendo bolo’, [...] meu marido estava, ficou oito meses desempregado, fazendo mil entrevistas, ele não tem faculdade, nem curso técnico, é... aí ele viu vários... ele foi... ele foi auxiliar de pintor, ganhava mais do que eu na faculdade, é... balconista, ele foi num monte... entrevista, que ele ganhava mais do que eu. [...] é a profissão mais proletária que existe no mundo [risos], [...].

Indagamos ainda o que possibilita à professora pensar a situação em que vive da maneira como a compreende.

[silêncio] talvez um pouco pela minha formação, que é diferente da formação delas, [...] é, e... por tá no ensino superior, com professores que também discutem isso todo o tempo, [...], mas assim, é angustiante porque estão todos presos ali e não conseguem sair dali, apesar de ver que ali é muito ruim. [...], porque assim as condições são muito piores na faculdade, do que no colégio, muito piores, o

desrespeito total com a gente assim, paga errado, não tem dia pra pagar, você tem que ficar na fila pra pagar, e... e maracutaias mil assim, uma parte te dão em dinheiro, uma parte em cheque, pra... não te contratam pelo valor certo, nossa... nossa, um horror.

Apesar da estrutura adequada que encontra no colégio, a remuneração recebida não permite a Sara permanecer num único local de trabalho. Ao refletir sobre sua condição de classe, o proletariado, a professora relembra as jornadas triplas a que precisa se submeter para garantir sua sobrevivência, e que isso a esgota física e mentalmente, “e aí a gente vai fazendo o que dá pra fazer, não trabalha do jeito que deveria, no limite das condições físicas”.

E a situação se mostra ainda mais precária, quando Sara menciona um fato ocorrido na sala de aula, no Ensino Superior, acerca de uma aluna interessada em saber o preço da hora-aula de um docente na faculdade. No final da conversa, a discente conclui que ganhava mais dinheiro vendendo bolos! De fato, nossos professores não são valorizados, respeitados da forma como deveriam, e a situação é capaz de piorar quando a professora menciona como ocorre o pagamento dos salários aos docentes na faculdade, e Sara diz, a respeito de ser professor, “que é a profissão mais proletária que existe no mundo”.

Mas essa forma de compreender sua situação de classe, nos dizeres da professora, é mais compartilhada pelos docentes que estão no Ensino Superior, ao contrário da escola em que trabalha.

Apreender parte das contradições sociais, reconhecer nossa situação de classe, por exemplo, é fundamental para que exista a possibilidade de uma transformação da sociedade, embora aquele entendimento não represente um imperativo de que mudanças ocorrerão, é já um sinal em direção ao desenvolvimento da consciência de classe proletária potencial que não pode ser desprezado. Por isso, a nosso ver, a visão de mundo de Sara, num certo sentido, sinaliza em direção a uma possível consciência de classe proletária descontínua e contingente.

O reconhecimento de Sara como proletária é importante, e de certo modo, este é o caso de todos os professores entrevistados, mas que fica em segundo plano, pois Sara precisa vender sua força de trabalho para sobreviver. São nuances de uma visão de mundo crítica que aparece, mas logo predomina uma consciência de classe burguesa, o que dificulta o desenvolvimento num grau mais elevado de uma consciência de classe proletária potencial.

E ao ser questionada a professora sobre o que lhe possibilita entender a realidade da forma como a relata, Sara atribui essa “compreensão”, em especial, à influência de sua formação superior, de certos conhecimentos adquiridos que permeiam sua memória.

Perguntamos a Sara se existe uma classe dominante em nossa sociedade, e quem são os representantes dessa classe, caso ela exista.

Sim. [...] Eu acho que são os grandes empresários, que têm os meios de produção na mão, e aí só nos resta vender a força de trabalho pra eles, e... cada vez mais... astutos, e cada vez se estruturando e se reestruturando melhor e disseminando ideologias.

A seguir a professora nos respondeu se pertence à classe social dominante, em caso de resposta negativa, perguntamos por que ela não pertence, e qual a relação dessa classe dominante com a sua classe social.

Não. [...] porque eu não tenho dinheiro, e não tenho os meios de produção, se eu tivesse a minha escola talvez, eu pertenceria, se eu cobrasse mensalidades altíssimas. [...] Ah, é uma relação autoritária, não sei, a gente tá totalmente subordinado... às regras, às normas, então o que eles dizem, se eles decidem mudar algum procedimento a gente tem que acatar. A faculdade vive mudando... compensação de horas, assim, então a 'semana do saco cheio', aí eles têm sistemas malucos pra fazer você ir lá trabalhar de graça pra compensar esses dias e cada ano muda, e você tem que ir lá, se adequar, se você quiser ficar lá, uma relação de dominação total, e... o Marx diz que o salário que a gente recebe se assemelha ao óleo que passa na máquina só pra máquina pra continuar... funcionando, eu acho que é bem assim que eles veem a gente, o salário que eles dão é só pra que a gente continue ali 'funcionando' pra eles, somos vistos como 'máquinas' mesmo, parte dos meios de produção deles e não como seres humanos, a faculdade não vê a gente como ser humano, e o colégio também não, apesar de todo o discurso de que vê, não vê, [...].

Interessante o trecho da narrativa da professora, pois ela compreende que não é parte da classe burguesa porque não possui dinheiro, não é dona dos meios de produção, entendimento que se entrelaça com as respostas dos demais professores, no entanto, Sara menciona que talvez pudesse ser parte daquela classe se tivesse sua própria escola, se cobrasse "mensalidades altíssimas", e este modo de pensar nos revela alguma tendência a uma consciência de classe burguesa.

E como vivemos numa sociedade sob o capital, nosso processo de consciência oscila, é fluído, misto e contraditório. Em algumas circunstâncias o próprio proletário, mesmo tendo a consciência de que nada possui, manifesta um desejo "burguês" de conquistar boas condições de vida para si, de modo individual. Não raro refletimos um sentimento egoísta, que representa nuances de uma consciência de classe burguesa, de uma "falsa consciência". E é, ao mesmo tempo, difícil escapar, ou até mesmo romper com este sistema contraditório e desigual.

Questionamos à professora se hoje existe em nossa sociedade uma luta de classes, e de que como ela se expressa na realidade.

[...] Ah, eu acho que não, não porque, por exemplo, nós professores não temos consciência de classe, não temos, [...], de modo geral sim, sim, mas eu vejo cada vez mais enfraquecido isso, pela dominação do capital, *mesmo quando você tem consciência da classe você não é capaz de fazer nada, ou porque não tem é... um grupo que sustente alguma coisa ou porque você tem medo de perder o salário, o emprego, mesmo com a consciência que tá tudo errado você se sujeita e continua*

[grifos nossos]. [...] eu acho assim no meio particular em que eu estou eles não... visualizam isso, talvez se eu fosse do Estado, tem a APEOESP que se mobiliza, que tem reuniões, talvez eu conseguiria ver isso, mas onde eu estou, no meio particular que eu estou, na faculdade e... no, na escola particular nem se discute nada a respeito, na faculdade se discute, mas também...

Sara comenta que, mesmo tendo a consciência de que está tudo errado, o professor se sujeita às condições postas pelo trabalho assalariado, devido ao medo de perder o emprego, e/ou por não existir um grupo organizado do qual possa fazer parte o docente. Essa consciência de que existe algo errado na realidade, nos sinaliza para uma consciência de classe proletária potencial em Sara, mas que recua, se sobrepondo a ela uma forma de consciência de classe burguesa, caracterizada pela reprodução das relações sociais dadas a partir do trabalho assalariado.

Na escola em que Sara trabalha existe por parte das professoras um discurso de que “estamos sobrecarregadas”, apenas isso, no entanto, questionamos se a situação em que os docentes se uniram e se organizaram para “negociar” melhores condições de salário com os dirigentes da instituição, se houve ali um aprendizado, diante daquela experiência particular.

[...] sim, sim. Olha eu nunca imaginei que isso fosse acontecer ali, fiquei surpresa de ver que... houve a mobilização, isso pra mim já foi uma surpresa, e... mas assim... se perdeu, se perdeu, ganhou os duzentos reais, ficou quietinho, tá bom.

Embora, a professora relembre com alguma surpresa a situação em que os docentes se uniram na escola, ainda que fosse, não para reivindicar, mas para “negociar” melhores salários, ela relata que esse sentimento de união que se formou, momentaneamente, perdeu-se no tempo. Ainda que aquela organização do grupo na escola, com limites, tenha se enfraquecido, isso nos revela, simultaneamente, o processo de readaptação de alguma consciência do grupo ao “ponto de origem”, o retorno do grupo a uma forma de consciência predominantemente “individual”, pois ainda que a consciência coletiva tenha se mostrado de modo tímido, na escola, esta experiência singular que nos foi contada por Sara pode ter revelado nuances de uma consciência de classe proletária potencial que de modo particular, pode ter desencadeado alguma consciência de classe em si, tênue.

Enfim, Sara aponta os desafios a serem superados para que o proletariado, especialmente os professores, desenvolvam uma consciência de classe, ou seja, a dificuldade de articular, de organizar um grupo que sustente, unido, uma pauta de reivindicações contra o capital, porque é ingloria a luta quando decidimos agir sozinho contra um patrão, por exemplo, ou que diante do medo de perder o emprego, o salário, mesmo que o indivíduo revele alguma consciência de sua situação de classe, ele permanecerá ali, acuado àquela

circunstância de exploração. A garantia de sobrevivência, dependendo do contexto histórico, é um limite ao desenvolvimento da consciência de classe proletária, pois, como disse anteriormente Luíza, enquanto “está pingando”, o proletariado prossegue cada vez mais desunido, desarticulado, em busca da satisfação de suas necessidades individuais.

E a percepção/ representação de se sentirem as professoras “sobrecarregadas”, na verdade, esconde, oculta uma sociedade de classes, as lutas de classes, que, conscientes ou não, elas persistem.

Indagamos à professora se existe uma ideologia que é dominante em nossa sociedade, e quem a representa.

Sim. [...], eu acho que a burguesia, de uma maneira geral e... dissemina pelas mídias, pelas diferentes mídias essa ideologia é disseminada, é... o de que tá tudo bem, o de que, o país tá prosperando, as pessoas têm casa, têm carro, agora, têm acesso à faculdade, podem comprar... celular, notebook, tudo, e as pessoas acreditam mesmo, que o fato de elas estarem se *endividando* [grifo nosso] levam elas a pensarem que elas tão... ascendendo socialmente.

Perguntamos se esta ideologia é a mesma de sua classe social.

[...] compra, compra sim. [...] sim, é, e o que elas mais querem é ser... burguesas é a maior aspiração da vida delas [...].

E se na escola ela percebe que as professoras “compram”, reproduzem essa ideologia dominante.

[...] sim, totalmente, é... é... querem se vestir como as mães dos alunos, por exemplo, querem frequentar os círculos que as mães dos alunos frequentam, não é que querem, elas dão valor a esse tipo de coisa, às roupas, aos sapatos, aos carros, [...]. Então é o discurso burguês mesmo, mesmo eu não tendo o salário que... que condiz com aquilo, eu quero aquilo, aquilo é essencial. Isso me incomoda muito, porque eu penso que... isso gera um padrão... de aparência que é necessário pra continuar trabalhando lá, porque é um padrão, é uma norma, [...]. E as crianças também... têm isso, lembro que um aluninho meu que me falou assim um dia ‘\_Por que você é a única professora que não faz unha na manicure?’, um dia ele me perguntou, por que que eu era a única professora de lá que não fazia a unha no salão, na manicure, ou que não tinha unhas perfeitas, não sei o que ele quis dizer com isso [risos]. Então assim, você é pressionado pra isso, que é um padrão burguês [...].

O proletariado brasileiro, ao ser incentivado a consumir desenfreadamente, é, na realidade, levado a se endividar, e esse *endividamento* é confundido com alguma “ascensão social”, como observa a Profª. Sara, o que nos leva a pensar nas estratégias, nos mecanismos reproduzidos pelo capital, que intensificam o processo de *estranhamento* no proletariado, desenraizando-o de si. Um exemplo, dado por Sara, de como o ser da classe pode não expressar uma forma de consciência que corresponda à de sua classe social.

Aliás, Sara constata que a ideologia dominante, é, inclusive, desejosa de ser reproduzida entre as próprias docentes do colégio, e que elas anseiam viver, de alguma forma,



o mesmo padrão de vida das famílias burguesas que têm seus filhos matriculados na instituição escolar. Frequentar os mesmos lugares, se vestir de modo parecido, pode não se restringir a uma questão apenas de “gosto”, que pode passar despercebida por muitos, mas, ao mesmo tempo, representa um anseio por viver um “padrão de vida burguês”.

Perguntamos a Sara se a ideologia dominante utiliza meios para reproduzir na escola essa relação entre classe dominante e classe dominada.

Eu acho, que o Althusser diz, que a gente é veículo de... reprodução, dessa relação capitalista, que a gente tá lá só pra reproduzir mesmo, que é muito difícil lutar contra, eu acho que sim, que a gente tá lá reproduzindo mesmo. [...]. Eu acho que, por exemplo, o... no próprio material didático que a gente usa que é diferente da rede, então, já tá ali selecionado um tipo de conteúdo diferente, aí já começa essa reprodução, e... eles recebem uma boa educação, eles são incentivados a falar, a construir autonomia, [...] eles têm uma capacidade de argumentar diferente de uma criança com a mesma idade [...], não que eles são mais inteligentes, não, mas eles têm outras condições que são dadas a eles, o acesso a livros, eu posso pedir... dez paradidáticos, os pais compram os dez, pra trabalhar com eles [...]. Eu vou dar uma aula de História, ele viu aquilo no museu de história natural, ele sabe mais que eu, ele sabe mais que eu, eu vou falar dum país, ele já foi pra aquilo, ele já viu aquilo, ele sabe mais que eu, ele tem fotos pra mostrar daquilo, coisa que eu nunca imaginei, eles sabem mais do que eu, eles têm uma cultura... do mundo, [...], maior que a minha, bem maior que a minha, então, assim, eles estão num nível, num patamar, [...] é, assim, o acesso à escrita, à leitura, sim, com a gente, e tem a parceria dos pais, que não acontece na pública, na pública alguns pais colaboram, outros não, ali a gente a parceria total dos pais, orientam o estudo deles em casa, [...], até porque é um investimento caríssimo que eles estão fazendo, então, eles querem um retorno, em forma de ‘nota 10’ [risos]. [...] nove não [...].

Ao lembrar parte de sua memória-trabalho, Sara relata uma realidade diferente do que nos foi narrado pelos docentes da escola pública. Se, infelizmente, na instituição pública não raro os professores se deparam com inúmeros problemas relacionados à estrutura física, pedagógica, Sara narra uma realidade distinta, de uma escola particular, que, por fim, seleciona sua clientela, por meio da oferta de uma educação custeada por mensalidades altíssimas. Parece haver ali uma cobrança dupla sobre os docentes: de um lado, pela própria instituição, de outro, pelas famílias, dos pais dos alunos, que investem “alto” na formação de seus filhos e filhas.

E essas condições distintas começam pela seleção do próprio material didático, que, de acordo com a professora, parece ser qualitativamente diferente daquele utilizado pela rede. Além disso, os alunos são incentivados a desenvolver sua autonomia intelectual, a argumentação, são, de fato, educados para o “comando”, o que é uma forma de reprodução da ideologia dominante. Não que a autonomia, a argumentação, também não sejam incentivadas por parte dos professores nas escolas públicas, mas parece que naquela realidade isso deve ser mesmo “cobrado” dos docentes. Sara também relata que se precisa de livros paradidáticos, estes são providenciados pelos pais com facilidade, independente do custo. Como observa a

professora não se trata de que os alunos que estudam na escola particular sejam mais inteligentes do que os estudantes da escola pública, mas que as condições em que estão inseridos são, sim, muito diferentes.

E lembramos de Laura, docente de História, que, devido ao salário que recebe, não pode visitar os lugares que aparecem nos livros didáticos, o que poderia enriquecer ainda mais suas aulas, sua dificuldade de adquirir livros, pois afirma que não usufrui do “capital cultural”, pelo menos do modo como gostaria, importante à formação do professor, assim como de qualquer ser humano.

A realidade em que Sara trabalha também reproduz e confirma mais uma vez a existência de uma sociedade dividida em diferentes classes sociais, porque vimos que ao “capital cultural” poucos têm acesso, e essa cisão é constatada por Sara “Eu vou dar uma aula de História, ele viu aquilo no museu de história natural, ele sabe mais que eu, ele sabe mais que eu, eu vou falar dum país, ele já foi pra aquilo, ele já viu aquilo, ele sabe mais que eu, ele tem fotos pra mostrar daquilo, coisa que eu nunca imaginei, eles sabem mais do que eu, eles têm uma cultura... do mundo”. Sara e seus alunos “personificam” as diferentes classes sociais, e que os indivíduos dessas classes não têm o mesmo acesso aos bens culturais pertencentes, não a uma classe, mas à humanidade inteira.

Perguntamos a Sara se ela é associada a algum sindicato.

Não. Não porque... eu não acredito neles, eu acho que eles servem ao capital, e... querem só tirar dinheiro da gente, pra servir ao capital.

E se os docentes que trabalham com ela na escola são também associados a algum sindicato.

[...] não, inclusive na semana que vem está indo lá a moça do SINPRO<sup>91</sup>, entregar folheto pra todos, não e... o pessoal lá não gosta, porque eles, eles usam artimanhas assim, eles incorporam no teu holerite a taxa deles, sem te dizer que é facultativa, e aí descontam de você, depois que foi descontado é que se você for lá no seu holerite procurar e perguntar: ‘\_Mas o que que é isso?’, aí você pode pedir um ressarcimento, ou você pode pedir pra cancelar, [...]... então assim, eles estão totalmente vinculados ao capital. [...].

Perguntamos a Laura se os sindicatos têm representado os interesses da categoria, se eles podem ser um instrumento na luta de classes do trabalhador contra o capital, se ela tem conhecimento a respeito da promoção pelo sindicato de espaços de formação política-filosófica para os professores, se ela já participou de algum curso de formação.

Não. [...] não porque... eu acho assim, a função deles que eu vejo hoje, se você for demitida, você pode ir lá, pedir pra eles te ajudarem no cálculo, só, isso não representa a gente, dar uma assistência jurídica que qualquer outro... que qualquer outro advogado poderia fazer, o trabalho deles fundamentalmente que eu vejo

---

<sup>91</sup> Sindicato dos Professores.

acontecendo é esse, fazendo cálculo quando você é demitida [...]. É, mas como eles estão todos vinculados às empresas, eles não vão fazer nada além disso. [...] Ah... poderia, poderia ser um veículo pra... de discussão, de... de conseguir unificar as pessoas, pra... poderia ser. [...] Não, não tenho conhecimento. Nunca participei. [...].

Sobre a questão sindical, a relação entre sindicato e professores da rede particular ocorre de modo singular. Por exemplo, se tais docentes paralisarem suas atividades, poderão ser demitidos, ficando à deriva dos interesses da empresa, da escola em que trabalham. Além disso, a Profa. Sara se mostra pessimista em relação às instituições sindicais e o papel que estas têm exercido ou deixado de exercer em nossa sociedade, e vimos que o desenvolvimento de uma consciência de classe proletária, ainda que potencial, encontrará nas escolas particulares provavelmente mais entraves do que os professores que estão nas instituições públicas, pois ainda contam com alguma “estabilidade” no trabalho.

Sara se mostra, não diferente dos demais professores entrevistados, desacreditada, desconfiada do papel exercido pelo sindicato atualmente, reduzido à assistência jurídica, negando sua função social de representante dos interesses do proletariado, e como diz a professora, a instituição serve aos interesses do capital, interessada em retirar dinheiro dos trabalhadores. No entanto, observamos que entre os professores mencionados, Sara é a única docente que não está associada a nenhum sindicato, embora o reconheça ainda como um instrumento de luta do proletariado, e que a instituição sindical poderia ser um espaço de formação político-filosófica para a categoria.

Ainda sobre os cursos de formação, se fossem promovidos pelos sindicatos se eles auxiliariam na luta de classes,

Eu acho que sim, porque o que cabe a gente nesse momento é... é *ampliar a consciência* [grifos nossos], como início... de processo de transformação, ampliar a consciência das pessoas, o que o Marx diz que só vai mudar quando as pessoas sentirem essa necessidade, não quando alguém pegar em arma e impor... a mudança, não vai acontecer assim, à força, à revelia da maioria, *as pessoas têm que estar todas naquele mesmo momento, pensando pra que a coisa mude e aconteça* [grifos nossos], então talvez seria esse... *por isso que a gente continua sendo professor porque a gente acredita nisso, eu desde a graduação eu queria trabalhar com a formação de professores, desde a graduação eu queria, dar aula pra formação inicial de professores, porque eu sempre tive essa ideia de que elas vão pra escola e lá vai estar tudo já organizado do jeito que está, mas com os alunos dentro da sala de aula elas podem fazer alguma coisa* [grifos nossos].

Para Sara “ampliar a consciência”, deveria ser o papel dos sindicatos.

E outra observação pertinente se refere à relação que poderá existir entre o desenvolvimento de uma consciência de classe proletária potencial e a práxis educativa na formação de professores. Quando Sara almeja, desde a graduação, atuar na formação inicial de professores, a nosso ver, ela expressa alguma consciência de classe proletária potencial,

porque seu desejo implica, ao mesmo tempo, uma ação, ainda que limitada, que é a de proporcionar aulas que levem os futuros professores a pensar, a desenvolver uma visão crítica de mundo, e quem sabe modificar a realidade com que se depararão nas escolas.

Sobre a questão do enfrentamento das alunas de Sara em relação às suas aulas no Ensino Superior,

[...], aí depois que eu fui me aprofundando assim, que eu vi que tinha aluna minha que atravessava pasto pra chegar na faculdade, que eu vi que o buraco é bem mais embaixo **mesmo**, [...], eu tenho ali gente semianalfabeta, estudando pra ser professora, porque a universidade particular não quer nem saber se ela sabe ler e escrever, se ela pagar a mensalidade, ela é aceita, ela fica, e ela passa... de período a período, escrevendo coisas totalmente erradas, aí vai alfabetizar a criança, está ali, [...], porque eu entendo que... gente, *you vai dar aula de Sociologia, mas elas não sabem lá o que é a primeira Revolução Industrial, o que é que aprendeu lá no sexto ano, elas não sabem, leitura... zero, não leem nada, não tem capacidade de abstrair* [grifos nossos], e eu tenho conflitos lá com elas, que eu tenho com os pequenos! Elas agem de maneira semelhante aos meus pequenos [...].

Este anseio de Sara por incentivar uma mudança por meio da formação inicial de professores nos mostra que é possível o docente encontrar alguns obstáculos postos pelo próprio proletariado, neste caso, representado pelas alunas de Sara no Ensino Superior. Será que parte desse “enfrentamento” pode ser compreendido como uma “recusa” das alunas, ou pelo menos por parte delas, de se colocarem à frente de sua própria condição de classe? Seria a negação de terem que se deparar, mais uma vez, com suas realidades sofridas de vida?

Questionamos Sara se a forma de ela ensinar os conceitos científicos é neutra.

Não. Porque eu não acredito que exista neutralidade em nada na vida, não é não, [...] *porque nossa concepção de mundo, de homem e de sociedade tá em cada gesto nosso* [grifos nossos], então não tem como falar, [...] sempre a gente vai, a nossa subjetividade tá... na aula que a gente vai dar, mesmo que eu e você, que a gente vá dar a mesma aula, com a aula prontinha aqui no papel, serão aulas diferentes, não tem como.

E se o seu modo de ensinar os conceitos científicos aos alunos pode contribuir de alguma forma para a luta do proletariado contra a classe dominante do capital.

Acredito que sim, acredito que sim, é... por exemplo, o que é pedido que se faça com eles [no ensino superior] é que se passe o mais generalista possível, sem nenhum aprofundamento, sem nenhuma discussão, [...], então se a gente for fazer como é pedido é sem nenhum nível de reflexão crítica e profunda e... e... por exemplo, lá eu tenho as Práticas, eu dou aula de Prática, que é uma mudança da Diretriz Curricular da Pedagogia, tirou um terço da carga horária teórica e colocou Práticas, mas sem dizer que prática é essa, então, *cada um faz a prática que quiser* [grifos nossos], e a prática que elas querem fazer na faculdade é cortar EVA, e fazer coisas de EVA, e eu não acho essa uma prática válida, e eu falo pra elas que isso não é uma prática válida, que elas não vão fazer isso comigo, então eu falo: ‘\_Olha, o que a gente pode fazer é...’ eu estou propondo pra elas uma prática de escrever um projeto, eu digo: ‘\_Essa é uma prática importante, aprender a escrever um projeto, o que que é a justificativa de um projeto, a metodologia, vamos escrever? Cada aula a gente escreve’ e eu vou intercalando esse projeto com leituras do Paulo Freire, eu falo: ‘\_A gente vai discutir, conversar sobre a prática’, mas não ficar cortando tudo o que

já vende pronto na papelaria, [...] é... elas não querem, [...], então eu fui tirada das Práticas porque elas reclamaram muito, porque eu dava teoria na prática [...]. [...] elas sempre me dizem assim: ‘\_Eu entendo tudo quando você dá aula, mas quando eu vou ler o texto... eu, embaralha e eu desisto de ler’, elas não leem os textos, porque elas não conseguem entender, então, exatamente tudo o que eu falar elas anotam, essa é a aula que elas têm, [...].

A Profa. Sara reafirma, mais uma vez, o que já disseram todos os professores entrevistados, é impossível realizar uma práxis educativa “neutra”.

Como diz Sara “[...] *nossa concepção de mundo, de homem e de sociedade tá em cada gesto nosso*”. Essa consciência da professora, que permeia as suas aulas, nos mostra que há uma tendência à realização de uma consciência de classe proletária potencial, porque de algum modo ela se dispõe conscientemente a levar suas alunas a pensar a prática social, a realidade mesma, de modo parcial, crítico, que poderá levá-las, no futuro, a modificar algo em sua realidade, embora verificamos, por meio da fala de Sara, que existe uma “resistência” por parte de suas educandas em aprender algo que é importante à formação delas como futuras professoras, mas que essas alunas, como também a categoria dos docentes, possam um dia “despertar”, porque estão algozes de si mesmas.

## 5. Dos professores entrevistados: uma “conclusão”

Existe uma humanidade no trabalho que não poderia ser alcançada caso a pesquisa fosse construída, do início ao fim, apenas teoricamente. E isto é um aprendizado. Existem marcas nas lembranças, pequenas histórias de vida, passagens, partes das memórias-trabalho e política dos professores, que são imprescindíveis ao desenvolvimento de nossa tese, a consciência de classe proletária potencial.

Somos um misto de formas de consciência, de consciências de classes, de consciência política potencial<sup>92</sup>, que se realiza circunstancialmente, de forma não linear na fala de cada um, e o que existe, na realidade, são “rastros”, indícios, tendências de uma consciência de classe proletária potencial, que está em relação com a predominante consciência de classe burguesa.

Laura, há vinte anos no magistério, sente-se depressiva e cansada, mas ainda conserva algum idealismo em relação às mudanças que podem ocorrer na escola e na sociedade, embora suas expectativas sejam remotas a respeito de tais modificações, embora recue sua

---

<sup>92</sup>A consciência política potencial será adotada neste estudo como sinônimo da consciência de classe proletária potencial, assim como nos deparamos nos textos de alguns autores marxistas com a consciência de classe proletária como sinônimo de consciência revolucionária, consciência política.

consciência de classe proletária potencial, assim como ocorre, em certa medida, com o Prof. Luís.

As memórias-trabalho e política da professora nos mostram uma visão crítica de mundo, sua participação em greves, em manifestações, mas atualmente Laura está desacreditada do sindicato, pensa em dissociar-se, mas ainda assim, na sala de aula, persiste lutando; por meio do ensino de História, a professora tenta “despertar” pelo menos uma parte de seus alunos para a reflexão sobre os problemas da realidade, tendo em vista a defasagem do processo de ensino e aprendizagem na escola, assim como as condições em que Laura trabalha.

Artur, sem dúvida, é o professor que, de acordo com suas lembranças, avança em relação ao desenvolvimento de uma consciência de classe proletária potencial. Ele tem como objetivo, inclusive, por meio do exercício de sua práxis educativa, lutar para que seus alunos não estejam indiferentes em relação ao ensino, o professor tem alguma clareza das estratégias do Estado que desarticulam, desmotivam, e fragmentam a categoria dos professores. Ao contrário de Luís e Laura, que também evidenciam certo conhecimento a respeito das estratégias do Estado que desmobilizam os docentes, Artur, um educador-militante, persiste filiado ao sindicato e a um partido político, pois pretende se unir a grupos que compartilham de sua visão de transformação do mundo. Artur diferente de Luís, Laura, Luíza e Sara, quer “tomar” o sindicato para modificá-lo.

Para Luíza, Sara e Artur, suas formações iniciais, respectivamente cursaram Pedagogia e Sociologia, colaboraram sobremaneira para o desenvolvimento de suas concepções de mundo, assim como, a nosso ver, para a consciência de classe proletária potencial de cada um.

Luíza, professora da Educação Infantil, realiza análises a respeito das manifestações que ocorreram em nossa sociedade, especialmente, no ano de 2015, reconhecendo seus avanços e limites, e que nem sempre um grupo reunido representa que está, de fato, num “embate” contra a classe burguesa.

A professora, por meio de sua práxis, mostra que, a partir da Educação Infantil, dependendo da forma de ensino, as crianças pequenas podem aprender a posicionar-se diante os fatos da realidade social. Todos os professores entrevistados, de certo modo, acreditam que é possível fortalecer as lutas do proletariado, inclusive, por meio da escola. Este ponto, em especial, nos interessa, pois acreditamos na possibilidade de desenvolvimento de uma consciência de classe proletária potencial, sobretudo, por meio da práxis educativa. Luíza, ao contrário de Artur, está associada não ao sindicato, mas aderiu a uma associação para fazer frente ao sindicato burocratizado.

Sara, a única professora que não está filiada a uma instituição sindical, por trabalhar em instituições particulares de ensino, provavelmente se depara com maiores dificuldades para o desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial, que se expressa, em alguma medida, por sua visão que em alguns momentos de sua narrativa é crítica. Sara e seus alunos da escola particular em que trabalha personificam, reproduzem a sociedade de classes em que vivemos.

Além disso, a professora relata que, mesmo cientes das desigualdades em nosso meio social, nos sujeitamos às condições postas pelo trabalho assalariado. Uma evidência do predomínio de uma consciência de classe burguesa sobre as tendências descontínuas e tênues de uma consciência de classe proletária potencial. O idealismo de Sara, sua tentativa de mudar o mundo se encontrava, pelo menos, no Ensino Superior, seu anseio estava em formar futuros professores que pudessem modificar as realidades escolares, com as quais se deparariam no futuro. Sara constatou que a formação inicial de professores pode encontrar obstáculos e um enfrentamento advindo dos próprios discentes-proletários, e que a situação se coloca mais complexa do que Sara poderia imaginar.

Luís, docente que detém um histórico de militância interessante, também está há muito tempo na escola pública, nunca deixou de estudar, de formar-se, e se entristece diante o não reconhecimento do professor pela sociedade atual. Luís denuncia parte da realidade da escola pública, suas contradições, evidencia sua visão de mundo crítica, o que sinaliza para o desenvolvimento de sua consciência de classe proletária potencial, que fica circunscrita aos limites da luta pelo reconhecimento.

Portanto, diante o desenvolvimento da consciência política potencial, acreditamos que a apreensão de parte das contradições da realidade social é imprescindível para o avanço da luta de classes. É na apreensão das contradições que poderá surgir uma inconformidade com as condições de trabalho a que está submetido o proletariado, e este poderá se organizar em grupos, e quem sabe, evoluir para classe. As contradições históricas são o motor da luta de classes.

Assim, somos gratos aos professores que nos concederam não apenas uma entrevista, mas um pedaço de suas vidas. São docentes comprometidos com suas práxis educativas, e que sigam, valentes, lutando.

Como diz Ecléa Bosi (2003, p.155, grifos nossos),

*Se o testemunho dessas pessoas se reveste de respeitabilidade, com mais força de razão deveríamos procurar outra fonte: os depoimentos dos trabalhadores que alcançaram, através de uma vida intensa das condições de sua classe, uma consciência militante. No trato desses depoimentos devemos ficar muito atentos a toda centelha de consciência. Atrás deles está uma pessoa que percebe, luta, cujas*

*mãos tecem o tecido vivo da história; seguramos com força os fios dessa trama. Esses momentos privilegiados de consciência redimem as lacunas no existir diário que pode ser, para tantos, “o cotidiano, isto é, falso” de Lukács.*

Neste trabalho, procuramos, por meio dos depoimentos de parte do proletariado, dos professores-proletários, segurar “com força os fios dessa trama”, dessa consciência proletária que já existe potencialmente em alguns, onde há certamente uma “centelha”, embora se sobreponha a ela, ou mesmo prevaleça, uma consciência de classe burguesa, que nos oprime, subjuga, nos domina cotidianamente. É provável que tais professores continuem vendendo sua capacidade de trabalho ao capital, podem até mesmo almejar melhores salários, mas ainda assim, oculta, escondida, em suas concepções de mundo, de sociedade, de homem, existe lá, no fundo da alma de cada sujeito, a necessidade, o desejo de luta, de desfazer-se enquanto objeto. De ser e de atuar como indivíduo singular, como ser social, coletivo, e fruir uma vida em que possam criar e se desenvolver plenamente.

Ainda diz Ecléa Bosi (2003, p.61, p.66, grifos da autora), em suas “sugestões a um jovem pesquisador”,

Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes. Às vezes falta ao pesquisador maturidade afetiva ou mesmo formação histórica para compreender *a maneira de ser* do depoente. Somos, em geral, prisioneiros de nossas representações, mas somos também desafiados a transpor esse limite acompanhando o ritmo da pesquisa. [...]. A narrativa é sempre uma escavação original do indivíduo, em tensão constante contra o tempo organizado pelo sistema. Esse tempo original e interior é a maior riqueza de que dispomos. [...]. Mas a leitura crítica tem que ser determinada por um projeto. O passado reconstruído não é refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. A memória deixa de ter um caráter de restauração e passa a ser memória *geradora* do futuro.

Aprendemos que há gente espalhada nas escolas sejam públicas, ou particulares, assim como nas universidades, “fazendo a coisa acontecer”. Lutando, ainda que restritos à sala de aula, para oferecer aos alunos um processo de ensino e aprendizagem comprometido, atrelado a uma sociedade que está em constante transformação, e que precisa mudar seus rumos, desumanos. Há professores interessados nas escolas, preocupados com o desenvolvimento de seus alunos, ainda que a decisão pela docência tenha sido mais uma imposição das condições objetivas, ainda que tenham decidido com consciência e vontade serem professores, influenciados por suas experiências de vida. Apesar das condições precárias que desumanizam, desvalorizam os docentes, há pessoas engajadas nas instituições.

É possível observar nas narrativas dos docentes essa “tensão constante contra o tempo organizado pelo sistema”, de que fala Ecléa Bosi. Existe uma luta contra o “tempo” difícil dos



começos de carreira que cada um se propõe a superar, um “tempo” de legislações arbitrárias impostas pelos governantes, que é necessário compreender, para que exista possibilidade de mudança, um “tempo” de precariedade que se entrelaça e esmaga a práxis educativa, do qual é preciso libertá-la. Um “tempo” de sobrevivência apertado cada vez mais pelas condições de vida impostas por esta sociedade desigual, que é preciso suportar e vencer.

Aliás, cada depoimento, cada narrativa, reafirma a necessidade de unificação da classe proletária, assim como da categoria dos professores, e isso nos projeta para algum “futuro”. Da união de todos os docentes, da Educação Básica ao Ensino Superior, daqueles que são comprometidos com suas práxis, não podem existir estereótipos, por exemplo, que reduzam parte dos professores às “tias que cuidam”. Existe aí uma cisão absurda, desrespeitosa, que precisa ser superada, já que são todos docentes, da Educação Infantil ao Ensino Superior.

E se a memória é um “manancial” de riquezas da vida de um ser humano, aprendemos o quanto é imprescindível à pesquisa encontrá-la, “escavá-la”, para tecer a história e engendrar possibilidades de mudança no presente-futuro.

## **6. Observações sobre a consciência de classe proletária potencial**

Neste trabalho, como mencionamos, escolhemos partir do concreto. Dos professores-proletários, de suas memórias-trabalho e política. Assim, representamos, de alguma maneira, a relação teoria-prática, e, como vimos no primeiro capítulo desta tese, a prática reclama à teoria formas de compreensão do real. Vimos ainda que a prática é o critério de verdade. Para o conhecimento verdadeiro.

O processo de investigação teórica apresentado a partir do primeiro capítulo se revela por meio de “águas agitadas, turbulentas”, que não podemos “dominar”, pois ainda há muito material a ser explorado, lido, relido, revisitado. Porém, de algum modo, em meio à precariedade do trabalho que ronda os programas de pós-graduação, apresentamos nossa tese, a consciência de classe proletária ou a consciência política potencial. Mas essa conclusão provisória representa, ao mesmo tempo, um novo ponto de partida, é preciso investigar mais, conhecer a realidade, sua concretude, conversar com trabalhadores, conviver com proletários, o que é (re)vitalizante para o trabalho de pesquisa, pois somente eles poderão nos ajudar na reconstrução, ainda que singular, do processo histórico, das nuances de parte dos processos de consciência, que poderão se revelar tendencial e potencialmente, em alguns momentos, em direção a uma consciência de classe proletária autêntica.

Para Iasi (2014, p.21, grifos nossos),

*A consciência da não-identidade com a ordem*, a não-correspondência dos valores desta ordem com a realidade em constante movimento produzem a consciência como uma roupa que serve a quem tem frio. A consciência continua a se produzir apesar de devaneios ideológicos daqueles que querem dar forma permanente à sociedade atual. *A consciência é filha do movimento e das contradições e não das certezas, quaisquer que sejam*. O mundo atual é uma realidade que precisa ser transformada. [...]. As atuais relações sociais de produção impedem o desenvolvimento da humanidade e a destroem a cada dia. A sociedade capitalista produtora de mercadorias reificou os seres humanos e fetichizou as coisas colocando o criador a serviço da criatura. [...]. No movimento por sua emancipação os seres humanos enfrentam as *mediações* criadas por eles e que se interpõem entre eles e sua própria natureza.

A consciência de classe proletária como uma dimensão da práxis revolucionária, e aqui está posta a relação entre ação e consciência de classe, pode ser ainda compreendida como a consciência da não-identidade com a ordem, denominada por Iasi (2014), e é como uma “roupa que serve a quem tem frio”, diz o autor. É ainda a consciência que se manifesta inconformada e que se propõe a lutar contra o sistema ardiloso em produzir desumanidade, o capital. Assim, procuramos, por meio deste estudo inicial, apresentar e retomar o desafio histórico do proletariado, a relação que se trava entre o sistema de mediações de segunda ordem, que é preciso superar, e a ação e a consciência de classe. É importante para o proletariado essa consciência a respeito desse desafio histórico, para que não se deixe convencer por teorias falaciosas, ou crie esperanças ilusórias em relação às mudanças que poderão ocorrer na sociedade.

A consciência de classe proletária é também fruto, resultado, das contradições históricas que permeiam a realidade social. Quando o proletariado sente na pele e no espírito os efeitos da exploração do trabalho, um sentimento de revolta eclode em seu ser, e esse sentimento pode se identificar com o de outros trabalhadores, que poderão se unir e lutar contra tais condições de exploração. As contradições sociais também podem ajudar a desenvolver no proletariado alguma consciência sobre sua real condição de classe. As contradições, como mencionamos, são o “motor da história” que podem colocar em movimento classes inteiras e produzir, ao mesmo tempo, as lutas de classes. Eis o ponto do qual devemos partir.

Quantas contradições a partir de suas condições de trabalho não foram expostas pelos docentes, que revelam parte de seu processo de consciência de classe, ainda que de forma tênue!

Ainda diz o autor *supra*,

*A autonomia do proletariado é em potência e não de fato, como era a autonomia de classe da burguesia sob o feudalismo. A autonomia de classe do proletariado vem do fato de poder representar contra a burguesia uma alternativa de sociedade de padrão de desenvolvimento humano, sendo, portanto, uma autonomia a ser conquistada,*

mais do que dada objetivamente. A crise da sociedade burguesa, produzida pela plena manifestação do máximo desenvolvimento da sociedade das mercadorias, produz por sua vez a crise de legitimidade da burguesia no desempenho do papel universal que desempenhou na luta contra a ordem feudal. Seus interesses e necessidades se chocam com os interesses e necessidades do conjunto da sociedade, e a produção social da vida não pode se dar nos estreitos limites das relações sociais de produção assalariada. A perda do caráter universal da burguesia revela o particularismo de suas idéias e seus valores, pondo por terra seu caráter “sagrado”. (IASI, 2014, p.30, grifos nossos)

Portanto, a consciência de classe proletária é processual, a autonomia mencionada por Iasi (2014) requer igualmente a consciência de classe, que se coloca em relação com o desenvolvimento social e suas contradições, e existe potencialmente, assim como a classe, o proletariado, não existindo de fato, estado que poderá ser superado num momento revolucionário das lutas de classes.

Além disso, concluímos, após a análise das entrevistas, que a consciência de classe em si poderá também ser considerada uma forma qualitativamente distinta de consciência de classe proletária potencial, porque ainda não se trata de uma consciência revolucionária, autêntica, em sua expressão, porém diferente daquela “consciência individual”. Mesmo nesta forma de consciência, observamos, por meio das narrativas dos professores, que já se revela, por meio de suas compreensões de mundo, em graus distintos, uma tendência a uma consciência de classe proletária que avança, por exemplo, no caso de Artur, mas que recua e enfraquece como a de Laura e de Luís.

Em síntese, a consciência de classe em si pode expressar, com mais nitidez, uma consciência de classe proletária, mas que existe ainda potencialmente.

Vimos que esse movimento da consciência pode não ser progressivo, e muitas vezes não o é, mas se mostra constantemente descontínuo, frequentemente marcado por recuos, por pontos de adequação do indivíduo, novamente, à ordem social estabelecida. Ainda que esse indivíduo não seja o mesmo de antes. Apesar disso, a consciência de classe é considerada uma mediação que se realiza por meio do processo histórico.

Portanto, apresentamos graus diferentes da consciência de classe proletária potencial, o que reforça mais uma vez a processualidade histórica do desenvolvimento da consciência de classe. E neste estudo, reafirmamos que a tendência a essa forma de consciência política tem seu ponto de partida no indivíduo. Um processo que tem início e que é anterior à ação do grupo, à consciência em si, embora o estado posterior de consciência se caracteriza pela superação do que existia anteriormente, não pela sua anulação.

Ainda sobre a tese, apenas juntamos as palavras para tentar compor uma categoria, que, para ser o que se propõe a ser, precisa receber o “aval” da realidade, da práxis social,

assim como dos “homens de conhecimento” ou pelo menos por uma parte deles. Ou seja, não há nada de novo. Há só um renovo do que já existe.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como diz Ecléa Bosi “O desenraizamento é uma condição desagregadora da memória: sua causa é o predomínio das relações de dinheiro sobre outros vínculos sociais. Ter um passado, eis outro direito da pessoa que deriva de seu enraizamento. [...]” E conclui seu pensamento ao dizer, “Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: *a espoliação das lembranças*.” (BOSI, 1983, p.362, grifos nossos).

A citação anterior nos faz pensar acerca de mais uma das consequências do modo de se realizar do capital e do capitalismo contemporâneo, assunto sobre o qual pouco ou nada pensamos: a espoliação da memória. O desenraizamento do indivíduo, especialmente, do proletário, da proletária, que está à deriva do movimento do capital, de seu contorcimento reprodutivo, de suas cíclicas crises econômicas. O sujeito se desenraiza, por exemplo, quando perde o emprego, o salário, fonte de sustento da família, a moradia, a dignidade da vida, e, assim, precisa mover-se, mudar.

Temos o direito de criar nossa história, é necessário mesmo reivindicar esse direito, porém não nos deparamos com as condições materiais e espirituais de vida para que possamos, de fato, existir, criar nossas raízes, desenvolver nossa identidade, promover e prolongar nossa memória. Então, é preciso criar tais condições. Nos dias atuais, a possibilidade de memorizar uma vida com sentido nos é roubada, porque a vida com sentido assim o é, diariamente, e com a mesma intensidade com que o dominador subtrai a mais-valia, tempo de trabalho objetivado na mercadoria pelo trabalhador, que está obrigado a produzir mais, em tempo mínimo. E essa realidade não está restrita ao homem da fábrica.

O tempo presente do capital é cruel, violento, porque nos furta o tempo da possibilidade de realização das potencialidades humanas, e o “preenche” com o tempo do trabalho abstrato, *estranho*. O que nos esvazia e nos provoca sofrimento. Observamos que em nosso dia a dia algo está errado. O individualismo presente faz-se cada vez mais intenso e sabemos que é preciso reverter este quadro inumano. A perda da sensibilidade do homem é uma constante verificável. O discurso de tolerância, em detrimento de uma sociedade egoísta, não consegue apaziguar as relações entre as pessoas. Vivemos numa sociedade em estado de guerra constante consigo mesma.

Se nos encontramos fracos nesta sociedade grotesca, insensíveis, desunidos na força a fim de lutar por uma sociedade justa, é necessário, em contrapartida, algum empenho, inclinação própria, disponibilidade para combatermos a desumanidade que nos é cotidianamente imposta. É preciso algum esforço mútuo. Conversar mais, ouvir mais, nos

solidarizar com as dificuldades do outro. Colocar-nos em relação com o grupo, a categoria, a classe toda. Como fala Éclea Bosi (2003, p.208), “As chaves do futuro e de utopia estão escondidas, quem sabe, na memória das lutas, nas histórias dos simples, nas lembranças dos velhos”. É provável encontrar “chaves” escondidas nas memórias dos trabalhadores, provavelmente, dos trabalhadores simples. O reconstruir de uma realidade de um proletário, por exemplo, nos ajudará a recontar a história da perspectiva de quem luta pela sobrevivência, de compreender sua identidade, seu trabalho, e, ao mesmo tempo, reconhecer uma vida. Como menciona ainda Umberto Eco (2016, p.136), em seu livro *Como se faz uma tese*, “É isso a humildade científica. Todos podem ensinar-nos alguma coisa”. A realidade, as pessoas que dela são parte são uma fonte infinda de questões.

Portanto, reafirmamos a importância de os pesquisadores do campo da tradição marxista, em especial, se debruçarem, entregarem-se à realidade mesma. Imergirem no cotidiano do trabalho, não, do trabalhador, da trabalhadora. Ao enfatizarmos a centralidade da obra marxiana, a atividade produtiva, podemos negligenciar o próprio proletariado. O trabalho, mesmo quando abordado seu aspecto positivo, humanizador, ao tratá-lo teoricamente, e apenas assim, transforma-se em negação de quem o realiza, porque oculta o homem que emprega sua capacidade no trabalho.

Se em alguma medida, nesta pesquisa, não produzimos um “texto religioso” utilizando as teses marxianas, esvaziando-as, então compreendemos nossa tarefa minimamente cumprida. A investigação teórica é necessária, mas a exposição do que foi estudado se realiza em contato com a prática. Ao narrarem os professores parte de suas memórias-trabalho e política, verificamos a complexidade de que tanto falamos em nossos estudos, que só aparece de fato quando nos deparamos, de alguma forma, com a realidade, o cotidiano. Ao registrar a fala de cada docente, o trabalho de pesquisa, então, ganhou vida. E em cada uma das narrativas se encontra um fragmento, com dimensões distintas, de uma consciência de classe proletária que só pode existir descontínua e potencialmente. Uma consciência de classe proletária potencial, que existe em meio a um processo de consciência contraditório e que, ao mesmo tempo, reflete os matizes de uma consciência de classe burguesa.

Concluimos a impossibilidade de analisar as narrativas do ponto de vista da lógica formal, se os professores têm ou não uma consciência de classe proletária. Se o proletariado existe potencialmente, se vivemos numa sociedade contraditória, que às vezes se colocam em embate as principais classes sociais, a burguesia e o proletariado, e suas frações, e essa contraditoriedade se reflete em nosso ser e consciência, concluimos, por meio das leituras e

das memórias narradas, que tal consciência só poderia existir fluída, descontínua e potencialmente.

Em síntese, falta-nos a força da tragédia para superar, enfim, o grotesco.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Luís Vieira; ARNONI, Maria Eliza Brefere; OLIVEIRA, Edilson Moreira. **Mediação dialética na educação escolar: teoria e prática**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

ALTHUSSER, Louis. **Posições II**. [Tradução por Manoel Barros da Motta, Maria Laura Vieira de Castro, Rita Lima]. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980. (Biblioteca de Ciências Sociais; v. 17)

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Elegia 1938**. Disponível em: <<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/elegia-1938-drummond-com-video-com-caetano-veloso/#.VZ01XfIViko>>. Acesso em: jul. 2015.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. – 15.ed. - São Paulo: Cortez, 2011. 212p.

\_\_\_\_\_. **O caracol e a sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. – São Paulo: Boitempo, 2005. 136p. (Mundo do trabalho)

\_\_\_\_\_. (org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II**. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. **Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. – [2. ed., 10. reimpr. ver. e ampl.]. – São Paulo: Boitempo, 2009. – (Mundo do Trabalho)

\_\_\_\_\_. **O que é sindicalismo?** - 2. ed. - São Paulo: Editora Brasiliense, 19--. p. 10-45.

\_\_\_\_\_.; ALVES, Giovanni. **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf>>. Acesso: dez. 2015.

APEOESP. **Informa Urgente nº39**. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/apeoesp-informa-urgente-039-16-1.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. **Manual do Professor**. Disponível em: <[file:///C:/Users/User/Downloads/manual-professor-2015%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/manual-professor-2015%20(1).pdf)>. Acesso em: 26 dez. 2016.



ARNONI, Maria Eliza Brefere. **Mediação dialético-pedagógica e práxis educativa: o aspecto ontológico da aula.** Artigo disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/3238/2662>>. Acesso em: 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi.** [tradução: Carlos Alberto Medeiros]. – Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BARATA-MOURA, José. **Superestrutura e Classes Sociais.** Lisboa: Edições Avante, 2010. Cadernos O Militante, v. 6.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação.** Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/metaspne>>. Acesso em: fev. 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **A cerimônia do adeus: seguido de entrevistas com Jean Paul-Sartre agosto-setembro de 1974.** [tradução Rita Braga]. – [Ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. 576 p. (Coleção Clássicos para Todos)

BENJAMIM, Walter. **O anjo da história.** [organização e tradução de João Barrento] – 2. ed.; 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BERNARDO, João. **O proletariado como produtor e produto.** Disponível em: <<http://www.rep.org.br/PDF/19-5.PDF>>. Acesso em: nov. 2015.

\_\_\_\_\_. **Crise dos Trabalhadores ou crise do sindicalismo.** Disponível em: <[http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/4\\_Bernardo.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/4_Bernardo.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2017.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista.** [tradutor Waltensir Dutra, Tom Bottomore editor]. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p 128-130.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, reimpressão 1983.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRECHT, Bertolt. **Elogio da Dialética.** Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/poesiasdetristeza/377543>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. **Nada é impossível de mudar.** Disponível em: <  
<http://www.consciencia.net/artes/literatura/brecht.html>>. Acesso em: maio 2017.

BRUCK, Mozahir Salomão. **Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. Dispositiva.** v.1 n.2, nov.2012 / abr. 2013.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho.** – 12. Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese.** [tradução Gilson Cesar Cardoso de Souza] – 26. ed. - São Paulo: Perspectiva, p.136-138, 2016. (Coleção Estudos; 85/ dirigido por J. Guinsburg).

EDELMAN, Bernard. **A legalização da classe operária.** [coord. tradução Marcus Orione] – 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** [organizado por Michael Schröter; tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro]. – Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado.** Tradução de Leandro Konder. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

\_\_\_\_\_. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** [tradução B. A. Schumann, supervisão, apresentação e notas José Paulo Netto]. – [Edição revista]. – São Paulo: Boitempo, 2010. 388p. (Mundo do trabalho; Coleção Marx-Engels)

\_\_\_\_\_. tradução [de] Fernando Ribeiro de Mello. **Anti-Dühring.** Lisboa: Edições Afrodite, 1974.

\_\_\_\_\_. **Carta a Joseph Bloch.** Disponível em:  
 <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1890/09/22.htm>>. Acesso em: jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Esboço de uma Crítica da Economia Política.** Disponível em:  
 <<https://pt.scribd.com/doc/307347091/ENGELS-Frederich-Esboco-de-Uma-Critica-Da-Economia-Politica>>. Acesso em: 2016.

ÉSQUILO. **Prometeu acorrentado.** [tradução J. B. Mello de Souza]. – 3. reimp. – São Paulo: Editora Martin Claret Ltda., 2011.

FERNANDES, Florestan. **Marx, Engels, Lenin: história em processo.** – 1. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2012.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo Dependente e as classes sociais na América Latina.** - 2. ed. – Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

FREDERICO, Celso. **Consciência Operária no Brasil** (estudo com um grupo de trabalhadores). São Paulo: Editora Ática, 1978.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** [Tradução Carlos Nelson Coutinho]. - 4. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HARVEY, David. **A violência nas ruas e o fim do capital.** Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2014/07/31/harvey-a-violencia-nas-ruas-e-o-fim-do-capital/>>. Acesso em: jan. 2017.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da Lógica: 1. A doutrina do ser.** [traduzido por Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini]. – Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016. (Coleção Pensamento Humano).

HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções, 1789-1848.** – 34ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

IASI, Mauro Luís. **As metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento.** – 2.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2012. 584p.

\_\_\_\_\_. **O Dilema de Hamlet: o ser e o não ser da consciência.** – 1. ed. – 1. reimp. – São Paulo: Viramundo, 2014.

\_\_\_\_\_. **Processo de Consciência.** São Paulo: CPV, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ensaio sobre consciência e emancipação.** – 2. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2011.

INTERNACIONAL LAUBOR ORGANIZATION. **World Employment and Social Outlook**. Disponível em:  
<file:///C:/Users/User/Downloads/World%20Employment%20and%20Social%20Outlook.pdf  
>. Acesso: 12 ago. 2015.

KLEE, Paul. **Angelus Novus**. Quadro disponível em:  
<[http://www.versobooks.com/blogs?mentioned\\_book=3651](http://www.versobooks.com/blogs?mentioned_book=3651)>. Acesso em: jan. 2017.

KONDER, Leandro. **Em torno de Marx**. - São Paulo: Boitempo, 2010. (Marxismo e Literatura).

KOSÍK, Karel. **Dialética do concreto**. [tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio, 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LENIN, Vladimir Ilitch. **Cadernos sobre a dialética de Hegel**. [introdução Henri Lefebvre e Norbert Guterman, tradução José Paulo Netto]. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

\_\_\_\_\_. **Que fazer: Problemas candentes de nosso tempo**. [tradução Marcelo Braz]. 1.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2010. 288p.

LESSA, Sérgio. **Para compreender a ontologia de Lukács**. 3. ed. Revista e ampliada. Editora Unijuí: Ijuí, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. – 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_, TONET, Ivo. **Proletariado e sujeito revolucionário**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

\_\_\_\_\_. **Lukács: momento predominante e transição ao comunismo**. Disponível em:  
<[http://sergiolessa.com.br/uploads/7/1/3/3/71338853/momtpredo\\_2012.pdf](http://sergiolessa.com.br/uploads/7/1/3/3/71338853/momtpredo_2012.pdf)>. Acesso em: jul. 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. – 2. ed. – São Paulo: Cortez Editora, 2013.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis, v. 10 n. esp., p. 37-45, 2007.

LÖWITZ, Karl. **De Hegel a Nietzsche: a ruptura revolucionária no pensamento do século XIX: Marx e Kierkegaard**. [tradução Flamarion Caldeira Ramos, Luiz Fernando Barrére Martin]. – 1.ed. – São Paulo: Editora da Unesp, 2014. 458p.

LUDOVICO, Silva. **O estilo literário de Marx**. [tradução José Paulo Netto]. – 1. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2012. 112 p. (Coleção Arte e Sociedade).

LUKÁCS, George. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível**. [tradução de Lya Luft e Rodnei Nascimento; supervisão editorial de Ester Vaisman]. – São Paulo: Boitempo, 2010. p.75-126.

\_\_\_\_\_. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. [tradução Rodnei Nascimento; revisão da tradução Karina Jamnini]. – 2ª. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. – (Biblioteca do pensamento moderno)

\_\_\_\_\_. **Ontologia do Ser Social: A Falsa e a Verdadeira Ontologia de Hegel**. [tradução de Carlos Nelson Coutinho]. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

\_\_\_\_\_; SCHAFF, Adam. **Sobre o conceito de consciência de classe**. [tradução Patrícia Boanova]. Porto: Publicações Escorpião, 1973.

\_\_\_\_\_. **Velha e nova cultura**. Disponível em: <[www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/mes/cultura.htm](http://www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/mes/cultura.htm)>. Acesso em: ago. 2015.

MAIAKÓVSKI: vida e poesia. [tradução Emílio C. Guerra e Daniel Fresnot]. 2. Ed. – 1ª reimpressão. – São Paulo: Martin Claret, 2011.

MARTINS, Lígia Márcia. O legado do século XX para a formação de professores. In: MARTINS, Lígia Márcia; DUARTE, Newton (orgs.). **Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.13-31.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. [tradução de Rubens Enderle]. – São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política**. [supervisão editorial Mario Duayer; tradução Mario Duayer, Nélio Schneider] (colaboração de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman). – São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

\_\_\_\_\_. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**, 1843. [tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus, supervisão e notas Marcelo Backes]. – prefácio à terceira edição Alysson Leonardo Mascaro. – 3. ed. – São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_, ENGELS, F. **A sagrada família**, ou, A crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes. [tradução, organização e notas de Marcelo Backes]. – 1. ed. revista. – São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. **Miséria da Filosofia**, 1847. [tradução Torrieri Guimarães; prefácio e notas Jean Kessler]. – São Paulo: Martin Claret, 2008.

\_\_\_\_\_. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**, 1852. [tradução revista por Leandro Konder]. – 2. ed. – São Paulo: Martin Claret, 2008.

\_\_\_\_\_. **As lutas de classes na França de 1848 a 1850**. [tradução Nélio Scheneider]. - São Paulo: Boitempo, 2012.

\_\_\_\_\_. **A Ideologia Alemã**. Feuerbach – A contraposição entre as cosmovisões Materialista e Idealista. [tradução Frank Müller]. – 4<sup>a</sup>. reimpr. – São Paulo: Martin Claret, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Ideologia Alemã**. [tradução, org. prefácio e notas Marcelo Backes]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_. **A revolução antes da revolução**. – 1. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2008. 440p. – (Assim lutam os povos; v. 2)

\_\_\_\_\_. **Manifesto do Partido Comunista**. [tradução Álvaro Pina e Ivana Jinkings]. 1. ed. revista – São Paulo: Boitempo, 2010. 271p.

\_\_\_\_\_. **As formações econômicas pré-capitalistas**. [introdução Eric Hobsbawm, tradução João Maia, revista por Alexandre Addor]. – 4. ed. – Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. **Glosas críticas marginais ao artigo “O Rei da Prússia e a Reforma Social” de um prussiano**. – 1. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2010.

\_\_\_\_\_. tradução [de] Pietro Nasseti. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

\_\_\_\_\_. tradução [de] José Barata-Moura. **Para a questão judaica**, 1843. – 1.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2009.

\_\_\_\_\_. tradução [de] Jesus Ranieri. **Manuscrtos Econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MÉZSÁROS, István. tradução [de] Isa Tavares. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006. p.67-85, p.139-147.

\_\_\_\_\_. **Estrutura social e formas de consciênciaII**: a dialética da estrutura e da história. [tradução Rogério Bettoni; revisão técnica Caio Antunes]. – São Paulo: Boitempo, 2011. (Mundo do trabalho)

\_\_\_\_\_. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. [tradução Paulo Cezar Castanheira, Sérgio Lessa]. – 1. ed. revista. – São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. **A montanha que devemos conquistar**: reflexões acerca do Estado. [tradução Maria Izabel Lagoa]. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2015.

**Oposição Alternativa conquista importante vitória na Apeoesp**. Disponível em: <<http://www.pstu.org.br/oposicao-alternativa-conquista-importante-vitoria-na-apeoesp/>>. Acesso em: 8 mar. 2017.

(Paralisações no ano de 2015). Disponível em: <<http://www.cut.org.br/busca/?t=Greve&pag=1>>. Acesso em: dez. 2015.

PAULO NETTO, José. **O que é marxismo**. 1ª reimpr. da 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos). 84p.

RANIERI, Jesus. **Alienação e estranhamento**: a atualidade de Marx na crítica contemporânea do capital. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/cuba/if/marx/documentos/22/Alienacao%20e%20estranhamento....pdf>>. Acesso em: jul. 2016.

**Reforma trabalhista:** entenda o que muda para o trabalhador. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/reforma-trabalhista-entenda-o-que-muda-para-o-trabalhador>>. Acesso em: abr. 2017.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. – 13. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIDENTI, Marcelo. **Classes sociais e representação.** [apresentação Francisco de Oliveira] – 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2001. – (Coleção questões da nossa época; v. 31).

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. **Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério – CEFAM.** Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/central-de-atendimento/Htmexpl/cefam.htm>>. Acesso em: jan. 2017.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. **Escolas estaduais terão professor-auxiliar e novos modelos de recuperação.** Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/escolas-estaduais-terao-professor-auxiliar-e-novos-modelos-de-recuperacao>>. Acesso em: jan. 2017.

SÃO PAULO. Conselho Estadual de Educação. **Parecer CEE nº67/98.** Disponível em: <[http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/notas/parcee67\\_98.htm](http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/notas/parcee67_98.htm)>. Acesso em: 14 fev. 2017.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. **Mais de 18 mil professores da rede estadual recebem 10% de aumento no salário.** Disponível em: <<<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/mais-de-18-mil-professores-da-rede-estadual-recebem-10-de-aumento-no-salario>>>. Acesso em: 12 set. 2017.

SARTRE, Jean Paul. **O que é subjetividade?** [tradução Estela dos Santos Abreu]. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 160 p.

SAVIANI, Dermeval. **Educação:** do senso comum à consciência filosófica. 15. ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2004. – (Coleção Educação Contemporânea).

SCHAFF, Adam. **O marxismo e o indivíduo.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1967.

SEÑAS: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños/ Universidad de Alcalá de Henares. Departamento de Filología: tradução de Eduardo Brandão, Claudia Berliner. – 2. Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 1039-40.



SEMPERE, Joaquim. **Proletariado**. Disponível em: <http://ifilnova.pt/file/uploads/f8c56ab90830cf565d9deca6fa6c4b97.pdf>>. Acesso em: dez. 2015.

SHEKESPEARE, William. **Hamlet**. São Paulo: Martin Claret, 20--?.

SIBA. Quem é ninguém. **De Baile Solto** (álbum). Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=KX3P1sxWpyc](http://www.youtube.com/watch?v=KX3P1sxWpyc)>. Acesso em: ago 2015.

SILVEIRA-FOSSALUZZA, Juliana Tiburcio. **A gênese da relação entre educação escolar e cidadania no Brasil: uma investigação histórico-filosófica**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017.

THIOLLENT, Michel. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo: Livraria e Editora Polis LTDA, 1982.

THOMPSON, E. P. **A peculiaridade dos ingleses e outros artigos**. [organização Antonio Luigi Negro e Sérgio Silva]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. pp. 269-281.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ed. Unijuí: Ijuí, 2005. – 256p. – (Coleção fronteiras da educação).

\_\_\_\_\_. **Método científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

\_\_\_\_\_. **Atividades educativas emancipadoras**. Disponível em: [http://ivotonet.xpg.uol.com.br/arquivos/Atividades\\_educativas\\_emancipadoras.pdf](http://ivotonet.xpg.uol.com.br/arquivos/Atividades_educativas_emancipadoras.pdf)>. Acesso em: 2016.

TONET, Ivo, NASCIMENTO, Adriano. **Descaminhos da Esquerda: da centralidade do trabalho à centralidade da política**. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 2009.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. – 2ª. ed. – Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciências Sociais – Clacso, São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2011. 444p.

VIEIRA, Evaldo. **Democracia e Política Social**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

# **ANEXOS**

## ROTEIRO – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1) Professor(a) o que motivou a escolha de sua profissão?/ Professor(a), poderia falar, por favor, sobre sua trajetória desde o curso de graduação até seu ingresso na escola em que atua como docente?

2) Professor(a), em sua opinião, o que é ser professor?/ O que a(o) motivou a trabalhar como professor(a) numa escola pública/ ou particular?/ Como é atuar como professor(a) numa escola pública/ ou particular?/ Professor(a), poderia me falar, por favor, sobre suas condições de trabalho?

3) Em sua opinião, o(a) professor(a) também pode ser considerado um(a) trabalhador(a)? (Se sim ou se não) Explique, por favor, por quê. Existe uma relação econômica que é comum tanto a professores como a outros trabalhadores em geral?/ (Se sim ou se não), explique o por quê.

4) Professor(a), em sua opinião, existe uma classe dominante em nossa sociedade atual? (Se sim) Quem a representa e o que leva essa classe a ser dominante?/ O professor(a) pertence a essa classe social?/ (Se sim ou não) Explique o por quê. (Em caso de “não”) Qual é então a relação da classe dominante com a sua classe social?

5) Professor(a), existe hoje em nossa sociedade uma luta de classes?/ (Se sim) Como essa luta se realiza em nossa sociedade?/ Em sua opinião, existe uma ideologia que é dominante em nossa sociedade?/ (Se sim) Quem representa essa ideologia?/ Essa ideologia é a mesma de sua classe social?/ Por quê?/ Essa ideologia utiliza meios para reproduzir na escola a relação entre classe dominante e classe dominada?/ Explique, por favor, a presença ou ausência desses meios/ Existem profissionais na escola, que mesmo não sendo proprietários dos meios de produção, que representam os interesses dessa ideologia dominante? (Se sim) Como e por que isso acontece? Esse tipo de situação que é reproduzida na escola interfere na luta de classes?/ (Se sim) Como?

6) (Professores do Estado) Como o(a) professor(a) compreende os docentes da “categoria O”?/ Como é a relação entre os professores da “categoria O” e dos docentes “concursados”?

7) O professor(a) é associado(a) a um sindicato?/ (Se sim) Qual?/ Em sua opinião, os sindicatos têm representado os interesses da categoria? Por quê?/ Os sindicatos podem ser considerados instrumentos para a luta do trabalhador contra o capital?/ Os sindicatos oferecem espaços/ cursos de formação político-filosófica para os(as) trabalhadores em geral?/ (Se sim) Já participou de algum?

Explique como foi o curso./ (Se não) Eles deveriam oferecer esses cursos de formação ao trabalhador(a)? Por quê?/ Esses cursos de formação e as greves por meio dos sindicatos podem contribuir para a luta de classes? (Se sim) Como e por quê?

9) A forma de o(a) professor(a) ensinar os conceitos científicos é neutra? Por quê?/ (Se sim) O seu modo de ensinar os conceitos científicos aos alunos pode contribuir de alguma forma para a luta do proletariado contra a classe dominante do capital? Explique como e por quê.

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Professor(a) de Educação Básica

1. Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa “A consciência proletária e a Educação Escolar: um estudo da representação de professores da Educação Básica”, e sua participação não é obrigatória.
2. Nesse estudo propomos-nos a analisar a consciência de classe proletária em docentes da Educação Básica, devido às circunstâncias em que a prática educativa está sendo desenvolvida hoje na escola, e à relevância da teoria de Karl Marx para a compreensão da realidade social em que estamos inseridos. Esta pesquisa tem como principal objetivo analisar o *que é* a consciência de classe proletária e a sua importância para o atual tempo histórico. Para coletarmos as informações pertinentes à realização deste estudo, utilizaremos a metodologia de pesquisa, a entrevista semiestruturada, para que possamos, Professor(a), conhecer sua história de vida profissional.
  - a. Você foi selecionado(a), pois este estudo está voltado ao âmbito da Educação Escolar.
  - b. Sua participação, Professor(a), nesta pesquisa consistirá em falar sobre sua história de vida profissional, ou seja, sobre sua prática docente, as condições em que esta prática tem sido desenvolvida, falar acerca do ambiente escolar, inclusive, de seu relacionamento profissional com seus colegas de trabalho, e de que modo o(a) Professor(a) luta ou reivindica por uma educação de qualidade.
3. Ao retomar certos aspectos de sua história de vida profissional, é possível que o(a) Professor(a) se sinta desconfortável, já que se refere a informações de cunho pessoal, ainda que estritamente ligadas à sua experiência como docente. Em contrapartida, estará contribuindo para a produção de conhecimento na área de Educação Escolar, o que poderá constituir subsídio para o desenvolvimento e implantação de propostas e o aprimoramento de ações voltadas para a formação universitária.
  - a. Quanto aos procedimentos utilizados na pesquisa (entrevista), serão oferecidos os esclarecimentos que se fizerem necessários, antes e durante o curso da pesquisa.
  - b. A possibilidade de desconforto ao falar de sua história de vida profissional, considerada como um pequeno risco, foi minimizada, ainda, pela adoção de roteiro temático bastante objetivo, cuja entrevista deverá ocupar no máximo uma hora.
4. A pesquisadora irá conduzir a pesquisa na base de dados da Instituição de Ensino Superior, bem como o roteiro temático que será utilizado para a coleta de dados, da história de vida profissional.
5. Haverá procedimentos com finalidade indenizatória diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.
6. A entrevista semiestruturada será gravada (apenas o áudio) e ficará arquivada sob a responsabilidade da pesquisadora.
7. Você pode se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição em função disso.
8. As informações obtidas por meio dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a impossibilitar sua identificação.
9. Você não terá gastos com a participação nesta pesquisa, que se dará de forma voluntária.
10. Você receberá uma via deste termo, no qual consta o telefone e o endereço eletrônico da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.
11. Os procedimentos descritos nesse documento estão rigorosamente em concordância com a Resolução CEP/CONEP 466/12.

---

Juliana Tiburcio Silveira Fossaluzza<sup>1</sup>

E-mail para contato: [REDACTED]

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

**O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara- UNESP, localizada à Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara – SP – Fone: (16) 3334-6263 – endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br.**

**Local e data**

---

Assinatura do sujeito da pesquisa <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> O pesquisador deverá rubricar todas as folhas do TCLE, apondo sua assinatura na última página do Termo.

<sup>2</sup> O sujeito da pesquisa ou seu representante, quando for o caso, deverá rubricar todas as folhas do TCLE, apondo sua assinatura na última página do Termo.